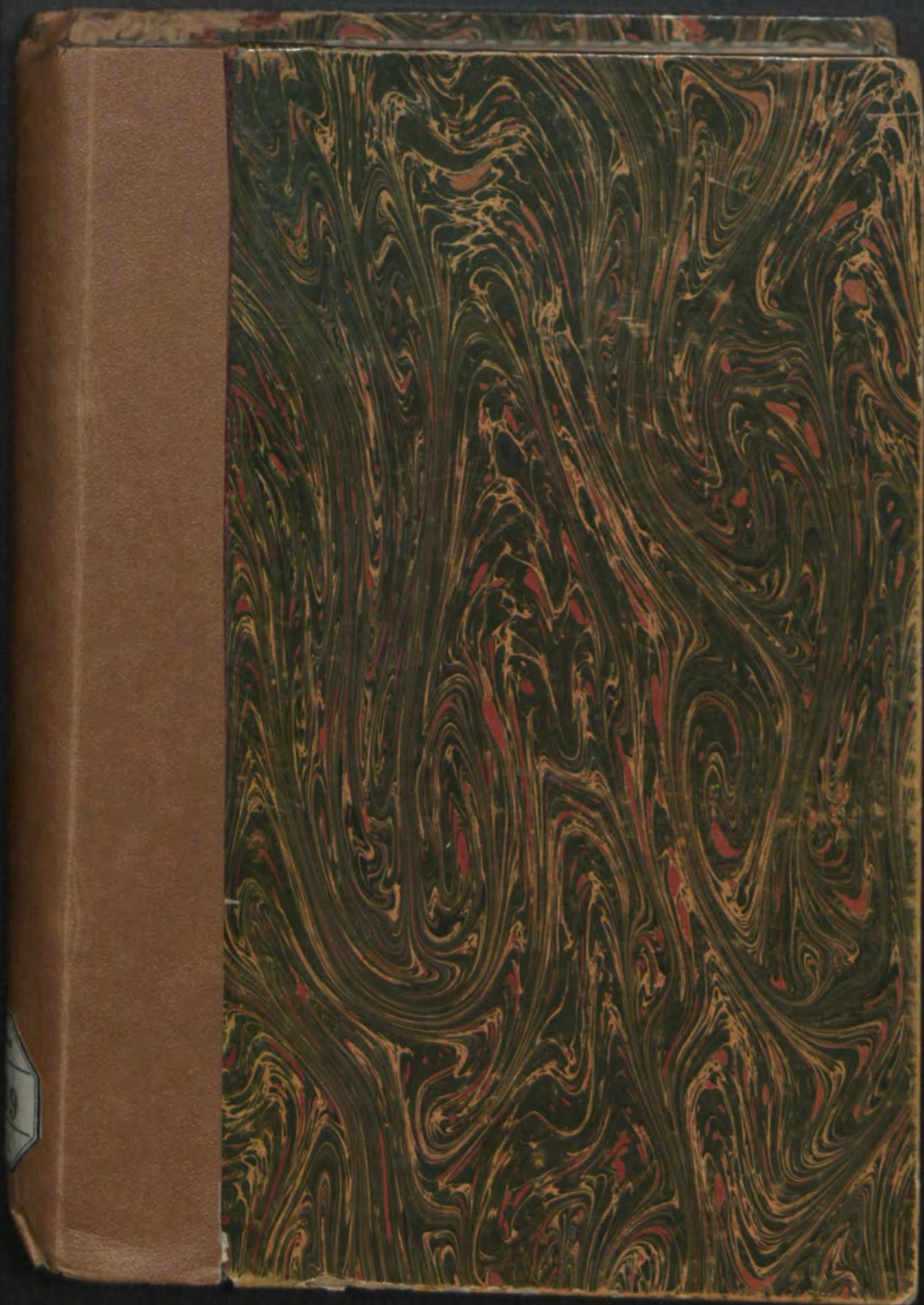
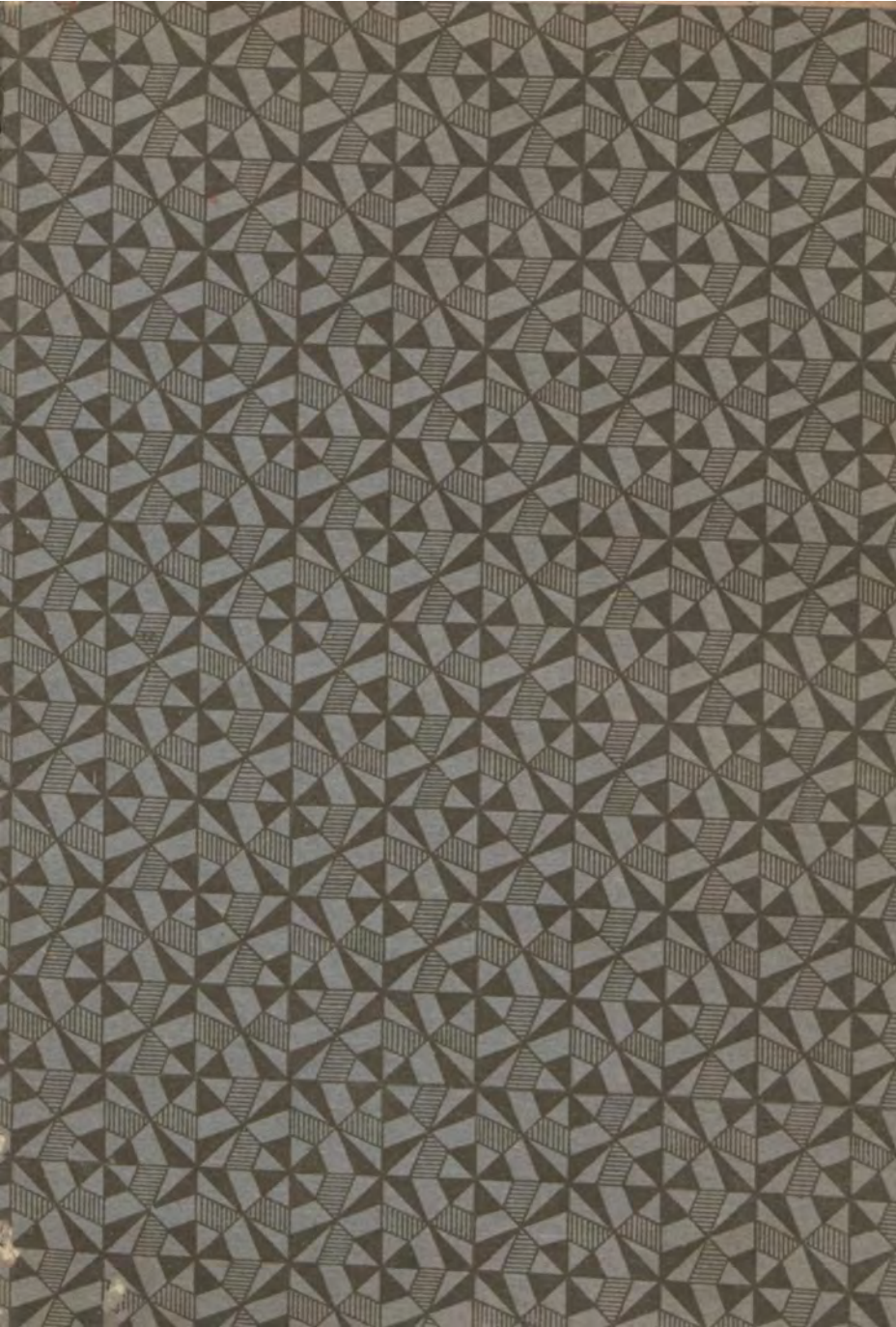
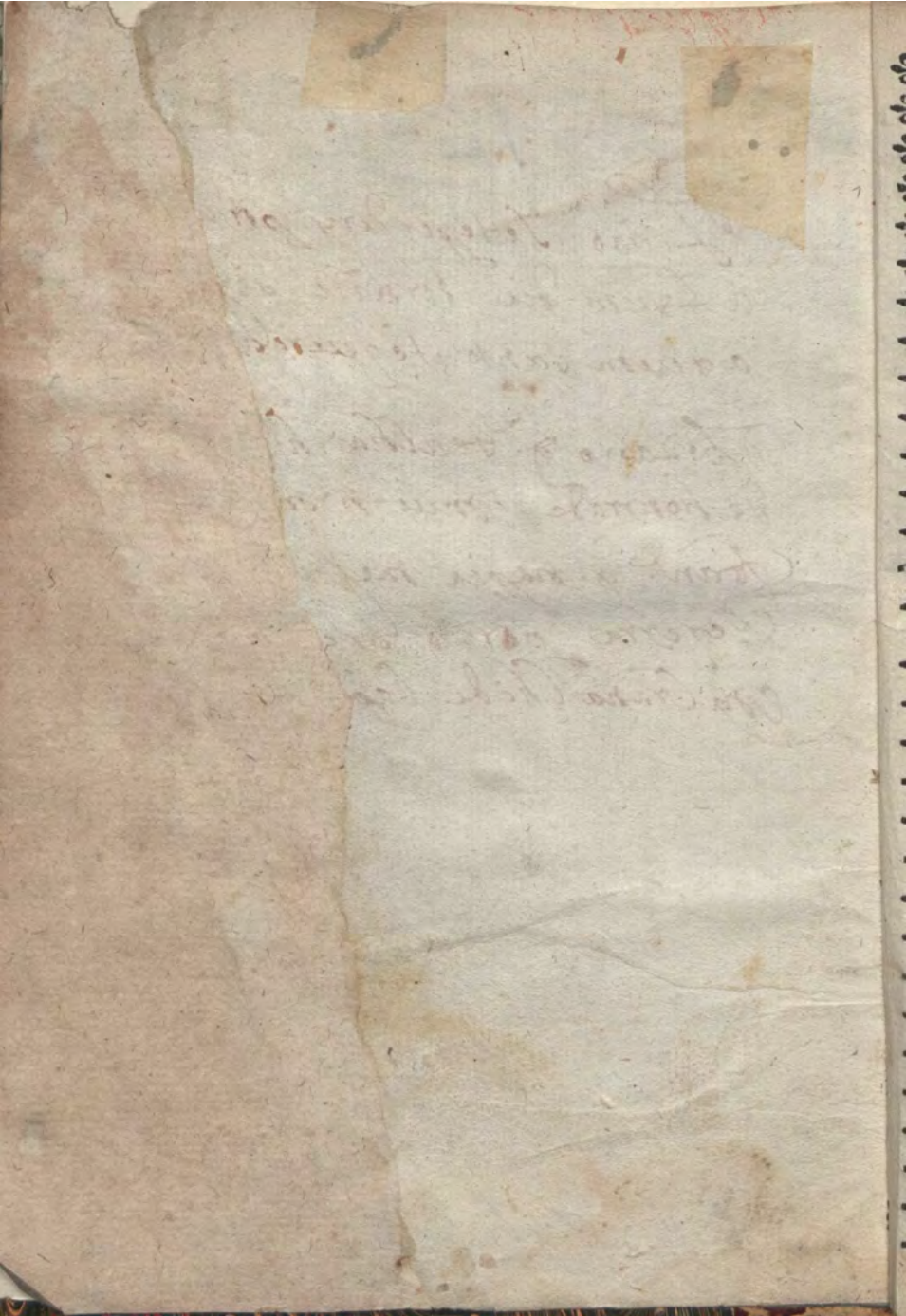










APRIMAVERA
D E
FRANCISCO RO.
DRIGVEZ LOBO.

*De nouo emendada, & acrescentada nesta terceira
impressam pello mesmo Autor.*

Offerecida a DONA IVLIANA
de Lara Condessa de Odemira.



Com todas as licenças necessarias.

Em Lisboa. Por Antonio Alvarez Anno 16

A custa de Domingos Martines, Mercador de lin

mc b440236

F 5985

Res

2469P

APRIMA VISTA
FRANCISCO R. O.
DIRECTOR FOD

Oficida a D. O. M. A. I. N. A.
de Lima Condell de O.



Contador a la Universidad

En Lisboa: Por Antonio Alameda

A cargo de Domingos Martins

ESTE liuro nam tem cousa que impida poderse de nouo imprimir.

F. Thomas de S. Domingos.

VISTA a informação podesse tornar a imprimir este liuro intitulado primavera de Francisco Roiz, & depois dimpresso torne pera se conferir com o original, & se dar licença para correr & sem ella não correrá Lisboa aos 3. de Julho de 1618

Bertolameu da Fonseca. Antonio diaz Cardoso.

F. Manoel Coelho.

POdesse imprimir este liuro chamado primavera, & empresso torne, ao primeiro de Agosto de 1618.

Damião Viegas.

DAM licença aosuplicante pera poder mandar imprimir este liuro da primavera, visto a quem do sancto Officio, & do ordinario, depois dimpresso tornará a esta mesa, & sem isso nam correrá Lisboa a 6. de Agosto de 1618.

F. Pinto.

Luis Machado.

TAXAM este liuro intitulado primavera de Francisco Roiz Lobo em cento, & vinte reis em papel a xvij. de Março de 1619.

Cama.

L. Machado.

A DONA IULIANA

DE LARA CONDESSA
DE ODEMIRA.

PROLOGO.



NINGVEM duuida, que as flores desta primavera, se deuem mais ao Sol, que as criou, que à terra aonde nacerão: & que o ser de V.S.lhe dà mais graça, & pode dar mayor fama que o meu ingenho. Este conhecimento (fora outras obrigações) me faz que offereça a V.S.esteliuro, ao qual quando faltem merecimentos da minha parte, teue da de V.S. muytos fauores para esta ousadia, q̃ como fauorecida fica desculpada: & os meus pastores muyto naturais pois por melhor que fallem & digão seus queixumes diante o entendimento de V.S. sempre serão rusticos. Quando elles por humildes, & a obra por ser minha não merecer inueja de muytos, o certo he, que a teram todos de

de ver quam bem a empreguey : & receo de offender
com a lingua o que V.S. honrou com o seu nome. E
se hum feruiço tam pequeno interessado em tão gran-
des merces for de pouca estima , ponha V. S. o preço
delle na vontade, que pera tam grande animo .

& juizo deue valer mais que tudo o que
he menos , que elle. Nosso Senhor
guarde a V. S. por muy -

tos annos.

(9)

PROLOGO AO LEITOR.



I V M so erro sem desculpa se salua, quando o que errou se melhora, porque ninguem ha tam sabio, que em tudo acerte, nem pode parecer nescio, o que contra sua opiniam admite conselho. Perseuerar na mesma culpa, ou he de nescio enganado, ou de porfioso desconhecido, ou quando a necessidade não da lugar a razão. Dizeis sabio Leitor, que dou esta sentença contra mim, pois tendo na primeira impressão desta obra com auiso dos que a encontraram, tantos desenganos do que me podia, montar o fruto della, commetti a fazer a terceira, q̃ agora vos apresento, com as proprias armas, & defensam, com que no primeiro encontro a recebestes, & que assim porfio contra o que veyo, & me engano com o que faço. Respondo que se no primeiro erro escusaua satisfações, ainda tenho grande desculpa, porque bem poderoso engano he, para hum homem arriscar tempo, trabalho, & opiniam a esperança de fazer seu nome mais conhecido. E ja que eu nam colhesse este fruto de meu a treuimento, não me deixou tam enganado o fauor, com que muitos

tos o receberão que porfiasse de nouo com os que o
reprouaram. Antes estando bem alheo de renouar
esta Primavera como coula a que se acabara o tempo,
soube que alguns mais interessados em seus ganhos,
que lembrados de minha perda trataram de licença
para a imprimir, & porque de dous males auia de esco-
lher, me pareceo que era o menor, sair emendada pel-
lo seu Autor proprio, que adulterada por quem se ar-
riscaua tam pouco em seus erros. Não foy para mim
tam leue este cuydado que me não pufesse em muitos
porque querendo emendar algũas cousas de que me
aduertiram, achei q̃ crão aquellas mesmas, as q̃ outros
tinham julgado por melhores, & com o encontro des-
tes pareceres, me nam atreui a fazer eleiçam em muy-
tas dellas, & deixandoas no primeiro estado, reme-
to a vosso juyzo o melhorallas: com tanto que creais
de mim, que no lugar aonde nam emendei o que vos
parecia, não segui proprio engano, antes conselho de
muitos, nas palauras da prosa no estylo dos versos, na in-
uencão da historia, no decoro das pessoas, na descripção
dos lugares, contentar a poucos he muito quanto mais
dar razão a tantos, nem estou pella sentença de alguns,
nem quero ter a todos da minha parte, mas o que nes-
te liuro achar algũa de merecimento, perdoe a effa
conta

contá o castigo de algumas faltas que com esta cautella me atreui atirar a luz o pastor Peregrino, que ategora tinha escondido a semrazão cõ que alguns trataram mal, os principios da sua historia, & pois eu a não sigo por acabar cuidados, que não tem fim, antes por dar gosto a quem o mostra ter de ouir seus queixumes agradeceime ao menos a vontade, quando o trabalho desmerecer. E peço às damas curiosas, & inclinadas a ler os humildes pensamentos dos meus Pastores, que com os poderes com que tudo sujeitam a seu senhorio defendam este liuro, ao qual eu não quero maior preço que ter a ellas por valedoras, nem maior vingança dos murmuradores, que sairem de sua obediencia so a fim de tomarem armas contra minha humildade.

A PRIMAVERA

DE FRANCISCO

RODRIGUEZ LOBO.

VALLES, E MONTES ENTRE
OLIS, E LENA.

FLORESTA PRIMEIRA:



N T R E as fragosas montanhas de Lusitania, na costa occidental do mar Oceano, aonde se vem agora, com mais nobreza levantadas, as ruínas da Cidade antiga de Colippo, ha hum espaçoso sitio, partido em verdes outeiros, & graciosos valles, que a

natureza, com particular graça: pouou de aruores & fontes, que fazem nelle perpetua primavera, em meo do qual se levanta hum monte agudo de penedia, cercado como ilha de dous rios, que pella fralda delle vam mormurando, ate que ajuntandose no extremo de sua altura leuã ao mar em companhia a vagarosa corrente, & assim pela parte do rio Lis, que na copia das agoas he principal, como pella do claro Lena, que escondido entre aruoredos faz o caminho he cultuada a terra de muitos pastores que naquelles valles, & montes, appacentaõ, passando a vida contente, com seus rebanhos, & com os frutos que a terra em abundãcia lhe offerece, assim de Ceres, como de Pomona: porque cõ a benina inspiração do Ceo, & disposição da terra não somente

A

mente

Primavera de

mente são as plantas mais fermosas a vista, os fructos mais saborosos ao gosto, as flores mais suaves ao cheiro, & alegres aos olhos, mais ainda os penedos mais engraçados, & parece que menos duros. Aqui aonde Amor custuma conservar seu senhorio, mostrava cada dia mayores effectos d'elle entre as pastoras do valle, que igualaão & vencião as do Tejo & Mondego em fermosura. Hũa entrada do verão quando pollo costume dos naturais do valle, & por ajuntamento doutros pastores estrangeiros, que alli trazião seu gado pella abundancia dos pastos daquela ribeira, auia entre todos muitos exercicios de alegria costumados dos pastores, como eram musicas emperfia, duuidas amorosas bailos, & lutas de terreiro, & outros jogos em que auia na montanha guardadores estremados. Lereño quena musica a muitos do valle tinha ventajem, hum dia, que cõ o nouo sol sobre os floridos ramos, começarão as aues a celebrar a êtrada do verão, & as cruas, & boninas a se leuãtar da terra, a pezar das cheas do inuerno, escolhendo hum lugar apartado a que o inclinava a propria condiçam, se foy assentar, junto de hũa fonte que esta perto do rio a sombra de hũ alto freixo, entre duas fayas, & aly tirando a sanfonha canou esta Lyra,

*I A nasce o bello dia
Principio do verão fermoso, & brando,*

Que com noua alegria

Estão denunciando,

As aues namoradas

Dos floridos raminhos penduradas.

Ia abre a bella Aurora

Com noua luz as portas do Oriente,

E mostra

E mostra a linda Flora
 O grado mais contente
 Vestido de boninas,
 Aljofradas de gotas cristalinas.

La o sol mais fermoso
 Esta ferindo as agoas prateadas,
 E Zefiro queixoso
 Hora as mostra encrespadas
 A vista dos penedos,
 Hora sobre ellas move os arvoredos.

De reluzente areia
 e mostra mais fermosa a rica praia
 Cujariba se arrea
 Do alamo, & da faya,
 Do freixo, & do salgueiro,
 Do vlmô, da Aueleira, & do loureiro.

La com rumor profundo
 Não soa o Lis nos mōtes seus vesinhos,
 Antes no claro fundo
 Mostra os aluos seixinhos,
 E os peixes, que nas veas
 Deixão tremendo a sombra nas areas.

Primavera de

Ia sem nuuens medonhas
Se mostra o Ceo vestido d'outras cores,
Ia se ouuem as samponhas
E frautas dos pastores,
Que vão guiando o gado
Pella fragosa serra, & pello prado,

Ia nas largas campinas
E nas verdes decidas dos outeiros,
Ao som das samfoninas
Cantão os ouelheiros,
Em quanto os gados pacem,
As mimosas eruinhas que renacem.

Sobre a tenra verdura
Agora os cabretinhos vam saltando
E sobre a fonte pura
Passa a noite cantando
O roixinol suave
Com saudoso acento, agudo & graue.

Diana mais fermosa
Sem ventos sobre as agoas aparece.
E faz que a noite irosa
Tão clara resplandece
A vista das estrellas
Que se enuergonha o sol d'inueja dellas.

Tudo

Tudo nesta mudança
 Também de nouo cobra nouo estado,
 Qual em sua esperança,
 E qual em seu cuydado,
 Acha contentamento,
 Qual melhora, na vida, o pensamento.

A Cabou de cantar, & porque o murmuro da fonte que
 entraua no rio de baixo de huns salgueyros, & a vea
 da agoa cristalina que borrifaua de flores a verdura fazia
 a vontade cobiçosa de a tocar pos o curram, & a sanfonha
 sobre o penedo para lauar o rosto, na borda da agoa, & vi-
 rando os olhos vio em hũa fasce da pedra, entalhado este
 mote.

O mal que meu peito enserra,

Pois ventura o quer assim.

Seguro estara de mim

Se o não descobrir a terra.

E Nleado no que debaixo daquelles versos se entendia,
 crendo que não foram sem causa escriptos em tal lugar
 deitou o pastor mil juisos para entendellos, mas anêdo to-
 dos por temerarios: pois as palauras en fim mostrauam se-
 gredo deixou a impreza, & despois de lanar o rosto, to-
 mou o caminho para os currais donde vio que ja deciam
 cõ o gado os pegureiros, & entre elles vinhão cãtando em
 baixa voz Tirenio, & Melibeo, como que se entoauão. Po-
 rem conhecendo, deixarão a cantiga, & cõ muito aluoro
 e o festejauão. Bofé (disse Tirenio) que mais parece este
 encontro buscado de minha boa vëtura que achado nella,

& sabe, que não ha bem que nam venha a hum descuidado que bem o estava eu agora do que me conuinha & da tua lembrança. Não te desmereço eu (disse elle) muytas lembranças, que não sey pastor desta ribeira, que mais me contente, ora seja no gado, ora no canto, & o em que agora vinhas com Melibeo começaua eu a ouir com muito gosto, mas fizestes-me cuydar, que vos estoruara. O mal fora (tornou elle) não cantar bem diante quem melhor o faz nesta montanha, & ja tornaremos a cantiga por teu gosto, se ella fora pera o dar. Com tudo te direi a razão, que nos moueo a este ensayo. O Domingo da festa, quando tu faltaste (que logo o tiue a mau agouro) foy grãde luta & folgar porque os serranos do Lena nos desafião a cantar & baylar diante as nossas pastoras, das quais forão muy gabados no seu modo, & nas suas cantigas, & ja sabes, que o que se tem a geito nunca he melhor, que o que vem por nouidade, mas foy pera nos muy grande sermos engeitados, & logo com rainha desafiamos Melibeo, & eu a cantar de porfia a todos os vaqueiros & guardadores dalem do rio, & sabe, que estamos pera oje bem tẽperados: mas como ellas são ja sospeitas, & elles fauorecidos, corremos risco se tu não fores do nosso cabo. Para vos ouir (respondeo elle) yrei eu de boa vontade, & esta tenho tambem pera vos obedecer, & não ja contra vos, como fora misturarme na vossa demãda. Não te valem desculpas (tornou Melibeo) que quando não bastarem rogos, prouaremos forças, & tomãdoo pelos braços, o leuarão entre si, & forão pello valle abaixo atras do gado, & ao empinar do Sol, vierão pela praia do rio Lis, aõ de elle reprezado entre altas aruores aos raios do Sol fica escondido, ate que chegando a hũa fragosa penedia vê que brãdo em escuma sobre os lisos penedos, & com acordado ruy do se vay debruçando em hũ quieto remanso deixãdo

em ondas a arca, que ao longo da praya vay correndo; & nella virão estar muitos pastores, hũs cantando, outros julgando o que entre elles he custume, outros entretêdo se em faborosa conuersação com as pastoras, & vendo aos contadores da Persia, com grande aluoroço se leuantarão aos receber, & assentados em roda os obrigarão logo a que cãtassem, pois lhes tocava pela promessa passada, & como por esta razão não tinhão de se escusar, afinando os instrumentos, cantarão o que se segue.

Quem a Amor serue, quẽ d' Amor procura
A gloria de hum contente, & ledo estado:
Quem por Amor quer ter vida segura,
E ver ditoso o fim de seu cuidado,
Quem quer em seus serviços ter ventura.
E vir por este preço a ser amado,
Por Amor sirua, por Amor mereça,
Por amor ouse, tema, & obedeça.

Ponha so nestes meos a esperanza
Para alcançar de Amor bẽs de verdade
Que mal pode ter nelle confiança
Quem a vida não der, & a liberdade.
Em vão pretende amar, em vão se cança
Quem não obriga as forças da vontade
A tirana isenção de hũa pastora
Que de quantos a vem quer ser senhora.

Faça de seu querer merecimento,
 Sem querer merecer por outra via;
 Posto q̃ tenha em pose, & pensamento
 Mais ouelhas, mais cabras, mais valia.
 O que mais lhe conuem he sofrimento
 Com que vença o poder da fantazia
 Que nenhũa pastora se imagina.
 Ser menos que fermosa, ou que diuina.

Ouze porque mil vezes o arreuido
 Alcança mais que o cauto & temeroso,
 E o que nega o temor quando he denido
 Da hum successo vil a hum venturoso,
 Mais val ficar ouzado arrependido,
 Que ser fiel amante, & vergonhoso
 Pois nenhũa pastora em âffeição,
 Respeita mais Amor, que occasião.

Tema, porque o que sabe amar melhor,
 Melhor teme as mudanças da ventura;
 Que não ha em mulher seguro Amor
 Nem ausente affeição de muita dura,
 Aprenda mil cautellas do temor
 Para o que sô na vista se assegura
 Pois que da vista hũa hora sô se parte
 Ou ja nam acha amor, ou noutra parte,
 Obedeça

Obedeça que em fim nisto se enserra

Merrecer, servir temer, & ousar

E quẽ conquista Amor em justa guerra

Deue so com tais armas pellejar,

Este he o mer poder que tem na terra

Quem quer vontades liures fogueitar

Sem esta não alcança, & não reponça

O que serue merece, teme, & ousa.

E Sperou Beliza que os pastores acabassem a musica: que pareceo muy bem para se defender da cantiga, que a todas tratana mal, que graça he (disse ella) cuidarem Tirreno & Melibeo, que por cãtarem melhor podem ser mais atreuidos, sendo mayor a offensa que nos fezerão com a sua cantiga, que o gosto que se esperaua della, com tudo se elles se nam desdizem logo, & estas pastoras me derem a licença, eu defenderei a nossa razão muito a sua custa, & sem nenhũ perigo do que nos aleuantam. Grande mal he (tornou Tyreno) que não somente sejais todas mãs de servir, se nam q̃ tenhais por agrauo insinar a grangeatuos a condição, ao que a não sabe, & se estas em q̃ eu pus o seruiço de Amor vos parecem mais daime algũa pastora que se contente cõ menos. Nam reprouo eu (disse a pastora) que para servir a Amor seja muitas vezes necessario renunciar a propria vontade, desconhecer a razam, & o merecimento de seruiços, pondo a valia toda no preço de Amor, mas dar por razão de suas sem razões a nossa altiveza, & mudança ou he erro de innocente ou vingãça de magado: E ja que os homens como pouco esprimentados em Amor, que nam conhecem, nam podem dar saida a seus enlecos, & como inimi

gos nossos querem encobrir suas faltas com nossas condi-
 ções passemos estes despropósitos, pois nascem de raiva, &
 de inueja. Não passes adiante (disse Lereno) que não he ju-
 sto Belisa que o nosso passa tempo se torne em differença.
 O teu queixume he justo, & a cantiga destes, pastores ver-
 dadeira, mas para consertar vossa porfia eu quero ser atre-
 uido, que he crueldade a quem cantou tãbem desengraçar
 com todos, sua cantiga, & seria mòr erro o de a sustentar em
 perjuizo de vosso merecimento, porem sem a este fazer of-
 fensa, digo, que quem pretẽde obrigar, ou afeiçoar hũa vó-
 tade liure de natureza, deue vsar das leys da sua cantiga, &
 doutras muytas, que se aprendem na seruidão de amor. E
 quanto a vossa queixa particular, fique a conta das que me-
 recem nome de mudaueis, esquecidas, & ingratas, mas ou-
 tras a quem se deue fêr verdadeira, ellas rãbẽm ficão sugci-
 tas a desgraça de serem defamadas, mas sãõ por natureza
 tão senhoras de nossa vontade, & tão liures do alheo senho-
 rio, que não ha nenhũa, que não seja seruida, & poucas, que
 não tenham queixosos seus seruidores, donde vem atribuy-
 rem so a ellas o que he comum a todos os pastores, como
 serem seruidas, respeitadas, & temidas, que o mesmo lhe
 importa a ellas pera obrigar a outrem. E lembrame, que
 em outro valle bem desuiado ouui eu ja a hum vaqueiro
 hũa cantiga deste proposito: era elle ja de idade, & gastara
 o melhor della no seruiço de amor, & insinuaua a acautelar
 se de suas mudanças aos que de nouo entraũão na sua sugci-
 ção, & se eu não temera o que aconteceu aos dous meus
 companheiros (que em lugar de louuados, foram repre-
 didos me offrecera a cantar o que lhe ouui. Quem po-
 de tanto (disse Learda) que a paga culpas alheas, & faz
 que ainda fiquemos deuendo graças a quem nos offendeo:
 não deue temer em causa propria que seja mal ouuido, &
 pois

pois Titreno, & seu companheiro, differão ja o de que nos podia pèsar, que males pode ter a tua cantiga, ou auer em nos que nos descubram mais defeitos, a sim q̃ com o mesmo desconto te pedimos que cantes, isso não farei eu (tornou elle) sò com o teu consentimento, porque estão na companhia muitas que mostram pouco gosto de me dares licença & se tambem não for sua, eu me nam atreuo. Entam lhe pediram todas que cantasse mostrando que o desejauam muyto, & logo tocando a espaços hũa frauta disse estas en-dechas.

Q Vem pos seu cuidado,
Em pastora loura,
Nem veja a lavoura,
Nem sirua o arado.
Nem jamais se empregue,
Em laurar abrolhos,
Semee em seus olhos,
E em seus olhos cegue.
E se seus amores.
Nasceram de Amor,
Seja laurador.
Pois que lauradores.
Para sustentalla
Gaste a vida nella,
Ou viua de vells,
Ou desejalla.

Tenha aonde a tem
A vida, & cuidado,
Se ella guarda gado
Guarde elle tambem
No valle & no monce
Seja seu vesinho
Saialhe ao caminho
No rio & na fonte.
Tragalhe das vinhas
O seu fruito ingrato,
Quando vem do mato
Tragalhe das pinhas.
Se vem do serviço
Traga das montanhas
As moles castanhas
No seu crespo ouriço.

Primavera de

Se em monte ou ribeira

Cria enxame branco,

Delhe o doce fano

Da cresta primeira.

Pardos roixinais,

Ledos passarinhos

Lhe traga e seus ninhos,

Quando vem dos bois,

Em quanto a manada

Anda apascentando

Lhe laure cantando,

A roca pintada.

Quanto ella sustenta,

Tanto elle sustente,

E vna contente

Do que lhe contenta.

Se a cor arenosa,

Tiver por melhor,

Diga que essa cor

A faz mais fermosa.

Se a tarde & sol pella,

Lhe parece bem,

Mostre que não tem

Mais sol que o seu rosto.

E se a noite fria

Lhe contenta mais,

Mostre por sinais

Que quer mal ao dia.

Todo se transforme

Na vontade della.

Vele quando vella,

Durma quando dorme.

O que ella aprouar,

So bem lhe pareça,

E assi se aborreça

Pella contentar.

Que Amor engrandece

Nas leis em que está,

Quem serve & quem dá

E a quem lhe obedece.

CAntou Lereño tanto a sabor dos que o ouvião que de enleuados com o sentido nelle, o perderão muytos do gado, que derramandose pelos vezinhos serrados se desmãdava, por cujo respeito deixaram aquelle lugar, & se foram ao recolher. Mas Albano que so em Nise tinha o pensamẽto tam obrigado, como ella era liure por natureza, ao por do sol

do sol o foi esperar debaixo de hum castanheiro q̃ cobria
 o caminho, por onde auia de passar para os currais, & co-
 nhecendoa que atras das ouelhas vinha bradando, lhe saio
 ao encôtro, & disse. Não sey que mal achas Nise no bem, q̃
 te quero, pois nos mayores estremos, q̃ por ti faço mostras
 menos afeição, se julgas que he offensa o Amor que tenho
 nem podes deixar de ser offendida em quanto eu viuer, nẽ
 em quanto me tratares mal podes perder nome de ingra-
 ta, & como Nise viuia de desprezar seus amores sem per-
 der hum passo do caminho lhe respondeo. Ninguem fica o-
 brigado aos males que cada hum procura para si, & pois os
 teus tẽ tão facil remedio como he de y xalos, & não impor-
 tunar a quẽ te aborrece, troca o cuidado, & viuiras conten-
 te. O pastor a quẽ esta esquiuanga traspassaua a alma, com
 hum suspiro que della lhe nacia a foy seguindo ate a entra-
 da da cabana, & aly perdendoa de vista conhecco, que era
 vinda a noite, que quem noutia luz poem a de seus olhos,
 fo na ausencia della conhece a falta do dia,

FLORESTA SEGUNDA.



O R que a alegria do Veram todos aquelles
 dias fazia de festa entre os pastores, cada
 hum no trajo, & nas diuisas amostraua,
 qual tinha no cajado escrito o nome da sua
 pastora, qual no fim delle a trazia sutil-
 mente retratada, qual vestia a cor de suas esperanças, qual
 se mostraua desconfiado entre ciumes tudo eram musicas
 pello valle, em todos os ajuntamentos se ouuiam prati-
 cas namoradas, cada hum em gloria de seus cuydados ce-
 lebração

lebraua o bem do q̃ sentia, & quasi todos se queixauão do mal que Amor os trarua. Que custume he seu, nẽ dar contentamento nem queixume, nem deixar em nenhu estado satisfeito a quẽ o serue. Ajuntaranse hũa festa ao longo do rio Lis, no lugar aonde fora a contenda de Tirreno, & por que a força do Sol não cõsentia outro exercicio, começou a fallar Alceo, assim por dar principio a conuersaçam como por descobrir nella seu pensamento a Nise que o escutaua ainda que tam alhea de seus cuidados, como poderosa com sua fermosura para lhe causar outros de nouo. Pois a hora do dia (disse elle) e a fermosura deste lugar estão acõselhando que a gozemos em saborosa pratica de amores, quero na mesma materia fazer hũa pergunta assim porque as diferentes opiniões dos que estamos presentes darão o casiam de passatempo, como porque não sei outra em que mais facilmente fique satisfeito da verdade que dezejo saber nella & he.

*Se hũa mulher por isenta
se pode liurar da ingrata.*

E POR que ha muito tempo que procuro ouuir resposta que satisfaça, não tenho por piquena ventura lembrar-me agora. Em estremo folgo) disse Enalia) cõ a materia da questão, porque desejava saber a mesma duuida de hum homem, & deue ser igual a razam entre nos & elles, & muy encontrados os pareceres dos q̃ estamos presentes. O meu em tal caso he (respondeo Albano) que hũa culpa não desagraua outra, antes a faz mayor, & por tal tenho eu o ser isenta, quem deue ser agradecida, que o mesmo he que não caber isenção com agradecimento, pois ella liurada sojeição de vontades alheas, & lhe nega o preço com que se entregam,

gação, & elle paga com Amor o que lhe offerece hũa vôtade. O cōtrario me parece a mi (tornou Lereno) porq̃ a isenção he hum poder liure, q̃ não deue a vôtade a outro alheo respeito antes como senhora da sua a cōserua em hũ vigor e no q̃ toca a hũ afeiçoado em nenhũa diuida lhe fica hũa mulher isenta, pois elle voluntariamēte se offerece a amar sem esperanças, a quē nē lhe faz força, nē offerece galardam & sem por tal causa padece seja em pena da culpa, q̃ contra Amor comete, pois senão contenta de amar, senão de ser amado, sendo tal bem de ventura, & não de obrigação. Nã ficou Lisea satisfeita na opinião de Lereno crendo que a mesma tinha em seus amores, & assi atalhou logo a Albano que ja respondia. De que serue por em opiniões o que esta claro polla fe de muitos exemplos, a verdade he que se hũa molher, se isentar de afeições alheas sera em rigôr da rasam, & nam em ley de Amor q̃ a nam guarda, & costuma em semelhantes casos tomar estranhas vinganças como sabemos. O mais certo he isso (respondeo o pastor, & pois entramos em declarar a pergunta desse mote, no qual me eu dou por contente & satisfeito cō o que disse Lisea vos quero mostrar hum a que não sei dar saida, que por marauilhosa ventura achei muito perto da qui escrito em hũa pedra, de letra mui antiga, & alem de ser para ver dara em q̃ cuidar. E porque todos os pastores mostrauam curioso de sejo de ver aquella antigualha guiou Lereno para a fonte onde a vira, a qual sahia de debaxo de hum penedo cercado por todas as partes de graciosa verdura, & nelle lhe mostrou o mote, no qual elles ficarão enleados, mas Lisea que tinha muy agudo juiso disse logo, se me a imaginaçã nam engana ou algũa pessoa estã por estranho caso enterrada ao pé deste penedo, ou algũa cousa de valia escondida debaixo d'elle, & quem o cauar eu fico que ache nouidade.

Primaverade

Os pastores a quem não pareceo mal este discurso, buscando o que para isto lhe conuinha começarão de cavar o pœ-nedo por todas as partes, & arredando, de hũa de que esta ua levantado acharão debaixo enterrada hũa piquena caixa de pedra dentro na qual auia algũas taboas bem lauradas, & nellas escrita a presente historia a qual Lereno leu aos pastores em alta voz com quanto a antiguidade da escriptura o não ajudaua.

*Sileno sou, que em fonte conuertido
Vou regando a verdura deste prado,
Nas ribeiras do Lena fuy nascido,
E nas do Lis guardaua o manso gado,
Amor de quem viui mais esquecido
Com transformarme assim ficou vingado,
Que foi para este mal que me condena
Homicida na culpa, algoz da pena.*

*Aqui viui contente, não curando
Mais que de hũ so rebanho que então tinha,
Hora a sombra das arvores cantando
Gloria da liberdade sua & minha,
Hora as feras seguindo, hora deixando
Liure a caça dos montes, que me vinha
Fazendo pera a propria liberdade
As leys so pella traça da vontade.*

Tam

Tão liure fui, que a nada respeitaua
 Mais do que o vão desejo me pedia;
 Ouuia entam melhor quando falaua,
 Entam via o meu bem quãdo eu me via
 Outrem com forças mil me conquistaua
 Eu sò de meus desejos me vencia,
 Viome amor ser senhor de meus amores
 Não quis sofrer nũ reyno dous senhores.

Procurou a vingança em seu sugeito,
 Porque isenções alheas tanto agrauão
 Nam consentio negarlhe o seu direito,
 Na vontade a que tantas procurauam
 Novas forças prouou contra este prizo
 Onde as seitas de amor se desponsauam,
 O caso estranho, o cousa nunca ouuida?
 Que aqui vim por amor perder a vida.

Numa clara manhã ja quando a Aurora
 Enchendo os Orizontes de alegria
 Pela jurdiçam sua daquella hora
 As janelas do ceo ao mundo abria.
 O' fermoso jar dim da varia Flora
 Cuberto de christal se descobria
 Neste valle fermoso onde speraua
 Eu triste a caça liure que passaua,
 R Daqui

Daqui de entre estes ramos com cãucela
 Como caçador destro, & diligente
 Via fogir correndo a clara estrela
 Do Sol, que ja aponcaua no Oriente,
 E em louvor da manhã sermosa & be lla
 Cantar ouuia as aues ledamẽte.
 Dos ramos: q̃ com raios, que os feriam
 De esmeraldas, & dourro pareciam.

Quando hũa branca cerva atraueſſando
 Com o peito vinha o rio cristalino,
 Fui eu no arco a seta endereitando.
 Que ali cortarlhe o passo determino,
 De hũ salto ariba toma, & vai buscando
 O monte, com furioso desatino
 Ligeira corre, & a seta mais ligeira
 Fez emprego na furia da carreira.

Della recebe em vãõ mortal ferida
 Mas desprezando a farpa aguda, è forte
 Na ligeireza pondo a propria vida
 Traspos o valle, & monte (o noua sorte)
 Eu o alcance segui, ella a fegida
 Ella a dar-me a vida, eu darlhe a morte
 Deci em fim tras ella o verde monte
 Te vella enerrar nas agoas de hũa fonte.
 Chegan-

Chegando não vi mais que a limpha pura
Sem rasto, & sem sinal que aly ficasse
Olheya, & nella vi minha figura
Que outra vira ja mais que tanto amasse
O trabalho de andar pella espesura
Aly me aconselhou que descansasse
Depois cõ o caso estranho o peito frio
Deço outra vez do monte para o rio

Não sabia que ofado por guardarme
Dos perigos de Amor me offerecera
Tão noua ocasião de retirar-me
Seguindo pello monte a branca fera
Nam soube como incanto desuiarme,
Que o successo mostrou, que bem pudera
Tornei buscar a morte, que fugira.
E buscara melhor se a causa vira.

Vejo chegando andar sobre a corrente
Hũa Nimpha corcando a onda leue
Cujos membros do corpo transparente
Fazão parecer escura a neve.
O Sol ficou escuro no Oriente
Em quanto a nova luz de fronte estue
So as agoas que os seus braços diuidão
Como cristais, com o Sol resplandecião.

Primavera de

Diante a branca escuma vem ferindo
No peito de christal fermoso lume
Das arvores, que o rio estã cobrindo
Cada qual darlhe sombra aly presume.
Os peixes, que das lapas vãõ sayndo
Pelo rigor do Sol como he costume
Qual toca o branco pé na agoa escondido
Qual se mostra em chegar mais acreuido.

A espacos voltava os olhos bellos
As ondas, que cõ os braços apartava
Mouendo ondas de amor nos seus cabelos
Que o derreidos aljofar horrifava.
Eu que pera meu dano oufava vellos
Nêlles a pouco, & pouco me enlaçava.
Nãõ ouue Amor mister poder sobrejo,
Que eu mesmo me venci de meu desejo.

Confuso estava, & preso no que via
Seguindo ja de longe o meu tormento
Quando o mouer das agoas me acendia
Com amoroso fogo o pensamento.
Hora toda nas ondas se encobria,
Hora trocando o doce mouimento
Encostada quebrana a clara ven,
Hor a comaua pé na loura areia.

Em

E em quanto gozo a vista soberana
 Onde o sentir commum ficava falto
 Não podêdo entêder q̃ em cousa humana
 Se pudesse esconder valor tam alto,
 Qual vista de Ateon outra Diana;
 A vi com desusado sobresalto
 Fogir de hum Fauno ouzado q̃ defronte
 Vem saltando tras della para o monte.

Não pode em mi sofrer a ardente chama
 Que em fogo me abrasava o viço peito
 Que não saísse dentre a verde rama
 Por atalhar ao Fauno o passo estreito
 Elle voltando em ira aceso brama,
 Ou se tornou por medo, ou por respeito
 E a nimfa que do monte estava vendo
 Outra vez para o valle vê decêdo.

O pejo de ser vista em tal estado
 Atil vezes lhe mudava a cor fermosa
 Passada vinha do temor passado
 Mas tornava corar de vergonhosa
 Em igual posto eu tinha o meu cuidado
 Quando ella mais corrida, e vagarosa
 Segura para o rio se chegava
 Que de contente as ondas levantara.

[Primavera de

Volcou a mi de perto o rosto ledo
Em graça de valerlhe em tal perigo:
(Quem julgara de Amor este segredo,
Que com isto cobrou nouo inimigo)
Mais perto me cheguei deste penedo
Estreitando o caminho que hora sigo
Onde passando a ninfa diligente,
O caminho atalhei ligeiramente

Porem tocando o peito delicado
Logo a pena senti do desatino
Que ella cō força em tão leuanta obrado
E inuoca contra mi poder diuino.
Sem ella entre estes ramos enleado
Fiquei como permite o meu destino,
Aos membros o vigor lhe vay falcando,
E em liquido cristal se vão trocando.

Dos olhos corre a vea clara & pura
Que em si recolhe o peito como hum seo
Parte-se em dous regatos a verdura
Criando varias flores pelo meyo.
A voz ja não se entende, mas murmura
Por entre os aluos seixos, nouo enleo,
E por que o peito estava em fogo ardendo
Tambem com fogo as agoas vñ nascendo.
Tudo

Tudo isto via o fauno, que tornara
 Buscar a bella ninfa a quem perdera,
 E vendo como assi me transformara,
 E que elle de meu mal a causa dera,
 A amor a minha historia preguntara,
 E por ordem dos fados a escreuera
 Deixandoa nestas pedras escondida
 Ao segredo do tempo offerecida.

Se algum pastor aqui por sorte estranha
 Descobrimdo esta pedra tosca & dura.
 Das correntes, & câpos, q'o Lis banha
 Achar esta encantada sepultura.
 Conte aos guardadores da montanha
 O segredo que vio nesta agoa pura
 Pera que nella vejão cada dia
 Como castiga amor hũa ousadia.

ENleados ficarão todos os pastores ouuindo a estranha
 historia de Sileno, & vendo ante seus olhos exemplos
 & finais de seu successo, virandosse hūs pera os outros co-
 mo que emudecerão, significauão o espanto daquella noui-
 dade. E depois de algum espaço tomarão entre si parecer
 do que farião. Hūs julgauam, que era bem ficar no mesmo
 lugar aquella historia enterrada, outros, que a diuulgassem
 primeiro a todos os moradores do valle, dos quais aly vie-
 rão algūs junto da noite, pera se banharẽ nas agoas da fon-
 te, q' cõtra muitos males tinhão apronada virtude. Como

em fim anoiteceo, ouuerão que ao outro dia tomarião sua determinaçam, & com esta se apartaram, leuando pera o lugar aquella antigualha, a qual todos aquelles primeiros dias foy mui vista, & celebrada, afsi por cousa dina de memoria, como por ser castigo dado por amor a quem elles seruiam, que he cousa muito ordinaria aprouar as grandezas de hum poderoso, quem se confessa por seu fugeito.

FLORESTA TERCEIRA.



Quella noite, & a q̃ depois se seguiu passou Lereno em quieto sono, sem lhe vir à lembrança mais, q̃ as occupaões, & passatēpos do dia, o qual elle gastou cō os pastores, celebrando cō musicas & câções o segredo q̃ aquelle penedo guardara tantos annos pera se manifestar em tal idade. Passados estes primeiros amanheceo ao outro dia, e o qual, o pastor triste & pensatiuo sem conhecer a causa de sua mudança, aborrecia a conuersação dos cōpanheiros, & a cōpanhia do seu gado. Afsi deixando no pasto se foi ao longo do rio ribeira acima, até dar nas fraldas delle, em hũa cōfusa penedia, cuberta de arvores syluestres, q̃ dos cauernosos riscos, por entre escuro musgo ṽe sayndo, & junto a hum penedo de q̃ por cima da viçosa ruda, & crespa tageda cahião algumas gotas, vio hũa lapa talhada entre dous penedos mal cuberta de hũa lagẽ, q̃ por mão da natureza parecia fabricada afastou elle a pedra, & entrando na coua, ouuia dētro o furioso ruydo do rio, que por baixo daquellas concauidades se espedaçaua, & a terra como abalada daquella furia estaua tremendo. Pareccolhe ao pastor o lugar conforme a inclinação que aly o guiara, & entrando pouco a diante se assen-

assentou sobre hũa pedra, onde ao som das agoas que nella
batiam, começou a cantar desta maneira:

Tristezas, pois me buscais.

Dizeime o que pretendeis,

Que eu nam sei por que naceis

Nem de que vos sustentaís.

Se em meu livre sentimento

Tiuerá amor feito proua,

Sospeitara que ereis noua

De amoroso pensamento,

Porem nam trazeis sinais

Que mostre donde naceis,

Deixaime não me cãceis

Pois em balde vos cançais.

Se vos manda a sorte dura

Pella causa, que em mi ve

Tristezas, sois sem porque

Por q̃ eu não busco ṽtura.

Se vindes porque buscais

Tristes a quem contenteis

Muito mal me conheceis

q̃ eu nã sou q̃ vos cuidais.

Se vindes por que algum dia

Me vistes mais natureza

Pera males de tristeza

Que pera bens de alegria.

Sabei, q̃ antes que venhais

Bem pode ser que enganeis

Porem como entristeceis

He certo que aborreçais

Ide a buscar quem vos ama

Despresando a minha sorte

Quẽ acha gloria na morte

Quẽ na busca, è quẽ na cha

E pera q̃ conheceis (ma

Se he justo que me efadeis

Vede o mal que me fazeis

Vede o bẽ que me tirais.

CAntaue o pastor, & daua mais tristeza a sua voz o ec-
cho que atornaua a trazer de entre os rochedos, até
que em suspiros no ara desfazia tudo isto concertana tal
armonia pera os sentidos, que antes do fim da cantiga Le-
reno adormecco, & não ja por pequeno espaço, porq̃ quan-
do acordou de hũ pesado sonho, era a tẽpo que o Sol estaua

no mais alto do meyo dia, & não atinando com o lugar por onde entrara se foy metendo, pella lapa adiante cuidando, que sabia della, & da lly foy sair a hum fermoso prado cuberto de graciosa verdura, onde como em jardim proprio da natureza, auio toda a variedade de flores, & boninas, em roda era cercado de muytas arvores, que sem ordem, mas com hum apprasuel desconcerto estauão entre metidas, em meyo do copado salgueiro, & sombrio freixo se leuantaua o funebre acipestre, sobre o sagrado louro & branco Alamo se derramaua em curiosos laços a verde parreira, & da amorosa murta, que com meudas ramas, cercana os cibados representando artificiosas figuras, que de outras cheirosas flores se cobrião, & ao longe apparecia com agudas folhas o aspero pinheiro pello pe de hũa serra que por ambas as partes se aleantauaua, & na decida della ficauam algũas cabanas de pastores, obradas com muyto arteficio, & galantaria. Espantado ficou Lereno daquelle estranheza, vendo junto no valle onde se criara, cousa que os naturais delle nunca viram. E deseioso de saber em que lugar estaua se foy para hũa fonte, que corria entre o arvoredo, a qual nacia das entranhas de hum marmore, dõde a agoa hia tirando branca & meuda areia que como ourella daquelle prado com os rayos do Sol resplandecia, aly achou hum cajado sobre a verdura como que a alguem esquecera naquelle lugar, & leuãtandoo entẽdeo que deuia ser de algũa pastora, que alem de estar sotilmente laurapõ tinha no remate hũa figura de mulher, tirada ao natural, com elle foy o pastor tomando hum caminho que por entre altas arvores guiaua ao cume do mõte, & depois de andar por elle grande espaço em hum piqueno campo que cobria hũa copada aueleira vio que estaua durmindo hũa pastora, em cuja vista elle ficou tam alheo de todos os

mentidos, que nem atinaua, no que faria, nem lhe lembrou a estranha ventura que aly o trouxera, & enleado neste sobressalto como quem sem alma ficara, esteve contemplando a fermosura que via no bello rosto, que com hum fraco rayo de Sol, que de pura inueja por entre os ramos a descobria representaua na terra hũa fermosura diuina, a cor com hum transparente cristal que cuberto de rosas as retrataua, a boca de dous fermosos robins que ao do ce respirar do sono descobriam, hum thesouro de ricas perlas onde as orientais ficauam sem preço, os fermosos olhos ainda cerrados por entre negras pestanas estauam fascicando rayos de Amor, os cabellos em aneis soltos sobre as flores, que mal julgaua a vista a cor, que tinham, porque hora com transparente mouimento parecião douro, hora variando a vista com hum fermoso escuro se entristeciam. Tinha vestido hum vaqueiro do monte guarneccido de aluas pelicas com viuos amarelos, hũa aljaua de douradas setas debaixo da cabeça, & o arco metido pello braço esquerdo, como que cansada da caça adormecera. Depois que o pastor, como quem acordaua de hum pesado sonho, tomou ousadia, & entrou em imaginar no roubo de sua liberdade julgando, que ou a que dormia fosse a fermosa Diana, que esperaua o seu querido Endimiam naquella montanha, ou a bella Venus, que com as armas do poderoso filho buscava o bello Adonis, porque nem o lugar tinha por morada de homens humanos, nem aquella fermosura, se não por extraordinaria, nem ousou despertalla, nem esperar, q̃a cor dando perdesse com o bem q̃ tinha as esperanças doutro furto tão venturoso, & tomando da aljaua hũa seta, não na fiando do curram a meteo no sico, & escreuendo no cajado que achara estas palauras lho deixou encoestado sobre o braço,

Primavera de

*Dormindo mais descuidado
Quem te ve deixas sem vida,
Mas foge a caça ferida
E vai morrer apartada,*

*E por que alguém não comete
Leuar tal presa por sua,
E se conheça que he tua
Leua no peito hum seta.*

COm isto se foy Lereno, mas como deixaua os olhos & o sentido no lugar de que se apartaua, a cada passo perdia outro por alcançar com a vista aquella glória, & ja donde se escaçamente por entre os ramos a hia diuísando, vio que acordaua, & que abrindo os olhos encheco de noua graça as aruores, as cruas, & as boninas, como que de sua vista todas nacião, & espantada de ver sobre o braço aquelle cado, que aly não trouxera, pondo os olhos nelle, vio as letras, que o pastor de nouo lhe escreuera, & não se mostrando descontente do que dizião, lançando a aljaua ao hombro, o leuou cõfigo, & em ligeiro passo qual a fermosa Atlanta atraueçou o monte, donde Lereno perdendo a vista se apartou logo, & foy buscar o pasto por onde entrara, sahindo ao seu conhecido pasto, tão alheo de si, pello que vira, q̃ as proprias ouelhas o estranhauão, & cõ os olhos nelle, deixando as cruas, cõ sentido balar, parece, q̃ estauão perguntando a causa de sua mudança, ao que elle respõdia cõ algũs sospiros, q̃ as amedrentauão, & daly a pouco espaço, guiandoas pera o curral, lhe foy cantando esta cantiga.

Desconheceis-me meu gado

E pois que assi quer Amor

Buscas de oje outro pastor

Que eu ja tenho outro cuidado.

Em quanto mais mal cuidaua,

Que em vosso pasto, & defença

A todos fiz differença

No modo cõ que pastaua

Agora

Agora sereis tratado
 Como me tratar amor
 Não sei inda se em pastor.
 Por q' he alheo o cuidado.
 Minhas ouelhas queridas
 Que a mi volcãdo ballais
 Parece que ademinhai
 Em ver me q' estais perdidas
 Ia se trocou meu cuydado
 Perdeosse o vosso pastor
 Mal tereis bõ guardador
 E quẽ foitã mal guardado.
 Nunca assi me acautelei

Do dano que emvão temia

A Sim leuaua Lereno o seu rebanho, antes que os outros pastores recolhefsem o gado, porq' sempre a hum saudoso a noitece mais cedo, & logo em saindo do valle na encruzada de dous caminhos, que vão entre os pumares da Aldea, vio estar duas pastoras Belisa, & Pinca sentadas ao pe de hum amicro, com hum papel na mão, o qual hião lêdo a espaços com tanto riso, & differença, que ao mais de cuydado fariam cubiça de ler o que continha, & posto que elle passou sem mostrar este desejo, como ellas o teueram de lhe communicar aquella graça, leuantarãose a tempo q' o pastor as saudou, & Belisa disse para elle. Aqui veras Lereno a obediência, que te guardão as pastoras da montanha, que ate o segredo de seus amores te cõfião, agora se me peitares te direi huns meus, que ainda que a dama he tão fea, não são pouco engraçados, a o que o pastor respondeo, cõ-

trafazem-

Posto q' então não sentia
 Parece que ademinhei
 Tãbẽ vos senties meu gado
 De certeza ou de temor
 Que perdeishum bõ pastor
 Perdido por hum cuidado
 Não guarda o tẽpo respeito
 A alguem, q' cõ gosto viu
 O q' he mais liure cativa
 E faz liure o mais sujeito
 Erais te gora o meu gado
 Eu era o vosso pastor
 Hoje tenho outro senhor
 Uor tereis outro criado.

trafazendo alegre rosto, nẽ eu tenho da causa essa opiniãõ, nem delles deixarei de a ter muyto boa sendo tão bem empregados, de peita te offereço o gosto & desejo, que ja tenho de o saber & se mais queres de mim, escolhe como em cousa tua. Ia ouvirias (tornou ella) que namha mulher, que não tenha hũa parte de fermosa, & esta he muyto grãde pera imaginarẽ todas, q̃ o são, eu por meus peccados ha muyto tẽpo, q̃ me tinha por a mais desemparrada neste engano, sem achar no meu rosto cousa q̃ podesse ferir hũa faísca de amor, & quando cõ esta magoa me tinha por liure de seu seiuiço de subito se me leuantou hum amante, que cada hora leuanta mil testemunhos a fermosura, & por a minha ser extraordinaria, quis, que tambem nella o fosse a causa de sua affeição, & affirma, que se namorou de mim vendome me render ao pe de hũa fonte, da verdura, q̃ os pegureiros trazião das hortas, não sei, se na vontade cõ que eu comia, se no sabor dos manjares achou graça que esta desperdiçado por meus amores, como o cõfessa em hũa carta, que Pinea, & eu liamos quando chegaste. Por certo (disse Lereno) deixando as mais razões, que o pastor tem de ser teu perdido, que he essa de muyta força, mas se a carta tẽ tanta pera alegrar a hum triste como o conto a teue, não te escufaras, q̃ a não leas. Isto auia eu de fazer (tornou ella) ainda que tu não quisesse, & se vinhas triste, ja me podes agradecer o remedio. Este vem tarde (disse Pinea) pois qualquer espaço que cortas com a pratica deues em restitução a carta. Então começou ella em alta voz, & dizia desta maneira.

Não te quero bẽ pera que mo queiras pois mal pecado, ja sei, que he cousa escufada, mas porque não posso alfazer de minha vontade, se tomales em teima quererme mal a cinte, praza a Deos, que não to acoime, antes te arrependas a tempo, que amor cõ sanha não seja vingado. Despojo saber

ber o porque te aborreço, se tu o sabes dizemo, terci sequer
da tua boca hum defengano, mas descança de deixar de te
querer, por muitos que veja, porque tambem o meu cora-
çam aprendeo dos teus olhos a ser teimoso, tambẽ sei que
me trazes entre os dentes, porque quando me namorei de
ti estauas comendo, porem vejo, que não he mayto que
escarneças de quem tomaste em desprezo de matar: hũa
troua te mando, que janda a eu ouue, se te nam aprouer fa-
rei conta que tal he a minha dita.

SE quando merendaua sobre o prado
Eu serrara os meus olhos entrantes,
Quicais me não trouxeras entre os dentes
Onde me tẽs Bellisa atrauessado.

Porem eu era endouto mal pecado
A outras condições mui diferentes,
E assi nestes desejos muy contentes
Amor me enfeiticou co teu bocado.

Logo agourei dali tanta mofina,
Que o chorar tenho so em boa estrea
Sem ter ora outro mal de q̃ me queixe.

Certo he, que hei de morrer nesta continua.
E que se ha de dizer por toda a Aldea,
Que morri polla boca como o peixe.

BE M declara o pobre amante sua paixam (disse Lereno)
com as palauras que sabe, porẽ val pouco a razão, pera
merecer onde se festejão com riso males tam verdadeiros
que-

querelhe bem, pois o deus a quẽ te ama, & não tomes em graça a sua pena. Ainda eu sou mais ditosa (disse então. Belisa) do que cuidaue, que ja que o meu galante não tenha partes merecer ter hum alcouiteiro a quem ellas não faltão. Tambem essa tenho por boa (respondeo elle) folgo de to parecer, & logo me pus da do teu namorado, porq̃ lhe senti razão pela causa que escolheo pera affeiçãoado. Sõ essa parte teue boa (tornou ella) porque estou bem com amores de merendar, & não huns, que são puro fastio, porq̃ quẽ com elles trata, logo mostra na cor a fraqueza em que poẽ o coração. Liure esta o teu (lhe respondeo Pinea) d'esse perigo com o vaqueiro da carta, & pois que a leste a Lereno o menos sera dizerlhe o nome. Em estremo (disse elle) folgarei de o conhecer, pois ja me esta em diuida da boa vontade q̃ mostrei em sua ausencia, pera saber se a empreguey tam bem, como elle o soneto, q̃ te eu não sei gabar. Outro dia tornou ella, teras mais larga informação de sua presença, & pois este he acabado, vay teu caminho, que o nosso fica desviado. Isto mostrou o pastor, que fazia contra sua vontade, & despedindose tomou pera os currais, imaginando em seu emprego, que mal pode o de bens alheos tirar a hũ triste o sentimento de males proprios.

FLORISTA QUARTA



Euantouse Lereno ao outro dia e amanhecendo, porque cuidados de amor não sofrem quietacem em hũa alma que o terue & desejando cõmunicar aquelle estranho successo a quem lhe aconselhasse o que faria, se passou allẽ do rio Lena a buscar hum antigo pastor seu grande amigo que habitaua naquella montã:

montanhas em hum casal apartado liure do trato, & conversação da Aldea, contente da solidão daquelles outeiros, do interesse de seu rebanho, & dos desenganos, que cõ a idade, & experiencia tinha grangeado. E antes de Lereno chegar aonde elle moraua, o viu estar ao lōgo do rio Lena debaixo de hum antigo castanheiro, em cuja roda o seu rebanho andaua pastando, & ao som de hum dourado salteiro com cançada voz, & muy suaues accentos cantaua o seguinte.

E M quanto esta o auaro em seu thesouro
 Ceuando os olhos, dando ao pensamento,
 Materia a vãa cobiça de mais ouro.
 Em quanto o nauegante ao leue vento
 Entrega com as vellas a esperança
 Do temor dos perigos liure, & isento.
 Em quanto vay regendo a grossa lança
 O soldado aereuido cujo estado
 So nos braços da morte em fim descança.
 Em quanto em vãs promessas leuantado
 Segue o trato da corte perigosa
 Quem tam tarde se vê desenganado.
 Em quanto na cidade populosa
 Não cessa a confusam de humana gente
 Onde reina a mentira poderosa.
 Pascei minhas ouelhas liuremente
 A verde herua deste valle vmbroso
 Fartaiuos de esperança tão contente.

Primavera de

Gosai do louro Sol claro & fermoso
Agora que vos mostra a face sua
Sem seu rigor ardente, & furioso.
Nenhũa flor o Ceo vos execua
De quantas pera os olhos mostra, & cria
De dia o claro sol denoite a Lũa,
E en debaixo desta arvore sombria
Assentado sobre eruas, & entre flores
Vos estarei guardado todo o dia.
Daqui vos contarei dos meus amores
Ao som do meu rabel ja tam gabado
Entre as mais das pastoras, & pastores.
A vos darei os olhos, & o cuidado
Vos me dareis do leite, & da lam vossa
trarmeis assi vestido, & abostado.
Contente viuirei na minha choça
Sem querer dar a vida, & ao temor
Os bês de que a fortuna desapoessa.
Eu gozarei da vida a meu sabor.
E vos a passareis tambem segura.
Sem recear ao lobo roubador.
Ande o rico melhor tras da ventura
Melhore se em cubica, & em riqueza
Que iguais nos ha de achar a sepultura.
Mais rica he que a ventura a natureza,
E quando

E quando hũ podre alcança tanto della
 Não tem q̃ querer mais, q̃ esta pobreza
 Profiga o nauegante a sua estrella
 E sobre o fraco lenho no mar alto
 Ande sempre cõ os ventos em cautella
 Que eu liure estou do procelloso assalto.
 E quando o Ceo se mostra turbulento
 Fico vendo os perigos de mais alto.
 Se me chouera agora neste assento
 Debaixo de outro tronco me amparara
 Valendome dos pès não ja do vento.
 Se a calma la no campo me apertara
 Quam presto achara esta arvore sombria,
 Que dos rayos ardentes me liurara.
 Se a cede c'õ desejo de agoa fria
 Me importunara andandopella serra
 Quam cedo para o valle deceria,
 Busque o guerreiro forte a dura guerra,
 Ou pello largo mar no lenho breue,
 Ou por varios suceſſos ca na terra,
 Ache as pesadas armas trajo leue
 Tenha os mores perigos por victoria
 Atê pagar â morte o que lhe deue,
 E no lugar da honra fama, e gloria
 Ache mais certo o fim q̃ a vida atalha
 De que a poucos depois fica a memoria.

Primavera de

Que eu ca viuo seguro de batalha
Auêdo o meu pellico, & o meu caxado
Por elmo, lança, arnes, escuso, & malha.
Não vejo o esquadrão forte ordenado
Com estranha inuencão, e modo estranho
De ferro, fogo, & de furor armado.
Contente os olhos ponho em hum rebanho
Cujas naturais armas para ofrio
Para elle, & para mim ficão de ganho.
Siga da corte, a gala, o termo, o brio,
O engano, o estilo, & a priuança
O que deseja mando, & senhoria.
Que em quanto viue, & morre de esperança
Que tanto dura quanto a vida dura,
E tanto cança quanto a vida cança.
Eu logro as agoas desta fonte pura
De quẽ me esta mostrando o claro seo.
A bolçosa area mal segura.
Não esconde outro mal nem outro enleo
Outros intentos vãos, outros sentidos
De que me possa vir algum receo.
Liure estou de tratar peitos fingidos
Que fazem mil enganos a verdade,
E enganão com palauras mil ouvidos.
Estou liure de enganos da cidade

E sem

E sem mais deſejar outro poder
 Tenho (ſequer) de meu a liberdade.
 Trago bem cuſtumado o meu querer.
 Se não tenho do pão como da a vea.
 Não guardo que eſperar ãe que perder.
 A minha caſa he pobre, he ſempre chea.
 Não deſſe metal triſte, & deſcorado
 Que a tantos teme, & tãtos ſenhorea.
 He chea com hum ſurrão mal pendurado
 Com hũ tarro cõ hũ cabas, & cõ hũ pellico
 Hũa frauca, hũa funda, & hum cajado.
 Nella aſſi pobremente vino rico
 E por que como ſo por mantimento
 Com pouco mantimento farto fico.
 O ouro não me offende o mar ãe o vento
 O temor, & os deſpojos, que ha na guerra
 Da corte a eſperança, & pensamento
 Em quanto a tarda o ceo quero eſta terra.

CAntaue o ſabio velho, & o namorado paſtor por de-
 tras de hum ſaudoſo penedo o eſtaue ouuindo com
 inueja muy juſta de ſeu contentamento, & acabada a
 cantiga, chegou pera elle, de quem foy com muito goſto re-
 cebido, e entre hũ amoroſo abraço lhe diſſe eſtas palauras
 quam mal eſperaua eu Lereno de te ver neſto deſuio, deſ-
 poi que tanto tempo te eſqueceſte delle, & de mim. Bẽ me
 conheço eu por deſcuidado (tornou o paſtor) mas o meu
 rebanho me diſculpa q̃ andou eſtes tẽpos atras derramado

Primavera de

& despeso com as cheas do inuerno, e das minhas mais es-
madas ouelhas, quatro entre os salgueiros salteadas das a-
goas do monte pereceram cō os tenros cordeirinhos, q̃ as
seguirão, mudeilhe o pasto pera o monte onde os ventos cō
maior força as derribauão, & amedrentadas dos rayos, q̃
sobre os carualhos decião deixauão o pasto, e a sombra dos
desertos penedos se abrigauão, ficarão tão magras, e eu tão
cansado, que nem guialas podia, nem ellas seguirme, agora
que com a enttada do verão, & cō o nouo pasto começaua
a engordar ao olho perdi eu o gosto dellas, & o cuidado da
vida, por isso não te espantes de o não ter de te buscar, que
ainda agora o faço mais polo que conuem ao remedio de
minha tristeza, que polo q̃ te deuo. Que cousa ha de nouo
(perguntou o velho) que em ti fizesse tanto abalo, ou dōde
te podia nacer esse desgosto, se he da perda do gado, não na
estranhes, pois não foste sō, que das minhas rezes do ar mē-
tio duas no salto da valla me morrerão, & a minha doura-
da cō dous nouilhos em poder de famintos lobos acabou.
Das ouelhas a mayor parte ao desamparo dos pegureiros
se perderam. As cabras com a ruyna destes barrancos, hūas
ficarão viuas, & enterradas, outras cahindo na furia de cor-
rente entre os borbulhos da agoa, se afogarao, & quando
as perdas são de tantos, não te entristeças polla que te ca-
be, que asy como os annos se mudão, tambem se melhorã.
Não he essa (respondeo Lereno) a causa de meu desgosto
ainda que deua ter muyto do dano do meu gado, como seu
pastor, mas em quanto com a falta d'elle tinha liberdade,
esperaua (como tu dizes) o remedio da mudança, porem fiz
outra em minha vida, que ouuera por barato perdela, qua-
do começou. A isto atalhou o velho cō hū suspiro, & disse.
Amigo Lereno, se eu não perdi de todo o sentimento, teu
mal he de amores, & nam sem causa o tens por perigoso,
mas

mas pois em o comunicar esta as vezes a cura delle , con-
tame o que te aconteeço. Não ouzo (respondeo elle) cõ te
mor de achar nisso o mayor perigo, porq̃ me não esquece,
que ja te ouui, que os thesouros de encantamento: que apa-
reção como em sonhos somente communicados, se perdi
am, & porque eu tenho por tal este que amor dormindo
me descobrio, guarde segredo ate lhe ver o successo. Quẽ
poupa thesouro de males (lhe disse o velho) de crer he, que
por vontade os padece, & pois tu os estimas não te queixes
Ah fiel amigo (respondeo elle) bem entendes tu, pois ama-
ste na mocidade, que os tormentos nacidos de affeição, so-
em a dor são tais, & que não ha esta sem queixume dado q̃
aja gosto em os padecer. Quẽ ama, viue nestes encontros, e
desconcertos, hora procurando por remedio o q̃ lhe cau-
sa pena, hora enganando se a si por salvar a sem razam do q̃
sente. Daqui nasce, q̃ vindo em ty buscar remedio de meus
danos, estou callando o mal donde naceram, como que pu-
desse sem informação ser curado. Não esta de todo fora de
si (torneu o velho) quem conhece seu erro antes de arrepẽ-
dido, & agora he o tempo em que tem cura essa doença. A
mor (como sempre ouui dizer) em minino he brando, & fa-
cil de dobrar, em velho he firme, & riguroso, & ou dura
com a vida, ou muito a custa della se acaba. Nestas razões
estauão os dous pastores ao longo do rio, quando do outei-
ro bradarão ao velho, que subisse com ogado. Lereno o aju-
dou a guialo, poslo que elle o escufasse, & tambem de deixa-
rem a pratica, com tudo foy de gosto o caminho, porque
chegando a coroa do monte, no chãodelle estauão dous pe-
gureiros, que ao olho do Sol trosquiuaão as ouelhas, & des-
cançando ao tempo, que o amo chegaua com a companhia
de Lereno em perguntas, & respostas cantaram esta canti-
ga.

Primavera de

Onde es Gil, que te não vem,

No pasto, nem no curral.

Bose Lourenço ando tal,

Que me não vera ninguém.

De quem andas escondido

Se es de todos desfiado?

Demim ando homisiado

Porhū crime nã sabido.

Contame como, & de quem

Que euterei segredo igual.

Faço alquimia de meu mal

Pera conuertello em bem.

E cres q o mal q te estraga

Em tal lugar se te ponha?

Sim não fez da peçonha

Contra a peçonha triaga.

Faz, & o mal, q por bem vè

He por ser menos mortal.

Pois não farei bẽ dehū mal

Que naceo de querer bẽ.

Se isto ateu querer nã falsa

Temes o q te assegura.

Temo que saiba a ventura

Que inuentei moeda falsa

E se amigos sos te vem

Por que temeras tu tal.

Por q me hão de querer mal

Como me virem ter bem.

Queres Gil dar-me a receita

Do q achares como amigo

Buscalla ante do perigo

Loureço pouco aproueita

He logo a fortuna tal,

Que não lhes escapa ninguém

He, mas no tempo de bem

Ningẽ se arma cõtra o mal.

CAntauão os dous pegureiros muyto bem, & Lerenõ, que não perdeo o sentido da cantiga, acabada ella disse para o velho. Razões são aquellas de experimentado, & he bõ cõselho o que dellas se tira: se ouuera arteficio ram poderoso, que apurasse os males de maneira, que ficassem em ouro, mas como elles em tudo são fezes, custoso deue ser aquelle segredo. Muyto custa o bem, respondeo elle, & tudo acabado ofiso, e aperfia, e de ver as cousas, & ainda co mettelias

metelas a alcançallas ha grande differença, nam te enganes, que quanto amor faz dos homẽs com seu poder, tanto os homẽs fazẽ de amor cõ sua cautella, & nam sey se diga q̃ mais, pois elle obriga a hũ homẽ a querer bem, a quẽ cõ fermosura, graça, ou outras partes naturais o contenta, & os homẽs com juizo, & razam obrigação muytas vezes, que os ame hũa mulher, a quẽ aborrecẽ, & porq̃ a idade ategorate não deu lugar pera mais experiencia, antes pera tão poucos annos alcançaste muyta, tudo te mostrara o tempo a diante. Agora vamos te a minha cabana, que se faz tarde, o antes que se ponha o Sol, quero q̃ vexas os enxertos donjeu pumar como estãõ crecidos, & la saberei o successo de tuas cousas, & procuraremos ambos o remedio dellas, que esta noite por força seras meu hospede. Nam forão necessarios muitos rogos pera q̃ Lereno lhe obedecesse, & logo forão pello valle abaixo tè a cabana, q̃ no fundo delle estava. Cõtente Lereno cõ a companhia do sabio pastor, imaginando que no seu conselho acharia principio de remedio, que o mayor que tem os males de amor, he serem guiados por exemplo de successos alheos.

FLORESTA QVINTA.



Escuidado viuia Lereno dos estremos, que Lisea fazia em sua ausencia, que o amor q̃ em presença dissimulara muyto tẽpo, não podia então encobrir a dor de falta tão custosa. Elle buscava conselho para outro cuidado, que o chamaua. Ella não encontrava pastor no valle a que nam perguntasse, se vira o seu Lereno, dando a entender com sospiros a pena que sentia de o nam achar. Correo o valle, & o monte, tornou em fim ao longo da ribeira do Lis onde achou o seu rebanho, cujas ouelhas como saudo-

Primavera de

fas de tam bom pastor, hũas olhando para o pegurelro, deixauam de comer a meuda relua, outras vendo nas fontes a sombra de sua figura, com tristes ballos o chamauão. Ali se assentou Lisea defronte dellas ao pe de hum freixo, por entre cujas raizes passa o ribeiro, que com apressado murmuro vay fogindo da fonte donde nacera, & aly tirando do currao, hũa pena, & papel, escreueo estas palauras.

<i>Aci guardador perdido</i>	<i>De quẽ foges, ou porque?</i>
<i>Que desamparãdo o gado</i>	<i>aõde, & quẽ vas buscando?</i>
<i>Sem te aueres por culpado</i>	<i>Olha, se não ves qual ando</i>
<i>Andas cõ razão fogido.</i>	<i>Que amor q̃ he cego me vê</i>
<i>Hũa pastora enganada</i>	<i>E se ategora calaua</i>
<i>De teus poderes vencida</i>	<i>Males, q̃ so pa deceria,</i>
<i>Tè roga & deseja vida</i>	<i>Era, que em quanto te via</i>
<i>Inda que lha tens tirada.</i>	<i>De nenhũ mal me lêbrava</i>
<i>Não pareces a mil dias,</i>	<i>Porem hoje, que o desejo</i>
<i>Nẽ eu sey aonde te escreuo</i>	<i>Nã acha quẽ lhe resista,</i>
<i>Sey, q̃ nam faço o q̃ ldeuo,</i>	<i>Pois que te pedeo de vista</i>
<i>E faço o que me deuias.</i>	<i>Sente o mal em q̃ me vejo.</i>
<i>Mas nam he cousa de espanto</i>	<i>Deixa deixa o pasto estranho</i>
<i>Que nestes erros acerte</i>	<i>Tornate ao teu natural.</i>
<i>Quẽ se ti soube quererte.</i>	<i>Se não te obriga meu mal</i>
<i>E te soube querer tanto.</i>	<i>Lêbrete o do teu rebanho.</i>
<i>Busquei mōtes, busq̃i valles,</i>	<i>Com que engano te aconselhas</i>
<i>E onde te busque não sei,</i>	<i>(Mas tu so esquẽ te êgana)</i>
<i>Porq̃ das nouas que achei</i>	<i>Deixas Lereno a cabana</i>
<i>Abri caminho a mil males</i>	<i>Perdes carneiros, ouelhas</i>
	<i>Que</i>

Que em poder do pegureiro
 Que repousa a bom sabor
 Bradão pello seu pastor
 Pelas fraldas deste outeiro
 A que te não ve de fronte
 Balandando o bocado perde,
 E pisando o pasto verde
 Fica cõ os olhos no mōte.
 E se andar teu gado assi
 Tēs por mal fraco, è peq̃no
 Lembrete de ti Lereno
 Porque te esqueces de ti.
 Se como eu vou sospeitando
 Buscas fogitino amor
 Onde acharas melhor
 Que õde elle te adabuscãdo
 Não fujos a quem se esconde
 Por te escõder de quẽ te ama,
 Ouue, è falla aquẽ te chama
 Ni chames quẽ nã respõde
 Mas ay triste, & sem sentido
 Como eu mesma me cõdeno
 Depois que escreueo, & ferrou a carta, com mil sospi-
 ros que lhe nacião da saudade de Lereno, chegou ao pe-
 gureiro, que logo a conheceo, & com amorosas palauras
 lhe perguntou. Que nouas tēs Serrano do teu pastor, q̃ tãtos
 dias a q̃ deixa este seu gado, & a ty cõ os encargos d'elle. Bo-
 fe (ref-

A quẽ quereras Lereno
 De que não sejas querido?
 Quem te negara a vontade
 Tendo na tua esperança.
 Se so com hũa esquiança
 Me cõpraste a liberdade.
 Porem inda em termos tais
 q̃ esse amor teu tenha fruito
 Podete outrem q̃rer muito
 Não te pode querer mais.
 Acharas noutra ribeira
 Pastora mais graciosa (sa,
 Mais discreta, è mais fermo
 Porẽ nam q̃ mais te queira.
 Torna conhece teu erro
 Deixa hora a terra alhea,
 Que te q̃r bẽ toda a aldeia
 Ningẽ te quer no desterro.
 E eu não te dou tãto barato.
 Amor por não ser de preço
 Porque è nada desmereço
 Senão se fores ingrato.

Primavera de

(respõdeo o pegureiro) que te não darei boa conta de tua vida, porq̃ a elle da tal de si, que não sei mais, que estranhar as nouidades que nelle vejo. E estas, quais são (disse a pastora) pode ser, que pellos effeitos se conheção mal. Qualquer que o mal seja (tornou Serrano) he perigoso, & inimigo da vida, & do socoço porque Lereno ategora ria & zombaua, hoje sospira & chora, buscaua os pastores, agora foge delles, esmorecia sobre o seu gado, agora aborreceo, & desamparaou, era aprasiuel a todos, agora intrauel, não sahia das festas e lugares publicos da aldea, hoje gasta o dia entre os matos, e a menor parte da noite na cabana, finalmente nẽ se lembra de sy nem viue, não sei aonde agora he ido nem donde lhe veo este cuydado com lastima delle o contei a minha tia Lisandra que como tu sabes entende das heruas, & das estrellas, & deue saber pollos sinais a natureza do mal quem sabe darlhe o remedio, pela informaçã que lhe deuy, disse-me, que o seu mal era amor ou doudice, q̃ tanto monta. Se tal he, dao tu por finado, porq̃ Lereno he de fraca natureza, & os frenezis de amor muito poderosos pera a destruyr, não durara muito. E donde te vẽ a ty (perguntou a pastora) ter em tão ma conta os frenezis de amor. Pela que elle da, tornou Serrano, de quẽ o segue, & o ferue. Nunca outra cousa ouui, se não blasfemar de suas sem razões, & ainda Lereno antes deste successo, ja doutiua dizia mal de seu senhorio, como quẽ agora auia de experimentar quãto custa conhecelo, se eu a tal estado chegasse, lãge va o meu agouro, antes escolhera a morte, q̃ a fugição, por não aceitar vida em q̃ hũ homẽ ha de perder a propria vôtade e andar grãgeãdo a alhea, q̃ em galardão disto asvezes se entrega a outra, q̃ fica senhora de abas, Grãde he a força de amor disse Lisa, e todos estes cõtrarios consente, mas não o agraua, porq̃ he vingatiuo, & não se paga de liberdade a alhea.

alheas, & pouco te valera conhecer seu dano pera fogirlhe, porq̃ a fugeição da vôtade não deixa juyzo liure dõde fica leue a culpa de quem por sua causa comete defatinos. A isto lhe atalhou Serrano, fallas tanto ao certo, que me parece, que algum tempo tiueste esta doença, porque nam po de saber tanto della quem a não sentio. Oxala (tornou a pastora que (como tu dizes) fora sò em algum tempo, que nenhũ eu tiue fora desta fugeiçam, & agora, alem de fugeita estou catiua com tão pouca vontade, & esperãça de mever liure, que não procuro mais, que fauora el catineiro. Não cuido eu (disse elle) que auera alguem, ainda que por natureza seja isento, que nam queira conhecerte por senhora, quanto mais terte por obrigada, & com esta certeza ey dõ de ty, pesame de teu mal, porque nenhum mereces, porem não te agastes, que se Lereno se acha bem com hũas cruas, que Lisandra andou buscando esta madrugada junto do Lena entre hũs penedos, tu aueras cura. A que eu quiser (respondeo Lisa) não he que me faltasse este tal, mas que a causa delle, ao menos com sua vista quisesse darlhe remedio. Cousa he essa) respondeo elle) facil de alcançar, & que ninguem te negara. So por teus meynos (tornou ella) a eu pua dera auer mui cedo. Ainda he logo mais facil do que eu cuida (disse Serrano) porque não auera nenhũa cousa de teu gosto, que eu não faça com muyta vontade, & agora com mayor pella compaixão de ver tal a Lereno, por isso dizeme o que posso fazer em teu fauor. Nenhũa outra cousa mais (disse a pastora) que dareslhe esta carta como vier ver o rebanho, encobrindo lhe agora o nome de quẽ tadeu porque nisso esta a minha vida. Por certo (tornou Serrano) que a tens em perigo, por que eu procuro salvar de huma Lereno, & tu queres, que o meta em outro. Porem (como dizem) às vezes hũa peçonha mata a outra, dame a carta, & guarda

Primavera de

guarda segredo no officio, q̃ eu farei nelle marauilhas, No
uo coração me deste (disse a pastora) com essa promessa, &
se eu lhe vir tão venturoso fim, como espero, prometo, que
não te peze de empregares o cuidado em me valer. Mas a-
gora dissimula, q̃ vem decendo pelo valle abaixo Nise, & é
caminha com os olhos pera ca, finge que me insinua a toa-
da de algũa cantiga. Logo Serrano tomou o arrabil, & em
vos baixa, como que insinuava, cantou este vilancete.

Uay o rio de mente a monte

Como passarei sem ponte.

He o vao muy arriscado

So nelle & certo o perigo

O tempo como inimigo

Tem me o caminho tomado

Nũ mōte esta meu cuidado,

E eu posto aqui noutra mōte

Como passarei sem ponte.

Tudo quãto a vista alcãça

Cuberto de males vejo

Daquem fica meu desejo,

E d'alem minha esperança

Esta contino me cança

Porque esta sempre defrõte

Como passarei sem ponte.

A Este tempo chegou Nise, & cõ a cor alterada da prefa
sa que trazia, se assentou junto a Lisca, & Serrano, que
logo lhe perguntarão a causa porque assi vinha. Ventou
(disse ella) fogindo do mais importuno pastor que a nelle
monte, & este he Alceo, que a mil dias que me persegue, &
quer terme obrigada a ouir seus desatinos. E com esses
que pretende (perguntou Serrano.) Dar a entêder, que me
quer muito (respondeo ella) & he de tã pouco fruto o seu
amor comigo, como o credito, que deseja que eu tinha del
le. Com pouco se contenta quem padece (disse Lisca) quan
do se satisfaz, com seus males serẽ cridos, & não lhe deu
negar cousa tam facil, quẽ não faz conta de lhe dar outro
reme

remedio. Bom era esse (respondeo Nise) se assi pudessemos atalhar perseguidores de vontades alheas não sey mayor barato que darlhe essa se, mas nam ha nenhum, a q̃ não pareça que de crerem sua afeição a pagaremha não ha hũa jornada. A isto disse Serrano, com geito de magoado, quẽ se quer desobrigar todas as portas serra ao amor, & nesta determinação esta a culpa, pois não he tão piquena diuida a de hũa afeição verdadeira, q̃ se possa hũa paßora isentar della, sem ser desagradecida. Porẽ esta ja tão por costume esta sem razão, q̃ tem suas esquiuanças por grandeza, & o q̃ melhor he, que poucas passão sem pagar na mesma moeda a offensa q̃ fazẽ a quẽ lhes querbẽ Não tinha Alceo em ty mao procurador (disse Nise) se entre nos se ouuera de julgar a sua causa, outro dia lhe vira em q̃ esteja menos cruel, & mais afeiçãoada. A este tempo decia elle de hum onteiro pera o valle, & Nise como o vio, se escondeo entre hũs syluados, & Serrano, & Lisa o ficarão ouuindo, q̃ passou, cãtando a cantiga, que se segue.

Poderão pedras quebrar

Quando em duras pedras derão

Lgrimas, que não poderam

Com uosco nada acabar.

*Lgrimas mal epregadas,
Pois sois mal agradecidas,
So da razam reprehendas,
E da vontade choradas
Que mais podestes mostr ar
A forçade hũs olhos tristes
Obrigados a chorar,
Se quando em pedras caistes
Poderam pedras quebrar.*

*Como assi degenerais
Do poder q̃ antes tiuestes
Quebrai pedras aõde destes
E hũ coraçam nam q̃brais:
Se foi porque se perderam
As que entam esperdicei,
Que tam pouco me valeram
Como entam as chorarei;
Quãdo e viuas pedras deraõ*

Esse

Primavera de

Esse coração de fera
Nise, que me está diante,
Como he pera mim diamãte,
E pera outra banda cera.
Que remedio bastara?
Pois q os mais nã me valerã,
Contra a dureza em q está.
Mas que cousa podera?
Lagrimas que não poderão.

Quem de vossa fermosura
Alcança o que mais negais
Não me tẽ ventagem mais,
Que somete ẽ ter ventura.
Não cõsente minha estrella
Que esta vos possa obrigar.
Pois eu com servir, & amar
Nunca ja pude sem ella
Com vosco nada acabar.

A T R A S de Alceo se leuantaram logo as pastoras, & com Serrano recolherão o gado, que em quanto durou o caminho lhe foy tocando hũa fraura, o que elle fazia com muyta graça, & com a noite que vinha ameaçando cõ grande escuro se foram as cabanas. Nise fogindo de quem amaua, & Lisea buscando a quem lhe fogia (que nesta differeça de cuidados se recrea amor, como inimigo do soccego de quem o serue. /

FLORESTA SEXTA.



E P O I S que pello discurso da noite passada o bom velho Titero soube de Lereno o que no valle desconhecido lhe acontecera, obrigado do amor que lhe tinha, gastou muitas palauras, & saõs conselhos pello aquietar, remendolhe o risco do cuydado em que entrava persuadião, que se nam entregasse de proposito aquella fatia, que o nam tinha, antes a tiuesse por sonho como se presentaua, & com quanto a elle o mouiam muyto as palauras do velho, & lhe tinha respeito de muytos annos como

como a força de amor he mayor, que a da propria vontade, não obedecia com o coração ao que cõ a lingua prometia, por comprazer ao amigo, que o aconselhaua. Leuandose pella manhã, despedio-se Lereno do velho, que te chegar as ribeiras do rio Lena o acompanhou, encomẽdando-lhe o resguardo de seu perigo, mas elle, que tinha a vida em o acõmeter, em lugar de tornar a Aldea, & acudir ao desamparo do seu rebanho, tomou de nouo o caminho õde se perdera ao longo das prayas do rio Lis, entrou pela calada dos dous penedos, & foi pelas suas proprias pisadas aquelle lugar onde ja vira a causa primeira de seu cuidado, & aly com mil sospiros a chamaua, porem estaua tã mudo todo o valle, que nem as aruores com a brandura do vento se monião, nem os passaros com suaues accents lhe respondião, nem as feras com acostumados passos atraueçauão a montanha tirou elle a lyra, & sentado sobre hum cortado tronco cantou o que se segue.

Qual o ceruo ferido

Da seta venenosa atormentado

Ligeiro corre o monte, & a espessura.

Ate que sem sentido

Vem cahir no lugar mais descuidado

Onde a força prouou da frecha dura

Assi minha ventura

Depois que vida ja nam me consente

Permite justamente

Que onde tiue a ferida

Venha nas maos de amor deixar a vida.

D

Qual

Primavera de

Qual simples borboleta,
Que enganada na cor do viuo lume
Acha na ardente flama o desfengano
E com tudo inquieta
Ate que nelle as azas não consume
Liure se nam quer ver de tanto dano,
Assi num cego engano
Corro atras de meu mal cõ tanta gloria
Que perdendo a memoria.
Que pudera guardarme
Na luz q̃ me offendeo venho abrazarme.

Qual o menino nobre,
Que leuando na mão joya de preço
Por cubica, de alguem lhe foy tirada
Que com o dedo descobre
Com innocentes mostras o successo;
Ao pay que lhe pergunta & q̃ lhe brada
Eu a quem foy roubada
Aqui a liberdade, & a razam
Ainda que seja em vam
Venho com sentimento
Mostrar este lugar ao pensamento

Mas se por sorte estranha
Venho onde fui ferido a perecer?

He ida a caçadora liure & bella,
 Que aqui nesta montanha
 Estranha gloria fora padecer
 Se antes de perecer tornasse a vela
 A seta trago, & nella
 Ia por hum fio a vida se sustenta,
 E o que mais me atormenta
 He não ver a belleza
 De quẽ ordena amor, q̃ eu seja a preza.

Se na chama amorosa

Que as azas me queimou quando voava
 Venho a deixar a vida por meu gosto
 Que he da luz tão fermosa,
 Que inda por entre as nuuens me cegava
 Com o rai, que feria o bello rosto,
 Se este Sol he ja posto
 Pera q̃ madruguey tras minha fim
 Mas quer a sorte assim,
 Que pois fiz tal emprego
 Em me atreuer ao sol, que moura cego.

Se aqui me despojo

Aquella fermosura sobrehumana
 Do ser & liberdade q̃ antes tinha.
 Que he de quẽ me rouba

Primavera de

Se fogio tão ligeira, & deshumana
Como a seta chegou a esta alma minha
Se se foy tão asinha
Por leuar como roubo hũa alma alhea,
E furtos se arrea
Ah não ma restitua,
Que eu confessarei logo, que era sua.

Aqui durmindo estene
Aly tinha aljava, & setas de ouro
Daly por entre os matos se escondeo.
Aqui se detene
Quando o cajado vio (ditoso agouro)
E o que eu nelle escrevi contêce leo,
Mas se isto appareceo
Em vão a meu sentido cobicoso,
Por sonho mentiroso,
Se eu era o q dormia,
E imaginava gloria q não via.

Porem se sonho fora
Como este prado, & valle inda apparece
Estas ramas sombrias este cuceiro
Que mostram ainda agora
A verdura das folhas, que escurece
A falta do seu sol, como primeiro.

Como

Como nam foy ligeiro.

O monte, o valle, as plantas, & a verdura.

Tras sua fermosura?

Por que era tudo agreste

Só o que ella lenha era celeste.

EM quanto com estes versos se queixava de seu danno, nam andava tam longe a causa delle, que a espaços o nam ouuisse, & chegando perto com duas pastores, que na caça trazia por companheiras, da cantiga que lhe ouiuo, & tambem do que ja lhe succedera com o cajado, conheceo fer aquelle o pastor, que lho deixara sobre o braço, & ou cõ a cubiça de o cobrar, ou por curiosa de saber quẽ era, mais que obrigado das magoas, que lhe ouira adiantandose das outras lhe appareceo, deixando tam salteado, que por grande espaço perdeo a cor, & a voz, mas ella com a sua (que a tudo respondia as mostras do rosto) o assegurou, dizendo. Vejo que mostras espanto de minha presença, e nã a tenho por tam temerosa, que ponha a alguem em receos, se os teus sam das armas, que me ves, assuregate que estàs liure de dano, porque o nã fazem mais, que as feras deste monte. Ouvi cantar, & desejei saber quem era, & agora o caminho, que aqui te trouxe, porque o deste lugar he tam cerrado, que ha muytos tempos, que o nam pisou pastor estrangeiro. Neste tempo estava ja Lereno com mais sentido, porem ainda enleado lhe respondeo. O caminho deste lugar senhora eu o nã sey, sò o em que estou conheço, que he perigoso, guioume a elle hum cego, que nos mais arriscados acha menor perigo, o em que me vejo, nã naceo de essas frechas que trazeis pera matar feras, mas de outras tão mais poderosas, q̃ cerradas em sua aljava, me grãdearão

Primavera de

a morte, se desta sois seruida, pera minha gloria a venho
buscar, & pera vosso gosto, se o tendes de minha vida, orde-
nay della o que vos parecer, porque nunca se sayra de vol-
sa vontade. Não era essa pera desprezar (disse a pastora) se-
do tambem offerecida, se nacera de alguma razam, poreu-
nem tiueste tempo depois de minha vista pera fingir as pa-
lauras desse engano, as quais eu deuo estimar menos, por se-
rem sem fundamento, do que lhe deuia por serem boas. Se-
fô nessa duuida (tornou elle) esteuera obem de meu mal, fa-
cilmente com a certeza de minha verdade ficara elle de me-
lhor condição. Nam a tenho tam boa (disse ella rindo) que
por todos os meys me não desobrigue, & agora descança
que me não conuem fazer caso de amores tam leues. De-
stas razões alcãçava Lereno, ainda que enganado, que lhe
não lembrava a pastora a aventura do cajado, que elle lhe
deixara, & por lhe dar a entender, quẽ era elle, tirando de-
seo a seta, que te entam trazia aly escondida, lhe pregitou
cuja era a caça, que com aquellas setas estava ferida por a-
quella montanha, porque elle encontrara hũa fera atrauel-
lada com aquella mesma entre hũs grandes siluados. Muy-
tas (respondeo a pastora) ficão por esses matos perdidas, &
muytos passadores mal empregados. Na arte com que ella
isto disse entendeu o pastor, que dissimulava, & por não y-
contra seu dessenho, callou outros finais, que podiam ter a
mesma escusa, mas não foy de modo, que ella o nam enten-
desse, que mudava o proposito, então lhe disse se lhe era ne-
cessaria algũa cousa antes que se partisse. Rogouos senhora
(disse elle) que como a homem perdido neste deserto, me
digais, que lugar he o onde estou, & quem o habita, & se vos
sois a senhora delle, como pareceis, ou deusa caçadora, ou
quem esta espessura seja dedicada, porque eu sou hum
guardador natural desta ribeira do Lis, que por estranha
ventura

ventura de hum sonho adormecendo na praya delle, sem
saber o caminho que toma, vim a este bosque, & fiquei
tam penhorado do quevi neste lugar onde me achastes, que
como quem tinha nelle a vida, ou a morte, me tornou aqui
a trazer o fado, & ja me contentarei com saber muito da
causa della. Com essa informaçam (disse a pastora) ta da-
rei mais facilmente do que desejas. Sabe, que este em que
agora estas, chamão o bosque desconhecido, & assi o sam
todas as cousas delle, quem o habita he hum antigo pastor
desta ribeira, que guardou pera o fim de sua idade este des-
canço, tomando como hũa secreta sepultura da sua velhi-
ce tudo o q̃ esta situado, & encuberto nesta penedia. Eu sou
hũa filha sua, q̃ cõ estes trajos, & nestes exercicios gasto os
dias cõ algũas pastor s, q̃ trago na caça por cõpanheiras, e
porq̃ duas dellas me ficão esperando perto daqui, & não sei
o que julgram de minha tardança, dizeme se queres, que
te torne ao caminho, pois neste andas perdido, ou o que
te connem da montanha. O que eu quero (respondeo Le-
reno) he não sayr della em quanto tiver esperanças de vos-
sa vista, pois fora desta, em qualquer outra parte tenho cer-
to perderme, deixaime ficar sobre este tronco com liber-
dade pera vos ver quando tornardes. Nam te consinto es-
sa licença (replicou a pastora) porque tem mil esuios,
mas em lugar della te fique outra esperança, que te pode
render mais: se da minha vista te contentas, & he que ve-
nhas ter a este bosque hũa madrugada depois de passada a
festa dos pastores do Lis, & desse lugar tomaras o cami-
nho aonde vires algũs ramos cortados pelo chão, até sobir
ao cume do monte, & aly te sentaras entre, os ramos encu-
berto, & do que te succeder julgaras, quam grande bem te
ganhou o andar perdido, e guarda em tudo segredo, porque
importa tua vida. Disse isto, & voltando a Lerenos os olhos

brandamente se despedio,deixandoo tam contente do que passara,que o não cria pera poder sustentar no coração o contentamento,que lhe causaua. Ouue-se em fim de partir a seu pesar,porq̃ odia se acabaua, & chegando aos currais achou ja nelles recolhido o seu rebanho, & com o solícito pegureiro se recolheo. Mas pelo espaço da noite que pou-paua mais para imaginar em seu cuidado que pera descanço, & saboroso sono lho atalhaua o bom Serrano, lembrando-lhe o que conuinha a suas ouelhas, & a mudança q̃ nellas fezera o seu descuido, ao que elle respondia com outro maior em algũs suspiros mudos, que dauão final do que a alma recolhia o pegureiro, que o conheceo, querendo por algũa via declarar sua sospeita lhe pediu licença pera cantar hũa cantiga com que lhe aliuiaſſe algũa da melanconia q̃ mostraua, o pastor o aceitou de boa vontade, & tomando Serrano o seu instrumento cantou este vilancete.

*Quem te fez tam differente
Pastor, que sentes que viste?
Pois te vejo sempre triste,
E te vi sempre contente.*

*Andas tranſido, & mudado
Tenho magoa, & tenho dô
De te ver andar tam sô,
E senti sô ao teu gado,
C'rauas ledo & contente,
Choras agora,ãdas triste,
Sei q̃ algum demo tu viste,
Que te fez tam differente.*

*A alegria que ficou
Dos gostos em que te vi
Atras ty se foi de ty,
Com quẽ de ti te trocou
E se ella tambẽ consiste
No q̃ amor não te cõsente
Onde te verei contente?
Se te vejo sempre triste?
Se al-*

Sempre te beijo dar ais,

Como q̃ essa dor te esforça

E donde vem, vê por força

Como não cabem la mais.

Se algum segredo resistẽ

O meyo de esse accidente

Quem sustenta o mal q̃ sente

Busca a causa de ser triste

Q Vifera (disse Lereno) responder as perguntas da tua cantiga, com outra, que ja ouui longe desse valle, mas o tempo, nem o cuidado me dão licença, nã a memoria se lembra de mais, que do sentimento presente, contentate com saber, que este he de amor, & que o padeço por seu gofio, & me conuem callar por seu mandado, Muytos dias ha (tornou o pegureiro) que eu estranho a tua mudança, & não me faltou adivinhar a causa. Mal aja quem te tal tornou, que o demo he, se isso não forão algũas amadias, q̃ te embruxarão, ou algum olhado, que te quebrantou, guarde te hora Deos de o mal hyr por diante, que he consaterriuel pergunta aos mestres, & seras curado, que ja minha tia pelo que em ty vio cada hora mo dizia. Eu te mereço Serrano (respondeo elle) o bom cuydado que mostras de meu remedio, porem não esta na mão de quem te ati parece, o q̃ agora tenho, he esta tristeza: deixame com ella, & com a minha samponha, & indo pera atirar achou sobre ella a carta de Lisa, & perguntando a Serrano cuja era, lhe respondeo que a achara merida pella porta da cabana quando se leuantara, & que não sabia della mais, nem Lereno o quis por então inquirir que o cansaço do dia lhe pedia repouso, q̃ custume he dos males pera enganarem o sofrimento, darem descanso a vida que os ha de sustentar, ainda que por outra via o neguem ao coração.

FLORESTA SEPTIMA.



Esperaram ao pastor suas lembranças junto da madrugada, deu mil voltas ao pensamento, & nelle ora achaua facil o caminho a seus desejos, hora punha a ventura armada contra elles, & entre esta variedade achou lugar pera ler a carta de Lisea com hum rayo de luz, que por hũa greta decia da cobertura da cabana. E porque nem de natureza era esquino, nẽ ja estranhaua forças de amor com quanto a sua afeição principal de tudo o mais o desceuidaua, lhe pareceo bem a carta, & aguardou gabando muito a Serrano os termos della. Leuantarãose pera tirar o gado, & gastou toda a manhã com os pastores que auia muito tempo que o desejauiam, & na festa se apartou delles por hum breue espaço, no qual Lisea o nam perdeu de vista, porque o trazia sempre no sentido, & escondida de longe o vigiava, sentouse elle entre hũas syluas ao pé de hũa faya, que deitaua as raizes sobre as areias do rio, & ali com o rosto sobre a mão esquerda adormeceu, soltando da outra o cajado sobre as cruas, & ainda a pastora o nam teue por seguro no sono quando soube, que nam era so a que o buscava, porque vio, que Enalia hũa pastora do valle de pouca idade, & de tantas graças, que a nenhuma dellas daua ventajem, chegando a elle, & vendo que dormia, com muyta sutileza lhe meteo hũa carta na mão, de que soltará o cajado, & logo com muita pressa traspos o valle, esta faltou a Lisea, em se determinar no que faria, porque entre o receo & a ousadia padecco mil contrários de liberações mas no fim executando a que mais lhe conuinha escreueo outra carta tirando do gurrã os menistros que

que sempre pera isso nelle trazia, depois se foy ao pastor: que ainda estaua sepultado em sono, entregandosse de muitos dias em que o perdera, & com mayor amor, & menos confiança, que a de Enalia, quasi tremendo lhe tirou o papel da mão, & em seu lugar pos o que escreuera, & apartandose para o outeiro abriu a carta de Enalia que continha estas palauras.

DEixo a carta na tua mão aonde tenho a propria vida, pera essa merecer ventura, baste que conheças a causa cõ que me atreui, & que não desprezes os merecimentos de hũa affeição verdadeira, essa pos em teu querer minha liberdade & eu deo a amor o consentimento hoje te dou a posse pera que te conheças por senhor della, se a esta conta me quizeres dar vida como a cousa tua, nos teus olhos a tenho, & elles te diram o nome, que aqui callo, porque nem podem errar em cousa tam certa, nem os meus encobrir o muyto que te quero.

GVardou Lisea a carta de Enalia, & crendo que a sua estaua segura de semelhante successo, tornou para as pastoras, que estãõ juntas ao longo do arcal debaixo dos salgueiros, & inda não seria entre ellas quando Lereno acordou, & espreguiçandose lhe cahio da mão sobre o peito aquelle papel, & abrindoo achou que nelle dizia desta maneira.

VEIO que outrem procura roubar-me o fructo do muyto q̃ te quero, & q̃ tu serras os olhos cõsentindo nesta
sem

Primavera de

sem razão lembrete a que cometes contra amor, que nunca perdoo a vingança de hum ingrato, a que eu posso tomar de ty, he querece mais, & procurar meu dano, não queiras que me defenda quem te magoe, eu te escrevi ausente, porque te não via, & te busco agora, porque ainda em presença me foges, não ousa a me nomear, porque temo que então me desconheças, digote o que sinto, pera que se com isto merecer lugar em tua vontade, te aproneites da minha, que so com hum final de que a recebes ficara contente.

E Stranhou o pastor a novidade como quẽ estaua alheio do q̃ passara em quanto elle dormia, mas conheceo ser a letra, da que Serrano achara na cabana, guardoo ambas, e por se não mostrar penhorado dellas dissimulou o desejo que tinha de conhecer seu dono. Foise aonde os outros pastores, & pastoras estauam, & achou cantando Mileno, & Aulito em louuor dos olhos de Paulisa, a quem Lerenio em estremo queria, porque alem de ser fermosa, & amada de todas as pastoras da ribeira, & da razam de sangue, era em seus segredos de mais confiança, & melhor cõselho, pello q̃ depois que soube a materia da cãtiga estimou mais achar-se presente a ella, que era a que se segue.

n
d
c

Sois senhores olhos negros,
E quantos olhos vos vem
São vossas negros tambem

De pura cobiça amor
(Sem ter isto por agrauo)

Em vos esta feito escravo
Vestido da mesma cor.

Elle

Elle que em vos se foy por,
E quantos olhos vos vem
São vossos negros tambem.

De vos mata amor d'amores
Que é vossos raios tão viuos
Quantos vos vê faz catiuos
E a vos de todos senhores
Quaisq'r olhos de outras cores
Engeitando a cor que tem

São vossos negros tambem.
Os claros verdes rasgados
Azuis, garços, e pōbinhos
Que soem a abrircaminhos
Pera amorosos cuidados
Ficão cegos e eclipsados,
E quando negros vos vem,
Querem ser negros tambẽ.

A Cabou de cantar Auliso, que entre os do valle o fazia
com muyta graça, & logo Mileno a quem competia
diferença, dandolhe a frauta que tangesse, começou tras
elle.

Quem vos ve fica as escuras,
E por isso os que vos vem
Por olhos negros vos tem.

A ninguém consente amor
(Por cubica, ou por inueja)
Que com outros lhos veja
As graças da vossa cor,
E elle que o sabe melhor
Que quantos cegos vos vem
Nunca por negros vos tem.

Se é ser negros sois melhores
Não se alcança desse emprego
Que quem de veruos he cego
Não pode julgar de cores

Se sois negros sois senhores
De quantos olhos vos vem,
E dos meus olhos tambem.

Parece contrariedade
Em que ninguém se assegura
Nacer de hũa cousa escura
Tão fermosa claridade,
Como julgarão verdade
Os olhos q' o mais que tem
He cegar quando vos vem.

Posto que entre os pastores, & pastoras se armava contenda, de qual dos dous guardadores melhor cantara, o nam consentio Paulisia, antes dandolhe iguais graças procurava mudar a conuersaçam em outro proposito de menos afronta sua, tendoa por tal ser louuada em presença, consentiram os mais nesta razão, mal Seluagio, q̃ era em extremo afeiçoado a Enalia, procura algũa com que trouxesse os outros ao seu intento, & disse. Não he justo q̃ estando presentes tantas pastoras tam fermosas ouuindo cantar dos olhos de Paulisia, que com muyta razam foram celebrados, fiquem ellas sem a parte do louuor, que se deue aos seus auendo alguem que comece eu o seguirei, ao que Lereno respondeo, por lhe dar a conhecer, que o entendia. Melhor sera pois tu lembraſte hũa couſa tão diuida, que te nhas a escolha dos fugeitos, que estão presentes, que eu dê-te mão escolho os olhos de Enalia, porque em extremo me parecem bem assombrados, & ainda que o elle dizia por furtar a empresa a Seluagio, nam o cuidou a pastora antes ficou tam contente, que o mostraua no rosto, mas igual differença tinha o de Lisea, que posto que conhecesse o lanço do seu pastor como amaua de verdade, consentia facilmente entrada a hum receo, & com este quis atalhar aquella de terminaçam. Eu como mais desemparrada posso requerer minha justiça, dado que seja contra a que estas pastoras têm de serem louuadas, mas como ha de ser em presença sua tenho por menor a offensa que lhe faço, que a que cada hũa deilas recebera de tal competencia, & quando aja na companhia algũs pastoras, que a queirão ter por fazer esse goſto a quem seruem, outro dia auera, que seia toque de suas galantarias em que ellas tenham melhor lugar, & digo isto, porque não sei o q̃ me ficara dos seus lououres. Posto que todos entendião, que esta razão era de confiada, lhe obedeceram

cerão, & pedindolhe que escolhesse fugeito pera occuparê o dia, lembrou que cantasse Lereno que auia muito tempo, que entre elles o não fazia, ao que elle por rogo de todos obedeceo, & tirando samfonha começou.

Passa o bem como sombra, & na memoria
 He mayor quanto foy mais deziado.
 A pena insina a conhecer a gloria
 Não se conhece o bem senam passada.
 Em mim o caso soube desta historia,
 E no que me mostrou ja meu cuydado
 Vejo no que não vejo, & no que via.
 Quao pouco tempo dura hũa alegria.

Quanto melhor me fora se não vira
 Hum enganoso, & vão contentamento,
 Que ainda que saltarme aly sentira
 Era muito menor o sentimento,
 Mas vio minha alma o bẽ porque sospira
 Foy eras elle seguindo o pensamento,
 Que como era nouel nam conhecia
 Quam pouco tempo dura hũa alegria.

La numa regiam muito escondida
 Dizem, que gente humana vine, & mora
 Que por ordem dos Ceos não corrompida
 Ve cada dia o Sol hũa so hora.

Bem

Primavera de

Bem fora venturosa a minha vida
Se por esta medida o bem lhe fora,
Mas tiue so hũa hora em hum so dia
Quam pouco tempo dura hũa alegria.

Foy hora, & foy tão breue passou
Qual passar soe o rayo transparente
Hora que no começo se acabou
Pera se conhecer depois de ausente.
O tempo em fim por hora ma contou
Que sempre escõde, cega, engano, & mête.
Mas verdade era o que elle me dizia,
Quam pouco tempo dura hũa alegria.

Porem vos fados meus, que permitistes;
Que tam cedo este bem se me acabasse
E que tam largas horas, & tam tristes
Hum tão breue momento me pagaſſe.
Não me encurteis o bem cõ que fugistes
Pois em tẽpo o não vi que me alegrasse.
Vio pera me ver nesta agonía
Quam pouco tempo dura hũa alegria.

A Cabada a cantiga, que a todos moueo a saudoso sentimento, & muito mais aos que por amor o conheciã. Apartarãse os guardadores pello valle pera com a decida do Sol recolherẽ seus rebanhos, & ainda naquelle espaço

espaço, que ficava do dia o buscou Lisea pera se encontrar com a pastora Enalia, porque sua desconfiança nam soffria tardarlhe com desenganos, mas vendo, que não se apartara da companhia, tomou so o caminho do môte junto da noite, cantando o seguinte.

Tudo pode hũa afeição.

*He muito fraco poder
O de quem teme a ventura,
Que se ousa acometer
Lucamente ha de temer
Como em cousa mal segura
Mas se a força de hũ cuidado
Que viue da opiniam
Despreza a ventura, & fado
Em quem viue neste estado
Tudo pode hũa afeição.*

*Pode a pena fazer gloria
Fazer facil o impossivel
O catueiro victoria,
O mar descuido memoria,
E visivel o inuisivel.*

*Vencer pode a liberdade
O juizo, & a razam,
O desengano, a verdade,
Que quanto pinta a vôtade
Tudo pode hũa afeição.*

*Estranho effeito de amor
q̃ a seu nome honra ê fama.
Dino do maior louvor,
q̃ he no mundo o mor senhor
Aquelle que melhor ama.
Vence o tempo leue, & vau,
Vence as mudanças da sorte
Sona se da presunção,
E ainda noẽ q̃ falta a morte
Tudo pode hũa afeição.*

FLORESTA OCTAVA.



Pareceo o Sol ao outro dia tam incuberto como que não ousava sayr do seo das nuuẽs de modo, que passada grande parte da manhã, nam sairam ao pasto com os rebanhos. Com tudo porque cuidados nam deixão perder tẽ

Primavera de

po, não respeitou Lisca o q os outros receação, sahio com o seu fato por hum caminho mais desviado, & levando as cabras por hũa fraga acima entre mui espessas giestas, que com a fermosura de suas flores, & o esmalte do cristalino orvalho, saudosamente se mouião, & sentada debaixo de hum penedo, esteu vigiando o valle, buscando com os olhos quem trazia nelles. Quando vio atraveçar por entre as oliueiras decendo para o prado hum vaqueiro, que diante leuaua hũa vaca loura manchada de branco com hũa crotella na testa, & hum nouilho da mesma cor, & tras ella hia tangendo hũa sanfonina tam suamente, que os passaros do ar se tornauam aos ramos vezinhos, & de elles pendurados o ouição, & não muyto longe vinha Enalia com as ouelhas ao longo do rio, a qual suspensa no tanger, se deteue encostada ao tronco de hum amieiro, te que o vaqueiro aly chegou, & saudandoo lhe disse: Deos salue o vaqueiro que tambem tange, ditosa a pastora, que te ama, & te merece, se em o mais tem a mesma razam de viuer contente. E aty (disse elle) de o que desejas, que bem sera mayor ventura a de quem te serue, que a de quem for senhor de minha liberdade. Nam creio eu, pello que em ty vejo (respondeo a pastora) que te sugereisses sem grande occasiam, & tambem conheço a pouca q tenho de ser querida, mas se em meu parecer achas algũa parte pera te pedir por ella, te rogo que cantes algũa coisa dos teus amores. Hora (replicou o vaqueiro) pois te pareceo bem a minha sanfonina, pode ser, que a voz tenha a mesma ventura, cantarte ey hũa cantiga, que ja cantei em outra parte a quem a tinha muyto maior em meu coraçam. Dize por tua vida (tornou Enalia) q nisto ma daras, & eu ta offereço pera o q for de teu serviço. Logo o vaqueiro depois de tanger hum grande espaço, começou a cantar estas endechadas.



E squina ferrana
 Ferosa & discreta
 Inueja do valle,
 E gloria da serra.
 Tu que contra amor
 Moues tanta guerra
 Cos olhos azuis
 Das pestanas negras.
 Inda que ferosa
 Não sejas isenta.
 Que ser mais esquiva
 He ser menos bella.
 Não fujas ligeira,
 Que estaras cansada.
 Pera seguir depois quẽ te não qira.

Ainda que effaboca
 Com razam pareça
 Mina de robins
 Em cristal aberta
 Inda que o final
 Sobre a face bella
 De escuro entre as rosas
 As do valle seca
 Ainda que amor
 Cres que te obedeça
 Sobre mil seguros.
 Guarte não no creas
 Não fujas ligeira.
 Que estaras cansada,
 Pera seguir depois quẽ te nã queira.

Ainda que os cabellos
 Em louras madexas
 Feitas crespos rayos
 Como o Sol te cercão
 Inda que se mostre
 No Ceo dessa testa
 Ser a neue escura
 Posta junto a ella,
 Inda que os teus olhos
 Pera mor belleza
 Tenhão cor do Ceo,
 E lume de estrellas
 Não fujas ligeira,
 Que estaras cansada
 Pera seguir depois quẽ te não qira.

Essa liberdade,
 Que agora sustentas
 Não na guarda amor
 Que viue de inuejas
 Ay do meu cuidado,
 Que não lhe aconteça
 Ter nestes desprezos
 Vinganças alheas
 Se por ser vaqueiro
 Tanto me desprezas,
 Mal aja ventura,
 Que me nega ouelhas
 Não fujas ligeira,
 Que estaras cansada
 Pera seguir depois quẽ te nã queira

TA L he a minha pastora (disse o vaqueiro (qual ouuise,
 te, & eu tam pouco engraçado nos seus olhos, que nunca
 mereci ver differença nos disfaiores com que me tratão
 julga agora sendo ella tam fermosa, se tem razão, & eu
 sendo tam moço se tenho algũa de esperar, galardão do q
 lhe quero. A isto respondeo a pastora, que com muyto go
 sto o escutara. Em ambos vejo muy grande a razam de ser
 inuejosa, nella alem de tantas partes de fermosura a char
 quem assi saiba amallas & conhecellas, em ty alem das q
 tens ser tam bom amante, que entre tais descōfianças mo
 strar mayor fe. Porem nem ella sera tam mal aconselhada
 que a nam estime, nem tu tão, desfavorecido, que sejas en
 geitado mas ha huns maos de cōtentar) ou quasi todos os
 homẽs o saõ) que por se não satisfazerem com o que o tem
 po lhe da de seus amores, se mostrão nelles desesperados, e
 isto se pode crer mais, que o que tu pregoas. Folgo (repli
 cou o vaqueiro) que me tenhas por mau de contentar,
 & bom cubiçoso, que ja se o for do que vejo pecarei por
 minha condiçam sem te fazer offensa. D'esse pecado (tor
 nou ella) estas seguro, que quem esta tambem empregado,
 não escolhe tão mal, & se o dizes com engano tambem sei
 os que correm, & o que tenho em mim, & assi per ambas
 as vias perdes o feitio. De perder sey eu (disse elle) porque
 nunca me aventurei, que ganhasse, mas nem o emprego,
 ja fiz me podia tirar este, nem posso fazer engano a quem
 be o muito que se lhe deue, antes pode servir de mereci
 mento onde os outros faltam dizer, que soube amar bem
 porque vendo a differença, que tens de todas, julgaras
 que farei em te querer, se me accitares por teu vaqueiro.
 Tanto diras disso (lhe respondeo Enalia sorrindo) que me
 arrependa de regabar de bom amante, & nam me parece
 tão mal, q tu de seje fazer este, pello q rogo, & q mudemos
 o propo

o proposito, & me digas aonde leuas essa vacua & novilho
que tam fermosos sam, Deos tos guarde. Estes (disse elle)
leuo de presente a hũs noyuos que se ham de receber o dia
da festa, que he a manhãa, se effes te contentam, ou os mais
da boyada, como do seu guardador te podes servir. A tua
vontade estimo eu muyto (respondeo ella) mas a offerta es-
ta melhor empregada, & pois te as de achar a manhãa nos
folgares, la me veras, com isto se apartou, & o vaqueiro cõ-
tinuando com a musica de sua sanfonina, foy segundo o
caminho, que leuava, & Enalia atras do seu gado, foy cantã-
do esta cantiga.

Pus a vida na vontade,
E ambas pus noutro querer
Temo, que se hão de perder.

Com razam viuo em receo
Deste mal q busco, & quero
Porque me nace o que espero
Do que sem tempo me veyo,
Fiz o meu querer alheio
Verdio, & deuo temer,
Que a vida se ha de perder.

Que esperanza sera a minha
De ter noutrem liberdade

Perdendo a propria vōtade
Quãdo é meu poder atinha
Dei a aquê lhe não cōvinha
Porque esta noutro poder
Temo, que se ha de perder,

Eu tras ella ando perdida,
E ella perdida atras quem
Nenhũa lembrança tem
De ver que vay nella a vida.
Ambas leua de vencida
Quem noutre pē seu qrer.
E ābas neste ey de perder.

Ainda tinha pouco andado do valle, quando encontrou
Lisca, a qual do penedo donde estana a diuisou, & parecen-
do-lhe tempo pera a por em odio com Lerenio confiado

Primavera de

dos meyos, que pera isso tomava, & da pouca firmeza, que a idade de Enalia prometia, que fazia mudança em seu intento, com a dissimulação, que lhe convinha chegando a ella a saudou, & disse: Melhor me succedeo a vinda do que cuidava, pois na ventura venci o desejo, que acudindo a musica do vaqueiro, cheguei a ouvir a tua, que em extremo de sejava, & foy ella tal, que me deixou entre mil inuejas. As que tu fazes (disse ella) a quem te ve, dam a conhecer estes lanços de confiada, mas eu o quero ser do que cantei, com quanto me pesou não ouvires o vaqueiro, que por estremo he engraçado. Tinhas arte (respondeo Lisea nam pouco maliciosa) se lhe estares afeiçoada, següdo o ouvias a teu fabor, valeote ter raizes noutro lugar. Raizes não (disse a outra) porque as não consente minha opinião em final da liberdade de que me prezo: Que fora (tornou Lisea) se eu não soubera, quem he senhor della, & em q parte prendem as tuas raizes. Parece-me a mim (replicou Enalia) que nunca dei folhas por onde alguém mas achasse, deue ser esta tua sospeita enganada, pois eu, que sei melhor os meus segredos, não sei esse: folgarei que te desfoganes, ou me digas o que présumes. Antes (disse a outra muito segura) quero que vejas clara a certeza, que tês por encuberta, & podeste que da tua letra a conheças. A isto ficou a pastora sem receando o que podia ser, & tirando Lisea do curram carta, que tirara da mão a Lereno, & conhecendo a Enalia ficou muda. Nam me negaras (disse a outra) que da tua mão deste esta carta na de Lereno. Nam (respondeo ella) nem merece menos que fazer esta confissam, quem emprega tão mal sua vontade, q a poem em hũ descortes & ingrato pastor. Nesta conta o nam deues ter (replicou ella) por o que te obrigou a fiar delle esta carta, o forçou a que me desse

desse, antes auias de estimar muito occasião, que ao menos te seruire de auiso & desengano pera o que delle esperauas Tanto te quer Lereno (disse Enalia) & em tam pouca conta me tem a mim, que poem em tuas mãos o que eu so da sua confieçã. Nam querera o Ceo ainda q̃ eu tenha o que me reci, que elle nam pague o que me fez. A ty por agora rogo, que como mulher me guardes o segredo, que elle me deuia, e me tornes essa carta, pois he minha, & em mam alhea corre perigo. Obrigote minha se (respondeo ella) que ainda a quem tu queiras que a veja, o nam saiba de mim, a carta te nam posso eu dar sem licença de quem ma deu, mas te asseguro de que outrem a veja, ate tornar atua mão. Cõ essas palauras se aquietou a enganada pastora, & com as lagrimas nos olhos deixou a Lisa contente do successo, cuidando, que nelle estaua o de seus amores, mas considerando depois o que lhe faltaua pera o acabar, & as mudanças que a ventura tem, se assentou ao pe de hum salguciro junto do rio, & ao som das agoas, que nelle quebrauam, cãtou o seguinte.

Vêci por arte hũ perigo,
Duidoso,

Mas outro mais perigoso
Busco & sigo:

Pera poupar o inimigo,
Que me mata

Offendo a quem o maltrata
Quem vio tal,

q̃ eu busco forças ao mal
Cõ q̃ amor me disbarata.

Permita elle que não seja
Esta victoria.

Dar a quem me vence a gloria
Da pelleja.

E que me não faça inueja
Conhecida:

A que leuo de vencida,
Neste engano,

E q̃ não busque em meu dano
Armas pera ser ferida.

Primavera de

Mas amores tu me defendes,	E pois guias o começo
E me aprazes,	Como quero.
Porque so do que não fazes	Faze que veja o que espero
Te arrependes,	Do successo,
Se eu te offendo, aty te offêdes	A vida te dou por preço
que este enleo,	Se ma deres,
Con q meus males grangeo	E se de meus bês quizeres
He sem temor,	So ser Rei
Porque nas obras de amor	Em teu nome gosarei
Vence a vontade o receo.	As merces q me fizeres.

Atalharam ao seu cantar os pegureiros, que andauam ao longo do rio colhendo ramos, & canas verdes pera ao outro dia entamarem as cabanas, & porque em vespêras de festa os guardadores recolhiam mais cedo o gado, levou Lisea o seu aos currais, nam perdendo a lembrança de seu cuidado, que aonde os de amor tem lugar, sempre occupam o melhor. E como elle, & o feruor da idade nam consentiam a Enalia deliberaçam, foy logo buscar a Lereno, & encontrando o perto da cabana, lhe fallou, & vendo que elle mostraua sembrante ledo, disse. Ha no mundo Lereno, que te sabes fingir pera mostrar bom rosto a quem tens tam ma vontade, ao que elle respondeo muy to risonho, se tu sabes a verdade da minha, pera que a trahas mal, que ainda em zombaria he ingraticam, so hum queixume podes ter della, & he nam mostrar no rosto o lugar, q te da no coração. O que me tu das como inimigo (respondeo ella) te não mereci eu pelo que te quis, mas fiey me de ti, & ainda se nam conhecia as tuas palauras, com ellas me enganaras por quam bem me pareciam. Agora (disse elle qua

si tu

si turbado) suspeito que fallas de siſo, & ſe tal he não me te
nhas ſuſpenſo. Como tu diſſimulas (reſpõdeo Enalia) aſſi
me veja eu vingada, pois com hum engeno queres reſtituir
o deſcredito em que me poſeſte. Se a minha carra te abor-
recia, não baſtaua conheceres a cauſa donde naccio, para a
não entregares em mãos de Liſca (ſe moſtrar que te ama-
ua, era etto, não baſtaua por caſtigo, que me deſenganaffes?
que ley? que ſe? que amor conſente? que grangees a cuſta
de minha honra a vontade alhea. Enalia (diſſe o paſtor bra-
dando) eſpera, dizeme o com que me condenas. & de que
te queixas, que te juro que o nam ſei. Se queres (proſeguiu
ella) que te conte a hiſtoria, pera te renouar o goſto della,
ate iſſo farei, porque eſpero ter em tudo vingança, q̃ nunca
ingratos perderão caſtigo, dormias, & eu vigiaua pera te
buscar, não cuidando que niſſo buscaua minha morte, pus
hũa carta na tua mão de que ſoltaste o cajo, & eſta achei
agora na mão de hũa inimiga a quem a deſte, & ſem razam
lhe chamo eſte nome, pois tu ſo o mereces, que diſculpa
me das, pera que com diferentes eſtremos não moſtre ao
mundo, que es hum traidor deſconhecido? Nam pode a ra-
zão ter valia (diſſe o paſtor) endea paixão eſta tam pode-
roſa, mas quero Enalia, que com ella vejas o pouco funda-
mẽto de reus queixumes, & moſtrarte eſſa carta ſe he hũa
que acordando eſtroutro dia ao longo do rio me cabio ſo
bre o peito a qual, nem eu tenho por tua, nẽ ategora ſahio
do meu curram, & dizendo eſtas palauras, que ella ja ou-
uia mais quieta, tirou a carta, & lenoa a paſtora conheceo
a letra, de Liſca, & julgon das palauras o que com a ſua
podia acontecer. Porem neste tempo appareceram por cima
do outeiro outros paſtores, & Enalia ſem despedirſe, to-
mou o caminho do valle, despedindose cõ os olhos de Le-
reno,

reno, leuando consigo a carta sobre, que ja hia fundando suas vinganças, lendoa muytas vezes, & achando mais clara a innocencia do pastor, & a malicia de quem a trocara, queixandose de si por quam mal tratara a quem tanto queria, cousa natural de quem ama: mas porque o dia era acabado se recolheo, & Leteno cõ os mais pastores ficou praticando nas festas da Aldea, que em bẽs, que chegando passam, o melhor saõ as esperanças.

FLORESTA NONA:



AHIO a rosada Aurora a descobrir o dia, & tras ella veyo o Sol tam fermoso, q̃ Thetis desejava a vinda da noite, pera cõ inueja das estreilas, gozar nas agoas sua fermosura. Veitiane os pastores de festa, afinauam os instrumentos, coroaunse de flores as pastoras, & com vestidos de varias cores, & diuisas começauão a celebrar a gloria do dia: estauam as cabanas enramadas, & com namoradas tentações sobre as portas, as ruas cubertas de verdes & floridas espadanas, onde se ouuiã ja as frautas, & tamboris das danças dos pegureiros, as folias da aluorada, & entre tudo obalardo gado, que os pastores trazião cõsertaua tal armonia em os corações presentes, que ainda os que eram a cuidados de amor sugeitos os sentiam menos, & com este meio dissimulou Enalia os seus, assi que tomando delles a licença, se ornou pera a obrigaçam dos folgares, que se faziam em hum espaçoso valle, que alem da fermosa verdura com que a natureza o auentajou de todos os daquella ribeira, estaua cercado de muytas arvores verdes, que postas em muro por hũa parte o rodeauam, & da outra o rio, que cõsaudo:

faudosa volta o vay cercando por entre os seus altos aru-
redos, & assi d'entre elles, como na espessura, que defrõte
faziam os trasplantados ramos, auia muytas fontes de arte
ficio, & muitas figuras pastoris, que em vulto representa-
uam memorias antigas em honra dos pastores, No meyo
de todas, sobre hum penedo cuberto de verde era ao pe de
vn freixo, de cuja altura cahia hũa vide, que com a verde
latada de suas folhas fazia no alto hum gracioso guardaço
estaua leuantado o satyro Pam, deos dos pastores, como os
antigos o pintaram, com a sua frauta de canas coroad de
suas folhas, d'entre as quais sahiam muytas flores, que em
ramalhetes se juntaram sobre os cornos, dos altos ramos
cahiam pendurados todos os instrumentos necessarios a
pastura dos gados, & a musica dos pastores, & junto a raiz
do penedo sobre dous raseiros, q̃ muito ao natural represen-
tauam, auia hum quartel, no qual sotilmente estaua enta-
lhado este soneto.

Nimphas as que fugis de quem vos ama,
E a morte a muitos dais mal merecida,
E tendo por vitoria tal fugida
Cahis nas mãos do fado, que vos chama.
De hũa Nimpha cruel vos lembre a fama
Que do syluestre Pam foy tam querida,
E por ingrata, & dura conuertida
Se vio en cana vã, & em verde rama.
Aquelle peito bello, ingrato, & duro
La transformado em cana, a frauta amada
Tem d'ella o vencedor pera diuisa,

Não

Primavera de

*Não ha contra o amor poder seguro,
E mayor pena a sorte tem guardada
A quem de alheos males não se anisa*

Não muyto longe desta estancia sobre o arco de hũa fôrte, que com estranho arteficio sahia de hum remanço do rio, estauam sentadas Ceres coroada de louras espigas cõ hũa fouce na mão direita, & na outra hum arado, Pomona com hũa capella de verdes fruitas, sacodindo hũa aruore, que com o peso dellas se vinha e terra, & Flora com hum vaqueiro de primavera, & hũa grinalda de flores sobre os cabellos, & na mão hũa poma de cristal laurada de laçaria de ouro, de que estaua soltando cheirosos borrifos, que cahiam sobre a natural verdura do deleitoso prado. De frõte dellas estaua sentado sobre hum penedo o pastor Paris, & diante delle cubertas de sotil veo as tres deusas, q̃ pretendiam a maçã d'ouro, q̃ elle tinha na mão, mais duuidoso na escolha da peita, que na verdade da justiça, & sobre hũa fãia a que Venns estaua encostada, se via este letreiro.

Foy o juyzo de amor

De belleza a differença

Entre Deusas, & a sentença

Foy dada por hum pastor.

Abaixo desta estancia ao pe de hũ loureiro (de cujo tronco sahia hum esguicho de agoa, que em hum tanque de cipeissa murta com estranha ordem se escondia) estaua Apollo em trajo de pastor coroado de suas folhas escreuêdo no tronco este letreiro.

Do

*Do amor, que a Dapne tinha.**Este teve a mor ventura,**Que em si esconde a figura**Deixando a sombra por minha.*

FRonteiro desta estancia a sombra de dous copados salgueiros, estava Mercurio vestido de pastor, tangendo diante o vaqueiro Argos a sua frauta, o qual dos seus cem olhos adormecia, descuidandose com a suavidade da musica da vaqua, que guardava, & dizia hũa letra, que estava sobre hum salgueiro.

*Mal se defendem os olhos**Do que os sentidos engana.*

AQui se ajuntaram todos os pastores daquella ribeira, & de todos os montes vezinhos, & com grande alegria & aluoroço occuparão o terreiro, mas não tardou muito, que de hũa lapa, que ao longo do rio estava encuberta entre hũa aueleiras, sahio hum satyro cuberto de folhas de era, & na cabeça sobre os cornos hũa capella das mesmas folhas tecidas com muytas flores siluestres, & tras elle sahio hũa dança de pastoras com capirotos de verde claro com viuos & borlas brancas, pellicas crespas, & alvas debruadas da cor dos capirotos, & em lugar de cajados canas verdes nas mãos, & estas tomando do terreiro, dançarão com estranha graça & galanraria ao som de hũ salteiro que o satyro lhe tocava, & fazendo suas ordenadas mudanças, forão offerecer ao semicapro Pão as verdes canas, em memoria da sua Nimpha nellas conuertida. E acabadas as continencias de cada hũa, duas ao som de novos instrumentos cantaram o Soneto, que no quartel estava escrito

cicrito, & acabado, se sahiram daquelle cerco, & logo por outra parte delle entraram dous vaqueiros anciãos vestidos de festa, dos quais hum tangendo hũa sanfonina, & outro hum arrabil, que com ella consertava, tomaram lugar no campo, & depois delles hũa dança de pastoras com vaqueiros quarteados, & com grinaldas de flores també tecidas, que mais pareciam ter nacido aly naturalmente, que serem obradas pela mão da arte, mostrarão ellas tanta emparecendo, que quasi todos se descuydauam das que com tão sabor tinham visto, & ouvido. Lisca, que as guiava, vestia hum vaqueiro de quartos laranjaado & pombinho com franjas de prata, hũa grinalda de lasmins, & cravelhinas entremetidas com algũas rosas brancas, que entre verdes folhas da roseira tinhão mais graça, hũas alparcas abertas tomadas com algũs botões de bem mequeres entre fitas laranjaadas, com hum arco sotilmente laurado, em cuja volta ficaua a todas hum lugar capas pera compreender as teneças de seus amores, que algũs por serem conhecidos, & outros pela galantaria com que encobriam o que mostrauão crão de todas celebradas as diuissas, a de Lisca era em campo de ouro hum Pelicano, ferindo o peito sobre os rencores filhos, & ao pe dizia esta letra.

A custa da minha vida

Sustento a de meus cuidados.

A Primeira da banda direita, que todas vestiam de encarnado, & branco, com as mais guarnições, que a guia leuaua. Era Timbrea não menos namorada, que fermosa, tinha no arco pintada hũa cadea ferrada em duas voltas, & no campo que deixaua, em letras esmaltadas de ouro este mote.

Sentirei

Sentirei a occasiam

Deste mal que amor me ordena

Se com o tormento da pena

Me tirarem da prisam

A Segunda era Nise, que isenta das penas de Alceo não conhecia nada das de amor, antes despresava seus poderes, imaginado, q̃ o de sua fermosura a podia liurar de su geições alheas, & leuava no arco em campo de prata hũa rosa metida entre altos espinhos, & ao pe esta letra muito confiada.

Mais fermosa, & mais segura.

D E pois desta vinha a namorada Ardelia menos confiadã no emprego de seus cuidados, do q̃ lhe merecia quẽ na alma os guardava, tendo por mais facil encobrir amor, que descontentala, & trazia no arco em campo brãco hum Fenix, fazendo o ninho ao olho do Sol com esta letra.

Noutro me abraço & consumo

E he justo que o sofra & tenha

Pois nos olhos trago a lenha.

T Ras ella vinha a linda Florisa, a quem o perigo de hum segredo tirou o bem de hũa affeição, & leuava no arco hũa seta atraucada cõ o sangue te as penas, & dizia a letra.

Desta, que amor me tirou

Na alma a farpa se escondeo,

Mas o mal se conheceo

Pela pena que ficou.

A Ultima das de encarnado & branco era Pineã tam liure como bella, & leuava no arco em campo de ouro,

Cupido

Primavera de

Cupido com as mãos atadas atrás, & o arco quebrado sobre a aljava, & dizia nella esta letra.

Comigo nam val amor

E sem mim não tem valia

A Primeira das da outra parte, que vestiam de azul claro & amarelo tostado, era a fermosa, & descontente Oliua & pelo que esperaua de sua afeição, leuaua no arco em campo amarelo a roda da Fortuna tirada do eixo, & ao pe este mote.

Não dara corte a mudança.

Neste mal em que me vejo

Porque creceo no desejo

O que falton na esperança.

A Segunda era Risarda em estremo discreta & engracada, que posto que liure, sentia bem dos cuidados de amor, & por mostrar esta vontade, leuaua em campo verde hum melto, olhando pera o laço, que lhe armaram sem cayer nelle, & dizia a letra.

Nem lhe fujo nem me enlaço.

A Que atras ella vinha era Learda, a qual tendo o seu pastor muyto tempo ausente, se mostrou sempre firme seguitando os impossiveis com que o tẽpo lhe impedia guardar a fe de seus amores, desprezando os de Albano irmão de Lisca, que era pastor muyto rico daquella montanha, & alem dos bens do seu gado, rinha outros muytos da natureza, que não bastauão pera a obrigar, leuaua no arco hũa forte, que impedida com hũa mão a corrente, lançaua a agoa por cima com mayor furia & dizia a letra,

Pello

Pello lugar donde nace
 Crece mais minha afeicam
 Contra o poder da razam.

A Que logo depois della se seguia era a linda pastora Ena-
 lia, não pouco offendida de quem a guiaua, & tinha no
 arco em campo de Ceo hum Açor voando, & dizia letra,

Tambem o ousado recca,
 E ambos temos por guarida.
 Sustentar a propria vida
 A custa da morte alhea.

NO derradeiro lugar vinha Clarea, q̃ em premio de seu
 amor mal empregado sofria os disfaues de Albano
 & trazia no arco em campo branco hũa borboleta, que se a-
 cendia em o lume de hũa vella enganada na fermosura de
 sua vista, & dizia a letra,

Quero bem a quem me mata.

FOy esta mostra tam fermosa, que todos julgauão, que na
 vista dos trajos, & diuisas se gastasse o dia, que ainda
 pera tantas galantarias era pequeno, mas muyto melhor
 pareceram, quando cada hũa dançando mostrou sua graça
 & defenuoltura, leuando ligeitas tras si as vontades dos
 pastores, que as olhauam, & com estas se sayram do terrei-
 o, onde logo se começou a ordenar a luta, cujo prego era
 hum nouilho branco, machado de negro com o pe, & mão
 direita calçado, o topete louro, & crespo, donde lhe decia
 hũa sylua branca, os cornos de meya volta, raiz negra, &
 ponta aguda, estaua atado a hum alto amieiro com hũa ca-
 F pella

pella de muytas folhas, & em quanto os cubiçosos lutado-
 res se consertauam pera a contenda, entrou hũa folia dos
 guardadores da ribeira, com vaqueiros verdes semeados
 de malmequeres brancos, & amarelos, & os da outra par-
 te de leonado semeado de flores de borragem: o tambo-
 trazia hum vaqueiro quarteado de ambas as cores, & guar-
 nições, & assi elle como os mais traziam capellas de sylua,
 & erua cidreira, entremetidos alguns cravos miserados,
 estes cantando graciosas chacoras, rodearam com muyto
 aluorogo o terreiro, ate que ao som das trombetas & fan-
 foninas sayram ao campo os que nelle auiam de lutar, dos
 quais o primeiro foy Clorino, nomeado na montanha por
 pastor de muytas forças, & marauilhosa destreza (como
 logo aly mostrou a custa de Penalio) que nam lhe valendo
 a arte dos pes em que tinha mayor sotileza, depois de
 grande espaço veyo a terra, onde se elle quiseria ver se
 terrado por não padecer tal vergonha diante de Oliuia a
 quem era afeiçoado, & ate a sua presença lhe valeo por
 co, & menos a Fajardo, que ainda que era em forças auen-
 tajado, & duas vezes leuaua o contrario de vencida ouue
 se elle com tanta arte, que falsando lhe hũa trauesa, o reu-
 rou por cima do hombro esquerdo deixando estendido
 no campo, aonde ficou por hum espaço sem sentido, ate
 que seus companheiros o leuaram, & os de Clorino o co-
 briam de ramos verdes como a vencedor, & todos os
 mais pastores vendo, que ja nenhum se aprestaua pera lhe
 sayr, tinham por sua a vitoria da luta, mas nam no imagi-
 naua Lucelio (hum pastor estrangeiro natural do Le-
 ça) que ainda determinaua provar a ventura, & de subito
 pareceo no terreiro com tanto animo, que Clorino com
 sua vista perdeu parte do que tinha cobrado, mas ainda
 com mostras d'elle, remeteo a ganhar lhe os braços, por
 achou

achou os tam duros, que pretendia ja igualar com a artcas
 forças, que a Lucelio acentajauam, mas nesta era elle tam
 destro, que arcando, ambos vieram a terra, trazendo Lucelio
 o contrario diante si, como peso de suas forças sogugado,
 & elle se liurou ainda de maneira na pancada que ficou
 a queda duuidosa, & mandandolhe os juyzes contender
 de nouo, ainda que Clorino andaua affaz cansado, animosamente
 se defendia; cõ tudo enfadado o outro de elle lhe
 durar tanto, procurou soltalo do ar com muyta furia, & o
 contrario vendose em aperto, lhe lançou as mãos ao pescoço,
 mas falsandolhas Lucelio com a cabeça, elle cahio em
 terra com grande desmayo de seus companheiros. Logo
 aly começaram as festas, & grita dos pastores tornarão as
 danças & as folias, & com as cerimoniaes acostumadas deram
 ao vencedor Lucelio o preço da luta, & acabada ella
 porque ja se fazia tarde sahiram quatro pastoras muy ricamente
 vestidas com seus vaqueiros roxos franjados de brãco,
 & grinaldas de flores sobre os dourados cabellos, & ao som
 de quatro violas d'arco, que tangiam, cantaram o seguinte Ode.

La vai fogindo o dia

Por entre os altos montes,

O sol se vay nas ondas escondendo

La como aples feria.

Não toca as claras fontes

Antes em suas agoas se esta vendo

Deixando o verde louro

Pera yr mostrar ao mar seus raios d'ouro

Primavera de

Ja o vento emmudece
Que andava na verdura.
Fazendo entre as boninas nova inueja
Com sombras se enristece
Dos ramos a espessura
Onde nada se ve, que alegre seja
Os passarinhos ledos
Mudos descansam ja nos arvoredos.

O Ceo se mostra escuro,
Escurecesse o prado
Esperando outra cor da luz alhea,
So se ouue o murmuro
Do Lis, que ja cansado
Com as ondas abraça a loura areia,
E junto a relua verde.
A fermosura a cor a graça perde.

No extremo Occidente

As nuuens rocilantes
De roxo escuro ja se vam fazendo,
E do claro Oriente,
Estrellas de diamantes
Por entre as pardas sombrar vem röpendo
E ausente a luz Phebea
Diana sobre as agoas alomea.

Deixe-

Deixemos a floresta

A criste Philomena

Que ao longe ja de nos se vay queixando

Acabe a nossa festa

Comece a sua pena

A memoria dos males renouando

Que para hũa alegria

Sempre cortou o Sol horas ao dia.

Viva em nos a memoria

Deste contentamento

Em quãto o prado der pasto aos carneiros

E creça sempre a gloria

Do nouo vencimento

Assi nos naturais, como estrangeiros

Celebrem os pastores

O deuído louuor de seus amores,

A Cabando de cantar, & saindo do terreiro as quatro pastoras (porque a festa era acabada) cada hum guiou para sua cabana, enchendo de musicos acentos todo o valle, que com omudo da noite concertaua estranha armonia, te que em breue espaço ficou o prado so, & a noite escura, offerecendo doce repouso aos trabalhos do dia, que ainda q osde gosto senam sentem, depois pelo costume todos cantam.

FLORESTA DECIMA.



QUANDO PASSA TEMPO das festas, & a alegria dos pastores, nam tiueram a Lereno, o senão do de seus cuidados pera quem guardaua o melhor do dia, & ainda que no passado não pode fugir ao ajuntamento dos outros pastores, pretendia recuperar esta pedra, que tinha por grande em entregar os outros a tristeza, da saudade, & ao receio de lhe faltar a gloria prometida, que era ver a sua senhora outro dia no valle desconhecido, & gastando as horas de esperança desta, se foy com as ovelhas decendo hum pouco sobre o valle onde pastaua, & desuiado hum pouco dos rafeiros, foi ter a hũa fonte, que ficaua entre duas ribeiras que naquelle baixo se cruzauam, & estaua ella tão escondida entre huns penedos cubertos de lingua de cereja, que escocamente se conhecia pela queda das lagrimas que cahiam do alto estilladas pela verde auença que sem se molhar as despedia sobre o claro remanso. Chegando o pastor a vista della, se deterue no estreito caminho, por nam estrouar a hum roixinol, que de hum ramo de aueleira com saudosos assouros, fazia hum sonoro Eco entre os montes, & depois de redobrar com mil queixumes a cantiga, de hum voio se passou pera hũas arvores altas, que da outra parte ficauam, enram foy o pastor adiante, & ficou muyto mais confuso vendo a Lisea, que sentada sobre hũa pedra da fonte tinha em o cham escritas estas palavras.

Tive enganos por ventura

Para sentir mais meu dano

Se he mal viver de hum engano.

Como hum mal tam pouco dura,

AO mouimento dos ramos, que serrauam o estreito caminho, virou Lisea o rosto, & vio a Lereno, & ainda que magoada delle, pelo que Enalia lhe contara, nam pôde o amor que lhe tinha negar seus effeitos, mas dissimulando o mais que lhe foy possivel o gosto de ver, lhe disse. Como vens Lereno a buscar o castigo que mereces, se eu fora tal, q̃ foubiera tomar vingança de tuas sem razões & satisfacão de minha magoa: ponem tanto me fugeitou amor ao que te quis, que em lugar de queixame, te offereço lagrimas com que me contento, pois naceu da causa que busquei pera ellas, & dizendo isto inclinou a cabeça sobre a fonte, & com nouas gotas de cristal a reuoluiua. O pastor, cujo coração nam negaua a paixões amorosas piedade, se vio enleado, & conhecendo a causa, pelo que ja Enalia lhe dissera, tomando a pelo cajado lhe dizia. A estas lagrimas injustas, bem he, que pague com a vida o ser causa dellas, mas ainda que por ty seja voluntaria a morte, se executara em hum innocente, que te offendeo sem saber o que fazia, leuanta o rosto de sobre a fonte, & com os olhos no meu te assegura, que te não offendi, nem me falta sentimento de teus queixumes, declarame os que tens, que se com a vida puder darlhe remedio, a entregarei a tua vontade. A isto se levantou a pastora, & virando os olhos a Lereno, vio os seus, que com a mesma dor se encheram de lagrimas, & pesarosa daquella tristeza, que

lhe pareceo mayor mal (por ser experimentado em quem tanto amaua) lhe disse com hum suspiro. Se esses finais Lereno sam verdadeiros (como eu quiseira crer) porque em outros te acho meu inimigo, & se as minhas lagrimas te magoaram em fe que te pesou de meu desgosto, porque de duas cartas minhas partiste pelo meyo com Enalia dando-lhe aquella, cujo segredo mais me importaua? Que pena me recee (tornou Lereno) quem dormindo fazia erros contra ty, porque lhos ordenaua sua ventura, que sem força do fado, de crer he que nam te offendesse nem por sonhos. Veio Enalia a mi muyto queixosa, que te dera hũa carta sua, de que eu nam sabia, & perguntandolhe o modo poi que vier a ter a minha mão, me contou como nella a deixara estando eu repousando junto do rio, mostrailhe entam hũa, que da mesma maneira achara quando a cordei, nam imaginando que era tua, como depois soube, confessandome Serrano, que o era outra, que antes me tinha da mesma letra, & com o pesar deste successo ando tam triste, que se a culpa for a minha estaua bem vingada. Não no quero eu ser tanto a minha custa (tornou ella) antes me dou por satisfeita da tua descarga, & indo adiante lhe cortou as palauas hũa voz, que perto daly ouuiram, como que vinha endireitando pera a fonte, & escutando de perto o que seria, conheceram que cantaua esta grossa,

Todos conhecem meu mal

E ninguém a causa d'elle

Eu sei que morro por elle

Contra elle nada me val.

Hum

Hum cuidado bem nacido.

Q' amor n' alma me t'eposto

No peito o trago escondido

Mas elle de mal sofrido,

Logo se mostra no rosto:

Que farei pera escondelo?

Se encubrilho me nam val.

q' por mais q' me desuello.

Sem ventallo, & se dizello

Todos conhecem meu mal.

O mal nunca faz engano

Por ser mais claro q' o bẽ

Nã se ecobre e' peito v'mano

Logo se conhece o dano

Sem se saber donde vem.

ãde o meu n' alma e' serrado

Por mais q' o rosto o renelle

Conheção pois he forçado

nacer de amor meu cuidado

Mas ninguẽ a causa delle

N'uma pena tam comprida

De hũa so magoa me temo

Que he perdendo nella a vida

Não ser na morte entendida

A causa de hum tal extremo.

Se inda este mal me conuen

Quero ter segredo nelle,

E ser sofrega no bem,

Nam no saiba mais ninguem.

Eu sei que morro por elle.

E se sem segredo me enleo

He por que quer minha sorte

Induzirme este receo

Pois que vindo donde veyo

Me achaua a vida na morte

Mas no tormento a que vim

Tudo faz so por meu mal,

E elle por me nam dar fim

Tudo lhe val contra mim

Contra ella nada me val.

Ainda nam acabaua o derradeiro verso da sua cantiga
 Learda, que era a que sobre a fonte vinha decendo,
 quando vio a Albano, que conhecendoa ao longe pela voz
 a veyo seguindo por entre o mato, & ella por lhe fogir,
 como costumaua, saltou sem tino sobre a riba da fonte,
 aonde Lisea estaua enleuada nas palauras do seu pastor,
 em cujos braços cahio com o sobressalto esmorecida, ao
 tempo que Albano chegou, o qual vendo a irmã encosta-
 da

da no peito de Lereno, ficou sem cor, & abrazado em ciúmes, & ira, a lem da que tinha da fogida da pastora, começou a chamar, a irmãa de fe mentida, & desleal, ella, que ao tom destas palauras acordou, dando lugar a Lereno que se levantasse, lhe contou como elle fora a causa de hũa accidente, que naquelle lugar a inclinara, & o mesmo lhe disse Learda, com cuja vista ouue de perder parte da coleira com que vinha, & dissimulando a que ficaua de sua sôpeita, pediu perdão a Lereno, que ate entam a rogo das pastoras estene callado, & voltando depois para a sua fermosa inimiga a quem seguia, disse, daqui julgaras Learda os males que causa tua ingratitude, que nam so agrauas ao q te quero, mas fazes, que offenda a quem sempre desejei contentar: porem pera Lereno baste por desculpa a razão com que me enganei, & a Lisea a causa que me deu pera esta sôpeita, Comigo (respondeo Lereno) estas bem disculpado, que so de Learda terei queixumes, pois das sem razões que contigo vsa, naceiram as com que trataste mal a Lisea, & em pena do mal, que a ambos fez padecer injustamente, pedimos em satisfação, que de hoje em diante prometa galardoar melhor a affeição, q te deue, com isto não quis consentir a pastora, porem com menos esquiuança se disculpou, do que Albano se ouue por satisfeito, & todos em companhia se foram pera o valle cantando o seguinte.

*Olhos em cuja conquista
Se perde a vista: & se alcança,
Quem vos vê: vê a esperança,
Que perde perdendo a vistas.*

Cora-

Coração nas receeis

Este mal que vou buscando
 Que vos tão mal conheceis,
 Que perdendo ganhareis
 O q̃ perdeis nam ganhando
 Meus olhos, q̃ avista terdes
 Aventuraes nesta vista
 Não vos pese de a perderdes
 Que perdêdo a basta verdes
 Olhos em cuja conquista.

E vos causa principal
 Desta oujadia, & receo,
 E deste atreuido mal
 Olhos ante quem o cristal
 Fica escuro & fica feo.
 O q̃ em vossa cor se alcãça,
 E o q̃ eu quero o mesmo he
 Se o não trocara a mudãça
 Que se vira quem vos vê
 Quem vos vê, vê a esperãça

Einda que tudo percais

Em nada podeis perder,
 Pois no q̃ perdeis, ganhais,
 Que se a vista he pera ver
 Vos nam tendes q̃ ver mais,
 Se este bem vos assegura
 Olhos mostrai confiança
 Para tanta fermosura,
 Q̃ onde a vista se aventura
 Se perde a vista se alcança.
 Como soe acontecer
 Dura tam pouco esta gloria
 Acabando de vos ver,
 Que so fica na memoria
 A vista para a perder,
 Q̃ essa cor fermosa & bella
 A que nada ha que resista
 quem a ve perde se em vella,
 Pois ve a esperança nella.
 Que perde perdendo a vista.

DEpois de cantarem, se apartaram os pastores para seus rebanhos, & ficou Lisea com Learda ao longo do rio (aonde os salgueiros, que a turva corrente do inuerno arrebatara deixauam sobre a vea da agoa os verdes ramos) junto de hũa espessa sylueira, que pelo areal se metia dentro do rio, sustentada dos antigos troncos, que ali ficaram, & dentro nella estava o pastor Alceo dormindo a festa, de modo que com a espessura do mato se nam podia diuifisar. Alli tomou Lisea pela mão a pastora Learda, & com palauras d'amor, que tẽ nos olhos lhe mostraua, lhe dizia, folgara

Primavera de

folgara não ser parte em teus amores, por não fazer suspeitosa a verdade do meu conselho, & assi te diria cō menos receo o que sinto, & deixando o respeito de Albano (a quem por natureza estou obrigada) não consentirei, que sendo tão formosa sejas ingrata a quem te ama, por não ver alguma hora mal empregados os castigos de amor, em os quais nem val a desculpa da innocencia, nem o poder de tua fermosura, & bem creio eu, que se conheceras quanto custa querer bem, o não pagaras mal a Albano, nem ouueras por interessada a minha razam. Nam lhe sejas esquiuva em paga de te ser afeiçoado, que he fazer contra o muyto que mereces. A isto respondeo Learda com os olhos baixos, & acor alterada. Cada hũa de nos Lisea julgando pela experiencia que tem de amor, seguimos nelle estremos muy differentes: tu pelo que conheces de quem amas, ou pelo que de ty tẽs alcançado julgas quanto custe amar, & eu tenho conhecido quam pouco val pela verdade que exprimẽtei, & se te nam for pesada ferei breue.

*N*O principio de minha terna idade

Quando liure d'amor menos sentia

Os enganos, que trata, a quem conhece

De sua sogeicam mal entendida:

Quando da liberdade, que gosaua

O preço não sabia despresando

Bẽs, que so pela ausencia se conhecem:

Com hum pastor me criei desta ribeira.

Do meu patermo sangue procedido,

Com tam liure querer, que não sabia.

Mais que quererlhe bem singelamente.

Com

Com elle apacentava o manso gado,
Com elle as leues feras perseguia,
Com elle a tarde a festa, a madrugada
Recolhia, & tirava o meu rebanho,
Mas como amor espreita sempre o tempo,
Evio que neste estado se criava
Fora de seu respeito tanto amor:
Foy elle com a idade grangeando
Poderse descobrir seu senhorio,
Neste crescendo foy nossa afeicam
Ate chegar a hum conhecido estremo
Que mal se esconde o que nos olhos mora,
Eu viua de vello, elle de verme,
Cada qual em seus olhos tinha a vida:
Todo o nosso desejo,
Toda a nossa esperanza
Era ser elle meu en sua esposa,
Nisto a fe era igual, & a seguranca
Da vontade do Ceo so despendia,
Nao quis elle (ay de mim) tanta ventura,
Ou amor a inuejou como tiranno.
Aconteceo hum dia
Passar por este valle hũa pastora
Peregrina no trajo, & fermosura?
Que nas praias do Tejo se criara,
E della se passava para o Douro,

Onde

Primavera de

Onde grandes rebanhos, grandes pastos
Herdara de hũa ria, ou da fortuna,
Que se quis melhorar da natureza;
Vio a esta o meu pastor (q̃ nunca a vira,
Ou o Ceo em a vendo me acabara,
Tambẽ lhe pareceo, tanto vio nella,
Que eu nos seus olhos via o seu cuidado
Sendo o mayor que tinha de fêdermo:
Comecei a sentir.

Differenças de amor,
E enganos que cobriam hũa offensa
Mal merecida, & bem dissimulada.
Ia quando me fallava
Mostrava hũa frieza,
Hum desejo, hum receo, outra vontade
Differente daquella, q̃ antes tinha,
Mao he de sustentar amor fingido

A quem ja de verdade tene amores.
Eu que a causa dos seus não conhecia
So com minhas suspeitas se enganava
Te q̃ os mesmos ciumes descobriram
Minha justa razão, & a culpa sua.
Soube mais e meu dano,
Que aquella mesma noite
Com trajos differêces

Ania

Auia de yr fallar a esta pastora.
Entam me deu amor noua ousadia,
Porque nam pode dar-me paciencia
Que nam desesperasse em tanto aperto,
Mudo o traje tambẽ, mudo o tocado
Afalla, o modo, o cermo, o passo, o rizo,
Em tudo natural ao da estrangeira
Por ver se com fingidas apparencias
A graça da ventura lhe ganhaua
Mas ay q̃ em vão se muda o trato, a vida,
E a sorte por mudauel sempre he firme
Quando nos males figa roda ingrata
Com o escuro da noite poderosa
Junto aquella cabana onde pousa
Me sobi no lugar mais alto della
Esperado o successo não cuidado.
Eis quando o meu pastor
Na volta de hũs valados aparece
Cuiando pera o posto com cautella:
Como quem ja de amor vinha insinado
E vendo me de fronte
Cuidado, que outrem via
Com mimosas palauras me obrigaua
A crer o que dizia.
E eu por melhor fingir via & callaua,
Representa-me aly sua afeição,

Primavera de

Obrigou-me a que cresse o seu cuidado.
Sem procurar de amor outro interesse,
Que faria coitada
Quem pelo seu somente aly viera;
Em mil desconfianças
Lhe puz a propria vida:
Deilhe mil defenganos
Com aspereza ingrata
Tevelo aly desesperado,
Mas nam no consentia de vontade
Este meu coraçam que hia temendo
Por em risco hũa vida
Porquem mil vidas dera
Se tantas possuira,
Ou se quem lha tirou tantas quisesa,
Que mal fingir sabia cruel da des
Contra quem tanto amava?
Mal me desobrigava das palavras,
Que sempre me venciam.
Em fin cortando as suas me aparteí
Por lhe não dar mais forças contra mim:
Foy seguindo a pastora o seu caminho
Partio-se para o douro descuidada
Do que em sua figura acontecera,
A ausencia certa mãy do esquecimento
Mostrou no meu pastor o mesmo effeito

Tornou ao mesmo estado,
De lhe não lembrar mais, q os meus amores:
Mas eu não soube ter hum bem tamanho
Se nam para perdello,
Hũa manhã dourada,
Para mim triste escura,
Que nunca amanhecera,
Deciamos com o gado para o valle
Ambos em companhia
Em praticas de amor exercitando
O juizo sogeito a seus poderes.
Não sei como assi foy, que eu descuidado,
Ou tentada da sorte minha imiga
Lhe chamei desleal & fementido
Mudavel, & incapaz de meus extremos:
Elle tendo a razão por encuberta
Se ouue por offendido,
E com rigor sobejo me culpava.
Obrigou-me a contar-lhe a triste historia.
Como me acontecera.
Seruiolhe a minha queixa de lembrança,
E a mi minha vingança de castigo:
Aparouse de mi & vindo a noite
Se despedio tambem destes oateiros
Sem dizer mais, que a elles tal mudança:
E estes meus tristes olhos, que o perderam

Primavera de

Choram de dia, & noite a culpa minha.

Hora julga Lisea do que ouuiste

Em quem terei amor firme & seguro,

Se neste fez o tempo tal mudança

Em quem poderei ter firme esperança.

OVui a tua historia disse (Lisea) com o pesar que deu
a desgraças de teus amores, de que com razam deves
sentir o successo, porem nam te desobriga nelle o engano
de hum pastor, para que offendas outro, que de verdade te
quer. E que segurança (tornou ella) terei de não ser enganado
se aonde auia tanto mayores razões de confiança faltou
fé, que ey de crer de quem ainda nam tiue experiencia. Na
cu te aconselho (respondeo Lisea) que sem fazer proua
ra da fe de Albano te fies delle antes que o experimentar
muy de vagar em teus amores, & como nelles o achares, si
o trata, que doutra maneira sera executar em hum innocen
te o castigo do culpado. Nam te cances (disse Learda)
que nam ey de prouar de nouo o que hũa vez me custou
caro, nem ey de empregar minha afeicão mais que nos
us olhos, que me parecem fermosos, & sem engano,
ty quererei, a ty vellarei o gado, & por teu amor despre
farei a vida, & pois he tua nam na procures para quem a
struira em pouco espaço: & com estas palauras lancou
braços a Lisea, que entre os seus por hum pouco a
pertada. Nestas palauras estauam quando para ellas viu
hũa pastora com hum brial branco, semeado pela guarni
çam de mendas boninas, hum volante deitado ao de
sobre os cabellos, cõ hum cajado de aueleira na mão gu
do hum feto de cabras para o rio & tras elles cantaua
endechas.

Pastora que a amor
 Descobre a vontade
 Fia a liberdade
 De amigo traidor.
 Foge do perigo
 Cre na cilada
 Vai meter a espada
 Na mão do inimigo.
 Da a guardar receos,
 A quem se quebranta,
 E a quem se levanta
 So com bens alheos.
 Toma por leal
 Hum ingrato a quem
 Nunca se fez bem
 Que não faça mal.
 Fia de hum contrato
 Com que o mais avaro

Compra tudo caro
 Por vender barato.
 Correhum mar mudael
 Sempre perigoso
 Quieto enganoso
 Revolto intratauel.
 Amor nam conhece
 Nem guarda respeito
 Por não ser sujeito
 A quem lhe obedece,
 Sem vista, & sem fe
 Nos quer conquistar
 Vê pera atirar
 Pera o mais nam vê.
 Minha liberdade
 Guardaiuos de amor
 Viuireis melhor
 A vossa vontade,

Chegando mais ao perto conhecera as pastoras, que
 aquella era Nise, que vinha de proposito mais fermo-
 sa, pera obrigar de nouo a Alceo, o qual acordando do so-
 no ao tempo que Lisea entrou na sua demanda, calla-
 do este escutando o effeito que fazia na fermosa Lear-
 da, & vendo diante seus olhos que sempre com rigoro-
 so dellem delles fogia, estava contente, porem ao tem-
 po que Nise se entregou nos braços das duas pastoras, lhe
 cahio ao fundo do rio hũa cabra cilhada a mais fermosa

Primavera de

d'entre as suas, porque enganada de hum mal seguro tor-
ram, deu na corrente da agoa, & as pastoras sem lhe pode-
rem valer chorauam a perda della: mas Alceo que a vio
se lançou ao rio como estaua vestido, de cujo impetu ellas
foram tam salteadas, que com estranho temor desemparan-
do o gado, fogiram pera o largo do valle, imaginando que
era algum Fauno daquelle ribeira, & nam se ouueram por
seguras ate o ver sayr dentre as ondas com acabra sobre os
hombros. & o vestido deixando de si hũa nuem d'agoa en-
tam chegando todas a elle lhe deram graças do trabalho
em especial Nise de quem a cabra era muyto estimada. Nise
disse: Nunca me esquecera Alceo o a que te auenturaste
por meu respeito, tendo por menor perigo o da tua vida
que a perda da minha res. Quisera eu (respondeo o pastor)
que fora este hum golfo muyto perigoso, & que me mostrasse
da outra parte teu desejo, a ver se desprestaua o poder das
ondas, & o bem da vida por te dar gosto, & se (como atego
ra me mostraste) o tens de meu dano dizemo em galardam-
do q̃ te quero, & padecerei por minha vontade, & peço isto
nesto lugar, porque nam sei se me dara outra minha ventu-
ra: Nise que ouuia as palauras do pastor, & que nos olhos
lhe conhecia a verdade dellas, & o via qual sayra d'entre
as agoas por seu seruiço, nam lhe pode negar compaixão.
& obrigada das companheiras lhe respondeo: Sempre me
pensara de teus males, & nam permira o Ceo, que por mi-
nha causa padeças algum, que ja agora seria ingrata, ao que
te deuo se não procurasse teus bẽs com muito desejo, & ao
tempo deixo por agora o mais, com isto ficou Alceo tam
satisfeito, que o contentamento lhe tirou o poder. Nise res-
ponder, mas com os olhos lhe mostrou o que a lingua nam
dizia, & porque era ja noite se foram com o gado, & no
caminho souberam de Alceo o como aly viera pera mere-
cer

cer tal ventura, que como esta se não guia por razam, vay buscar a hum descuidado que dorme, & foge de hum cuidadoso, que sempre vella.

FLORESTA VNDECIMA.



DE POIS destes enleos de mudança, que Lereno passaua na esperança de ver a sua senhora, contemporisando com Enalia, & Lisea, que cada hũa com enganada confiança o procuraua, veyo aquelle dia em que tinha auia tantos o desejo, & porque nenhum deseu-do lhe encurtasse as horas, se levantou antes de amanhecer cuidando que hia seguro de ser visto, quem ate do Sol se encobria, & tomou o caminho junto a ribeira do Lis mas como quem a amor entrega seus cuydados sempre vigia, conheceo o Lisea, que aquella madrugada se leuanta ra por ouir hum roixinol, que de sobre hum loureiro lhe cantaua ao pe da cabana, & vendo que Lereno sahia da sua aquellas horas, temendose de algũa nouidade, porque sempre amor vive entre receos, vestindose foy ao longe escondida seguindo tras elle ao longo dos matos, te que ovio entrar por aquelle desuio, sem diuisar mais, que hũa pequena abertura dos penedos, & aly não comprehendendo cõ a imaginaçam a causa que o leuaua, o esperou, porem o pastor alheo disto com o desejo em que tinha a vida, tomou o caminho em que sua senhora o guiara, & sobio ao monte por hum carreiro tam estreito entre os matos, que cuberto cõ os viçosos ramos de aruores syluestres, nam dauão lugar a que caminhasse sem ruido, & sahindo por elle a hum alto, donde escondido descobria todo o valle, ouio que no baixo d'elle cantauam vozes concertadas ao som de instrumentos

Primavera de

mentos differētes, que com sua harmonia se confertauão
& entendendo que eram Nymphas daquelle fonte, porque
aly entram as suas agoas na corrente do rio com os olhos
& ouvidos pera aquella parte as escutaua, era o lugar (a-
lem do que então o melhoraua) muy apasuel & deleyto-
so, porque depois de estar entre muytas aruores de boa ló-
bra, que tinhão semeada a relua das flores que por entre os
ramos andana sacudindo obrando vento, entrauam com
muyto ruido as agoas da fonte em hum remanço do claro
Lis, que debaixo dos altos freixos, que o cobrião estaua tre-
mendo, & daly com saudoso mouimento se hiam despedin-
do as agoas daquelle rocha, com cujo som faziam os mu-
saicos acentos mais saudade, & dizia a cantiga.

Fermoso rio Lis, que entre aruoredos
Ydes detendo as agoas vagarosas
Até que hūas sobre outras de inuejosas
Ficam cobrindo o vão destes penedos.
Verdes lapas, que ao pé de altos rochedos
Sois moradas das Nymphas mais fermosas
Fontes, aruores, ervaes, lirios, rosas
Em quem esconde amor tantos segredos.
Se vos liures de humano sentimento
Em quem não cabe escolha nem vontade,
Tambē as leis d'amor guardais respeito.
Como se ha de liurar meu pensamento
De render alma vida, & liberdade
Se conhece a razam de estar sujeito,

Acaba-

A Cabado o seu canto, que era a tempo, que ja o Sol, dou-
 rava os montes, com a fermosura da clara luz, que
 derramava, vio que sahiam de hũa espessa mata sete Nim-
 phas cubertas de hum veo roxo franjado de prata com al-
 parcas semeadas de flores de prata, & sobre a cabeça capel-
 las de acipreste, & rosas brancas murchas, & com tranças
 de azul & prata tinham em laços os cabellos, & quatro de
 stas trazêdo nas mãos hum tumulo cuberto de branco por
 quatro braços de purpureo coral, pôdo em hum alto, que
 aly estaua feito de diuersas flores, o cobrião de outras muĩ-
 tas, & daly a pouco espaço vio hũa Nympha vestida cõ lar-
 gas roupas de cetim roxo com bordadura de aljofar, &
 deitada sobre o tumulo tangendo as Nymphas sonoros in-
 strumentos cantou o seguinte.

R Elíquias saudosas, q̃em memoria
 Ficastes de meu bẽ tam mal perdido
 De q̃ hoje conuerteis em pena a gloria,
 Se pode auer nas cousas sem sentido
 Pela parte de amor hum sentimento,
 Que os poderes da morte tẽ vécido.
 Ouvi de minha voz o triste acẽto
 Que suspendêdo està nesta espessura
 O rio vagaroso, o snrdo vẽto.
 E vos alma fermosa bella, & pura,
 Que estais gosando agora liuremẽte.
 Eternos bẽs de vossa fermosura.

Primavera de

Vos alma bella, & corpo transparente,
Que pera contentar a todo o Ceo
Deixastes toda a terra descontente.

Vos em cujos estremos se venceo
A arte: & o saber da natureza,
Que com tantas inuejas vos perdeo,
Se la nesse alto cume de grandeza
Onde tudo são bês de hũa alegria
Podem sobir sospiros de tristeza.

Ouui a rouca voz desta Elegia.

Messageira fiel da saudade
De vossa alegre, & doce companhia.
Ah enganosos bês da lenie idade,
Quam mal em vos emprega aconfiança
Que cuida achar razam, tẽpo, verdade.
So he larga na vida hũa esperança,
So a pena nos males he comprida,
E o mal sẽpre he mayor quãdo mais cansa
So encurtam os fados a hũa vida
Por quem mil de vontade se perderam
Se esta pudera ser restituída.
Mas não he ella não a que offenderam
Pois de entre escuras trevas a tiraram,
E entre claras estrellas a poseram.
O mundo escuro offendem, que deixaram
Sem a luz dos seus olhos tam fermosos,

Que

q̃ a morte em vão serrandoſſe abrandarão
Offendem ſo meus ays tristes queixoſos
Conhecendo no mal a differença.
Doutros dias que foram venturoſos.
Em quanto a dor permite eſta licença
Chorai meus olhos ſempre a triſte magoa,
E ſinta toda a terra a voſſa offeſa,
Poſ perdeſtes a luz encheinos dagoa,
Que ſaya deſtilada deſte peito,
Que a dor ic̃ conuertido em vina fragoa
Fazeis agoas do Lis o voſſo eſfeito,
E com doce murmuro ſoſpirando
Buscar ao mar pagailhe ſeu direito.
E ſe tambeẽ por ſorte acompanhando
Vos forẽ minhas lagrimas cansadas.
Com q̃ eſtou de memorias deſcansando.
Entre nuuẽs eſpeſſas enſerradas
As fazei la ſobir neſſe Orizonte
Onde ſijão da cauſa respeitadas.
Vos arvores ſombrias, q̃ defronte
Deſte tumulto ſacro eſtais mouendo
Os altos ramos ſobre o verde monte.
Com o nome de Amarili yde crecendo.
Pera q̃ do mais alto das eſtrellas
Ella o eſteja em voſſos ramos vendo.
Eros lume do Sol, & inueja dellas

Primavera de

*Voltei hum pouco o parecer diuino
A quem se vos não vir pode offendellas.
Logo fareis, que o Ceo claro & benigno
Defenda este lugar sereno, & santo.
Que esconde o vosso corpo doutro dino.
Fareis sobir ao Ceo meu baixo canto,
E as nuuēs penetrar com voz interna,
Que com força da dor chegara a tanto.
Sobre esta Gerorchia alta, & superna
Leuara esta offerta que offerece.
Que pode ser no mundo quasi eterna,
Por quanto dura a vida que aborrece.*

A Cabado isto cobrio de repente hũa escura nuuem toda
o valle, & como se o Sol se ecclipsara, faltou a Lereño
a vista por grande espaço, perdendo naquella confusão o
sentido, ate q̃ diante lhe appareceo a noua luz de seus olhos
& vio a sua pastora vestida em hum vaqueiro de monte en-
carnado guarnecido de frocos brancos, & verdes, os cabel-
los entrançados da mesma cor, feitos em hũa serpe, a q̃ fio-
uão por olhos dous contrafeitos bẽ me queres, & as alpar-
cas cubertas delles, hũa arco no braço, & hũa aljava de sereno
& tomando ao pastor pela mão lhe disse. Desperta Lereño
que para cuidados tam altos, não conuem animo enleado
& pois te trouxe aqui a ventura não desconheças, ao q̃ op-
stor respondeo ja menos turbado, pode desconhecer o bẽ
que em vossa vista se alcança quem de todo perder o joyo
mas o que me deixou amor para contemplaruos, nem

vençem receos nem pode desejar outro maior bem, que teraos presente, & com este me ey pelo mais venturoso pastor que naceo nas montanhas, & prometo en gloria desta fazer lembrada no mundo vossa fermosura, & leuantar nas azas da fama minha estrella com vosso nome, este vos peço, que me dignais para saber nomear o senhor de minha vida. O tempo to descobrira (respondeo ella) & agora basta, que te sustentas no que vez: que nem eu faço cõfianças sem experiencia, nem quero q̃ esta seja a primeira, & quando sayres deste valle, & te vires nos da tua ribeira, lêbrate que segredo, fe, & conhecimento satisfazem para com amor a falta de merecimentos humanos, não desçõfies dos teus, & encomenda os pensamentos a ventura, que nunca nega fauor aos mais ousados: & cõ estas esperanças te tornando ao teu rebanho antes q̃ neste lugar sejas sentido, & dizendo isto voltaua o passo para o bosque, mas o pastor aprehendo do arco com estas palauras. Nam atalheis senhera tão depressa a minha vida, se quereis que me fique para esperar tantas venturas, que fora de vos ver, ate es animaes desta montanha se leuantarão contra mim, nam me fazeis decer de estado tam venturoso a outro tam desesperado, & dizendo isto, foram saltcados pelo mato de duas pastoras de estranho parecer, vestidas com vaqueiros de apauoados, os arcos no braço, & as voltas dos vaqueiros cheas de frutas do bosque, & porque com a sua chegada Lereno se escondio de subito entre os ramos, disse hũa dellas nam sey pastor, que te obrigon a fogir de nossa vista, que nam he cada hũa de nos tam desconfiada do que parece que faça espanto. Tanto pode causar (tornou elle) a estranheza das cousas sobrenaturais, como das muyto disformes, porem o meu receo foi doutra causa, q̃ eu temia ser visto, & não receaua veruos, pois doutro modo quem fogisse de

Primavera de

de vossa fermosura, mostraua quão pouco era para a conhecer. Com esta desculpa (tornou ella sofreremos melhor nossa desconfiança, & soltando as pontas dos vaqueiros, espalharão as saborosas fruitas que trazião entre muitas flores sobre a relua, & sentadas comeram todos, porem Lere no mais sosfrego na vista de sua pastora, que na offera das outras estaua suspenso, & cõ mil galantarias a cada passo o despertauão, & acabando de comer tirãdo hũa dellas, hũa dourada rabeca, & a outra pedindo a cytara a Lerenno, cantaram o seguinte.

DEscobre nouo mundo o pensamento
Estende as azas, não respeita a vida,
E em fantasticos bẽ sem fundamento
Tras a leue esperança repartida.
O tempo he leue, & corre mais que o ṽcto
A fortuna mudauel fementida
O desejo a o mor risco se offerece
Amor com falsas mostras aparece.

*Hora hũa cor hora outra cor varia
(Quem vio cego tambẽ julgar de cores)
E em cada hũa enleua a fantasia
Dos seus, mais que elle cegos, amadores.
Mostra sempre por sonhos a alegria
Quando os olhos de si não sam senhores.
Naquella sombra vã da noite escura
Tudo possivel faz tudo assegura.*

Contra

Contra o fingido bem da gloria humana
 Tudo se arma, se esforça, & se conjura
 O tempo a esperança sempre engana.
 Poem o desejo a vida a ventura,
 Amor que a sua força fez tyranna
 N'uma imaginação, que se affigura
 Faz venturoso o mal que se padece,
 Mas logo no melhor desaparece.

EM quanto ellas cantauam com vozes soberanas, o pastor com os olhos nos de quem o senhoreaua, imaginando em sua fermosura descuidado das palauras da cantiga, escreueo estas em o tronco de hum alamo, que junto a elle estaua,

Mudas plantas quem não cre, Fique em vossa fermosura
 Que estais vendo minha gloria, Este sinal não pequeno
 Eys de servir de memoria Lugar aonde vio Lereno
 Na lembrança desta fi. Posta a seus pes a ventura

E Como os bês não podem durar tanto, despediranse logo, & apastora, que nas lagrimas que nacião nos olhos a Lereno conheceo a dor, com que se apartaua, lhas enxugou com a mão, & tomando o pela outra guiou para o vale aonde elle sahio tam triste, como se adueinhara o mal que sua ventura lhe ordenaua, & foy que aquella pastora Lisa, que em fauor de seus males lhe quis tanto, & o ficou esperando junto ao rio Lis entre os penedos, vendo que passada grande parte do dia, o seu pastor nam tornaua, perdendo com amor o recco, entrou naquella coua, & sahindo

hindo ad valle pellas pisadis que achaua foy tẽr a fonte, & foy pello caminho que Lereno seguira ate se emboscar no mato, & aly a assombrou tam grande temor vendo hum ceruo, que pelos syluados vinha pulando para onde a vira, que gritando em alta aoz, começou a bradar pelo seu Lereno, que lhe valesse imaginando que nam estaria muy desuiado, & ouuindo este brado a pastora que entam delle se apartara cuidando que algum grande mal lhe succedia, ve yo correndo para aquella parte, & achando a Lisea naquelle sobressalto, liure ja do ceruo que atranessara o caminho lhe preguntou como aly viera, & a razam porque bradava & por quem ao que ella respondeo, Ainda que o perigo em que me vi, & o desuiado caminho em que me vejo me fizera perdera confiança, & a vida, bastaua teruos por vale dora pera me auer por contente de mayores males, quẽ me fez este, que ja nam tenho por tal, foy hum pastor a que chamam Lereno nacido nesta mesma ribeira, & bẽ conhecido entre os guardadores della, pello qual bradava, que me socorresse, & aeste permitio meu fado amasse tanto que de tudo o mais por seu respeito viuesse esquecida, ella manhã vim com elle da sua cabana te as fraldas do rio, onde juntos passauamos outras vezes, a sesta, & deixandome aly entrou por hũs penedos a buscar hũa ouelha que me tinha dito, que naquelle lugar desaparecera, & assi o fez elle te que eu desesperada tomando o mesmo caminho o vim a buscar neste lugar tam estranho, onde metẽdome entre os matos fora de tino vi hum furioso ceruo, que pera mim vinha correndo, atranessando o caminho passou ao tempo que acudistes pera me valer. Mais estimo eu respondeo a pastora (chegar a tempo, que o meu socorro nam fazia falta, que liuraruos de grande perigo ainda que isso fosse de mayor merecimento, & creio que muytos deue ter el

se pastor a quem buscais, pois a tanto vos obriga, mas ja sera culpado no dano que vos fez, dado que nam quisesse ser a causa d'elle, ao que Lisea lhe respondeo, quẽ sabe querer de verdade, ainda que culpe a quem ama, em si executa a pena, & a que me sera mayor he não achar o meu Lere-no pera me queixar das horas em que me faltou, & não do risco em que me pos a vida que era sua. Muyto amor vos deue (tornou ella) pois quando mais queixosa, vos mostrais tam rendida, & ja lhe queriria mal, ou de vos o estranharia, se nam sabe merecer essa fe. Na sua confio en tanto (repliou Lisea) que tudo o mais me esquecera se a falta de sua vista com outra cousa se pudera aliuviar. Folgo estranhamente (disse a da montanha) de ver o bem de vosso estado. & ei compaixam de algũa pastora, que do vosso Lere-no pretendera a mesma firmeza, como soe acontecer. Nam falta (disse Lisea) quem cõ elle se engane, que poucos dias ha, que hũa do nosso valle se achou com a mesma confiança, q̃ eu agora tenho, & auendo sempre da vontade do meu pastor o desengano tinha a sua perfia por bem galardoadã. Graciosa pastora (disse a outra) Deos vos de vëtura em vossos amores, & gozeis o fruito delles liure de receo, & me dãças, & pois o Sol a vay fazendo nestes montes, & me he forçado dar ainda hũa volta ao fim da montanha, querouos acõpanhar te a sahida della, & fora achareis o vosso pastor, q̃ por estranho caso aqui veyo perdido, a elle dizeis como me vistes, & o q̃ me contastes, q̃ lhe encomendo muito quanto vos deue, que se esqueça de tudo o que não for serairos, & assi o faça do que em outra parte podia ter alcançado, que bem he pera quem so com amor pretende merecimento ser seguro em a fe, que promete, por onde lhe conuem ter todos os respeito a vossa, que se guarde de entrar mais neste bosque, & al si o fazeis vos porque d'hoje em diante

diante he este passo muito perigoso, & poucos entram que sayam com a vida. Ia de agora (respondeo Lisea, que a seguia pera o valle) vos deverei sempre a que me dais, & pois me nam fica elperança de poder veruos cedo, o tẽpo me dara algũa de seruiruos, & agora no que me mandais o farei, chegando aos penedos, ambas cõ hum abraço se despediram, Lisea cuidando no seu perigo passado alhea d'outro que seguia, porque nunca vem los pera tomarem hum coração sem resistencia,

FLORESTA DVODECIMA.



A Parte por onde vem decendo o rio Lis antes de chegar aos espaçosos valles, que com sua corrente vai regando, toma hum estreito caminho entre altos aruoredos, onde cõ profundo silencio se detem ate chegar a queda de hũa alta penedia, & aly repartidas as agoas, medrosas vão fogindo por entre as raizes de amargosas nougueiras, outras offerecendose aos penedos cõ saudoso som estam nelles quebrando, & depois ficam derramadas em dous ribeiros, o maior depois de muytas voltas se vay a encontrar primeiro com as agoas de que se apartou entre altos ciprestes & loureiros. O outro ao voltar de hum valle se vay encostando a hũa alta rocha por baixo de espessas auelleiras, & esperando as agoas hũas pelas outras descobrẽ a boca de hũa lapa encuberta entre hũs ramos, que vai por baixo do chão hũa legoa, & nesta auia fama, que viuia hum fabio de muyta idade, que por encantamento a fabricara, o qual naquelle lugar era buscado de muytos pastores naturais.

turais, & estrangeiros a que daua remedio em muytos males, particularmente nos de amor, de quem elle ja fora na mocidade atormetado, & neste tempo corria mais a fama das maravilhas que obraua, quando Lereno sabio do valle desconhecido, triste pella ausencia de sua pastora, que a tão ditosa esperança o leuantara, & antes de recolher o gado encontrou a Lisca, a qual incerra de seu dano, não imaginando o que cõtra si fazia, lhe disse o que passara indo tras elle, & o mais que lhe acontecera com o pastora da montanha, cujo recado lhe deu. O pastor quando isto ouuiu, como se aquella hora lhe arrancaram a alma, ficou sem cor, & sem falla, & virando as costas a pastora foy sospirando pello valle acima, & ella ficou tam desesperada cahindo no que fezera, que depois de muytas & lastimosas palavras q̃ disse se quisera deitar no alto do rio, & pagar com a vida seu descuido, mas a isto atalhou Nise, que perto andaua cõ o seu gado, & todo aquelle dia com amorosas razões a aliuou em o mal, cuja causa lhe encobria, & depois de muytos em que o pastor andou entre os matos embofcado comendo o fruto das arvores sem dono, aborrecẽdo a cõversação dos naturais pastores, dizendo as feras, as arvores, & penedos seus queixumes, foi por aquelle caminho a buscar o valle, por ver ao menos as reliquias de sua passada gloria, representada no lugar aonde a gosara, mas achou serrados os penedos da cona, como se nunca aly ouuera tal caminho, & rendo entam por impossivel o remedio de seu mal, fazendo mil discursos, que na imaginaçam vinham a parar em desatinos, se foy hũa manhã buscar ao sabio Memalças, que habitaua naquella estranha morada, que dissemos junto do rio, & entrando pela cona, aonde com a escuavidão não atinana, foy ter aonde corria hum ribeiro, cujas agoas vinham tam frias que tocando a mão nellas, perdia

de improviso o sentimento, & chegando aly ouuía dentro
grande harmonia de musica de aues, & entre vozes huma-
nas, mouer de aruoredos, & murmurar de fontes, & dahia
pouco espaço se veyo para elle o sabio velho, & lhe pergun-
tou o que buscava. Aty (respondeo elle) pera remedio do
meu cuidado, ou desengano delle, q̃ posto que conheça não
ter cura minha desgraça, o desejo de me ver liure, faz q̃ pro-
cure cousa tão duuidosa, ou pera melhor dizer impossivel.
O velho o tomou pela mão, & leuandoo a hũa quadra, q̃ cõ
arteficiosa luz se alumiaua, & sentádo-o perto de si, lhe mõi-
dou cõ mostras de brandura, q̃ contasse a sua historia: & Le-
reno, q̃ cõ a lembrança renouaua a dor della, cõ lagrimas
que nos olhos lhe nacião contou do principio de sua vida:
te o estado em q̃ estaua, que rinha pelo fim della: ao q̃ o sa-
bio cõ hum maduro sossego respondeo. Posto q̃ os males
cansaõ ao sofrimento, & os teus sejam de calidade, q̃ te po-
nhão a risco de o perder vendote sem culpa. Não desespere-
res de ser curado, q̃ tudo ha no tempo, q̃ em casos semelha-
res com a longa experiencia me insinou: & pera q̃ de mim
nas obras conheças a vontade com procurar teu remedio:
esperame neste lugar, que logo nelle saberas a causa de teu
dano, & em tanto (porque não fiques sem companhia) re-
mandarei quem te entretenha. Dito isto foy por meyo de
seus encantos a saber o successo dos amores de Lereno, &
elle ficou na quadra, onde não tardou muyto, que vieram
duas pastoras por extremo fermosas, vestidas de verde cla-
ro com samarras de pellica manchada, & violas d'arco-
nas mãos, & chegando a Lereno, o saudaram, & elle muy-
to contente de sua vista as recebeo, & depois de passadas
algũas saborosas praticas, lhe pediram que quisesse cantar
com ellas pelo modo, que o costumaua fazer na sua aldeia:
elle que não sabia negar boa vontade a quem merecia o
preço

preço della, aceitou o cargo, & tocando as violas cantava
o pastor, & ellas respondiam na maneira seguinte.

Quem nouas me quizer dar
De hũa esperança perdida
Darlhe ey por ellas a vida.

He paga muy desigual
A que offereces a quem
Te der a sombra de hum bẽ
Que he fogueiro a tanto mal
E se a vida menos val.

Que hũa esperança perdida
Nã he menos darlhe a vida
Com os desejos de auella
Promettes muyto e teu dano
Mas cuido que faço engano
Em dar tam pouco por ella.

Se a vida te importa tella,
Porque das por ella a vida.
Porq̃ hũa, e outra he perdida?

Onde achaste em casos tais
Menos a tua esperança?
Perdeose em hũa mudança
Nunca dellas soube mais.
Se deres della os sinais
Te sera restituída.
Vay serrada, & vay fogida.

DEspedirãose as pastoras acabando a musica, porque
sentiram, que vinha o velho Menalcas, & elle com le-
do rosto assi falou para o pastor, que entre temor, & dese-
jo o esperaua. Posto que o estado de teus cuidados seja pe-
rigoso, e te pareça que tẽs nelle a vida auenturada nam de-
sesperes de grães bẽs que os fados te prometem por elles
estava ordenado, q̃ o primeiro, que descobrisse a historia de
Syleno, q̃ em hũ penedo foy encantada pelos Faunos desta
montanha padecesse em castigo de tal ousadia, que todos
seus segredos fossem manifestos, & por esta razão se dis-
correres pelos successos de tua vida depois que aos pasto-
res do Lis, & Lena a descobrisse, acharas que por estranha

mancira, sem culpa tua foram descobertos os amores de
 Lisa a carta de Enalia, & o que te acontecio no valle des-
 conhecido. O remedio que tês pera melhorar tua sorte, &
 vencer aforça desta desgraça, he hum desterro que logo fa-
 ras desta montanha em castigo da culpa que tiueste, & de-
 pois de larga ausencia, que sera atalhada por permissam de
 tua estrella, te poderas chamar neste valle venturoso pas-
 tor. Espantado ficou Lerenio de ouir o que o sabio lhe di-
 zia, & a razam de seus males tam encuberta, vendo que ne-
 sta verdade não podia auer engano pelo que ja lhe acon-
 tecera, & em recompensado trabalho, se lançou aos pes-
 do pastor, que com hum estreito abraço, o levantou, & ve-
 yo com elle até a sayda da coua, representandolhe sempre
 o que conuinha pera sayr dos ameaços de sua ventura, &
 elle a quem tudo o mais aborrecia, faltandolhe o bem que
 ella lhe negaia, determinou partirse ao outro dia sem a
 ninguem dar conta de seu apartamento, & deixando caba-
 na, & rebanho, levando so consigo rabil, çurram, & caja-
 do, tomou o caminho dos campos do Mondego, porem an-
 tes de se apartar do Lis, & Lena sobido de hum alto pene-
 do, que descobria aquelles saudosos valles & môtes, os es-
 pessos & sombrios aruoredos, as cristalinas correntes, que
 hiam com ordenados rodeos cortando a verdura, tirando
 o pastoril instrumento com rouca voz començou a cele-
 brar desta maneira a triste despedida.

Fermoso rio Lis, que de contente
 Estais detendo as agoas vagarosas
 Por não passar daqui vossa corrente.
 Entre essas ondas claras duvidosas
 Leuai ao largo mar com turva vea

Tristes

Tristes queixumes, lagrimas queixosas,
Em quanto descansais na branca areia.
Ouvi hum pastor criste, & magoado
Que vay perder la vida em terra alhea.
Sua ventura o manda desterrado
Não se pode saber que culpas reue,
Qu: amor que foy juiz era o culpado.
Se a tanta sem razam mazo a se deve
Ouvi a voz de Cisne derradeira
Que inda q̃ he grãde a dor ha deser breue.
Vos Ninfas, que morais nesta ribeira
Nestas lapas cubertas, & escondida
Do mircho, fayas, froixos, & aneleira.
Se ja de amor sentistes as feridas,
E quanto custa hũ triste apartamento,
Que pera dar mil mortes da mil vidas.
Agora que se calla o surdo vento,
E o rio enternecido com meu pranto
Detem seu vagaroso movimento.
Vinde a gosar da terra o verde mato
Vereis da natureza o mor thesouro
E ouuireis as tristezas de meu canto.
Em tanto Apolo com seus rayos douro.
Enxugando estará com noua inuija
Vosso brando capello crespo, & louro

Primavera de

Antes que o descontente espirito seja
Apartado da doce companhia.
Consenti Ninfas bellas, que vos veja.
Não vos verei porem como vos via
Hora seguindo as feras na montanha
Hora prendêdo os peixes na agoa fria.
Chorando vos verei pois dor tamanha
Não ha como deixar a propria terra
Por yr buscar a morte em terra estranha
Penedos, que pendeis desta alta serra
De verde erua, & de musgo reuestidos
A q os ventos em vão moueram guerra
Vos declives outeiros repartidos
Com longes amorosos, ledos pertos
So pela saudade conhecidos.
Valles, que de mil arvores cubertos
Abris caminho as cristalinas fontes,
Que os aluos seixos deixão descubertos.
Vos ladeiras incultas, & altos montes.
Que coroados sois de altos pinheiros:
E a cor tomando estais aos Orizontes.
Pastos, cabanas, gados, pegureiros
pastores deste valle verde ameno
Doces amigos, doces companheiros,
Apartase de vos triste Lereño

Forçado dos poderes da ventura.
Contra quẽ seu poder foy cam pequeno
A Deos o monte, o prado, a espessura,
A Deos o rio & fonte cristalina,
A Deos as pl̃aras, flores, & a verdura,
La no valle, no monte, & na campina
Os pastores tanger nam me ouviram
A minha desejada samfonina,
La nas ardentes festas do veram
As ouelhas a sombra do arvoredo
O pasto por me ouvir nam deixaram.
La debaixo do vam deste penedo
Olhando os cordeirinhos q̃ pastauam
Não cantarei de amor contente & ledo.
E as pastoras q̃ a ouirme se ajuntauam
La me não teceram verdes capellas
Com q̃ por vencedor me coroaũão.
La nem na noite a vista das estrellas
Nẽ quando o bello Sol claro aparece
Lououres me ouviram das Ninfas bellas
La o vento, que ouvindome emmudece
Entre os Echos da doce Filomena
Não leuara meus ays onde os offerce.
Tornay o curso atras agoãs do Lena
A pesar dessa rocha, que ameaça

Primavera de
Vossa clara corrente tam serena.
Que não vos tirara da vossa graça
A sombra desse outeiro tam temido
Como me tira a vida a sorte escaça.
De vos serenar, agoa me despiço
De vos não perderei nunca a lembrança
Fazendo desmentir nesta mudança
Quien dixo que l'ausencia causa oluido.

L A V S D E O.

A PRIMAVERA.

DE FRANCISCO
RODRIGUEZ LOBO.*Campos do Mondego.*

FLORESTA PRIMEIRA.



INDA a rosada Aurora não desenganara de todo as estrellas, que com alhea luz se queriam meter em posse do dia, quando Lereno com os olhos em sua desejada patria, q̃ deixa ua, tomou o caminho pera os câpos do Mõdego, para onde o hia guiando o seu destino por entre incultas charnecas, q̃ ja lhe mostrauão em sua aspereza a differença dos valles & montes em q̃ se criara, & cõ a saudade, q̃ aquelles outeiros lhe representauão ao longe, fospirãdo a cada passo, voltava os olhos atras, como q̃ o chamava seu cuidado, ate q̃ perdeu de vista os altos edificios, q̃ estã situados em a soberba penha, q̃ os rios vão cercãdo, & fazẽdo daly com olhos de nouo desperdida, foy caminhando, & chegou a ribeira do Arunca, pequeno rio (que em graciosas voltas rodea hũa comprida varzea, & depois se mistura nas agoas do Mondego (dino de eterna memoria pelos pastores & pastoras, que naquelle tempo o habitauam, aqui chegou o pastor affaz cansado mais de suas lembranças, q̃ do caminho, & em hũa encada, que o rio faz debaixo de hũs verdes salgueiros, q̃ o assombrão se assentou, & depois de descansar, imaginando a causa de seu desterro (que este he o aliuiio que os males consentem) romando a sanfonha cantou o seguinte.

Primavera de

Relua vestida de flores
Salgueiros verdes copados,
Que sois pastura dos gados
E descanso dos pastores
agoas que comais as cores
Da sombra desta verdura
Se esta vossa fermosura
De continuo ver quizerdes
Sustentai seus ramos verdes
Sem olhar minha figura.

Doces passarinhos ledos,
Que fazeis vossos recramos
Saltando dos verdes ramos
Por cima destes penedos,
Se de amor tratais segredos
De mim não nos confieis,
Que he certo no q̃ canteis
(Por q̃ é tudo amor offêda)
Ainda que não vos mēda
Que publique o q̃ dizeis,

Gados, que assi liurement
Sem inuēja, ou differença
Cozais com tanta licença
O prado verde, & contente
Por não verdes differente
O gosto com que comeis

Nessas flores q̃ colheis
Se a vida quereis achar
Guardaiuos das q̃ en tocar
Porque logo morreis.

Liures peixes, que na vea
Os rayos do Sol comais,
E nestes puros cristais
Estais vendo a luz alhea,
Quando sobre a loura areia
Buscais doce mantimento
Olhai não bebais sem tença
Esta agoa que me consume
Que vos fara por costume
Perder o contentamento.

E vos Nymphas q̃ pisais
Estas ervaes, & estas flores
Se sabeis sentir de amores
Como não me acompanheis,
Porque hum aliuio negais,
Que em vos não pode ser erro
A quē mata a fogo, & ferro
A força da mesma dor,
Mas absenteistes amor.
E não sentistes desterro.

Qualquer amante agrauado
Por

Por engano, ou por mudança q̃ eu padeça meu tormẽto.
 Inda lhe fica esperança Adorando a sem razam
 Daquelle primeiro estado, Dando hum falso pregam.
 Ay de hum triste desterrado Verdadeiro sofrimento.
 A quẽ mais não se consente,
 Que conhecer claramente
 Pelo que em seu mal consiste
 Que ha de viuer para triste
 Pera não morrer contente.
 Voume do meu natural
 por mal estranho a q̃ vim
 Bem descontente de mim
 Não da causa de meu mal
 E se ante amor tamẽ val
 O padecer por vontade,
 Agoas q̃ com liberdade.
 Buscais o fim desejado
 Testemunhei meu cuidado
 Sois claras, falai verdade.

NO fim destes versos, que Lereo dizia com a lem-
 brança em outras horas, que naquella ribeira gasta-
 ra com mais contentamento tomava, o curreão pera seguir
 seu caminho quando o atalhou Pireo hum nobre guarda-
 dor, que naquellas partes apacentava, & depois de lhe of-
 ferecer repouso & galalhado em sua cabana lhe pergun-
 tou a causa de seu aparramento, mas elle, que com tanto
 cuidado a encobria, & nam pode dissimular queixumes,
 os lançaua todos a ventura que o perseguia, & a quam mal
 lhe respondia o fructo do seu rebanho nas ribeiras do Lis,
 auendo por desgraciada sorte a de quem tinha por madra-
 sta a natureza. Pireo o consolaua, pondo em o tempo
 a esperança, & remedio de sua vida, facilitandolhe a mu-
 dança de todas as cousas della, a estas razões daua Lere-
 no outras de magoado, & com ellas se despedio do pastor,

que contra sua vontade lhe deu licença elle se recolheo ao lugar, & Lereno tomou o caminho por fora delle, & nam tinha andado muyto, quando vio, que diante hia cantando hum estrangeiro com o cajado ao hombro, & parecia tam bem a sua voz, que Lereno apressou o passo pera ouuir de mais perto a cantiga, que era esta,

Trabalho por esquecer
Hũ cuidado que me mata.
E quando pior me trata
Entam menos pode ser.

Nenhum respeito me cata
So quer q̃ é tormento esquino
Morra sustentado viuo
Hum cuidado que me mata.

Este mal, q̃ assi me cãsa
Por quem tanto me desuello
Sẽ nũca lhe achar mudãça
Como viue da lembrança
He o remedio esquecello,
Porque he parte da saude
O trabalhar pella ter,
Inda que ninguẽ me ajude,
Por ver se isto tem virtude
Trabalho por esquecer

Este mesmo se defende
Do remedio que lhe da
O desejo que o pretende,
Porque mal se esquecera
O que de continuo offende
Effeitos tam desiguais
Não no sofre a dor que mata.
Que entam m'acormẽta mais
Quando da mores sinais,
E quando pior me trata.

Não me ajudo da razam,
Porque vejo que não val,
Que amor tem de condiçã
Pera males de afeiçam
No dar razam para o mal
Depois que me fez catino

Fizme ja tam differente,
Que nem de mim sou lebrado
Quando me tenho presente,
Tudo a sorte em mim conserte
Nada contra meu cuidado.
O tempo nem a ventura

Contra amor não tem poder Quando esquecerse procura
Cuidado que elle assegura. Entam menos pode ser.

A Cabando de cantar o que caminhava voltou os olhos para tras ao pisar dos passos vagarosos que soauão & vio o pastor, que pera o ouir se hia detendo, esperou o, & depois que se saudaram lhe disse Lereno. Com o gosto da tua cantiga me esqueci do trabalho do caminho, & com a lembrança que me fazia na alma me dobrou a dor de tũa saudade com que parti esta madrugada, por tua vida, q̃ vas por diante, se nam he differente teu caminho, que não sei eu quem nam rodee muytos por te ouir. Certo (respõdeo elle) que ou tu deues trazer o juyzo afeiçãoado a tristezas ou me queres persuadir algum engano. Saberas que eu canto (& pera melhor dizer) choro por costume, & nam faço das palauas mais accento, que como os sospiros as lenam por esse ar desordenadas, o meu caminho he pera o Mondego, se pera la he o teu poderei seguirte, que grãde aliuio he pera os trabalhos a companhia, quando elles não sam rais, que chegam a fazer aborrecela, & a propria vida, & posto que eu da minha sou pouco contente, terei por grande interesse ser teu companheiro. Por certo (respõdeo Lereno) que mo pareces no cuidado mais, que na jornada & se tal he deuo a ventura achar o que buscava, não lhe tendo nunca outra igual obrigação, & pera a verdade do que sospeito, dizeme quem es, & pera onde ou porque caminhas. Ia nam posso (tornou elle) negar o que me pedes, a mim me chamam Menandro, & naci na ribeira do Tejo donde me aparteí ha poucos dias, por fogir a hũa razam que tinha para viuer desesperado, vou ao Mondego, & dahi determino passar a diante a buscar hum pastor men conhecido, q̃ por hum caso estranho se apartou da nossa ribeira, & pois o tẽ-

po,

po, & o caminho da licença pera tudo, & a tua inclinação não parece de fafeiçãoada, contarte ey hũa hístoria dina de eterna lembrança.

Nas ribeiras aonde naci, q̃ a nenbũa das do mûdo dã ṽta gẽ nas graças cõ q̃ as outras se engrãdecẽ auia duas irmãs, e bẽ nacida pastoras, q̃ tãto no grao da fermosura erã iguais, como no do parêtesco, & entre ellas fazia maior amizade lã da obrigação do sangue, a semelhãça do parecer, & partes sobrenaturais q̃ cada hũa tinha, e porq̃ era esta afeição justa & verdadeira colhião igualmẽte o fruito della, mas amor q̃ a ninguẽ cõsente segura liberdade, fez q̃ a menor dellas, q̃ Dorisa se chamaua cõ tã sobeja afeição amasse a Linceo, q̃ em seus olhos perdesse a lẽbrança de tudo o mais q̃ não era gosalos, & porq̃ o pastor nã tinha nella os seus por mal epregados, pagaua lhe igualmẽte o seu desejo, & trataua os seus amores cõ Mõtea, q̃ era outra irmã de mais idade, & como go q̃ eu tã aseruia, é não mal galardoadado de sua ṽotade. Foy o tẽpo apurãdo estas afeições, & era o amor entre todos perigoso, e o meu, & de Mõtea mui fauorecido, porq̃ cõ este alẽto toma elle ousadiãs, entrellas, & a esperança de alcãçar fim ao q̃ desejaua, me foi forçado apartarme daquelle lugar por algũ tẽpo, e parte do q̃ durou o meu desterro (q̃ eu tinha por tal em ausencia de quẽ senhoreaua meu cuidado) traua Lincio de meus amores dara as minhas cartas a Mõtea, e ami mãdaua as suas, cõ afe, q̃ é tã igual amor eradenida, porẽ como elle he hũ enleo, & so delles se satisfaz mostrãdo em sã razões seu poder, e tirania, ordenou q̃ este Linceo se afeçoasse a minha pastora, esquecẽdo o muito q̃ a Dorisa q̃ria & procurando meyos cõ q̃ se lhe descobrisse, achou nella mui pouca resistencia, q̃ alẽ de ser natural em molheres fogarẽ deser q̃ridas, parece q̃ he entre irmãs mais natural hũ cubiga de se melhorarẽ cada hũa da outra fora de tudo en estaua ausente, & montauã pouco minhas lẽranças, seguiu seus amores, & não foy com tanto segredo, q̃ igo Dorisa

Os não entendesse, buscou o remedio e suas lagrimas, repre-
sentou a Linceo o q̃ lhe deuia, & a irmã a treição q̃ cōtra
mi, & cōtra ella ordenaua, valeolhe este pouco, & auêdosse
nelle por desesperada, tratou de buscar nas ervaas o q̃ e suas
lãgrimas lhe faltara, aconselhouse cō Alcina, q̃ era a q̃ mais
dellas entendia nas mōtanhas dalê do Tejo, buscou algũas
pera o fazer esquecer de Mōtea, e deitou o gūmo dellas em
hũa fonte aõde eustumaua beber leuãdo o gado, e o dano q̃
lhe auia de fazer na memoria foi no juizo, e doudeceo Lin-
ceo, andaua pelos mōtes fazêdo de latinos, suspiraua pela
morte, despenhauasse dos outeiros, veio e pouco tẽpo a mu-
dar a figura de sorte, q̃ pelo q̃ fora o não conheciã, Dorisa
vendo o q̃ fezera cō o mesmo amor cō q̃ o possuio, ou ma-
lor, porq̃ cō os ciumes da irmã se acrecẽtara, veyo tãbẽ de
paixão a e doudecer, Mōtea q̃ ja sabia a causa deste estranho
sucesso, & vio a paga, q̃ abos tinhão de sua cubiça, vestida e
habito de pastor desapareceo, hũs dizẽ q̃ cō temor de q̃ mi-
nha presẽça acufasse ante todos sua maldade, outros q̃ pera
buscar remedio ao perido Linceo. Eu triste q̃ de tudo viuia
ausẽte, & descuidado vinha pera lograr o fruto de minhas
esperanças añas cõtẽte, achei estas nouas, vou me atras meu
destino, ou a buscar Mōtea, ou a viuer desesperado mais per-
to da morte, e geitãdo a vida sã gosto, e cō tãtos desẽganos.

Esta historia acabou Menandro cō muitos sospiros e al-
gũas lagrimas, q̃ descuidadas lhe cahião pelo rosto, & o
cõpanheiro ficou mudo vendo a differença dos males, que
a sorte ordena, & não lhe parecẽdo ja os seus tã rigurosos
começou a cõsolar cō algũas razões o pastor estrangeiro, &
porq̃ nisto se gastou a mayor parte do dia, & se lhe cerrou a
noite entre hũs casais, a passaram nelles, & em amanhecen-
do, vieram alcançar o Sol a hũ fermoso lugar o mais cele-
brado em tẽtura, & graças da natureza, q̃ todos os q̃ estã
ao longo do Mondego & sentandose entre muy espessas

roseiras, que estauam tecidas ao pe de altissimas fayas, & alamos brancos, defronte donde hum copioso ribeiro, caindo de hũa rocha abaixo, com hum saudoso estrôdo vem encrespando em escuma as cristalinas agoas, de que o ar esta espalhando perpetuamente hum meudo borrito, q̃ conuincem, na mayor força do Sol esta orualhando as flores de todo o valle, aly depois de descansarem tirou Menandro hũa temperada lyra, a cuyo som cãtou Lerenio o seguinte.

A Goas, que penduradas desta altura
 Cahis sobre os penedos descuidadas
 Aonde em branca escuma leuancadas
 Offendidas mostrais mais fermosura.
 Se achais essa dureza tam segura
 Pera que porfiais agoas cansadas
 Ha tantos annos ja desenganadas,
 E esta rocha mais aspera, & mais dura.
 Volcay a tras por entre os aruoredos
 Aonde os caminhareis com liberdade
 Até chegar ao fim tam desejado,
 Mas ay que sam de amor estes segredos,
 Que vos não valera propria vontade
 Como a mim não valeo no meu cuidado.

M Vyto bem pareceo a Menandro o soneto, cujos accantos com o som das agoas, que aly quebrauam, fazia hũa saudade cubiqosa a animos affeioados, & querendolhe dar as graças de quam bem o cantara elle não con-

fentio, antes se aleuantou pera seguirẽ seu caminho, o qual
fezeram por entre graciosos pumares, & verdes larãgeiras
aonde entre as nouas folhas aleuantana seus tenros frutos
a natureza semeando o chão das varias flores, que dos mais
altos ramos se despediram, fazendo com isto mais fermo
lo o deleitoso tempo da primavera, & porque a verdura da
quellas aruores, o cheiro das flores o murmuro das fontes
de cristal, que em cada riba brotauam d'entre as cruas, &
aluas pedras, a harmonia dos passarinhos, que dos ramos se
pendurauam, hião detendo os olhos a cada passo, foram
perto daly passar a força da calma ao pe de hũa pequena
ermida, leuantada sobre dous penedos, em cuja roda pera a
parte do tempo nacẽ tres fontes de agoa fermosíssima, &
ajuntandose em hum gracioso ribeiro, vam pelo pe de mui
tos freixos, & salgueiros em companhia ate entrar no rio
em hum quieto remanso, aonde parece que as espera. Affé-
tarãose os dous pastores a vista da primeira fonte, que de-
ce da rayz de hũa figueira brava, que faz cahir as agoas em
espelho, cobrindo no alto por onde passa hũa concauidade
do penedo, chea de verde auenca, & douradinha, que com
aquellas vidrasas do liquido cristal fazem sua verdura tão
fermosa, que nunca ricas esmeraldas, & preciosos diamãtes
tiueram pera os olhos tanto preço, acrescentado a este lu-
gar a graça com que as agoas cayndo do alto, se esprayauã
em hum largo seo de branca areia, aonde as aldeãs dos mon-
tes vezinhos custumão lanar as talhas, & escrespar os rou-
cados, & nam passou muyto, que viram quatro ferranas, q̃
vinhão pera a fonte com as beatilhas dobradas sobre os ca-
bellos, como naquelles mōtes he costume, & nellas os cã-
tarinhos pedrados, & cantauam ao seu modo estas canti-
gas.

Primavera de

Mancebo do pardo
Não tragaes espada,
Porque onde ha tais olhos
Para que sam armas.

Mancebinho louro
Andai descuberto
Tomareis mil almas
No vosso cabelo

Tornaime os meus olhos
Mancebo do verde,
Que andam tras de vos
E nam sabeis delles.

Tornaime os meus olhos
Mancebo do roxo,
Que vão da minh' alma
Para o vosso rosto,

Não quero ser dama
Do dos olhos brancos.
Que tem mil amores,
E nenhum cuida lo.

Não quero ser dama
Do dos olhos negros.
Que tem mil amores,
E nenhum segredo.

Vindeus meus olhos
Vindeus da serra
Não vos queime o Sol
Que vos tem inueja.

Pois fiquei na serra
Vindeus do campo,
Que quem ama muito
Não espera tanto.

Forase o meu damo
A laurar no monte
Querome ir com elle
Não venha de noioe.

Forase o meu damo
A gradar no valle
Quero me yr tras elle
Que outrẽ não lhe agradece.

Lume dos meus olhos
Se fordes a villa
Leuaimo nos vossos
Vircis mais asinha.

Pois ides a villa
Ninguem vos contente
Que os rostos toucados
Muytas vezes mentem.

ERa tam alegre o cantar das serranas, & pareciam tam
bem com aquelle rustico trajo afrõtadas *col. & def.*
algas

calças pela agoa do ribeiro, que posto que os dous camin-
hantes gastauam os sentidos em outra lembrança, não po-
deram negar naquella vista contentamento, & hũa dellas
na cor preta, nos olhos engraçada, & nas palauras mais li-
ure disse para elles quando os vio defronte. Por amor de
mim pastores, que deixeis o lugar, porque he de quem nel-
le me parece melhor que vos, ao que Lereno respondeo.
Não podeis vos logo dar esse e outra, que melhor pareça,
& se eu deixar este por vosso gosto, sera por outro donde
mais ao meu vos veja, que sem isto obedeceruos, fora agra-
uauos. Bofe pastor, que errastes na escolha (disse hũa das
outras) que em qualquer de nos a tinheis melhor, porque
esta serrana fez ja a sua aonde está bem empregada, vejouos
pera os amores boas palauras, & ruin partido. Por essa ra-
zão o tenho eu melhor (disse Menandro) que ainda não es-
colhi & porque nam aconteça o que a elle, desenganai me
qual de vos esta sem afeição. Eu que nunca a tiue a quem
me quis bem (respondeo a primeira) fallai comigo, que sou
pera tudo, & vos pelos finais meu namorado. Não se jais
tam sofrega (disse elle) que roubeis o alheo, cõtenta poscõ
meu companheiro, que o nam podemos ser nos amores,
mas se a pastora do brãco viue sem elles, & quiser os meus,
ficarei nesta terra por soldada a sua conta, inda que vejo,
que faz pouca desta vontade. Nenhũa tenho (respondeo
ella) de aceitar amores tam apressados, porque nunca pago
seruiços dantemam, & pois esta pastora me ganhou por el-
la, & vos quer por seruidor, nam se jais ingrato. Bẽj podereis
(disse elle) engeitarme sem me aconselhar, que vos não que-
ria pera terceiro, porem o ponço espaço, que aqui me de-
tenho, fara, que accite o conselho. O meu he (disse a outra)
que em quanto lauamos as talhas canteis algũa cantiga,
pois ao parecer sois do Tejo, aonde sam as melhores. Eu

Primavera de

disse Lereno nada farei sem interesse, & posto que não sei
cantar me offereço, se me ajudar meu companheiro, & por
que elle se não negou cantaram ambos.

Mal pelos meus olhos

No que amor ordena

Que elles tem a pena

Meu desejo vão

Tenha toda a culpa

E quem nelle culpa

A meu coração,

Que so pagaram

Meus olhos a pena

Do que amor ordena

Deste meu querer

Amor foi seu fim

E sem verme a mim

Vos quizeram ver

S'he contra o poder

Do que amor ordena

Elles tem a pena.

IA me arrependo (disse a serrana do branco) de me mos-
trar esquiva a tua boa vontade, quiçais se me offerece-
ras cantando que obrigaras a minha com mayor força po-
is a teue agora a tua cantiga pera te olhar com mais bran-
dura, que he cousa assaz alhea de minha condição, nam no
parece ella logo do teu rosto (tornou Menádio) porem ja
que te soube contentar, ainda estàs em tempo de me resti-
tuir o pouco que te has de gozar deste engano (disse ella)
me fara mais liberal. Não consinto (atalhou a primeira)
que entreis tanto, pella terra dentro nos fauores, & obriga-
ções. Pastores de enganai nos que nenhũa de nos sabe que
rer bem se não así, viemos de dar em que entender a to-
dos, & de nam entender a nenhum. Leuamos boa vida de
a dar mà a quem nos ferue, nada nos contenta senão o que
nos não custa, ha mais enganados nesta terra com nossas

palavras do que ha galardoados de nossa afeiçam eu sou
hum pouco de melhor natureza que minhas companhei-
ras nam quero que desta graça se vos pegue algũa imagina-
çam com que a deixais de siso, que conheço muytos que
com menos causa o perderam, ajudainos alevantar os can-
taro, ja que aqui vos achastes, que sempre a conta deste
fauor direis hum par de trocidos. Hora (disse Lerenio)
nunca encontrei com gente que tanta pudeffe leuar apos
si, digouos que fallais tambem como pareceis, & que o
que sobre desenganado vos nam seruir desacerta em tu-
do, nam nos deixeis tam de pressa por vossa vida, & vos
(respondeo ella) nam vos afeiçoeis taõ de uagar que desa-
creditaes o nosso costume, que no primeiro encontro feri-
mos, matamos, & roubamos como salteadores, & nam a
liberdade que pare ante nossos olhos, que com elles temos
feito a Amor hum esfolacaras, & vos a cabo de tempo, &
com muyta freima caystes na razam, por vos nam esperar
outras, ficai embora, & tomando o cantaro, fizeram as ou-
tras o mesmo, & com grande risada foram pello valle aci-
ma deixandoos na borda da fonte, dali foram continuando
seu caminho, pella sobida de hum valle aiaz pedregoso
te chegarem ao cume de hum monte donde começaram
com os olhos a descobrir a vagarosa corrente do Monde-
go, que em curiosas voltas se detinha por nam chegar ao
mar aonde perde o nome & o labor de suas doces agoas, &
porque se detiveram em contemplar os sumptuosos edifi-
cios & altos templos da famosa cidade de Coimbra, hon-
ra & gloria da Lusitania, & os aprasiueis lugares & quin-
tas de que esta rodeada, & era ja tarde disse Menandro pa-
ra o companheiro, com muyto sentimento: Nam o bem
de tua conuersaçam me consente a ventura, porque aqui
se aparta o nosso caminho, que o meu he por fora do lugar

& eu de passar hoje da outra parte do rio. Vay embora pa-
stor tua viagem, guiete boa estrella, que a minha he tal, que
atè esse bem me tira, se algũa hora tiuer descanso, que ja
não espero, & te vir com elle faremos lêbrança destas ho-
ras magoadas. De te o Ceo (disse Lereno) o que desejas, &
nos torne a encôrrar menos queixosos, se algũa hora ouu-
res nomear a Lereno natural do Lis, sabe que tês nelle es-
ta vôtade, & nisto com hum abraço se despedirão cada bô-
pera sua via, & seu cuidado, iguais na pena, & desigual a
causa della.

FLORESTA SEGUNDA.



O R entre hûs altos amieiros, que entam cõ
mais escura sombra se retratauam no Mon-
dego, caminhaua Lereno ao longo delle pou-
co espaço de hũa aldeia, aonde odia dantes se
lhe acabara, & porq̃ era tam socegoito as lem-
branças, & tristeza de seus cuidados, q̃ não perdia tempo &
lugar, que lhe renouasse nellas o sentimento, asentouse ao
pe de hum antigo tronco junto da riba aonde os passaros, q̃
madrugaram mais por esperar o Sol, com sua melodia acor-
dauam pensamentos de saudade, & aonde a vista das agoas
que passauam a fermosura do Ceo, que a manhã variaua de
mil cores, & o mouimento dos ramos, que o cobriam, esta-
uam representando ao sentido hum saudoso queixume, to-
mou elle para os seus o instrumento, & em quanto os passa-
ros para ouuillo se callaram, así dizia.

Sae o Sol desejado

Da aos campos a cor, o ser ao dir.



O pasto ao manso gado.
Correndo vem tras elle a noice fria
Onde ja sua luz não resplandece
E aly quando amanhece
Nos deixa conhecer
Que para apparecer desaparece.

Hum dia vay fogindo,
E o que corre tras elle nos alcança,
E todos se vam rindo
De meu engano vão minha esperança,
Que por mais que a ventura ma desuia
Viuo nesta porfia
Seguindo meus enganos
Esperando em mil annos hum so dia.

Com tam cego desejo,
Que melhor lhe chamara desatino
No Lis, Mondego, & Tejo,
Hora vaqueiro, & hora perigrino
Espero hũa mudança da ventura
Mas esta tam segura
No mal em que a busquei
Que ja por meu mal sei que este so dura:

Por fogir o perigo
Busco deixado a minha a terra esbanha

Primavera de

Mas como vou comigo
E ainda este perigo me acompanha
Tanto mais crece o mal, que me desterra
Não val mudar a terra,
Que a tal estado vim
Que eu a mim aonde vou me faço a guerra

Fermosa minha inimiga
Em cujas mãos ventura e aenos por,
Bem he que eu me persiga
E seja contra mim por ser por vos
Mas não tenhais tam dura opiniam,
Que se este coraçam
Ambos tam maltratamos
Ambos com elle usamos sem razam.

Que culpa teue mor
Que amar sem conhecer o que fazia
A culpa teue amor,
Que me não deixou ver mais, q̃ o q̃ via.
Assi foy temerario meu emprego
Que em tal desasoccego
Não via meus defeitos
Que amar pera respeito se fez cego.

E se isto me condena
E para amarnos era quem se atreue

Baste



Baste ja tanta pena
Para hũa culpa pois que foy tam leue.
Tomay senhora o mal que me ficou
Uereis no que vos dou,
Que ainda m'estais deuen-do
Não fique padecendo quem pagou.

Mas a que este deffenho
He chamar mal ao mal que me causai
Quando pelo que tenho
Vos fico inda deuen-do muito mais,
Ia me rendi ao pouco que mereço,
E assi pastora peço
Por m'entregar no mal
Que sejais liberal do que padeço,

Ia vos desejo dura,
Esquiua, ingrata, varia, fementida,
E a mim mais sem ventura
Sem esperanças, liberdade, & vida,
Mas não sejais ingrata, & enganosa
Nem inconstante irrosa
Não o digo por mim,
Mas não podeis assi ser tam fermosa.

Se a fôrça de meu fado

Primavera de

Vos dessa natureza cam alhea,
Por mal do meu cuidado
Termo que ingratitude vos torne fea
E se isto me tirara o pretenderuos,
E perdera o quereruos,
Ah nunca seja tal,
Que o meyo de meu mal seja offenderuos.

Se me sois homicida
De minha vida, e minha liberdade,
Que quero eu mais da vida
Que perdella por vos com saudade,
Que quero mais, q̃ as lagrimas q̃ choro
Ou no valle aonde moro,
Ou por este em que ando
Aonde a amor vou pagãdo o mesmo foro.

Se la aonde ficastes
A sem razão vos vier a memoria
Com que me desterrastes
Não quero nesta guerra outra vitoria
De tudo o meu desejo desaposso,
E do que esperar posso
Ey por melhor parrido
Este de andar perdido por ser vosso.

Assa

A Cabou o pastor ausente este seu canto, a que as aues magoadas parece que respondiam quando ja o Sol apparecia no cume dos altos montes, virando o rosto por entre os ramos, vio vir pera elle hũa ferosa pastora guian do as ouelhas, cujo rosto & trajo representauam a tristeza, que n'alma tinha, & com palauras em que a mostraua depois de o saudar lhe disse. Nam julgues mal pastor esta li cença, que teue tanta força o sentimento de teu canto, que me fez perder o respeito a meu estado pera te buscar. Ouui a tua cantiga, & parece-me a voz estranha, mas os versos tão naturais ao que na alma sinto, que sospeitei, q' auia em ty amor, o que de homẽs ha muyto que não creio, & se agora continuo m'engano, ainda sabes melhor fingir do que eu sei duuidar, porem se teu cuidado he verdadeiro, e por bẽ empregado este atreuimento. Ferosa pastora (respondeo Lereno) ainda que te conuinha mais outro nome, nam te pode dar culpas quem com tua presença se liura de tãta pena, & nam em balde quero bẽ a meu mal, pois de seu effeitos me naceo esta gloria: delles podes crer, que he verdadeiro, & de meu canto, que nam he fingido quando te descon tentasse, de ty quise eu perguntar muyto, mas nem o lugar he d, ambos, nem estou seguro em tua vontade. Essa (disse a pastora) he tal, que nem quero, que a sospeita do lugar me tire de ouir, & pera que essa razam te nam excuse, sayamos ao prado, que o publico nos dara mais liberdade. Logo Lereno tomando o curram, que nos ramos tinha pendurado se sabio d'entre elles, & pondo o sobre hum penedo, que no valle estaua encochado a elle, & a pastora ao seu cajado lhe pediu ella, que lhe dissesse o seu nome, a terra donde era, & o que naquella buscava ao que o estrangeiro com estas palauras respondeo. Ha tam pouco que saber em mim que a tudo responde com o que ves por;

porque o nome, se elle declara o ser de quem o tem, a tri-
 steza mo deu, terra não na tenho, porque nenhũa me con-
 sente, o que busco nesta, he o que mais desejo perder, & so-
 mado isto sou hum triste & peregrino, que busca a vida,
 que aborrece, porem se esta verdade so te não satisfaz, o
 meu nome he Lereno, naci entre as frescas ribeiras do Lis
 & Lena, terra fauorecida do Ceo, celebrada de pastores, ri-
 ca de fermosas pastoras, & porque era tal a minha patria,
 nam quis a sorte, que com as poucas ouelhas, que me deu
 nella viuesse, nem que so aos males, que a meu estado con-
 formes tinha bastasse o sofrimento, busco os câpos do Mô-
 dego pera guardar outras cabras, ter outra vida, não outro
 cuidado, mas viuer ausente da causa deste ate que o tempo
 desfengane minha esperança, isto so me perguntaste, & o
 mais q eu pudera dizer, pois sam males, não quero ser sobe-
 jo, & nenhũ delles consentirei, q tenha lugar antes de saber
 de ty, porq nisto tenho eu por acerto ser importuno, peço q
 me digas o nome, & algũs finais de teu cuidado que bẽ co-
 nheço no rosto dino de dar muytos, que não deuem faltar
 no coração O meu nome (disse a pastora) he Althea o que
 me pedes de meu cuidado, o mayor que tenho, he encobril-
 lo, que pois do remedio tenho pouca esperança, quero pe-
 ra mim so o tormento delle, com tudo folgarei de saber a
 causa que te obriga a perguntallo. A companhia no mal
 (tornou Lereno) muytas vezes he remedio & quem pade-
 ce folga de ver que não he so, & hum enfermo deseja de al-
 cançar os remedios, que o outro vfa pera mitigar a mel-
 ma dor que sente, & fora esta razam me obriga a mim sa-
 ber se no dano de tus males sou tambem culpado, porque
 he de crer se algũ pastor te offende, que a todos os outros
 deixou com culpa. Tanto podem estas razões (disse Al-
 thea) contra meu segredo, como o teu câto pera me trazer.

a este lugar, porem temo, que em me vendo leue em cõmu-
 nicar meus danos perca a boa opiniam em que me tinhas.
 De mim a tereis a boa (replicou elle) se merecer a cõfian-
 ça de teu cuidado, pera o qual offereço hum coração leal,
 e hũa fe muyto verdadeira, porem se isto não he tua von-
 tade, & receas perigo em a que te mostro antes quero offen-
 der a meu desejo, que a teu gosto. A estas palauras não res-
 pôdo Altea, antes obrigada dellas, & suspensa nõ que que-
 ria dizer, mudou mil vezes a cor, fazendo se com cada hũa
 dellas mais fermosa, & depois de pouco espaço arras de hũ
 sentido ay, que de dentro d'alma vinha, nestas palauras co-
 meçou o seguinte,

POis se melhora o mal comunicado
 Pois da aliuio o sentimento alheo,
 E hũ tormento de amor mal empregado
 So a lingua deixou tam triste meyo.
 Ouue a causa pastor de meu cuidado,
 Que contar ja nam posso sem receo
 Porque se em ty de amor vejo sinais
 Não tinha menos quem me leuou mais.

Mas eses olhos teus, que antes chorauão
 Quando com mil suspiros me chamaſte
 Não ſam hũs, q' cõ mostras m'enganauam
 Differentes tambe das que mostraste,
 E se com razam justa se queixauam
 Aquelles brandas versos que cantaſte
 Em ty espero achar consolaçam.
 Porque buscar remedio ſera vão.

Primavera de

Liure fuy no principio de meus annos
As leys d'amor isenta, & fugitiua
Mil vezes me offereceo doces enganos
Quando me vio para elles mais esquiua,
Mas como isentar am peitos humanos
Hũa vontade so de amor catiua
Tanto este em fim venceo minha perfidia,
Que vim a amar a quem me não queria.

Era no tempo quando a nossa Aldea
De lucidos pastores florescia
Quando era campo, valle, & serra chea
De musicas, de festas de alegria.
Viua Elisa, Phisís, Galatea
Syluia, Learda, & eu tambem viua,
Que agora neste estado tam catiuo
Melhor posso dizer, que ja não viuo.

Pastaria neste valle(Ah solee dura
Quam pouco dura hum bẽ, q̃ custa tanto)
Hum pastor natural de Estremadura,
Que em tudo extremo foy em tudo esp̃ato
No juizo, no rosto, na figura.
Na graça, no lutar no doce canto
E porque diga tudo mais barato
Tudo tinha, mas teue ser ingrato.

A inimiga sorte o cego Amor
 Por se vingar de minha tenra idade
 Trouxe ao nosso valle este pastor
 A quem dei pela vista a liberdade:
 Logo que o vi de mim se fez senhor,
 E ainda este não quis selo por vontade
 Ouviros & vio, & nelle tanto vi,
 Que ainda agora acho pouco o que perdi.

Em quanto encubrir pude a chama ardente
 (Pouco se dissimula esta doença)
 Iulgara quem me vira facilmente
 Sem conhecer a causa, a differença
 Buscava-o entre as feras, & entre a gente
 (Que este desejo a tudo da licença)
 Entre o gado, entre as feras, entre abrolhos
 Sempre era mais sermoso nos meus olhos.

Hum dia assi vencida do desejo
 Determinei mostrar-lhe meu tormento
 Eis a vergonha em vão eis o despejo
 Cada qual já vencia o sofrimento:
 E em quanto entre contrarios tais pellejo
 Sem se determinar meu pensamento
 Hũa manhã, que em tantas espirava
 Que buscar ao valle ande pastava.

Primavera de

Era no mes quando esse pastor louro
Que ja guardou de Admeto o mazo gado
E abraçou conuertida em verde louro
A causa principal de seu cuidado.
Buscava os cornos ja da branco couro
Que de Phasiphae foy gram tẽpo amado.
O tempo, o prado o valle, o meu pastor,
Tudo mostrava estar cheo de amor.

Estava elle lançado na verdura
(Ah que inda meu chamarilhe não podia)
E daly dava graça, & fermosura
A tudo o que do valle descobria
Leuando o rosto em hũa fonte pura,
Que entre as verdes ervas se escondia
Deixando com seu curso desigual
Borrifadas as folhas de cristal.

Ouvia aly da linda Filomena
Por entre o arvoredo o doce canto,
Que assi contar sabia o mal da pena,
Que enleuava os sentidos no seu canto,
A purpurea rosa, & Açucena
Esmaltavam da terra o verde manto,
E zephyro encrespava brandamente
As cristalinas agoas da corrente

(Cheguí

Cheguei com o rosto pallido & sem cor,
 Que o coração do sangue se ajudava,
 Mas o que me tirava este temor
 A vergonha do brado me tornava
 Disse-lhe o que por mim lhe disse amor,
 Que eu não creio de mim o q' então fallava
 Porque quando fallar-lhe pretendia
 Lagrimas por palavras lhe dizia.

Elle movido a dor, & a sentimento,
 Que tudo começou logo em meu dano
 Facilitou tam grande acreuimento
 Mostrando a tudo o rosto mais humano;
 De receos liurou meu pensamento,
 Ou fosse por amor ou por engano
 Mostrando, q' eu lhe fora offerecer
 O que elle não ousava a precender.

Isto dizia, & começava, quando
 Pera o valle decia hum guardador,
 Que atras do seu rebanho vê bradando
 Negras ouelhas tras da propria cor.
 Fuy-me eu por me não ver lóge apartando
 Foy-se pera outra parte o meu pastor,
 Ah quem entam olhara este final
 Para ser profetiza de seu mal.

Primavera

Nil effeitos de amor delle ordenados
Aly vi nos seus olhos enganosos
Do peito mil suspiros namorados
Da lingua mil queixumes amorosos,
Iguais mostrava amor nossos cuidados,
Mas so foram os meus os perigosos
Igualoume nas mostras como amante
Vencio por meu mal em ser constante.

Passou tam brevemente esta alegria,
Que a tinha o coraçam por falsidade
Deste sonho porei, que o parecia
Passei a larga noite em saudade,
E ainda bem a manhã não trouxe o dia,
Porque madrugou mais minha vontade
Quando no valle aonde nos apartamos
Ambos a hũ mesmo tempo nos achamos.

Veo, que ainda a mim me pareceo,
Que temer que o buscava mo detinha,
Enhum amoroso abraço recebo
Por entre os braços seus esta alma minha
(Ah quem aly romperá o mortal veio
Pera a alma ficar com quem a tinha)
E por que neste so me fora escasso
Tornei de nouo a darlhe hũ nouo abraço
Passei

Passai dias, & meses neste engano

(Triste, quem nunca delle fora isenta)

Passou hũ anno assim, passou outro anno

E esta minha affeição mais se acrecêta.

Não tem nas bonanças este dano

Nem em tam doce tempo tal tormento.

Quem julga o que ha de ser pello começo

Bem merece, que tenha tal successo.

Quantas vezes ao valle aonde pastava

O seu gado levava por fallarme.

Aonde mil brandos versos me cantava

Ao som do seu rabel por contentarme:

As arvores, & as aues insinuava

Com amoroso acento o nomearme,

E agora tal estou no que padeço,

Que pelo nome a mim me desconheço,

Quantas vezes dos Faunos estornados

Fogindo o mais espesso da floresta

Ao longo deste rio recostados

Tinhamos o rigor da ardente sesta,

Debaixo destes freixos levantados

Que faziam a estancia mais honesta,

E aly a relua, & folhas que cahiam

De saboroso leito nos serviam.

Primavera

Quantas vezes correndo a seca praya,
O seu nome escreui na branca areia
Quantas vezes no pe desta alta faya,
Que com trofeos tais ainda s'arrea
O coração, & a vista me desmaya,
Que quando a saudade diz q' o lea
Com elle sobe ao Ceo contêce a planta,
Efugindo o meus olhos o leuanta.

Mas porque vou fazendo larga historia
Do bem que hum breue espaço se detene
Para que conto da passada gloria
O q' ao mal presente so se deue,
Fica o bem pera males na memoria,
E por ficar melhor s'empre he mais breue,
Amei, gozei, viui leda & contente
Amo, padeço, & morro, triste, ausente,

Não sey que estrella foy contraria minha,
Que este trance cruel destinou
Que quando meu pastor mais firme tinha
Então diante meus olhos o apartou.
Força de estrellas foy, que assi conuinha
Eu a senti tambem elle a mostrou
Qu'ido me disse ah não me ponhas culpa
Que o fado que me obriga me desculpa.

*A razão nunca soube da partida,
E pretendi sabella delle em vão
Mil vezes a lha pedi, & arrependida
De importuno acusava o coração,
Te que me disse já na despedida,
Não me aparta de ty noua razão
A sem razão me aparta de meu fado,
Mas não me apartara de meu cuidado.*

*Que se a mesma fortuna, que me guia
A quem meu poder fraco não resiste
Ao cabo leuar sua porfia
Sem leuar juntamente a vida triste,
Eu tornarei a verte onde te via
Pois em te ver meu bem todo consiste
Não queiras saber mais de meu segredo,
Que ou cedo morrerei, ou viuirei cedo.*

*E nisto com hum abraço mais estreito
Amor os nossos rostos ajuntava
Tirando a cada hum do ardente peito
Lagrimas que nos olhos misturava,
Os que apartou a ventura a seu direito
Tam juntos tinha amor tanto apertava,
Que nem o ar da tarde fresca & fria.
As palavras, & os rostos dividia.*

Primavera

Foyse, & não sei quando se apartou,
Que os meus olhos cõ lagrimas não vião,
A voz cansada, a lingua se apegou,
Mas os suspiros tudo lhe diziam
Elle de longe o rosto me voltou,
E em o vendo estes olhos que o seguião
Sobre as eruas cabi triste de bruços,
Em lagrimas suspiros, & soluços.

Fiquei sem vida aly por grande espasmo
Sinal, que quem a tinha era partido
Acordei reuoluendo o corpo lasso
Sobre a meada relua amorticido,
Depois com saudoso, & lento passo
Enganando de nouo meu sentido
Pera triste cabana fuy cuydando
S' o meu pastor viria, donde, & quando.

Hum anno ha que sustento esta esperança,
Que elle em lugar da vida me deixou
Esperaua da sorte hũa mudança,
A que para meu mal ja se mudou.
La troquei nesta vida a confiança
La o cuidado o meu pastor trocou
La tenho certo o mal que duuidaua
La achei na ventura o que buscava.

Hum

Hum guardador de cabras ta do Minho,

Que foi do Tejo a ver a praya rica

Hum mes ha, q'enconerei neste caminho

Que a mão esquerda atras da monte fica.

E como o vi passar de mim vezinho

E quem cuidados tem tudo lhe aplica

Detiveo, pergunteilhe donde vinha.

Que amor pera o seu fim logo encaminha?

A caso, (E não vi caso mais estranho)

No meu pastor fallei (que nam fallara)

Quando suspenso o vi, E hũ ay tamanho

Lhe ouni, q' hũ duro monte tras passara,

Eu suspensa fiquei, E o meu rebanho

O saboroso pasto desampara

Os olhos nelle, o gado eu os meus viro

Por ver em q' parava o seu suspiro.

Elle por não determe em mais perigo

Assi quasi chorando me dizia

Althea quem achara aqui contigo

Quem tam longe te tras na fantasia

A ty esposo, a mim hum caro amigo

A sorte de inuijosa nos desuia

Não ja guardando gado noutra ferra,

Mas buscando perigos noutra guerra.

Primavera de

Eu o vi, & de ty nunca esquecido
Mas da força dos fados obrigado
Não de amerosas pelles bem vestido,
Mas de pesadas armas carregado
Cõ o duro arcabuz ao hombro erguido
Em lugar do nudoso & bom cajado
Segundo hũa bandeira mal segura
Pois era dos soldados da ventura.

Pera remotas partes caminhava
Alem das largas agoas do Oceano
Fuy velo, ah, triste quando s'embarcava
Que ate ly nunca crera o desengano.
Estreito aly comigo s'abraçava
E chorando me disse, meu Sylvano
Fica com Deos, & se te não vir mais
Ia da alma sem que vou te dei sinais,

Tinhame ja contado o que passara
Nesta verde ribeira entre estas stores,
E quanto ante teus olhos alcançara
Com inueja de tantos tais pastores
Contoume o que partindo te ficara
Contoume em fim de todos teus amores.
E guardando a se sempre a teu respeito
Eu so fuy secretario de seu peito.

Pouco antes de partir se começava
Hũa carta a escrever pera mandarte,
Mas logo o tambor bellico o chamava
Com o rigor que pede o fero Marte.
Dissemme em fim que a alma te mandava
De que melhor pudesses informarte
Que o que ante ty ficou quando se fora
Te mandava afirmar de nouo agora.

Não pedes dezir mais o aventureiro,
Que o vento & o tambor nos despedia
Foyse, & perdi de vista hũ companheiro
De que nunca terei tal companhia.
Te qui tambem ouuia o estrangeiro,
E como o peito ja tanto encobria
Aos pes delle cahi com hum acidente
O de mais julgue quẽ de amor mais sente

Com lagrimas Syluano me acordou
E depois nos seus olhos as deteu
Por consolarme, aly me assegurou
Da tornada do meu pastor ser breue
Delles mil cousas outras me contou
Tres dias sos que neste valle esteu,
Foyse deixoume em lagrimas, & dores,
E este he Lereno o fim de meus amores.
Aqui

A Qui acabou Althea o discurso de seus cuidados, & a
 tras das vltimas palauras começaram a cair lhe muy
 ras lagrimas, que tinha nos fermosos olhos represadas, &
 não faltara a Lereno acompanhalla nestes effeitos amoro
 sos, que como entrado do mesmo mal conhecia a pena
 le, mas por não esforçar o sentimento da pastora com ale
 gres mostras lhe dizia estas palauras. Fermosa Althea, co
 nheço teu mal, & tenho d'elle experiencia, & pois pelos si
 nais que em mim viste me contaſte teus amores, pagarte
 ey com hum conselho do que exprimentey. Nam nego,
 que a causa de teu sentimento deues estas lagrimas, nem
 que lhe justa a dor que mostram, mas reprovou os estreuos
 que fazes, porque ſam desconſianças ſem razam. Que ſau
dades te cancem amor o pede, que a auſencia te ponha em
 reccos, o tempo o aconselha, mas não ſabendo outra mu
 dança do teu paſtor, condenallo ſem culpa he fiar pouco
 de ſua fe. Os fados traçam noſſa vida, & a quem elles obri
 gam pouca neceſſidade tem doutra diſculpa, & tu pouca
 razam de deſconſiar neste eſtado de teus amores, que ain
 da o tempo não venceo a fe do teu paſtor, poſto que a com
 bateſſe, eſpera & não deſconfies, viue ſegura em o que me
 reces, & veras cedo fim ao que deſejas. A iſto voltou a pa
 ſtora os olhos magoados mostrando nelles hū animo agra
 decido a dor de quem a conſolaua, & porque ja o paſtores
 com os gados atraueſauam o valle pera terem a feſta junto
 do rio, ambos ſe deſpediram, porque cuidados triſtes nam
 ſoſrem lugar acompanhado, poſto que os males pera reme
dio busquem companhia.

FLORESTA TERCEIRA,



ASSOVLereno o rio aõde elle affombra
do dos altos montes corre com mayor fu-
ria, deixando as altas aruores tremendo os
ramos da arrebatada corrête com que passa
na fralda da montanha aonde se fazia hũa
verde espessura de fayas, freixos, alamos, & salgueiros fora
muytas aruores de espinho tam serradas, que achauam os
rayos do Sol resistencia em seus agudos ramos, que com o
peso do dourado fruto se vinham a terra regadas de sau-
dosas fontes, que do pe da ladeira por entre toscas pedras
vem caminhando, & todas se recolhião em hum gracioso
ribeiro. O pastor por não perder a occasiam de tam aprasi-
uel lugar, sentado ao pe de hũa faya tirou o humilde manti-
mento ordinario entre pastores, & comessou a comer com
muyto gosto: & pera mayor mimo da natureza, nam bem
tinha acabado, quando do meyo de hum alto canaueal, que
ate a arca da praya se estendia, ouuio, que ao ruído que mo-
uidas do vento as verdes canas faziam duas estranhas vo-
zes cantauam o seguinte,

Quem fia da occasiam

(Com razam perde a que tem)

E se tarda quando vem

Venha arrependerse em vã

Pera ficar mais segura

Alcance da occasiam

A que do tempo se alcãça

Hum so penhor q ella tem

Ninguem tenha confiança

Lance mão, que se a detem

No tempo nem nauentura,

Verscha sem nada na mão,

Nunca

Primavera de

Nunca espere da ventura
Quê por sua culpa a perde
Nê guarde esperanças de
Para colhella em madura
Faça por ganhar de mão,
Quê tam mal, & tarde vê
Como a idade do hem,
E o tempo da occasiam.

Quê se descuida ẽ seu dano
Toma o q̃ o tẽpo lhe deixa
Arrependimento, & queixa
Saude, & desengano.
Causa de nossa affeicam
Nã creais quem vos detem
Vinde q̃ quẽ tarda, & vem
Vem arrependerse em vam.

E Nleuado estaua Lereno no doce canto, & não menos
satisfeito dos versos d'elle que cubiçoso de ver o don-
de naciã aquellas vozes, que dellas julgaua ser cousa diui-
na, & cedo lhe pareceo, que não se enganara, porque ainda
os sonoros accents no ar se suspendiam em saudoso Echo,
quando vio yr correndo por entre as tremulas canas, duas
Nimfas com os louros cabellos soltos sobre os hombros.
Estas de hum ligeiro salto se lançaram ao rio, ao tempo q̃
dous pescadores, q̃ vinham no alcance appareceram na pra-
ia, & se foram desfatar a barca, q̃ estaua entre hũs penedos,
deixando a Lereno tam magoado do q̃ lhe estoruram co-
mo contente do q̃ vira & atraueçando o canauel vio pera
hũa parte d'elle a coua donde antes cãtauam as offendidas
semideas, fameada de rosas & boninas, entre as quais esta-
uam enlaçados algũs fios d'ouro, que as flores de inueja ti-
nham roubado. Leuou o pastor no çurrão destes despojos
por estranheza, & começando a subir a ladeira acima, vio
perto de si hum tiro de pedra hũ pastor vestido em hum va-
queiro de pardo escuro, & ao lado esquerdo hũ manchado
çurrão da pelle d'hum abortino nouilhe, & sobre os cabel-
los mais louros, que o raio do Sol, que em ancis lhe cobria
as fontes, & as orelhas, hũa monteira de pelle de lobo. Este

encostado a hum grosso cajado de enzinha esboreia em o tronco de hum alamo com muyta sotileza. E porque Lereno pelo caminho auia de passar por junto a elle, duuidou se o faria, porem vendo q̃ não era segredo, o q̃ d'huã carta tam aberta se fiaua, indo por junto a elle, o saudou, & o do pardo o deteeue pera saber de q̃ terra caminhaua, q̃ bem conhecia no mais ser estrangeiro, ao q̃ elle tornou, q̃ era do Lis, & que auia tres dias, q̃ partira de suas ribeiras pera aquellas do Mondego. Folgo (tornou elle) de te encontrar, q̃ te acompanharei ate o fim da ladeira, porque sou muyto afeiçoado aos pastores do teu lugar pela fama que tem nesta nossa campina, & neste tempo lançou Lereno os olhos ao tronco, & vio que deixaua nelle estas palauras.

<i>Cuidado sem esperança</i>	<i>Auer se pera hum ausente</i>
<i>Iusto he q̃ tenhais assento</i>	<i>Por saltar em meus amores.</i>
<i>N' alma pera sentimento</i>	<i>Saibão, q̃ por perseguirme</i>
<i>Neste alamo por lembrança</i>	<i>Oue contra meu cuidado</i>
<i>Leam todos os pastores</i>	<i>Homẽ ausente & lembrado,</i>
<i>Que é meu dano se cõsente</i>	<i>E molher ausente & firme</i>

Começando a caminhar lhe perguntou o do pardo, que lhe parecia da verdura, & graças dos campos, que dally se descobriam, & as socegadas agoas do Mondego, que em saudosas voltas se despedia do pe daquella montanha, Tudo (disse Lereno) mostra na terra hum parayso, & so viura nelle em pena quem tiuer a alma descontente, que os olhos sem o coração mal podem ter alegria, digo isto, por que esta fermosura, que aos naturais he gloria meda minha ventura por desterro, & como este he forçado nunca contenta.

Primavera de

tenta. Grande bem he a liberdade (tornou o outro) & grande mal viuer, sem ella, peça he, que todos perdem por sua vontade, & perda que se mais sente, mas se a tua ficou bem empregada, não te queixes. Que val (tornou elle) estar bem empregada se he mal agradecida, & se os males, que homẽ busca custão mais a sentir, porque nunca se chora a culpa, senão a dor, porẽ deixando esta, que agora nam tem lugar, te cõfesso, que não vi outro tam fermo (so de agoas, & arno redos como este he, sempre foram celebrados os câpos do Mondego, & muito mais os seus pastores, & bem se mostra no q̃ em ty apparece. Não quísera (disse elle) desacreditar a tantos comigo, mas se hoje ficas nesta Aldea, farei q̃ vejas em muitos o q̃ em mim falta. Nestas razões tinham ja atraueissado o monte, & decendo cõtra o penedo das saudades, ja os guardadores com as roucas bosinas, & diligẽtes rafeiros ajuntauam o gado, & conhecendo a Flóricio (q̃ este era o nome do pastor a quem Lereno acompanhaua) se vieram a elle, dizẽdo que não era bẽ, que passassem o valle das oliueiras sem algũa cantiga, que sem elle não prestaua, & depois de descansar, accitou o encargo, dizendo a Lereno, que a seu respeito o fazia, & cantou o seguinte.

Não sei pera que vos quero

Pois de olhos me não se ruis

Olhos a que eu tanto quis.

Noutro tempo mal pecado

Quando eu via o q̃ buscava

Era tam acatellado,

Que sendo pastor de gado

Te do gado vos guardava

Mas essa antiga alegria

Nem a tenho, nem a espero

E pois não vejo o que via

S não for por companhia

Não sei pera que vos quero.

Eu

Eu vos quis pera chorar
 (Mas quẽ aq̃ a dor resista)
 Que se eu pudera aturar
 E em tanto perder de vista
 Vos ouueres de cegar
 Poupeiros como inimigo
 Pois pera o pranco vos quis
 Tendoo por menor perigo,
 Mas servirmeis de castigo
 Pois de olhos me não servis

Muytas vezes ainda agora
 Quando a lèbranças m'etrego
 Desejo por meu socego
 De arrancar os olhos fora,
 E ficar de todo cego.
 Mas torno acuidar em quãto
 Me lembra o mal q̃ vos fiz,
 E que agora vos leuanto
 Como posso offender tanto
 Olhos a quem tanto quis.

A Cabou Floricio, & não so aos pastores, q̃ jutos o ouuião, deixou cõrentes, & a Lerenio mais seu affeiçoado, mas as pastoras q̃ do valle vinham subindo cõ seus rebanhos, êcostadas aos cajados se detinham. Logo pediram todos a Menalio, q̃ cantasse, & elle sem muytos rogos, tomando a Floricio a samfonha, começou.

Mandaisme que vos não veja

Dos olhos, que ey de fazer?

Pois lhe não fica que ver.

Tal a vista me ficou

Quando vi vossa figura,

Que pera o mais me cegou

Como quem ao Sol olhou,

E entrou numacasa escura

Vi quanto a vida deseja,

E fiz della alegre emprego

A pezar da mesma inueja

Vos porque me eu veja cego

Mandaisme, q̃ vos não veja

Hum remedio me conuinha

Contra a sem razam q̃ vsais,

q̃ era veruos na alma minha,

Mas essa alma aõde vostinha

Nem de vista ma dexais:

Da alma, & de seu poder

Dos sentidos, & da vida

Ordenou vesso querer

E pois so não sois servida

Dos olhos que ey de fazer?

Pois

Primavera de

*Pois tudo o melhor leuastes, Pois me souberam ganhar
E deixais os olhos sos Quando me soube perder
Tam cegos como os deixastes Com o gosto de vos olhar
Pois leuallos lhe negastes Não lhe deixeis que chorar
Deixaiois yr tras de vos. Pois lhe não fica que ver.*

BEm mostraua Menalio na graça do seu cantar, & na differença doque custumaua, que queria contentar aos companheiros, & competir cō Floricio, & posto que muytos, que o entendiam se callassem, nam o pode dissimular Theonio, que sorrindo disse, tambem a Floricio deuemos a tua cantiga, como a sua, que bem se mostrou nellas, que era competencia. Antes te digo (respondeo Menalio) que mais canto por obedecer a quem mo mandou, que por me parecer, que podia fazello diante Floricio, & de ty, q̃ sempre me vencestes. Se tu comigo o as de zombaria (lhe replicou Theonio) sou tam confiado, que se tomo o arrabil, ambos me auéis de rogar, que vos queira por vécidos. Como eu ja estou (disse Menalio) escusas contenda, la te auem cō Floricio sobre cuja sera a vitoria, mas elle cruzando os braços, disse, q̃ se não atreuia a procuralla. Não euideis (tornou entam Theonio) q̃ com essa humildade me fareis decer desta opiniam, nem que a essa cōta, não queira a vitoria mais pêlo joyzo de todos, que por vossa vontade, & tomádo o arrabil cō muito aluorosso, & riso dos pastores comelou com hũa voz muito engraçada a cantar o seguinte,

*Fartaiuos de ver meus olhos
Os olhos de Guiomar
Não nos podemos fatar.*

Adão

Andais de dia apos ella,
 Pelo monte & pelo prado
 Seẽra a mōdar ao serrado
 Se pre lhe estais a cancella
 Se a noite cornais a vela
 Nũca vos farteis de olhar
 Nam nos podemos fartar.

Inda bem se nãõ enfeita
 Com a fraldilha lou çam
 Ao Domingo d e manhãa
 Quãdo ovos tẽdes despreita
 Enada disto aproneita
 Pera vos fartar de olhar
 Nam nos podemos fartar.

Tem o seu rosto tal ser,
 E os seus olhos tais estremos
 q̃ quanto nelles mais vemos
 Tanto mais temos q̃ ver,
 Quem os sabe conhecer
 Nunca se farta d'olhar
 Nam nos podemos fartar.
 Nam ha força que resista
 Ao q̃ com seus olhos erra
 Que estando vẽdo nos mata
 De fome com sua vista
 Ou se vista ou se nam vista
 Ou no monte, ou no lugar
 Nam nos podemos fartar.

CAntou Teonio tam confiado, & com tanta graça, que
 a todos persuadia a razão de sua arrogancia, & não pas-
 saua guardador, que nam parasse com os olhos nelle, mas
 juntamente o dia, & o caminho com a cantiga se acabarã,
 & dandolhe os pastores o louuor costumado, comẽçarão a
 apartar os rebanhos, & Lereno se apartou com Egertio ami-
 go seu, que ja das ribeiras do Lena o conhecia, o qual com
 muyto aluoroço o recebeo, & leuou a sua cabana, a onde
 cada hum relatando os successos de sua vida, & desenhos
 della passaram a noite que este he o fruto da verdadeira a-
 misade, o aliuiio dos males, & a gloria dos bẽs, comunica-
 rense sem inueja, & com afeiçam.

FLORESTA QVARTA.



RA Floricio hum pastor natural do Tejo, e quem os daquella ribeira tinham muita confiança por ter elle muitas graças, que ainda repartidas se achão difficultosamente entre os pastores com a samphonha na mão não auia naquelles campos que o iguallasse, nẽ na luta quẽ lhe lhasse a fogaça, nem no baylo quẽ cõ mais ar saísse ao terreiro, finalmente com hum cajado na mão, não auia pastora quẽ de graça lhe não deuesse a liberdade, & sobre ter esta melhorioria de muytos outros, era tam affeioado a tristeza de hum suspiro, & ao apartamento de hum lugar saudoso, quẽ lhe não parecia bem couisa que o não fosse nem pastor, que nam sentísse paixões amorosas semelhãtes as que na alma trazia tam sogeitas ao segredo de sua fe, quẽ nem Lereno lhe entendera o pensamento, se o proprio mal o nam tiuera tão insinado a conhecer seus effectos, & como de inclinações tam semelhantes se faz a boa amizade a cada hũ destes doos pastores ficou secreto o desejo de se tratarem, & communicarem por amigos, em especial Lereno, que muyto em particular soube de seu amigo Egerio, quem era, & como viera ter aquella ribeira. Passados porem algũs dias, quẽ Lereno viuia em a conuersaçam dos pastores daquelle lugar, aonde tomou sua cabana hũ dia antes, quẽ amanhecesse, acordando d'hum doce sonho em que a imaginação o tinha enleuado, ouuio hũa suau voz, que cantaua do pe de hum castanheiro, que com suas ramas cubria a porta da cabana de Egerio, & por nam perturbar a gloria, que na alma lhe causaua aquella saudade re o folego reprimia por não suspirar & ouuir a cantiga, que eram estas endechas,

Que
adai

Quem dorme descansa
 Quem ama não ousa
 Porque não repousa
 Mais que na lembrança.

Acorday cuidados,
 Que me despertastes
 Pois não ma drugastes
 Pera descuidados.

Lembra-vos de quem
 So de vos se esquece
 Desque o sol parece
 Te que a noite vem.

Que eu tomei perfia
 De cuidar so nella
 De noite de vella
 Por vella de dia,

Meus olhos diram
 Estes disconcertos
 Que de andar abertos
 Ia não vem nem vam.

Quando vou com ogado
 Pelas sementeiras
 Sempre trago olheiras
 Como tre/noitado.

Como o silencio da madrugada, & o vagaroso mouimen-
 to das ramas, fazia a voz tam saudosos accentos pelo
 val daquelles outeiros, q Lereno q o ouhia nã pode deter

E como em deserto
 Sem saber onde ando
 Nella ando sonhando
 Dormindo & desperto.

Que com grande aballo
 Depois me enuergonho,
 Porque como eu sonha
 Nil verdades fallo.

Temo neste emprego
 Vencido da dor
 Que de puro amor
 Me eyde tornar cego.

Nil vezes ditoso
 Quem sem tal cuidado
 Dorme descansado
 Sono saboroso.

E pella ventura
 Não sente hum so dia
 Nem a manhã fria
 Nem a noite escura.

Durma quem descansa
 Em tão bom remanso
 Que eu ca nam descanso
 Busco a quem me cansa.

Primavera de

algũs suspiros da saudade, que mil lembranças lhe desper-
taram, & por saber quẽ seria da cantiga se vestio depressa,
& tomando o cajado, sahio fora da cabana, & daly vio a
a Floricio, que hia decendo pelo valle abaixo, pera as frol-
das do rio, & dobrando tras elle hũa trasposta bradando-
lhe de cima o fez voltar o rosto, que conhecẽdo a Lerenõ
mostrou cheo de alegria, & depois que chegou a elle, & o
saudou lhe disse, não cuidei que tomaras ao rouxinol mais
que a saudade, & as horas de seu queixume, que ainda no
voar o parecias, pois não me valeram os pes se com os bra-
dos te nam alcançara. Quem cuidaria (disse Floricio) que
tinha eu forças pera te trazer apos mim, deixandote dor-
mindo na tua cabana. Mais me espanto (respondeo Lere-
nõ) nam se virem atras ty as arvores, & os rios (como con-
tam do musico de Thracia) porem a razam he, que so cou-
sas sem entendimento te não sigam, mas porque venho
muyto suado da pressa com que deci a ladeira te rogo, que
nos sentemos hum pouco em quanto não sam horas de ti-
rar o gado. Sentemonos (tornou elle) que ainda que fosse
horas mais quero ao teu descanso, que ao meu rebanho,
quanto mais a tal companhia. E eu (disse o outro) pella tua
sofrerei perder tudo o mais, como não seja ouuirte cantar
que te affirmo que o fazes com tanta ventagem dos que
tenho ouvido, que o melhor do mundo te pode ter inueja.
Tudo consentirei (respondeo Floricio) como me nam en-
uergonhes cõ os lounores, que não mereço. Antes me cal-
larei por não te saber dar os que deuo (tornou elle) & pon-
doos ja que assi queres, de parte te affirmo, q̃ tens ja tanta
no meu coração, que me não ficaram palauras pera te offe-
recer. Menos as terei eu (disse Floricio) pera respõder, mas
pois a teu entendimento nada se esconde, bem deues ter
sabido de meus o'hos, que te trago nelles, do primeiro

que me encontraſte, & não peſſo mais aventura depois dos
males, que me tem feitos, ſe não que me faça companheiro
na tua perigrinaçam, ou a ty morador neste lugar, pera que
te não perca algum tẽpo do em que te trago, mas por não
ſe vſarem entre nos palauras, que a outros ſervem de com-
primeto, te rogo q̃ não vamos adiante, & porque o Sol vi-
nha ja enjugando ſobre as flores o mendo orualho, q̃ a au-
rora nellas derramara, & eram horas de tirar as ouelhas ao
paſto ſe foram os dous paſtores te os currais, & dalli leua-
ram o gado pera alem do rio, que era o lugar donde Flori-
cio apaſcentava, & aſſentaranſe em hũa verde riba ao pe de
dous ſalgueiros, que eſtam vendo os ramos em hum quic-
to remanſo do Mondego, cujas raizes tecidas pela mão da
natureza hiam fazer ſobre a agoa hũa debuxada ſombra da
ly vendo Lerenõ as ouelhas, que com hũa liberdade tam
contente hiam toſando a miuda relua, diſſe guarde Deos a
o teu rebanho amigo Floricio, & o liure de maos lobos &
de mau olhado, como anda contẽte por eſta relua ſeguro
no teu cajado engordando na tua viſta, ditoſo elle, que tem
tal paſtor, & tu venturoſo, q̃ com elle goſas vida tam deſcã-
ſada. Ah Lerenõ (diſſe elle) Deos te guarde de males, q̃ tra-
zem conſigo obrigação de ſegredo, que fazem ſuſtẽtar a vi-
da mil hy pocrezias, que ſe ſoubelles os deſcontos com que
poſſao eſte a chamaſte deſcãſo, ouueras por muito melhor
o teu deſaſocego, & não deues pouco a vêtura por te negar
experiencia tam trabalhosa. Não te reſpõdo (tornou Lere-
nõ) porque não ſei o mal de que te queixas, nem pergunto
qual he por quãto as vezes cuſta lembrallo & muito mais
deſcobrillo, a quem o ſuſtenta com tanta fe. Melhor ſera
(replicou o companhe. ro) gaſtar o tempo em aliuiõ de ma-
les,

les, que em despertar o sentimento delles, por tua vida, que
cantes hũa cantiga das tuas, porque sendo ellas em toda a
parte tam gabadas, ainda te nam ouui. Grande sem razã
seria (disse elle) negar cousa tam facil a quem com outras
de tanto preço me obrigou, so te digo, que ando tam costumado
a chorar, q̃ me não lembra o como cantaua, & aonde perdi o
gosto do meu canto deixei por despedida o arrabi, porem, porque
esta razã me não tem escusa, pera esse teu, & veras q̃ te enganaua, ou se engana quem me gabou.
Com muyto desejo temperaua Floricio o instrumẽto, quando
peras elles viram vir dous pastores em companhia de duas
pastoras, não mal parecidas, coroadas de fermosas flores da
campina, & todos vendo a Floricio, & ao cõpanheiro (q̃
ainda não conheciam) se alegraram, & cõ amorosas palavras
mostrauão o gosto de o achar, & cõtaraõ lhe logo a razão porq̃
o queriam pera juyz de hũa cõtenda, a qual nam auia na
montanha quem com melhor saber, & menos sospeita a
podesse julgar, & assi lhe pediram Cisneo, & Rosardo (que
erão os competidores) que quisessem elle, & o estrangeiro
assistir a hũa musica em louuor dos olhos de Felisa, &
Marilia, que eram as pastoras, & em premio da victoria,
ficaua por preço ao que melhor cãtasse, duas bẽ recidas
capellas, que os pastores traziam tam sotilmente enlaçadas,
que os pastores traziam tam sotilmente enlaçadas, que por
muyto espaço deram que olhar aos juyzes, & a muytos
outros pastores, & pastoras que no mesmo lugar se
ajuntaram a ouir a cõtenda, & Floricio accitou o cargo
cõ Lereno, q̃ por lhe obedecer se não escusou, & logo
Cisneo tirando a samfonia, começou, & tras elle Rosardo,
ambos com os olhos nos das pastoras, que os escuta-
uam.

Cisneo

Cis. POis Felisa os teus olhos tem diante
 Quê t'ama mal sera q'ê seus louvores
 Quem doueros olhos canta s'adiante
 Pois elles sam de todos vencedores.
 A mim me manda amor, q' delles cante,
 E vença os leues faunos, & os pastores,
 Que pera esta ditosa confiança
 Sempre os vejo vestidos d'esperança.

Ros. Se os teus olhos Marilia ver puderá
 Quem ja na vista d'oueros ficou cego
 Nunca a cantar comigo s'atreuera
 Senão pera fazer o mesmo êprego.
 E ainda a pastora entam todos vencera
 Quâto s'pastam no Tejo, & no Mondego
 Tendo presente a luz d'esses dos lumes
 Vestido da cor bella dos ciumes.

Cis. Mal julgara da cor do Sol dourado
 Quê de outra menor luz fica offendido
 Sempre se igualla a causa de cuidado
 Por aquelle sujeito do sentido,
 Cante de seu amor mal empregado
 Quem o não mereceo ter mais subido:
 Que eu forçado do amor, & do desejo
 Tanto de h'us olhos cuja cor não vejo.

Primavera

Ros. Se os olhos cor tiueram, q̃ a nã tem,
Que bella cor a dos teus olhos fora?
Nem tal fora da rosa ou da cessa
Nẽ tal do sol, nem tal da bella aurora
Tomão a cor os olhos do que vem,
Que em sua clara luz mais se melhora
Aos teus dei logo a cor, q̃ lhes conuinha
Nacida de hũa dor que na alma tinha.

Cis. Que dor que mal, que pena se consente
Em vendo de Feliza os olhos bellos?
S'outra nenhũa cousa he mais presente,
Que a gloria de gozillos, & de vellos;
Vios, & deilhe a vida tam contẽte
Que nem vida ja tenho pera cellos
Mas deixai-me pastora bella olharte
Que eu buscarei mil vidas pera dar-te.

Ros. Se essa gloria Marilia, q̃ eu mereço
Com hum sincero amor, & hũa fẽ pura
Teus olhos ham de dar por outro preço
Ou q̃ seja da vida, ou da ventura
Que não na mereci tambẽ confesso,
Mas dar por preço a alma m' assegurã
Esta de ty não pode ser negada,
Que ainda a trazes nos olhos pẽdurada,
Fiquẽ

*Cif. Fiquem sempre Felicia vencedores
 Teus olhos ca na terra como estrellas
 Vença (cantando delles) aos pastores
 Até que os faça iguais ao curso dellas,
 E pois no campo delles nace[m] flores
 Destas cantando alcance mil capellas,
 Que cõ temor, & inueja as Nimpas teção
 E sobre os teus cabellos se emmurcheçam.*

*Rof. Corrido se me mostra o pensamento
 Quando cuido Marilia, que offereço
 A teus olhos tam baixo vencimento
 Pois q[ue]m mores cõtendas tenho o preço.
 Mas resaluando o seu merecimento
 Nem os versos, nem flores lhe offeriço
 Se jam dos teus cabellos as capellas
 Pois os olhos as tem muyto mais bellas.*

A Cabaram de cantar os dous ouelheiros, & como o lugar da musica era no meyo do valle, os mais pastores & pastoras, que aly traziam o gado, se ajuntaram aos ouuir & entre todos ficou a viteria tam dnuida, q[ue] não se atreuiam a julgar entre elles differença. porẽ Lereno, em quẽ Floricio deixou a sentença, lhes disse. Cantastes tambem (gentis pastores) que suspendestes o entendimento de quẽ vos ouuia pera não poder julgar a ventagem, & fazer differença em estremos tam iguais, quando esta razam nam bastasse pera vos igualar a inueja de tam bõs versos, & de cui-
 da. s tam bem empregados fizera qualquer outra senten-
 ça

ça sospeitosa pelo que a minha he, que tenha cada hũa destas pastoras a sua capella, auendo que pera quem pode enuergonhar tantas flores, poucas sobejam, & fiquem os seus olhos conhecendo, que ha no mundo quem por os saber dinamente louuar, os pode merecer, sendo cada hũa destas cousas affaz difficultosa, & se este iuyzo vos não contenta, pedi o de Floricio como melhor, que nem eu creio auer outro, que de vos ter ouvido não fique sospeito. Todos os presentes confirmaram a sentença de Lereno, & alguns contentaram tanto as palauras della, que aos outros preguraram donde era aquelle estrangeiro, acrescentando a isto alguns lououres, não tam secretos, que a elle nam rendessem muyta vergonha, particularmẽte quãdo entre as pastoras, q̃ ali se ajuntaram vio a namorada Althea, que não tiraua os olhos dos seus fogindo aos de Floricio, que com antiga affeição a olhaua, não podendo acautelar-se tanto q̃ o amigo o não achasse cõ o furta nas mãos, porem Ríseo, que liure destes cuidados ouuia o canto dos ouelheiras, & lhe não parecera mal a contenda das cores, por dar outra differẽte do que tinha por opiniam, moueo de nouo a questão entre todos cõ tam engraçadas razões, & sutil eniẽdimento como tinha a custa da inueja de muytos do valle, porem atalhando todos, que so cantãdo lhe consentiriam o parecer ao som de hũa temperada Lyra cantou o seguinte soneto.

Fermosos olhos quem veruos pretende
 A vista dera em preço se vos vira,
 Que ainda que por perderuos a sentira
 A perda de não veruos não s'entende,
 A graça dessa luz não na comprehende,

Quem qual ao Sol a vos seus olhos vira
 Que o cego amor, que cego delles tira
 Com vossos proprios rayos a defende.
 Não pode a vista humana conhecer
 Qual seja a vossa cor, que a luz forçosa
 Não consente mostrar tanta belleza.
 Seu q̃ em vendosa ceguei pude ainda ver
 Hũa cor vi, porem cor tam fermosa.
 Que me não pareceo da natureza.

Quando os pastores em louuor da cantiga de Risco se
 empregauam, ouuiram de improuiso muytos brados
 de pastores, & grande ladrar de rafeiros ao pe do monte.
 & conhecendo pelo costume, que era lobo, todos desempa-
 raram aquelle lugar, & as pastores de longe os foram se-
 guindo, & no alcance de huns & outros se consumio a
 mayor parte de dia, ficando espalhadas por aquelles ou-
 teiros: das quaes Tirsea porq̃ leuaua mais o sentido nos
 amores de Floricio, que em perseguir o roubador do seu
 rebanho, se apartou tanto do caminho, que se lhe acabou
 o dia entre huns espessos matos, aonde com a noite escu-
 ra, & com a carregada sombra dos aruoredos estaua todo
 o valle medonho, & no silencio daquella escuridam, nam
 se ouuia mais que o ruydo, que ao longe o rio hia fazen-
 do por entre as pedras, & alguns brados dos boieiros, que
 dalem do valle hião fazer Eccho naquellas concauas pe-
 nedias, que entre a musica dos grilos que das caladuras da
 terra estauam cantando, cauauam hum frio temor em
 o brando coraçam da namorada Tirsea, a qual cahindo
 no descuido com que aquelle lugar viera a tais horas fi-
 cou

cou sem sangue, & começando a caminhar sem saber aonde, o tom das passadas que hia dando, lhe representauam, que alguem a seguia, & detendo-se a cada passo, fallar nem suspirar ousava parecendo-lhe, que nisto saluaua seu perigo. Assim andou hum grande espaço ate chegar ao pé de hum piqueno outeiro, em o cume do qual auia hũas ruínas de casas, que noutro tempo o foram, & a quem a antiguidade, ajudada dos ventos derribara, cujas paredes estauam cercadas de mato espesso, & cubertas de antiga era que sostinha aquellas ultimas pedras, chegando aly julgando pelo vulto, q̃ seria algum casal, ou uio que feriam lume, & com as faiscas d'elle descobrindo o lugar ficou tam temerosa, q̃ tornou atras o passo, & encostada ao cajado, escutaua de quando em quando hũa voz, que se lhe representaua nos ouvidos, & depois que o temor lhe deu determinação, foy sobindo o outeiro ate conhecer, que eram pastores, que andauam na caça, & se recolheram ao amparo daquellas paredes pera passarem a noite, & porq̃ aly corria mayor risco o seu receo, ficou por algũ espaço imaginando o que faria, ate que de improviso se lhe offereceo remedio bem perigoso. E foy q̃ hũ daquelles pastores se sahio da companhia & tomando o caminho por onde estaua Tirsea fiandose ella no escuro da noite, cobrio cõ o capirote obranco toucado, & cõtrafazendo a voz o mais q̃ lhe foi possivel, o saudou, & lhe perguntou o caminho com q̃ fosse ter a algũ casal aonde passasse aquella noite, ao q̃ o pastor respondendo cõ palauras de boa cortesia. Bõ pastor, que he tã grande o escuro, que te não saberei mostrar o caminho, nem arinar este por onde vou, posto que o costume cada dia, com tudo se por elle quizeres, que te acompanhe, aqui a diante detras desta portella fica hũ casal, aonde eu vou buscar hu-

mas redes, que meus companheiros ficam esperando em quanto tarda a Lua, & fio eu da gente, que nelle mora, que te dem de boa vontade galalhado. He tam grande bem esse (respondeo Tirsea) que nam sey como te de as graças delle, & pois asy he, anda diante, que eu te yrei seguindo, & caminhando tras elle com muyto trabalho, por que o caminho era fragoso, chegaram a passada de hum ribeiro, aonde o pastor lhe offereceo a mão pera que desse o salto mais seguro, o que ella engeitou, dizendo que saltava bem sobre o cajado, mas entam o não fez com tanta ligeireza, que nam cay ffe da outra parte sobre hūas sylvas, & aly de necessidade accitou a ajuda do pastor, o qual tocando a mão, ficou com assaz sospeita do que poderia ser, & não ousando de descobrilla, por ser tam leue o fundamento, com desejo de achar outro, foy polo caminho adiante perguntandolhe donde era, & como viera ter aquelle desvio a tais horas, ao que com muyta cautella respõdeo que era hum moço estrangeiro que passava pera os campos do Douro, & que tomara errado hum atalho que atras lhe ensinaram, para que com sol podesse chegar a Aldea, & que por não passar descoberto ao frio da noite fora ventura de achallo em aquelle lugar. Por certo (lhe disse o pastor) que tomara eu verte em outro aonde te conhecera cō menos escuro, porque so de te ouir te tenho ja boa vontade. Não sei eu outro (tornou ella) aonde mais me aproueitasse teu fauor, que ja pode ser se me viras, que me guiaras com menos vontade (tal he o meuparecer) & entam não merecera por conhecido o que alcancei por desencaminhado. Nestas palauras & outras chegarão ao casal, aonde era forçado que o pastor foubesse a companhia, que ately trouxera, & abrindo a porta com a luz da candeia, vio a Tirsea, que cō

O tra-

Primavera de

o trabalho do caminho afrontada, & com o lume que lhe fazia no rosto ferrosas sombras, o ficou tanto que podia vencer as que em o valle mais presumiam de gentileza. O pastor que a conheceo, ficou tam alheo de sim, que nem falar pode, antes como desatinado do que sentia, tomou as redes que d'antes buscava, & saindo fora dando mil desesperados suspiros, se meteo por entre os matos tomãdo differente caminho do que o aly guiara, de cuja novidade ficou bem alterado, & suspenso o dono do casal, que era hũ pastor de muyta idade que com sua amada consorte vivia na soidam daquelle monte, cujos filhos eram os q̃ ficauam esperando as redes. Então lhe contou Tirsea a ventura por onde viera ter ao seu casal, & como se encobrira com o nome de pastor, por salvar sua honestidade, elle com muyto amor, & mostras de honrada bondade a recolheo, & a encomendou a velha que não menos que elle era bem acondicionada, & delles soube como aquelle pastor era Montano o mais conhecido pastor daquelle serra, & rico de ouelhas o qual não sem causa fez tam estranha mudança, porque avia muyto tempo que tinha a Tirsea secreta afeição, de hum dia, que entre muytas a vira na campina, em hũa festa de Pales deusa dos pastores. E era ella dina de obrigar a tais extremos, porque alem de ser muyto fermosa, tinha igual descripção, & honestidade, mas nem com estas partes, & outras muytas obrigaua Floricio a quererlhe bem, que este he o mayor mal que tem quem faz emprego em coração afeiçãoado, que não somente lhe he necessario conquistar hũa vontade, mas desapossala da afeição, que as vezes tem nalma poderosas raizes.

FLORESTA QUINTA.



ASSADA a noite deixou Tirsea o casal,
 & ficaram os velhos tam obrigados de suas
 partes, & cortesia, que assi sentiram a despe-
 dida, como se fora de mais tempo o conhe-
 cimêto, & vindo ella acudir ao seu rebanho
 que eram horas de tirar dos currais, quis saber o que acon-
 tecera a Floricio a tarde, passada, porque dos seus bons su-
 cessos dependia o viver contente, & dobrando o valle, o
 vio estar com Lereno de quem elle se apartara na monta-
 ria, & naquella hora tratauam do lobo, que os desparrira,
 & como a pastora não se atrevia mais, que a vello por en-
 tre hûas arvores, se desuiou, mas não tam longe, que deixas-
 se de ouir cantar a Lereno, o qual se não pode desobrigar
 dos rogos de Floricio, & temperando hûa Lyra sentado ao
 pe de hum salgueiro, cantou este soneto.

Fogeme a luz do Sol quando amanhece
 Vejo estrellas no Ceo ao meyo dia,
 E entam sinto do inuerno a mor perfia
 Quãdo o veram mais arde, & mais floresce,
 Quanto aos oueros alegra m'entristece,
 Porque tenho o pesar por alegria,
 Que milagres sam estes fantasia,
 Porque os não sabera quem os padece,
 Sospeito, que em meu dano conjurada
 Como mudou a sorte o condição

Vay

Primavera de

*Vay trocando o costume a natureza,
E assi nam vejo a luz tam desejada
E em lugar da alegria, & do veram
Nam tenho mais, que inuerno de tristeza.*

DEpois que Lereno cantou, suspiraua Floricio: mostrando com este nouo encarecimento, a quanto o obrigara o sentimento do que ouuira, & preguntãdolhe o amigo a causa d'elle, respondeo. Foy a tua cantiga tam cortada pera minha pena, & a tua voz tam natural pera a publicar, que faz em mim estes effeitos fora outros de inueja, que esconde o coração, & este lugar quísera eu agora pera te descobrir muytas cousas d'elle, em que conheceras esta semelhança, mas vejo vir ao longo do rio Menalio, Risco, & Theonio com outros pastores, & sospeito que ao Echo da tua voz acodiram, & vem direitos pera nos, mas se a minha ventura não he a que custuma, algũ dia terei em que a nossa vontade pratiquemos, & agora ouuiras a Risco, que he gabado de todas as pastoras da môtanha, pelas muytas graças, & partes de seu entendimento. A este tẽpo chegaram a elles os pastores, & Risco em nome dos outros pediu a Lereno, que tornasse a temperar o instrumento, que tinha deixado, & quíseffe proseguir seu canto, pois elle os guiara atealy, & que não era razam que Floricio tiuesse tudo o mais, & elles so a inueja. E como o pastor conhecia, que as cousas semelhantes a facilidade lhes dobra o preço, & as muyto rogadas, custam a vezes mais do que vale, tomãdo hũa samfonha de Floricio, lhes disse. Nam quero liurarme com as escusas que tenho, do que me mandais, nem a cautelar-me do pouco que sey, so quero obedeceruos com tal condição, que por facil, me nam tenhais por confiado que

o sou.

o sou, porque não respeito a mais, que a vontade de vos servir, a estas palavras se deram todos por muito obrigados, & disseram, que estauam por estas condições, com tal, que lhe não dilataste mais a musica, a qual elle começou desta maneira.

A Treuido pensamento
Não me ponhais em perigo

Que pera ser venturoso
Não basta ser atreuido.
Se sobis por leuantarme
Vede quanto atras vos fico.
Que pera quem nam descança
He muyto largo caminho.
Leuais iras vos o desejo,
E eu a ambos busco o fgo
Pera tornar a cabir.
Como a pedra de Sizopho.
Vostendes culpa d'ousado,
E eu de todas o castigo,
Que naci so pera penas
Que das nessas azas tiro,
Perfiais com a esperança
E eu com a razam por fio
Te que vencida de todo
Fiquemos ambos vencidos:
Se ante as aras da fortuna
Quereis yr ao sacrificio,
E acabar tam mal logrados
Como fostes bem nascidas,
Pouco auentura a perder
Quem se tem ja tam perdido
Samente temo em meu dano
Que me aneis de deixar viuo

Encolhei hum pouco as azas,
E estai a conta comigo
Que de muyto experimentado
Ja nos males adenuinho.
Fiauos do desengano
Vereis se he melhor partido
De hum conarde acautellado
Que de ousado arrependido.
Vede no triste successo
Do que deu o nome ao rio
Quam pouco contra ventura
Podem valer arteficios.
Sam vossas azas alheas,
E correis o mesmo risco
Deixaias aos venturosos
Pois que por mim sois mofiao,
Bastaua ao filho do Sol
Conhecer que era seu filho
Sem querer ter hum seguro
Sogeito a tantos perigos.
Contentaiuos pensamento
Ser de hũa parte diuino
Conhecei minha esperança
Deixareis de ser altiuo:
Mas em vossa sem razam
Sam meus conselhos baldios
Que pouco valem contrella
Conselhos, rogos, nem gritos.

23
E Speravam os pastores o mais atreuido, que desse a Lereño as graças do que cantara, mais Theonio, cuja confiança escusaua padrinhos, rompeo esse silencio, & disse. Teinho tanta inueja ao teu canto, que se não temera oparecer de tantos ouuera o de desgabar, porque tambem isso fora mais facil, que darlhe deuidos lououres, mas ja que me ey de callar com minha magoa, te rogo que me contes donde ouueste tam boa, & estranha cãtiga, que ja neste valle ouuimos a hum pastor estrangeiro, versos do mesmo teor, mas tinham os nossos guardadores por muito difficuloso fazerse em a lingua Portuguesa, porque a tem por menos engraçada pera os romances) que assi creio que se chamam) & vemos em ty isto tanto ao contrario, quam grande he a vtagem, com que em tudo o excedeste a elle, & a esta pergunta de Theonio, todos mostraram muyto desejo da resposta de Lereño, & porque elle desejava satisfazello, em especial a Rifeo, que o obrigaua começou.

Em hum valle aonde mais contente da ventura apacentei, que he deste algũas legoas apartado, ania hum pastor meu grande amigo, que todos por suas muytas partes estimam, & queriam, este em sua tenta idade, deseioso de ver muytas marauilhas, que ouuia contar das terras estranhas, deixou a patria, & o rebanho de seu pay, que era o mais rico, & nobre pastor daquella Aldea, & perigrinando muytas partes do Mundo, vio em Archadia as celebradas ribeiras do Erimanto aonde o famoso pastor Accio Sincero apacentaua, cantou nas ricas prayas do Pado, & do Tibre, cujas penedias, & aruoredos estão repetindo ainda agora o nome da fermosa Laura, gosou as sombras dos bosques do

do claro Mincio, aonde o antigo Tirero celebrava o nome de Amarilis vio a origẽ do sagrado Tejo, & as ricas arcas de Guadalquivir, aõde o celebrado Lasso, entre as ouelhas mostrou aos pastores seu illustre ingenho, & aonde o namorado Syreno deu a lingua, & aos valles estrangeiros o q̃ devia ao Mondego aonde naceo. Este pastor vindo depois ao nosso lugar, tinhamos amizade cada hora mais estreita, & entre muytas cousas que dizia das que vira por aquellas partes, contou que estando em hũa Aldea junto ao Tejo, aonde se fazião hũas festas de pastores ao benzer do gado, depois de muytos jogos, & folgares, resoauão todos os mōtes vezinhos, com instrumētos & musicas dos pastores entre os quais elle (que não devia ter o menor lugar) deu hōrada mostra do que merecem os ingenhos da nossa Lusitania, & vejo tão affeioado a muytas cantigas, que entre elles ouiuo, que ambos em o nosso lugar nam cantauamos mais, que a imitaçam das que la ouuira, & eu como mais affeioado a nossa lingua Portuguesa fuy o primeiro, que nella cantei romances. Ainda Lereno, queria yr com a pratica a diante, quando viram vir muytas pastoras cō grande grita fogindo pera onde todos estauam sentados, & cō isto o ladrar dos raseiros, & bradar dos guardadores atroauão, todo o vale, & leuantandose, viram hum pastor furioso coroadado de Era, & de louro, com hum pesado salgueiro ao hombro, o qual em ligeiros saltos andaua atrauesando as reluas, não deixando lugar as quietas ouelhas, pera pastarem a miuda crua, q̃ perdendo o tino amedrentadas hũas entravam pelos vedados trigos, outras balando cō os alheos gados se misturauam. Leuantados os pastores, correram tras elle pera o prender, mas Tarfea esmorecida cō medo, se abraçou a Floricio, que entam lhe nam podia negar aquelle amparo, & obrigado de seus piadosos rogos a leuou

ate a cabana do honrado velho Salicio de quem era vnica
 filha, & pello caminho lhe contou como aquelle pastor
 doudo era Montano, & a estranha aventura, que com elle
 lhe acontecera a noite passada, do que Floricio não ficou
 pouco espantado no principio, mas considerando a força
 que amor tem empeitos humanos, & a fermosura de Tir-
 sea, que aly ao perto se lhe representaua sem sospeita, nam
 tene o acontecimento por estranho, julgando juntamente
 o que deuia a pastora, que por seu respeito tudo desprezaua
 tendo da sua parte tam grandes merecimentos, & com este
 conhecimento a tratou entam com tanta differença do cu-
 stumado, q̃ ella teue por ventura o mau successo daq̃lle dia,
 & chegando a cabana aonde se ouue por segura do recco
 passado, não despedia os olhos de Floricio, que nos seus lhe
 leuaua a alma, tornou elle aos pastores, que com muyto
 trabalho tinham preso a Montano, cuja historia de muitos
 foy sabida, & quasi todos pelo conhecimento, que delle ti-
 nhão, & Lereno por affeicoadado ao mal de que endouece-
 ra, o leuaram ao seu casal, posto que desuiado estava porem
 Althea apartada das outras pastoras, se foy assentar ao lon-
 go do rio entre algũas arbores, que crecem com as rayzes
 nelle, pera ouuir os roixinois, que naquella hora começa-
 uam aly seu saudoso câto, & porque no alto dos ramos de
 hum loureiro vio entalhado hum nome, que com a mes-
 ma planta fora sobindo, & se podia ler mal por ficar tão al-
 to, curiosa de saber cujo seria, leu Althea, & aparou no
 me, q̃ com a mudança do tronco, & sombra dos ramos se
 não lia como q̃ o seu pastor ausente o escreuera & fazendo
 lhe esta lembrança na alma saudade tirando della algũs sus-
 ros, & do gurrão hũa dourada samfona cantou o seguin-

Nome que amor nas azas leuanteou,
E depois abateo tanto a ventura
Como não cabis já de tanta altura
Se quem vos sustentava se trocou:
Pois já com o largo tempo se apartou
Fazei nesta cortiça a sepultura
Não renouveis agora na memoria
Tristes lembranças da passada gloria.

Quando contente aqui vos escreuia
Quem nalma fielmente vos guardava
Nas pedras, & nas arvores pintava
Por mais firmeza o bẽ q̃ me queria
Pois me falta esta fê de q̃ eu vinia
E vos dais vida ao mal, q̃ tanto agrava
Leue em despojo amor desta victoria
Tristes lembranças da passada gloria

De que servia a Amor tam grande engano,
Esperança tam grande, & tam fingida,
E aleuantar a humbem pera a cayda
Vir a tamanha pena, & tanto dano?
O sem tempo chegado desengano
Na lembrança da gloria já perdida
No fim de tam alegre, & doce historia.
Tristes lembranças da passada gloria

E vos o testemunha verdadeira

De hũa deuida fe tam mal guardada

Escriptura d'amor falsificada

Fiança de vontade tam ligeira

Não valeis ja por fe pois que a primeira

Tambem de vosso dono foi quebrada

Pois não valem, não fiquem por memoria

Tristes lembranças da passada gloria.

Não somente a musica de Althea, mas a dos roixinois, que ao som da sua sanfonha com amorosa perfea a ajudauam, fazia hũa fermosa saudade nas fraldas do rio que com hum concertado ruydo parece que cantaua, callou ella pera ouuir os passarinhos a tempo q os pastores q leuaram a Montano deciam do monte cantando, ella de os ouir deixou o lugar, & atras elles escutou acãtiga, q era esta.

Quem viue em desfudo

Sayba deste auiso,

Que amor, que he de siso,

Não deixa sesudo.

Quem faz nelle emprego

Vencido da dor

S'olha por amor

Tambem fica cego.

Quem ama sesudo

Tenha disto auiso

Que assi rouba o siso

Como rouba tudo.

Quem se lhe offerece

Tudo nisto iguala,

Que se de amor falla

Damor emmudecem

Quem no mesmo estudo

Emprega o iuyzo

Amando de siso

Perde o ser sisudo.

FLORESTA SEXTA.



ENTRE todos os pastores da montanha, & da campina, se fallaua a doudice de Montano, seruindo de motiuo, & galantaria em os amores de muytos, que com aquelle exemplo os encarecião, porẽ de si o temia Floricio, receando hũ castigo semelhante sem razão cõ q̃ traua a Tirsea, & so a vista & conuersação de Lereno o aliuiaua nestes cuidados, porẽ não tanto, q̃ de todo os encubrisse! Hum dia, que com a sobeja quentura do Sol nam podiã os gados esperar o campo, apartandose ambos de entre os outros, foram a passar a festa da outra parte do rio, naquelle lugar aonde Lereno vira as Ninfas, que os pescadores saltaram, & aly no mais secreto do aruoredo sentado sobre hum barranco, que as agoas do Inuerno aly cõrtaram, em o qual auia muytas pedras toscas cubertas de verde musgo, & d'entre ellas pelo meyo de agudas espadanas sahão muytos lirios roxos, & amarelos, que estauão mai syçofos com a vezinhança d'hum ribeiro, que por entre as pedras vinha decendo a sombra de altas fereigeyras, & castanheiros que os passaros escolhiã naquella hora pera se defender do ardor do Sol, & cantauam de seus floridos ramos, como no romper da alua a madrugada. Em quanto as cabras de Floricio hũas no alto da ladeira se pendurauam daq̃lles rochedos, pera alcãçar os floridos espinhos, outras ao longo do rio, pera chegar a os verdes ramos dos salgueiros sobre os pes se aleuantauam, outras buscando as claras fontes, deixauam de gostar as cruas saborosas por verem

nas agoas sua figura. Vendo Lereno ao companheiro pen-
sativo, & mais triste do que em sua presença o parecia, lhe
disse. Pois que eu Florico não mereci ate gora saber de
teus cuidados, não estranhes esta pergunta a que me moue
a differença que em ty vejo ha poucos dias. Succede-te de
novo algum desgosto? perderão-se algũas rezes do teu reba-
nho, que he o porque andas triste? Ou ha cousa que muda
em teus olhos as cores com que me vião, ou te me não vez
com o amor que me mostrauas. Não ha cousa (respondeo
elle) que em mim faça menor o gosto de tua vista, & se o ro-
sto por força do sentimento de meus malas nega a alegria
com que te vejo, esta mostrata a si so o coração, que não té
mayor aliuio, que descobrir a pena q̃ sente a tal amigo. E
pois que a saudade deste lugar, & a tua discreta companhia
he tam natural a hum queixoso, quero te dar conta de mi-
nha vida pera q̃ julgues a razão com que a tanto q̃ desejo a
morte, & temperando hũa cornamusa q̃ trazia em quanto
Lereno, inclinado sobre o braço o escutaua assi dizia.

D E idades da espessura	Ouui dentre esses penedos
Ninfas q̃ nagoa vineis	Queixar ao vosso pastor.
Chegai juntas, & ouuireis	Sibereis de meu tormento
Desconcertos da ventura.	Vosso bem mal conhecido
Flores é arvores vizinhas	Vereis, que não ter sentido
Flores varias eruas verdes	Escusa ter sentimento.
Se nossos bens ver quizer des	Ouue me amigo Lereno
Ouui de suécuras minhas.	Com que sei, q̃ não m'engano
Cabras, q̃ a vosso sabor	Pode ser vendo meu dano.
Vos pendurais dos rochedos	Que aches teu mal mais piqno

Veras

Veras os males, que vem
De hũa sorte desigual,
E quam mal conhece o mal
Quem não teve nũca bem.
Naci pera esta fadiga,
E pera a q̃inda me espera,
No Tejo, & não sei se diga.
Que oxala que nã nacera.
Nũ lugar, q̃ agora inuejo
Fresco de valles & montes
Que tẽ de hũ cabo mil fõres
E doutro as agoas do Tejo.

Aly viui descuidado
Da vida que me esperava
Aonde nunca me lêbrava
Nem damores nem dogado.
Nadaetã mais tĩã egraça
Veram inuerno, & Estio,
q̃ andar cõ as nassas no rio
Ou cõ os podẽgos na caça.

Em trabalhos tã suaves
Gastei doces Primavera
Hora cativando as feras
Horas perseguindo as aues.
Em tudo andava diante

Ans moços do meu lugar
E no bailo ou no cantar
Ou no vestir mais galante,

Andava a chuva, é ao Sol
Com capote p̃spondado
De aluas carneiras ferrado
Com vinhos de Catafol.

Fui perdendo a liberdade,
Que o bem nunca foy de dura
Foy-me faltando em ventura
O que crecia na idade.

Segui-me a desdita minha
Desterrou-me dos meus valles
Começo a sentir nos males
A falta dos bens que tinha,
Vim viver a esta mōtanha

O porque ho se não sei,
Acho nella o que busquei
q̃ era verme e terra estranha

Mas como pera mor mal
Se guardava este primeiro
As condições de estrangeiro
Me tornaram natural

Guardei aqui gado alheo
Muyto tempo por soldada
Não me guardava de nada
Não temia o que me veo.

Serui juntei meus jornaes
Vim a ter cabras de meu
Dou graça a quem mas deu
Não pastão no monte tais.

Primavera

Ei-me assim nesta bonança
Sê cubica, & sem cuidado
Farto rico, & descansado
Sê curar doutra esperança.

Quando a este estado vim,
Que nunca tal sospeitei,
E tanto outro me tornei
Que ando ja fora de mim.

Era hum dia de janeiro
Seu na cõta não me engano
Que assi como o foy do año
Foi de meu mal o primeiro.

Como era de festa o dia
Madruguei mais do costume
Que do q̃ homẽ nã presume
Poucas vezes se desuia.

Decia pera a ribeira
loução, contente, & brioso
Com meu capote arenoso
Meu cajado de aueleira.

Encõtrei jũco a leuada
Outros cãtãdo em disputa
Hião tambem ver a luta
Fomos todos de manada.

Chgando perto do rio
Ouui mos d'elle cantar
Hũa voz, que d'a escutar
Qualquer de nos ficou frio.

Eu como mais atreuido
Sem saber o que intentaua
Cheguei por ver quem cãtãua
D'entre os ramos escondido.

Vi, & logo aly ceguei,
Que oxala que dantes fora,
Hũa tam bella pastora.
q̃ eĩão por Anjo a julguey.

Brial tinha leonado
Capiroete azul pombinho
çurrã de pelles darminho
E de sanguinho o cajado.

Tinha fora de çurram
Muytas flores no regaço
A cabeça sobre o braço
E os claros olhos no cham.

Daly mil suspiros dana
Como a compassos cantando,
E enerelles de quãdo e quãdo
Fermosas perlas choraua.

Do tormento que sentia
Mil queixumes publicou,
Este so pẽ me ficou
Da cantiga que dizia.

Os olhos, que vos nam vẽ
Pagaram sempre este foro
Descontando em criste chora
Aquelle sombra do ben,
Que este aliuio so conuem.

A quem tal ventura alcãça,
Mas doutra noua mudança
Estara meu peito alheo
Por mais que possa o receo
Destruir minha esperança.

Eu aly como enleado
Do que via, & no q ouuia
Nê apartarme sabia,
Nê a fallarthe era ousado.

Tanto o temor me venceo.
q quando aos outros me viro
Soltei sem ceto hum suspiro,
Que ella ouuindo estremeceo.

Ergueose assi temerosa
Vionos não fez disso estima
Foi subindo o valle acima,
Da mudança mais fermosa.

Os outros, que a conhecerã
Muyto menos se espantaram
E quanto mais a louuaram
Menos della me disseram.

O nome so me ficou,
E aonde moraua n' Aldea.
Soube, que o nome era Althea
(Triste & quanto me custou.)

(hegamos nos ao lugar
Vi as festas do dia
Qual cântica, & qual cântica

Qual se despedia a lutar.

Muitos q me conhecião
qera eu nisto o maingabado
A conta do meu cuidado
Quantas cousas presumiã?

Acabarão se os folgares
E a luta ja noite escura
Soauam pela espessura
Os arrabis, & os cantares

Eu que por nada atêtes
Cõ o meu cuidado primeiroi
Com elle por companheiro
A cabana me tornei,

E passando pela porta
A minha bella inimiga
Fuy dizendo esta cantiga,
q inda o lêbralla me corta.

Cantiga.

Minha antiga liberdade,
Que a pesar de v'mor poupei
La por hũa vista a dey.

Volta.

Em quanto não conhecia
Este bem que me esperaua
dome smo amor aguardaua
Mas pera quem não sabia
Negauamo a fantasia
mas ja dos meu olhos sey,
Que pera vos aguardei.

Asomou ella a hum postigo
Que sobre o valle ficava
Eu que vi que se tornava
Estas palavras lhe digo.

Não me tire esse receo
O bẽ que me offerece amor,
q̃ he, quẽ ouues hum pastor
Cuja alma atras ty se veo.
E assim mal pode offender-te
Quẽ te entregou seu poder,
Que nada podes temer.
Cõ razam senão for verte.

Ah (disse ella, e suspirou)
Nãõ fora cousa muy fea
servir-se de hũa alma alhea
Quem a propria casiuou.

Porẽ vive em teu socego,
Pago com desenganarte
Faze emprego noutra parte
Porq̃ eu noutra fiz eprego.

Deixou-me tras isto assi,
E tal me deixou sem vella,
Que cõ o sentido emperdella
O das palavras perdi.

Fuyme ate a cabana entãõ
Cubiçoso de meus danos
Sem curar de desenganos
Mais que de minha affeição

Mudei o pasto a meu gado
Pera onde ella o seu trazia
Aly mais vezes a via,
E ouuia ella o meu cuidado

E nunca outro fructo deu
Isto em seus olhos serenos
mais q̃ ouir-me, e ver-me menos
E eu ficar sempre mais seu,

Veio ella a sospeitar
Ou soube d'outros pastores
Que ja nestes meus amores
Se fallava no lugar,

Hũ dia andava eu tornãdo
As cabras d'hum semeado
Pegou-me aly do cajado
Disse-me quasi chorando.

Floricio q̃ amor pretendes
De quẽ tem noutro as vaizes
E se me amas como dizes
Porque nesse amor m'offendes?
Que esperança, ou q̃ final

Queres pastor que te de?
Se a outrem deuo esta fe.
De que ja presumem mal.

Pois ja minha liberdade
Senhorio, e jugo tem
Nãõ des causa a que nãõ quẽ
Falle em minha honestidade.

Outra pastora acharas
mais discreta mais fermosa
Com amor mais venturoso
Do q a triste com q estais.

Accita por preço agora
Dessas mostras de affectam
Que te dera o coração
Se de outro pastor não fora

Ella julgara melhor
Que me vio qual eu fiquei
E assim daly me tornou
Sê vos, sem vida, & sê cor.

Ficou sê pastor meugado
E oxala a sorte ordenara
Que sem vida alli ficara
Quem ficou desesperado.

Neste tempo bñapastora
Entre muitas principal
Porquẽ Motano anda tal
Qual tu ves andar agora.

No meu pasto apacietava
Nelle tratava, & vinia
E o que della não queria
Me offerecia, & mostrava.

Viome âdar q escacamece
No cajado me detinha
Das forças da cor que tinha
Detendo em fim diferente.

Pello q nella imprimira
A força da mesma dor
Mas não sabendo q amor
Nem s'aparta nem se tira

Decia eu daquelle monte
Quando o Sol ardia en fragoa
Fui a fonte a beber agoa,
E quasi secava a fonte

Tapou-me & disse, essa cede
Floricio nam vem da calma
Não (disse eu) q naceo dalma
Que agoa dos olhos me pede,

Tornouella & justamente
Essa pena te conuem
Pois procurando outro bem
Engeita o q tês presente.

Deixa males tão sem cura
Que o tempo os não remedeas,
Que nam he Tirse tam fea
Como a encontrar a ventura,

Disse isto, & como corrida
Se tornou para o seu gado
E eu estive endinado
Por lhe chamar de atrevida,

E fiz me em fim tam ingrato
Despois disto acontecer,
Que tam so pella nam ver
Trago as cabras neste mato.

Primavera

<i>E agora vendo a mudança</i>	<i>é buscarme outra é fugirme</i>
<i>E os enleos da ventura</i>	<i>D'hũa hei queixas doutra do.</i>
<i>E que he tam pouco segura</i>	<i>E de minha triste sorte</i>
<i>Como a vida a esperança.</i>	<i>La não tenho outra garida</i>
<i>Vendo Althea firme so</i>	<i>Mais que sustentar a vida</i>
<i>Tirseas em meu dano firme</i>	<i>Nas esperanças da morte.</i>

TAl ficou o namorado Floricio no fim da historia, q̃ cõ muitas lagrimas acabou, que o sentimẽto de o ver em mudeceo a Lereno de maneira q̃ nem para o consolar se lhe offereciam palauras, & porque tinha entendida a firmeza de Althea, & não se atreuia a remeter as mudanças do rēpo o remedio de seu mal, entre esperança & desengano buscou este meo de aliuar sua pena. A tantos dias q̃ tenho entendido teu coração pella experiencia do q̃padeço que me não moue a novidade do que agora te ouui, antes julgo q̃ tens melhor estado do que suspeitaua. Deixas Tirseas passoa rafermosa discreta, & rica aquem todos prerēdem, & amas Althea que ainda outrē não possue, posto que ella te desengane, & de quē não tens conhecido q̃ te aborresce, & pois amigo Floricio ninguē a tam senhor da ventura que a sojeite a sua vontade viue contente da ventaje, q̃ tens a muitos, & não te trates como o mais triste da Aldea. Esse cōse lho Lereno (tornou elle) he de verdadeiro amigo, mas este meu mal não iofre consolação, q̃ importa quererme quē a todo o mundo despreza, se ordenou a sorte q̃ eu amasse a quē por outrē me deixa, & q̃ me val, q̃ a esta ninguē possua, se pode tanto cõ ella a firmeza em ausēcia doutrē, como em mim a presença de sua vista, & q̃ maiores mostras pode dar de q̃ me aborrece quē foge de me ouir, e de me ver, e busca todos

todos os meos de desenganar-me, & pois como tu dizes ninguém tem a fortuna tanto a seu mandado que lhe faltem queixumes della, quero antes estes que o mais que Tirsea me oferece deixame ser triste quepera isto naci. Fazes tuas contas tanto contra ti (respondeo Lereno) que tendo o remedio de teu mal por impossivel o não procuraras da fortuna, & as vezes a esta contra por sem muitas esperanças mal logtadas. Tentei ja tantas vezes os meos de minha cura (replicou Floricio) que a não espero do tempo que a tantos a promete, & pois o he ja de recolhermos o gado deixemos meus males para outro dia que como sam largos para o padecer, tambem ao contar serão compridos. E com isto deixarão o valle a saudade da noite, & forão buscar o descanso de suas cabanas se nestas o acha, quem em nenhum lugar esquece a ventura.

FLORESTA SETIMA.



DE SPOIS que a noite se despedio das estrelas, & a fermosa Aurora em seu rosado carro começou a campear os orizontes, leuandados os pastores de seu repouso, se repartirão da Aldea nos custumados exercicios de seu gado. Risco, Lereno, & Floricio se juntaram perto do rio a vista dos rebanhos aonde para que gastassem a manhã em saborosa pratica disse aos companheiros, ainda que os pensamentos que de noite representa a fantasia não costumem parecer ao outro dia, merece ter ante vos hoje lugar hũa duuida que esta madrugada se me representou no entendimento que me deixou hum grande desejo de saber della a verdade, & he. Qual tera mayor pena, & razam para viuer sem esperança, quem ama hũa pastora

Primavera de

pastora que nunca soube de Amor nem delle se obrigou? ou quẽ ama a ontra que de sua vontade tem feito emprego em hum pastor de que viue ausente. Duuidosa he (disse Risco) a questam, & cada hum desses estados perigoso porẽ nenhum delles me obrigara a desesperar. Com tudo antes me atreuera a obrigar a quem ja das paixois de Amor tem conhecimento, que a conquistar de nouo hũa vontade rebelde a seu senhorio, porque a primeira impresa he induzir hũa vontade afeiçoada aos mesmos effeitos de que ya se obrigou. E a segunda he obra, do poder, & força de Amor a quem os antigos attribuiram este senhorio. Boa era esta razam (respondeo Floricio) se essa vontade afeiçoada de que fallamos, não tiuera feito emprego com quem ausente ocupa o mesmo lugar no coraçam & assim menos força se faz induzindo Amor em hum peito humano cousa tão natural nelle, que destruir o que ja na alma tem feito affento. Em verdade tornou Risco que muyto confias da firmeza das molheres pois nellas fazes differença entre ausente & esquecido, & eu ousarei a afirmar que ainda presente, nam ha nenhũa em quem o amor esteja seguro, que sam tam inclinadas a nouidades, & mudanças, que des conhecem afeiçam, & merecimentos, se tu as conheces a todas (tornou elle) por tam inclinadas a nouidades, porque se não obrigara tanto dellas a que tem Amor como a q nunca o teve, porque (replicou Risco) a que tem afeiçam não tem firmeza, & a que viue isenta viue de pertinacia para q sua natureza siga sempre extremos: & se hũa mulher se não obriga de sua vontade, ou appetite he impossivel conquistalla ningnem com seruiços que por ficarem sempre senho- ras de sua liberdade, & da alhea so de sim accitam a sujeiçam. Não cuidei (disse Floricio, que com muyta atençaõ os escutaua) que eras tam enemigo das pastoras, que com sua

sua infamia abonasses tua opiniam, que essas razões servem mais de as offender que de confirmarem o teu parecer antes te conhecia por homem afeiçãoado, & que sentia bẽ de cuidados amorosos. Não te enganas (disse elle) porq̃ mais tempo gastei ja em as servir do que agora em dizer esta verdade, & diras que como quis ya bem a quem conhecia com tanto mal, pois não o miente a afeição mas tambem o appetite nasce das cousas que melhor nõs parecem, porem mayor disculpa disto he a falsidade de suas palauras, & o fingimento de seus affectos do que a culpa do meu engano. Esse (disse Lereho) he o mayor, & mais pareceo vingança de agrauo que praga de homẽ desafeiçãoado, & se assim he eu por sua parte appelo, & te rogo que deixemos a questão para outro tempo, que agora melhor sera para escusar o arrependimento que despois te pode custar muito, q̃ cantas algũa cantiga de seus louvores, & ficando com ellas reconciliado, daras aliuio a malenconia do nosso Floricio. Se o seu mal com outro se apaga (tornou elle) querote obedecer, & cantarei louvores das pastoras de quem cantando tam mal fico vingado, & tomãdo a Lira cantou o seguinte,

Quem fermosas pastoras vos offende

Erra, endondece cega, & desatina

Quem a vossos poderes não se inclina

Não deseja, não viue, não se entende.

Quem mais que vosso Amor busca, & pretende

Em seu dano se esforça, & determina

Quem mais que em vos servir sempre imagina

Nem vos sabe querer, nem vos comprehende.

Vos dais o ser & a graça a fermosura.

Primavera

*A vida gosto, a Amor o senhorio
As almas sujeição, força a vontade
Sem vos que presta Amor? que val ventura
O juizo, o qu'erer a liberdade
He engano, doudice, & desuário.*

O Fensas que rendem tam boa satisfação (disse Lerenio) não somente cōsentiremos nellas, mas ainda viremos a desejallas, logo me pareceo que quem dizia os males também nos bens diria melhor. A ti deuem ellas a cantiga (disse Risco) & a mim outra tenção, & pois em seus lououres se gastou tam mal o tempo passemos de outra parte do rio auer a festa que hoje fazem as Ninfas & pastoras dedicadas a Diana que he la toda a Aldea, & não se podē perder os folgares deste dia & pegando pello cajado a Floricio o fez levantar, & a Lerenio tras elle, & todas tres guiarão para o lugar da festa que era junto ao templo de Diana no mais fundo do valle entre os aruoredos que cercam o rio, & por onde hum gracioso ribeiro lhe entrega as cristallinas agoas, que traz do pee da montanha, & porque toda a relua q̃ a sombra das bolicosas ramas florescia estaua cheia de pastores, pararam os companheiros ao pee de huns salgueiros aonde ouvirão catar duas pastoras vestidas de verde em companhia de Menalio que não estaua pouco loução entre ellas, & em graça dos ouuintes forão adiante cō mais confiança, & a cantiga era esta.

Desejo o que no mereço

E o q̃ não posso esperar

Mas não sei não desejar

*De quanto pede a vōtade Mas nem faltando a ventura
Nada a sorte me assegura Se lhe nega a liberdade.*

Tambo

Ponho em desejos o preço	Bem vejo que o não mereço
Do que não posso alcançar	Mas não sei não desejar
É mim proprio me conheço	Muyto pode a confiança
Mas não sei não desejar	Na fe do muyto que quero
Do q desejo em meu dano	Mas não viuo do que espero
So naceu males que vejo	Porque acabou a esperança
Que logo atras do desejo	Cançome em desesperar
Se me encontra o desengano	Bens que sei q nam mereço
Em fim desejo, & não peço	Porem cada hora começo
O q amor não me ha de dar	A querer & a desejar.

BEm cantauão as pastoras, & mereciam a sua confiança, & outros começauão a louuallas, quando se lhe ajuntarão muitos dos pastores q estauão derramados pello valle, pella fama q delles tinhão, cõ a esperança de os ouuirẽ cantar, porem não o esperana hũ porcariso montanhes q aly veo, & se offereceo logo para cantar em porfia, pondo por preço a quem o vencesse hũa frauta de corniolo, no som, & no feitio tam estranha q tocandoa o montanhes ficarão todos espantados, & muito cubiçosos, & nella estaua laurada cõ muita sutileza a historia de Argos, & Mercurio cõ a vaca & posto q o preço fez inueja não ouue quem lhe saisse, mas todos lhe pedirão q cantasse o que elle fez muy facilmente cõ os olhos em hũa das pastoras que o ali trouxera.

Pastora do verde
Das duas mais bella
Tem ditosa estrellas
Quem por vos se perde.

Vossa fermosura
Tam mal conhecida
Como me deu vida
Me dara ventura.

Ditoso partido
Para meu desejo
Ganhar no que vejo.
O ficar perdido
Porque conheceo
Bem vossos primores
Percase de amores
Que em nada perdeo,
Livre vos offreço
Este coração,
E os olhos diram,
Que querem por preço.
Não no desprezeis
Por quem vollo da
Porque nelle esta
O que mereceis.

Vereis n'hum por queiro
Femuyto mayor
Porque o fez Amor
Firme & verdadeiro,
Baixa natureza
Per vosso a mudei
Que se amor he rey
Pode dar nobreza,
Não perca a coroa
So por meu respeito
Pois que amor perfeito
Não guarda a pessoa.
A affeição ditosa,
Que de amor vos trata
Não se jais ingrata
Sereis mais fermosa.

CAntou o da montanha com hũa voz tam rouca, & de-
sentoada, que entre todos ficou em graça a sua confian-
ça, posto que a letra não pareceo mal, & Menalio se não po-
de ter, que com muyto riso não dissesse aos outros. Bofe,
que esta tão mal empregada aquella frauta, que ja me arre-
pendo de não sayr ao desafio, porem se elle agora o quizer
aceitar, falloey eu de boa vontade pela pouca que ella te-
ra de estar em seu poder. A isto respondeo o Montanhes
que o ouuia) Enganate a tua cubiça, que isso he o que ella
custuma, mas se puseres outro premio, que iguale ao meu,
não torno atras com a palavra que disse, que bẽ sei, que os
cabreiros deste monte não tem mais que inueja do bom
alico

alheo quando o menos merecem alcançar, & porque não
cuides, que recco a contenda, te desafio de nouo a cantar,
& me atreuo a vencer, se essa pastora a quem offereci a pri-
meira cantiga ouuer ella por sua. Qualquer que tu differes
(respondeo ella) folgarei muito de te ouir que não cantas
tam mal, que me não pareças bem, não durou muyto tẽpo
este engano ao porcariso, porque viram correr todos os pa-
stores pera a porta do templo, & foram os da companhia
ate ver o que era, & no friso do portal appareceo hũa taboa
dourada, que entre muitos debuxos tinha entalhadas estas
preguntas, & sobre ella os premios deputados pera quem
melhor lhe respondesse.

Pr. 1.

*Quem ama sem esperança
Se ama mais perfeitamẽte.*

Pr. 2.

*Se pode auer puro amor
Aonde faltar a razão.*

Pr. 3.

Que parentesco chegou

Tem o amor, & o ciuime.

Pr. 4.

*Se dara perfeita gloria,
Bem goçado com recco.*

Pr. 5.

*Se se pode achar belleza
Aonde falta entendimento.*

FOy tam grande o aluoroço dos pastores com as questõ
es, & era tam geral o desejo de logo ounirem as diffe-
rentes opiniões que auia no ajuntamento, & alguns de da-
rem os pareceres a que se inclinauam, q̃ sem verem as foli-
as & danças, q̃ rodeauão o valle, todos occorrião as razões
com os que lhe ficauão de mais perto. Mas subitamẽte em
mudeceo esta borbórinha, & tumulto, quando correndo se
hũa cortiua, dentre o choro das Nymphas de Diana, co-
meçou a cantar Syluia suspendendo de improviso os ani-
mos de todos, nam so com os acentos de sua voz mas com

Primavera

o estranho parecer de sua fermosura, a vista da qual pigor
Risco as culpas da isenção passada, ficando tam obrigado
de sua gentileza, como arrependido do tempo em que não
seruira as perfeições, que nella contemplaua em quanto a
ouuia, & com ella a discreta Midalia menos confiada no
parecer do rosto, que na sutileza & graça de seu entendi-
mento diziam desta maneira.

Syl. Ninfas deste alto rio

Driades, Faunos, Satyros, Syluanos,

Que aqui neste desuio

Gosais da longa idade eternos annos

Ouui todos meu canço

Dino de tanta inueja como espanto.

Mid. Vos feras da montanha

Vos lasciuas manadas deste prado,

E qualquer aue estranha

Que fere o ar com voo leuantado

No fundo deste valle

Ouuido a minha voz de espanto callê,

Syl. Os cauallos lustrosos

Detenha o louro Sol nos Orizontes.

E os ventos furiosos

Dem comprido silencio nestes montes,

As ondas se detenham,

E as agoas por me ouuir seu curso renhão

Mid.

Mid. As mimosas abelhas
 Deixem brando suçurro, & iêras flores,
 E a guarda das ouelhas
 Os rudos pegureiros, & os pastores,
 E por me ouuir attentos
 Suspendam sua força os elemêtos.

Syl. Aonde for ouuida
 A minha voz d'entre estes arvoredos
 Daquella rocha erguida
 Meu nome se ouira d'êre os penedos
 E com sonoro acêto
 Siluia d'elles dira fallando o vêto.

Mid. Os ledos passarinhos
 Mudos sobre estas arvores sombrias
 Dos pendêres raminhos
 Retructando se estam nas agoas frias
 E o meu verso acabando
 Midalia com saudade estão chamando.

Syl. De Amor liure, & isêta
 Viuo seguindo as feras na espessura
 Nada mais me contêta
 Que não pagar direitos a vêcura
 S:ruindo por senhora
 Aquella casta bella caçadora.

Mid. Os peixes deste pego
 Prendendo astutamente em seu remanço
 Zombando de Amor cego
 Somente em meu querer viuo, & descãso
 De amor o senhorio
 Tenho por graça engano, & desuario.

Sil. Fogi de Amor tyranno
 Pastoras deste valle ameno, & verde
 Fogi seu cego engano
 Que o q̃ nelle mais ganha mais se perde
 Porque so nosso estado
 He ditoso, contente & inuejado.

Mid. Os bens que amor na terra
 Promete em sombras vãs ao pensamento
 Na conquista sam guerra
 No fim sam todos sombra, & todos vento
 So nossa vida amada
 He ditosa, segura, & bem fundada.

A Cabada a musica que a todos deixou suspensos, ouue
 hũa trauada luta no fim da qual como não duraua o so
 cego nos pastores para verem o succello das celebradas
 perguntas, & era mayor o reboliço, com o furioso Monta
 no que andaua fazendo defatinos, & vendo a taboa acrecê
 tou, esta as mais perguntas, que não deu a festa menor gra-
 ça que as cinco primeiras.

Se quem perdeu a ventura
Que Amor pos em seu poder
Tem razão de endoudecer.

E Logo em hum lugar alto appareceo hũa Ninfa cuberta de hum veo roxo, & na cabeça hũa grinalda de flores, & esta recebendo de todos os pareceres, os leo despois em alta voz com muyto gosto, & aplauso dos pastores, que em quieto silencio estiuera ouuindo o seguinte.

Resposta de Ardenio a pergunta primeira.

Quem ama sem esperança
Se ama mais perfeitamente.

Ninguem ama sem querer	E se amor lhe faltara
Ninguem quer sem esperar	Esperança q̃ o sustente
O q̃ ama espera & quer	Na rayz propria secara
Podera nunca alcança	Einda não sei se brotara
Mas sempre hade preteder	Ou se afogara a semente
Se a era lhe falta a plãta	De sorte q̃ é qualq̃r peito
Em cujo troço se arrime	Sê esperança ou fauor
Nê crece nê se aleuanta	De seu desejado obiecto
q̃ em sim não iê força rãta	Nam so falta Amor perfeito
q̃ se aleuante, & sublime	Mas falta de todo Amor,

Resposta da pastora Dinarea a mesma pergunta.

Amo q̃ a propria respeito
Todo o desejo offereço

Antes perfeito interesse.

So por seu gosto ou proueito

Amor he somete amar

Nã se chame amor perfeito

Este he seu meo, & seu fim

Primavera de

E o que o pretêde alcançar	Mostra seu raio inuensiuel
Nem se ha de lembrar de fim	E a mor seu preço & grãdeza
Nem do q̃ pode esperar.	Não fas difference impreza
O q̃ he verdadeiro amãte	Entre facil, & impossuiel.
Não se fũda na esperança	E he ja cousa aueriguada
So seu querer põe diante	Que somete este rigor
E se por ictura alcança	Merece ante a cousa amada
Sẽ ictura he mais constãte	E o q̃ quiser mais de Amor,
Quãdo n' alma hũa belleza	Nẽ quer nẽ merece nada.

Resposta de Risco a segunda pergunta:

Se pode auer puro Amor

Aonde faltar a razão?

Porque Copido e senhor	E cega logo a razão
A quem nada ha q̃ resista	q̃ aõde amor he grãde è cegã
Como forte, & vencedor	Daqui podem conhecer
Na alma q̃ aforça cõquista	Que delle esta bẽ seguro
Tudo conuerte em amor.	Quẽ a razão não perder
Naquelle q̃ se lhe entrega	q̃ Amor verdadeiro, & puro
Figual a sojeição	Puro, & sem ella ha de ser.
Nada a seu braço se nega	

Resposta de Floricio a mesma pergunta,

Afroncese o pẽsãmẽto	Amor desejo afeicãm
Que duuida em tal clareza	Na razãm tem seu limita
Pois não pode auer pureza	Vontade, gosto, appetite
Aonde falta enclãmẽto.	Não se regẽ por razão

A rasam obriga a amar Per iso viua seguro
 A rasam sustenta Amor O q̃ sem razão semprega.
 E aquelle q̃ amar melhor Q̃ em quanto a rasam for cega
 Por rasam se ha de guiar. Nunca amor pode ser puro.

Resposta de Risco a terceira pergunta.

Que parentesco chegado
 Tem o amor & o ciuime.

Amor como se presume E em qualquer parte cado
 Ouue por certa affeição Tem o oposto da mai,
 Hum filho da occasiam Viue d'enganos q̃ faz
 A q̃ chamaram ciuime. E anda nelles de continuo
 He igual ao pay, & mor E como Amor he menino
 q̃ amai cō muita grandezã Tambẽ o filho he rapas.
 Palreiro por natureza Da ao pay sēpre ma vida
 Q̃ em fim he filho d' Amor. E assim nã me maravilho
 Vê muito aõde quer q̃ vai q̃ desconheçim por filho
 Nã voa antes he pesado. Perq̃ Amor mesmo duvida.

Resposta de Egerio a mesma pergunta.

Estes irmãos designais Tomou a cargo este irmão
 Ambos de Venus nacerão A quẽ nunca deu sōcego
 E tiranos se fizeram E parecia acertado
 Do imperio de seus pais, q̃ hum filho q̃ tal parece
 Naceo de Vulcano cego Da fermeçura nascece
 O ciuime, & logo entam E de bñ pai desconfiado.

Ambos

Primavera de

Ambos nacẽ juntamẽte Cada hũ do outro inimigo,
E viuem fazendo dano E acompanhão sempre assim.
Hũ com redes de Vulcano Mostre por proua melhor
Outro cõ seu fogo ardente, Que hẽ o contrario presume
Seguẽ difference fim Se vio Amor sem ciume
E viuem sempre em perigo Ou ciume sem Amor?

Resposta de Lerenõ a mesma pergunta,

Nestes dous não a liança Porque em dote se lhe deu
Nẽ pode auer amizade Casando com a fermosura
Que hũ he filho da vontade Seruio de guia, & da fẽ
Outro da desconfiança. Miluezes falsa & errada
Hũ he nobre, ainda q̃ agora E porq̃ Amor não vê nada
De genere do em q̃ estaua, Lhe mostra mais do q̃ vê
Ciume he filho nesraua Da senhora, & do senhor
E amor filho de senhora. Quẽ ja conhece o costume
E claramẽte seapura Diruase bẽ do ciume
Ser o outro srauo seu Porque he Escravo de Amor.

Resposta de hum pastor que callou o nome
a quarta pergunta.

Se dara praxeira gloria
Bem goçado com receo.
Bẽ é descanço alcançado No bẽ & gosto q̃ alcanço.
Ia se não iẽ por alheo O receo o faz mayor
Mas bẽ goçado em receo E não ha glorias de Amor
Da gloria gosto dobrado. Sẽ receo, & com descanço. O que

O que a vontade se tem	Não a gosto sem contenda
Gosase, & não se conhece	Nem ha bẽ sem custar muito
O que na gloria esmorece	Nem gloria q̃ de mais fructo
Coza overdadeiro bem,	Que a q̃ melhor se defenda.

Resposta de Titica a mesma pergunta.

Não podem chamar ṽcura	Hum ao outro contra posto
A q̃ he sojeita a mudãça	Pellejão no coração.
Nẽ ao bẽ quando se alcãça	Vinẽ sempre neste enleo
Em gloria pouco segura.	E nenhum leua a victoria
E como cõtrarios sam	E se as vezes ṽce a gloria.
O receo, & mais o gosto	Nil vezes vence o receo,

Resposta de Menalio a quinta pergunta, & vltima.

Se se pode achar belleza

Aonde falta entendimento.

O que a vista representa	So ao que os olhos se offresce
Hũa vna imagem bella	He o bẽ q̃ Amor pretende
Pbriga mone, & concencia	E a belleza que conhece
A qualq̃r vontade isenta	Pois he bello o que parece
q̃ esta contẽplando nella.	Sem respeitar o que entende,

Resposta de hũa pastora sem nome a mesma pergunta.

Não he muda a natureza	Perfeições de gentileza
Nas graças que communica	O olhar por movimento
E em hũa estranha belleza	O riso, o passo a cautella
Por lingoas mudas publica	

Faz

Faz que crea o pensamento
 Qaonde falta entendimẽto
 Não pode auer cousa bella.
 A belleza principal
 No juizo se assegura
 Noutro modo esta rão mal
 Como a fermosa figura
 Tirada em baixo metal.
 Este falso sobrescrito
 So de nescios estimado
 He retrato bem pintado
 Que como lhe falta espirito
 Não pode ser conuersado.
 Na graça consiste a palma
 E o ser da cousa fermosa
 O parecer fica em calma
 Saiba quem so a elle gosa
 Que gosa hũ corpo sem alma.

NO fim destes pareceres o teue o dia apartarãse os pa-
 storez ficando para o outro o juizo de quẽ melhor res-
 pôdera, & eu o remeto ao do discreto, & corioso leitor, por
 que para perguntas amorosas, bastam rusticos pastores, por
 em o responder a ellas, com a verdadeira satisfacãm so a a-
 uisadas damas, & amantes cortezaõs he concedido.

FLORESTA OVTAVA,

MInhalma quam
 receosa.
 Das forças do
 sofrimento,
 Prometeis se tão custosa
 Ah não sejas animosa
 q̃ he muito grãde o tormẽto
 E se seguis voſso engano
 Uede quanto vos importa
 Atreueruos a este dano
 Mostrando no descengano
 Fe vna, esperança morta.
 Bem sei que guardar a fee
 Da fe do muito que amais
 Mas temo que vos percais
 Que Amor respeita hũ porq̃
 Que vos ya não respeitais,
 Se a sorte corta a esperança
 A amor juntamente corta
 Pella estreita desinhança

*Mei poucas vezes se alcãça
 Fe vna esperançã morta.
 Porẽ nã faças mudãça
 Por mais q' o tẽpo a persiga
 q' amor por pacto me obriga
 A viuer sem esperançã
 E a tella por enemiga.
 Esta esperançã perdida
 Cõ magoa a alma me corta
 q' me deu grã tẽpo a vida
 Deganos, mas quẽ duuida?
 Fe vna, esperãça morta.
 Mas companheira tã bella
 Do que nã pude alcançãr
 Pois o pede minha estrella
 Ainda que morta ei de tella
 para ter com quem chorar.
 Olhos que por occasiam
 para meu mal fostes porta
 Sustentai vossa paixam,
 E sustente o coraçam
 Fe vna, esperançã morta.*

Isto hia cantando o pastor Lcreno por entre muytas ar-
 buores, que enlaçadas de verdes parreiras, fazião ao longo
 do rio hum gracioso labarinto, quando pellaborda do cam-
 po, vio vir hũ pastor, q' encaminhaua para a Aldea, & a es-
 paços de quando em quando cantaua, & pondo a caso os
 olhos em Lcreno q' o escutou, chegando a elle despois q' se
 saluarão lhe disse: hũ estrangeiro tem desculpa para pregun-
 tar, & porque eu o sou nestas ribeiras, & venho a saber de
 hũ pastor q' nellas habita do qual não sei mais que o nome
 como tambem da terra, te peço que me encaminhes, fallo
 ei disse a outro de tam boa vontade como a cõ que te esta-
 ua ouuindo asentate neste estrado que a natureza fez tam
 fermoso, & pergunta o que te aprouuer. Sentado o outro
 lhe disse, o meu nome he Filenio sou natural de junto ao
 Tejo, & de pouco tempo a esta parte appacento em os
 frescos valles do Lis, & Lena donde por fazer a vontade
 a quem me nega a sua venho a esta Aldea a buscar hum pa-
 stor que daquellas ribeiras se apartou a q' chamam Lcreno
 que

que nestas, dizem que he affas celebrado no seu canto, & porque o desejo conhecer, primeiro que elle saiba que eu o busco te peço q̃ me digas aonde o encontrarei, & em q̃ lugar desta campina tras o seu gado. Não tardara muito espaço (respondeo elle) que para aquí não atrauesse o seu rebanho, & daqui o poderas ver a elle, & fallarlhe a teu gosto, & não o tiuera eu pequeno de saber o pera que o querias, porque depois que entre nos habita, não sabemos mais que do seu canto, que todos julgam por estremado, ainda que a minha opiniam nisto he mais fraca. Tudo te eu cõtarei facilmente (disse o outro) se me prometeres o segredo, que a meu intento conuem, de modo que de ty nem por outreo sayba Lereno. Prometo te (tornou elle) que se deti o não souber primeiro, que nem por mim nem por outro desca bra o que me differes. Com este seguro de Lereno, que desejava ver o fim que o pastor pretendia começou elle a cõtarlhe desta maneira.

Nas ribeiras do Lis aonde pera viuer sem liberdade me trouxe do Tejo minha ventura, entre muytas fermosas & engraçadas pastoras, que habitão aquelles graciosos valles & verdes outeiros, guarda hũ fato de brancas & mãchadas cabras a fermosa Lisea, que a meus olhos he a mais discreta & fermosa pastora daquellas montanhas, & das que no Tejo appacētão, a esta me inclinou Amor, ou minha esrela, & fez me a suas perfeições tam sogeito, que sem ousar descobrirlhe esse pensamento, não tratava de mais, que de com seruiços grangearlhe a vontade, veo me ella a mostrar a que tinha a este Lereno, a quem ama tam de verdade como eu a sua gentileza, o qual por seu respeito se apartara pera estes campos do Mondego, mostrando hum animo affaz ingrato a seu amor, mas como este não attenta a sem razão de quem o despreza, & não consente socego em quem

quem ama, vey ome a pedir com lagrimas a desconfiada pastora fiando de mim o que eu so temia, que quisesse passara estas Aldeas, & dar hũa carta ao seu Lereno. Eu a quem amor fizera seu sogeito menos cubiçoso de lhe obedecer, q de algũa occasiam pera melhorar minha esperãça, venho a buscalllo, desejando levar em reposta a sua mefma carta cõ algum engano, em que nos amores de Lereno a torne desconfiada, fingindo com astutas apparencias meu intento: que posto, que nisto commeta fazer engano a quem amo tanto, he o melhor remedio que posso dar a seu amor mal agradecido, & o vltimo que tem minhas esperanças, pera este desejo andar alguns dias encuberto nesta ribeira pera ver as pastoras com que trata os amigos, que acompanha, & o gado q traz. E pois te eu descobri esta determinação, razam sera, que me não negues os meyos com que lhe posso alcançar o fim. Não me parece bem (respondeo elle) esse que tu cometes, porque sera fomite por essa pastora em ciumes, & como estes dão forças ao amor, esse a trará facilmente a viuer na nossa Aldea, porem se finais verdadeiros lhe poderem tirar de todo as esperanças, & se eu não me engano, pastora, ha nella a quem elle ja deu cartas ou d'essa, ou de outra pastora, que no Lis o fauorecia, & se lhe eu conhecera a letra, bem me atreuera a furtalla sem grande perigo. Pois sabe (tornou o pastor) que tenho a vêtura na rua não, & a Lereno omisiado com Lisca, & se por ty alcanço fim a minha empresa, ficarteey obrigado com a vida, & quanto a carta, pelo sobrescrito desta conheceras a letra da outra facilmente, & com isto a deu a Lereno, que logo pela letra a conheceo, & por não consentir naquelle engano feito a Lisca, tratana o seu com muita dissimulação. Se tu desejas (disse elle) que isto se não saiba, conuem, que aninguem mais descubras o que pretendes, nem ainda nomes

O a Lere

a Lereno, porque tẽ muytos amigos no lugar, & podes en-
contrar com quem deseje mais darlhe essas nouas, que aty
remedio, apartate o mais que puderes do trato dos pegurei-
ros, & a manhã mais cedo, que a esta hora ao tirar do gado
me acharas neste lugar. O pastor o leuou nos braços bem
alheo de imaginar, que tinha nelles a Lereno, o qual des-
pedido d'elle, se escôdeo entre huns penedos, & abrindo a
carta com muyta sutileza, vio que dizia,

A Ty Lereno ausente em cuja vida

Esta a de Lisea que te escreue

Com sem razões tam mal agradecida.

Roga esta triste a vista que não deue

Pois o termo que pede meu cuidado

He nhum comprido mal vida mais breue.

Tu por vontade ausente & desterrado.

Eu preza, & condenada a meu tormento

Padecendo innocente, & tu culpado

Vence pastor cruel teu duro intento,

E baste, se esta esperas por vingança

Nenhũa culpa, & tanto sentimento.

Tyranna condição, tyranna vsança,

Que castigues de amor hum leue engano

Com tam pesado mal, tanta esquivança.

Se eu tiue culpa foy de amor tyranno

Que me lenou tras ty por força sua,

E de nouo receo o mesmo dano

E ainda

E ainda não foi de amor foy culpa tua,
Que me leuaste a alma que eu seguia,
E não quero que amor ma restitua.
Buscava tua ingrata companhia,
E como me guiava o amor cego
Fez-me errar o caminho que fazia.
Mas se he castigo, em fim ja me não nego
Lisea esta a teus pes não te resiste
Torna pastor ao Lis deixa o Mondego.
Depois que desta Aldea te partiste
Tambem della fogi como culpada,
Mas a cruel tu so de mim fogiste.
Estou entre as pastoras enleada,
E de ouvir meus suspiros, & meus ais
Cada qual foge ja de importunada
As arvores as aues, & animais
Ouvindo meus queixumes, & tristeza
Com não terem razão se abrandam mais.
Perdem estes penedos a dureza
Tu mais brando que as agoas desta fonte
So contra mim mudaste a natureza.
Nem viram mais meus olhos verde o monte
Nem claro o Sol depois que te nam vejo
Nem as estrellas vi neste Orizonte
Nem do mongido leite o brando queijo
Fiz nem a nata doce, & saborosa

Primavera de

Ten he so meu cuidado, & meu desejo.
Nem colhi mais no valle a fresca rosa
Nem a roxa viola & o Iacinto
Nem a branca cessem pura & fermosa
Em nenhum gosto nem bem meu consinto
Depois que me deixou minha ventura
Naquelle estranho, & cego labarinto
So busco no lugar, & na espessura
A ey Levens em brados, & responde
Eccho no vão temor da noite escura.
Nomeate outra vez, logo se esconde,
E se me vou tras ella por buscarte,
E lhe pergunto aonde, diz-me: aonde.
Se de nouo outra vez torno a chamarte.
E pergunto em que parte: enternecida
De longe me responde tambem parte,
Partirei triste en fim, mas quem duvida,
Que ache outra fera, & outra caçadora
Que queira cada qual tirarme a vida.
Tornarmey peregrina de pastora
Pois o não sou depois que te não vi,
Que em meu gado se mostra cada hora
As cabras sem pascer chamam por mi
Como perdidas ja nestes outeiros,
Mas percãose tambem, pois te eu perdi.
Os tenros cabritinhos chocalleiros

Não

Não parecem saltando sobre as flores
Nem as mães se penduram dos salgueiros
Tem compaixam de vellos aos pastores
Que os virão ja (quiçais cō muita inueja)
Tu so nenhũa tês de meus amores.
Torna ingrato Lereno aonde te veja,
E aonde pera te ouir cantar mais ledo
O valle, o rio, o monte te dezeja.
Sentado aqui ao pê deste penedo
A lyra tocaras tam docemente,
Que emmudeças as aues do aruoredo?
Faras deter do Lis claro a corrente
Tornar atras o vento furioso,
E florecer o valle de contente.
E depois de cansado ou de mimoso
Inclinando a cabeça no meu braço
Passaras doce o sono saboroso.
E deste alcino myrtilho pouco escaço
As desejadas flores cubriram
O teu rosto pastor & o meu regaço,
Mas pera que chamo triste em vão
Se so pera não veres a Lisea
Deixaste natureza & condição.
Se esta minha affeição he q̃ te enlea
Veja te eu, seja tua esta vontade,
E a minha eu seja tua ou seja alhea.

Primavera de

Se outrem possue a tua liberdade
Tambem sera senhora de que eu tinha
Seja ao menos amor para amizade.
Eu sou tua Lorenzo, & não sou minha
Guardarei como escrava o teu rebanho;
Que o grande amor atudo me encaminha.
Servirei quem te amar pois que mor ganho
He de quem por humilde te mereça,
Que esperar menor paga a bem tamanho.
Mas so não servirei quem te aborreça,
Que isto não no consente o que te quero
Nem o fado permita que aconteça
Vem esquivo pastor ingrato, & fero
Alcance este querer devido fruto
Olha com quanta se, & amor te espero
E o que custa querer, & esperar muito.

TInham as palauras de Lisca tanta força pella affeição
que as formara, que não pode o pastor negarlhe senti-
mento, & com alguns suspiros magoados se queixava da
ventura, attribuindo a elle o descôcerto de seus amores. Ah
triste (dizia elle) quam grande culpa cometo contra amor
em negar affeição a quem com tãta se me offerce a sua, &
quanta mayor força tem, & fermosura, quem tira a valia a
esta razão? faça amor o que quizer de minha vida, & pois
elle fugeitou a vontade, tire de seus poderes a disculpa de
meu erro. Se sou ingrato e desconhecido aquẽ me ama não
fora elle tiranno & cego pera vsar mal de quem o leuan-
tou por senhor da liberdade. Que pena merece; quẽ alheio
de si

de si comete a culpa: eu so padeço sem ella o desterro de
minha ausencia, & as saudosas lagrimas de Lisea. A verda-
de he, que amor viue de seu querer, & não de obrigação a-
lhea, & com o desejo tyranniza a razão, & porque em ma-
les, que a não tem, se confunde o juizo a cada passo: vinde
ca minha rustica samfonha, cātaremos de meu mal, darei
louvores ao sofrimento, que o sustenta, pois he verdade, q̃
não mereço a pena d'elle.

Que labarinto he este de cuidados?

Tam desiguais na vida, & na ventura

Que maranha d'enganos sempre escura?

Que caminhos de hum fim tam desuiados,

Se com danos, & bens tam encontrados

Cuida amor, que me vence então me apura

Que esta minha firmeza tam segura

Como meus pensamentos leuancados.

Maes ja dante mão bem merecidos

Não cuideis que achauais o sofrimento,

Que nem elle nem eu não vos estranho.

Esforcemse na causa os meus sentidos,

Que tudo cabera n'hum sentimento

Aonde teue lugar hum bem camanho.

Acabando de cantar, ajuntou o rebanho, q̃ andaua espal-
lhado pelo valle, & cō a vinda da noite o recolheo, foga-
do dos pastores, & buscando a tristeza so por companheira
q̃ esta he a de quem se fñao os cuidados da alma, & a inimi-
ga que mais contenta a quem sabe conuersalla.

FLORESTA NONA,



M quanto a noite ocupaua a terra, & aos ani-
 mais sono, & os pastores repousauam per-
 os trabalhos do dia, imaginaua Lerenio em
 a obrigação q̃ tinha aos cuidados de Lisea,
 & buscando maneira de responder a sua car-
 ta de forte q̃ quem a leuaua ficasse seguro, a tornou a ler de
 nouo, & cortando della a capa do sobredito, pos em lugar
 do que tirara o papel em q̃ respondeo, & ferrandoa cō tan-
 ta cautella, que se não podesse entender aquelle engano, jū-
 to com a outra carta de Lisea, q̃ ainda tinha, se foi em ama-
 nhecendo ao lugar aonde ja o pastor o esperaua, & depois
 de o saudar, lhe disse: Bẽ merece o teu cuidado, & diligẽcia
 o galardão que pretendes deste seruiço, & posto q̃ me deues
 a principal parte delle alem do gosto, q̃ terei de te ver con-
 tente tãbem Lisea me fica obrigada, por lhe cuitar hũ mal
 que tanto custa, como empregar afeição em quẽ tem a sua
 penhorada em outra parte. Vesa aqui a carta, q̃ nie deste, &
 outra q̃ te prometi, tenhas com ellas tanta ventura, como
 Lisea tẽ de merecimentos, a ella podes dizer, q̃ achasse esta
 carta na mão de hũa pastora fermosa, & dina de muito grã-
 des estremos, & podes afirmar q̃ a tinha em tão pouco, por
 que lha dera Lerenio, como a elle estimaua, pois q̃ lha deu-
 os meios por onde a alcãçaste fingiras ateu sabor, & não te
 digo quam custosos foram os com q̃ a ouue a mão, & o ris-
 co em q̃ fico de ser achado cō ofurto nellas, porq̃ he maior
 o que eu faço, q̃ o engano que tu tratas, se algũa hora torna-
 res a esta ribeira, & quiseres de mim algũa cousa de teu go-
 sto, pergunta por Lerenio, & dizelhe, q̃ te leue a cabana de
 Floricio, q̃ este he o meu nome, & assi conheceras a elle, &
 veras a mim, agora te guie boa estrellã, q̃ eu vou acudir as
 obrigações da minha. Dento tão a tua vontade (disse o ou-
 tro)

tro)& a esta obra, q̃ era bem, q̃ deixãdo o fim della, fique to-
da a vida por teu catiuo nesta ribeira, esta teras nas do Lis
em quanto eu nellas tiuer vida, & se nesta q̃ agora me deste
na pessoa ou no rebanho quiseres por hũ final de como tu-
do he teu, nisto o daras de homẽ agradecido, & lâçandolhe
os braços ao pescoço, Lereno o leuou nos seus cõ a mesma
cortesia, & o foi acõpanhando ate passar o valle. Seguiu da-
ly o outro o seu caminho affaz cõtente, & Lereno se veyo
assentar perto do rio aõde bẽ não tinha socegado quãdo co-
nheceo Althea, q̃ vinha pelos salgueiros cãtãdo ofeguinte.

Sofrei coraçam
Vosso sentimento
Vingaiuos dos olhos
Que a culpa tiueram
Quanto melhor fora
Enganar ao tempo
Que buscar vengura
Em gostos alheos?
Pera que sam bens
Que acabam tam presto?
Pera que he buscallos
Quem sabe perdellos?
Cuidados de longe
Matam de muy perto
Que acorda a lembrança
Contino a desejo

Amor tam constante
Tam mal satisfeito
Fe tam mal pagada
La agora quebremos
Seca a esperança
Cansa o sofrimento
Fiz força ate agora,
Mas ja não me atreuo,
Qualquer sombra vã
Engana o desejo,
E tudo sam sombras
Porque Amor he cego.
Ah que nunca vira
Por nam ver tam cedo
Quantos desenganos
Vem sobre hum receo.

Ay criste que canço,
 E não me arrependo
 Nem deixo meu mal
 Com quanto o praguejo,
 Custos, alegrias,
 Glorias passatempas
 Se vos nam possno
 Tambem vos engeito.

Mais quero meu mal
 Pelo bem que quero,
 Que a vossos enganar
 Porque vos conheço
 Quero de meus bens
 O mal que me veo
 Deixame sencillo
 Pois tambem vos deixo.

NÃO esperou o pastor, que Althea chegasse junto a elle, antes a foi encontrar perto do rio, porque era tam affeiçãoado as partes & parecer que nella via, que nenhũa daquelles campos parecia tam bem nos seus olhos, & pondo os nella lhe disse: Quando Althea em hum coração sem descanso fazem os teus olhos tanta differença, & a tua vista, & voz tanta affeição, que fariam em quẽ merecesse a ventura viuer contente, & ter obrigada a tua vontade. Tens a minha tam segura da tua parte (respondeo a pastor) que bem me deuias fazer o engano verdadeiro. Ah Lereño, quero bem, & deuo a se a quem me fogio com a que me deuia, tanto os males de sua ausencia, & não choro os q de nouo me naceem quando te vejo: fez o Ceo tam confort me o teu proceder com a minha affeição, que se a que te não obrigada a outrem não perdera o merecimento com a mudança, nas tuas mãos a fizera a troco deste desejo nam me negues hum bem que podem ter meus males, que heve resme, & ouirte muytas vezes, que pera cuidar en ti ha outra coisa que m'alembre, mas pera te ouir de tudo me esqueço. Nunca hum coração leal engana a seu dono (disse o pastor) sempre o meu me dizia, depois que te vi quam bem me

me empregava no que te quero, faze conta da pureza deste amor sem offensa do que outrem possui, deves querer bem a minha vontade, que eu nem mereço ser querido, nem esperar alcançallo encontrando a affeição de Floricio de quem eu dissera quanto te merece, & quam grande obrigação tens a seus cuidados, se não sonbera os teus do primeiro dia que entrei nesta ribeira, porem te peço, que o não desperdes na satisfação de seu amor, ainda que a tenhas por impossivel, porque ha no tempo tantas mudanças, & em amor tam diferentes fins de seu começo, que ja pode ser, q lhe pagues com hum engano, ou que aches na sua fe merecimento. Quam pouco me estimas) replicou Althea) que ainda agora me entreguei por tua, & ja me das a outrem? que escravo ha tam engeitado, q não dure hũa hora em poder de seu senhor? não viras primeiro em meus serviços se te cõtentaão, & em minha fe se te mereciam logo me engeitas? negasme hum engano, & queres que sustente com elles a Floricio? tira-me a vida, & queres que lha dê por teu respeito. Ah Lereno, Lereno, a cada qual desuia o seu cuidado: dame essa mão, & promete, que em quãto não faltarem enganos, & esperanças a Floricio, tenha Althea parte em teus pensamentos, & veras a quanto me obriga o q te quero: Lereno mudada a cor mostrando, que cõ receos o consentia, lhe deu a mão, & apertando a sua cõ hum saudoso suspiro lhe dizia.

Nestas mãos juro Althea de querer-te

Sem offensa porem de meu cuidado

Porque de hum coração que tenho dado

Não ficam mais que os olhos pera verte.

A Mor que sempre espreita o tẽpo pera fazer dano, & cõ
o cinme q̃ o acõpanha anda correndo as tellas, q̃ dei-
xou armadas, trouxe pera aquella parte a Floricio, q̃ decia
do monte, & conhecendo a Lereno no tom da voz antes
que o diuísasse, veyo manso pela parte do mato, pera ver
com quem fallaua, & ouiu as palauras com q̃ elle juraua
nas mãos de Althea aquella condição, que amor não con-
sente, & não sabendo da causa mais q̃ o que via, julgando
por infiel ao caro amigo, como desesperado, atraueßou por
diante delles, & virando cõ ira os olhos a Lereno, lhe disse
ao passar. De hum fementido baste o conhecimẽto por vin-
gança, & por mais que o amigo bradou tras elle, espera,
espera Floricio, não voltou o rosto, & vendo isto, Lereno
se apartou de Althea, & foy a buscallo, por em cada hum se
guiu differẽte caminho: Floricio tomou pera a montanha
suspirando, & metido entre hũs castanheiros, depois q̃ can-
sou, de suspirar adormeceo, em quanto Tirsea com o pen-
sãmẽto nelle vinha pela fralda do rio cantando esta glosa.

Cuidados assi vos quero

Que sejais desesperados

Quereros pera cuidados.

Quãdo mor força mostrais

Mor dureza, & mor rigor

Na dor com que me tratais

Entam vos estimo mais,

E me pareceis melhor

So vos podeis verme a mim

Pelo triste fim que espero

Numa tristeza sem fim,

Mas se me quereis assi

Cuidados assi vos quero.

Em qualquer menor cormẽto

Não tirara de vos fructo,

Que o que custa ao sofrimẽto.

Menos

Menos, q̃ o meu sentimento
 Nunca pode valher muito.
 De sorte que na affeição
 Em q̃ vos tenho epregados
 Pera serdes estimados
 He de força & de razão
 Que sejais desesperados,

Quando eu de vos pretêdera

Hum bẽ, que a muitos enganava
 D'outra sorte vos tiuera
 Amara a quem me quiserá
 E não quem me desengana.
 Quando vos vejo arriscados
 A mais males mores danos
 Então vos quero dobrados
 Não vos quero para enganos
 Querouos pera cuidados

PAssando adiante, encontrou no meyo do valle a Altea
 suspenſa & triste pelo q̃ aos dous pastores acontecera, &
 tornando a cuidar, q̃ lhe podia succeder algum dano em quã
 to a razão estaua tam escura, disse a Tirſea, q̃ lhe pedia, que
 fosse pelo valle acima: pois o ella não podia fazer por hum
 respeito, & que ouuiria cantar a Floricio, q̃ em estremo câ-
 tara bem ao tempo que ella decia pera o rio, a outra q̃ so ni-
 ſto tinha o desejo lho agradeceo muito, & encaminhada de
 hum pegureiro, q̃ andaua no mato, foy ter aonde o seu pas-
 tor dormia, & sentandose junto a elle, não quis quebrar lhe
 o repouſo do sono, antes cõ a vista curioſa, no pensamẽto o
 estaua adormentando. Mas como o pastor adormecera sem
 descanso acordou logo, & cõ hum grande ai estêdeo os bra-
 ços, & caindo hum nos braços a namorada Tirſea, ella o re-
 colheo entre os seus, dizendo para elle (q̃ não ficou pouco
 espantado de a ver aly) ja Floricio, q̃ os descuidos do teu
 sono me pagão meus cuidados, dexame este braço pera en-
 tregar esta alma do q̃ lhe deues. Ah Tirſea (respondeo elle)
 bem se vinga amor da vontade que te deno, como atração
 que outrem vſa comigo, nam te quero dar o braço, pois
 te nam ſatisfaço com o coração, outro dia te descubrirei
 este

este segredo, & agora se deces pera o gado, acompanharte
ey. Disto ficou a pastora mais contente, & nam quis pedir
lhe que não dilataſſe pera outro tempo o que lhe descobria
naquelles finais, mas pelos que vio da ſua triſteza, diſſimu-
lou, & deceram ambos pera o rio. Mas Lereno depois q̃
correo toda a montanha ſem achar quem buscava, encon-
trou ao pe de hum carualho o doudo Montano, que eſtaua
aſſeiçoando hum cajado, & chegando a elle, o ſaudou, per-
guntando ſe viraa Floricio. Logo to moſtrarei (reſpon-
deo elle) que muy perto eſta de nos, & leuandoo a hum pe-
nedo, que cahia ſobre huns ſyluados, que eſtão no deſuio
do caminho, o fez ſubir nelle, & moſtrandolhe o vulto de
hum tronco metido entre os ramos, o lançou daly abaixo,
onde ficou bẽ eſpinhado das ſiluas, & magoado da queda,
dizendolhe. Iſſo te fique em caſtigo de perguntares por ou-
trem a quem não ſabe de ſi, & com grande riſo ſe foy daly
apupando pela montanha, Lereno ſe tornou ao pe do pen-
do, aonde entre ſi fazia eſtas contas com avoz baixa, como
que entam a não ſiaua mais, que do ſentimento.

Que amor ſigo, que busco? que deſejo,
Que enleo he eſte rão da fantaſia?
Que tiue, que perdi, quem me queria,
Quẽ me faz guerra, contra quem pellejo,
Foy por encantamento o meu deſejo,
E por ſombra paſſou minha alegria,
Moſtrou-me Amor dormindo, o q̃ não via
E eu ceguei do que vi, pois ja nam vejo,
Fez a ſua medida o pensamento

Aquell

*Aquella estranha, & noua fermesura,
E aquelle parecer quasi diuino.
Ou imaginação, sombra ou figura
He certo, & verdadeiro meu tormento
Eu morro do que vi, do que immagino.*

DAly se foy Lereno ao gado, & o recolheo buscãdo attri-
steza da noite pera mais largo queixume de sua estrel-
la, que não lhe daua hum mal sem companhia, nem lhe so-
fria ter outra, que fizesse menor o sentimento delles.

FLORESTA DECIMA.



Entia tanto Floricio a falsidade, q̃ imaginaua
do amigo, como elle a sem razão defeu enga-
no, cada hum se queixaua de males não me-
recidos, hũ entre si representaua quebrada a
se da amizade q̃ tinham, & offendido o respei-
to do amor com q̃ se tratauão, outro via desagradecido seu
descejo, desacreditada sua verdade, & sobre tudo perdido tã-
bom amigo. Lereno buscava meios de descobrir seu inten-
to, & Floricio modos de se escõder a sua desculpa, & fez is-
to cõ tanta perfiã, q̃ passaram muytos dias em que o amigo
seguindoo com os passos, & com avoz o não alcançaua ate
que desconfiado de lhe poder dar a conhecer a fidelidade
de seu coração, determinou partirse dos campos de Mõde-
go, & buscar outro lugar a seu desterro, mas como lhe não
consentia o coração deixar a Floricio magoado, tornou
a buscar Altea, que auendoo ja por descuidado da promes-
sa, que lhe fizera, negaua tambem os ouvidos a suas razões
porem

porem como ja fora testemunha de tam perto da desconfiança de Floricio, não pode durar muyto esta esquivança. Alylhe disse o pastor com muyto sentimento a determinação de sua partida, renouando a memoria da desgraça, que o trazia desterrado, & lhe pediu que quisesse em sua ausencia descobrir ao amigo enganado o que a seu respeito elle lhes passara, & que depois que tiuesse verdadeiro conhecimento de sua fe, tornaria a habitar os campos do Mondego, pois por entam os deixaua com muyta saudade, ella que ja sentia este apartamento, & muyto mais ser por sua causa, lhe pedia, que se não determinasse tam depressa, & com estas & outras palauras o aconselhaua. Pois eu Lereño fuy o principio deste mal, não he muyto que elle seja a causa de minha morte, & eu so culpada nella, mas se tu a podes escusar sem perder muyto, lembrete, que me deues a vida pelo que te quero: se Floricio foge de te ouuir razam, não fujas da que eu tenho pera te obrigar. Deixame por em o meyo do perigo, saluarei a tua fe & a sua desconfiança a custa de minha vergonha: se elle he teu amigo conhecera facilmente, que o tratas sem engano, se pelo contrario pouco perdes em sua amizade, & eu muyto em tua partida, considera de vagar, escolhe o menor perigo, arriscame a todos, como não seja deixares-me. Tudo fizera (respondeo elle) por teu querer, se o meu nam fora tam mal afortunado a te pera obedecer-te, quero me apartar desta ribeira que como lugar muytas vezes se muda a ventura, ainda que eu em nenhum a tenho, & o tempo defenganara em ausencia a falsa presunção de Floricio, & a de meus males se effes imaginação, que poderam algũa hora vencer o sofrimento, em se primeiro o queres desimmaginar aqui me tens, com tanto, que não dilates o remedio. Como quem (tornou ella) tem nelle o desua vida ficate embora, que eu vou bus

car a hum pastor de quem fujo ha tantos dias, pera deter a
outro que me foge dos olhos, levando nos seus penhores
muy custosos de minha affeição. Com isto deixou a Lere-
no dando mil suspiros: ao tẽpo que Risco vinha pera elle,
& ouvindoo & vendoo tão triste lhe pregũtou: Que ais são
esses Lereno? a quem buscão, & q̃ pretendem. A morte (res-
põdeo elle) pera fim de muitos danos. Queixume hede mui-
tos (repliqu o outro) & desejo de nenhum. Deixa agora a
paixão se algũa te obriga, & vamos cantando aos loureiros
daquella fonte, que esta pera fazer inueja a qualquer senti-
mento cõ a melodia dos passarinhos, que a esta hora suspẽ-
dem os ares com musicos accentos, & parece q̃ a natureza
lhee esta aly modulãdo as vozes, concertando abaixa do sau-
doso melro, cõ o tipre do musico roixinol, & sobre leuãdo
em meudos accentos opinta sirgo, seruiudo de instrumento
senoroso o continuo zonido das abelhas, que andauão tirã-
do o mel das tenras flores, & o som das agoas, q̃ por entre
aluos seixos, & ruiua areia, vão murmurando. A isto senão
quis negar Lereno, por não descobrir maiores sinais desua
paixão, & foi cantando com o amigo esta cantiga.

Com dar de continuo ais

Dou a vista algum descanso,

Mas com os ais, que da alma lanço

Descanço, por não cançar mais.

A fe, e a razão me obriga

Nesta pena que padeço

Por mais que a dor me persiga,

Que nunca o que sinto diga,

Porque nisso a desmereço.

Eu que nunca perco o tino

Em males tam desigualis

Desabaço por sinais,

Com dar suspiros continuo

Com dar de continuo ais

Tenho os ares perseguidos

E a voz rouca suspirando,

E sentindo os meus gemidos

Os pevedos sem ouvidos

Ficão comigo bradando.

De hũa dor tam bem sentida

Este he o fruto que alcanço

Mas pois num mal sem medida

Fim não poso dar a vida

Don a vida algum descanso

Primavera de

Renovo o meu sentimento
Pois pera a morte não val
E em gloria deste tormento
Vou ceuando o sofrimento
Porque dure sempre o mal.
Sayão sospiros do peito
Dem ao coração descanço.
Que eu ja viua satisfeito
Não com os prazeres q' engeito.
Nas com os ais que dalma lãço.

Prazeres que me negastes
Quanto por vos trabalhei
Tanto a correr me insinastes
Como em mim não descançastes,
Que nunca mais descançei.
Vou correndo sem parar
Pera o fim que me negais,
E neste vão trabalhar
Não canço por, descançar
Descanço por cançar mais.

Pouco espaço depois se assentaram ao pee da fôte, & be-
berẽ da agoa laborosa q' della manaua, ouuindo aperfiõsa
musica dos passarinhos virão pendurada em hũ gancho de
hũ louceiro hũa samfonha q' nas costas tinha este letreiro.

Instrumento contente q' algũ dia
Fostes aliuio de meu sentimento
A cujo som suave, & melodia
Ouuiu a causa delle o meu tormẽto,
Ficai prezo nesta arvore sombria,
Aonde vos toq' agora o surdo vito
Que en q' parto chorãdo desta aldeã
Mal poderei cãtar na terra alheã.

Logo os dous pastores conhecerão ser aque lhe o instru-
mento de Floricio, & Lereno a quem elle na alma tocava
deu ham grande sospiro, & com outros muytos pedio a Ri-
seo que o fosse buscar por hũa parte da montanha que elle
pella outra faria o mesmo, porque algũ grande mal lhe fa-
zia perder a ambos tal amigo. Riseo o fez assim, & junto
da noite achou a Alteã que tambem andaua nos alcances
de Floricio. Deixemos o que entre elles passou, & o q' suc-
cedeo a Floricio. E tornemos a Lereno que não esperou
mais conselho para sua desgraça pois contra ella lhe nam
valla entendimento, & logo em se apartando de Riseo ro-
mou o caminho para a serra, tio acima, & de hũ outeiro q'
descobee todo o valle q' cõ a entrada da noite estaua mais
fãtoso assi cantaua a sua magoada despedida.

<i>A Deos agoas cristalinas</i>	<i>Voumo como a resperdida</i>
<i>A Deos fermosos ouzeiros</i>	<i>Nos matos da terra estranha</i>
<i>Faixas, choupos, e salgueiros</i>	<i>Te que os lobos da montanha</i>
<i>Lirios flores, e boninas.</i>	<i>Venham a tirarme a vida.</i>
<i>A Deos fermosa lembrança</i>	<i>Mas he ja tam desigual</i>
<i>Cõ q̃ em meus males viuia</i>	<i>O mal de meu coraçam,</i>
<i>A Deos vales de alegria</i>	<i>Que os animais sem razão</i>
<i>A Deos mōtes de esperança.</i>	<i>Sabem fogir de meu mal.</i>
<i>A Deos fermoso penedo</i>	<i>E bem deue ser assi,</i>
<i>De quem cõ tãtas verdades</i>	<i>Pois em mim se considera</i>
<i>Fiei minhas saudades,</i>	<i>Que se delle não viuera,</i>
<i>Que me pagastes tam cedo.</i>	<i>Andara a fogir de mim.</i>
<i>a Deos prado, Deos pastores</i>	<i>Faça-se o que amor ordena,</i>
<i>Vassallos deste amor cego,</i>	<i>Com direito, ou sem direito,</i>
<i>A Deos agoas do Mōdego,</i>	<i>Te que as brazas deste peito</i>
<i>A Deos fonte dos amores.</i>	<i>Faça em cinza a minha pena.</i>
<i>Aparcome desta Aldea,</i>	<i>Vamos meus olhos, q̃ he certa</i>
<i>Voume fogindo a ventura,</i>	<i>Não estranhardes mudança,</i>
<i>Que nem a minha he segura</i>	<i>Pois sem a vossa esperança</i>
<i>Nem esta parece alhea</i>	<i>Tudo parece hum deserto.</i>
<i>Pode ser que cance a sorte</i>	<i>Paguemos culpas de hum erro</i>
<i>De andar e tanta mudança</i>	<i>De q̃ a amor as culpas punha</i>
<i>E se a sorte nunca cança</i>	<i>Que hũa falsa testemunha</i>
<i>Quicais q̃ descãce a morte.</i>	<i>Nos condenou ao desterro.</i>

Pois

Primavera de

Pois mostrar a differença
 Ia agora nada aproueita,
 E valeo sendo sospeita,
 Vamos cūpria a sentença.
 Vos chorareis de continuo,
 E eu com suspiros em vão
 Irei lançando o pregam
 De hum castigo tam indino,
 Direi chorando sem fim
 Iustiza que manda ofado
 Fazer n'ũ criste culpado
 Que deu armas cōtra sim.
 De que serue outro socego
 Se falta o do meu desejo
 Vamos meus olhos ao Tejo
 Fareis como no Mondego.
 Fica a Deos ficate embora
 Floricio tenhas ventura
 E aches se tã firme, & pura
 Como a que perdes agora.
 Liurete o Ceo de perigo
 Pois que fizeste em teu dano
 De hum amigo sem engano
 Por hum engano & nemigo.
 A Deos Alcea q̃ ausencia
 D'engana teu cuidado.

Não queiras de hũ desterrado
 Fazer noua experiencia.
 Eu vou aonde perca a vida
 Logra a tua a seu sabor.
 E nunca sejas de Amor
 Com falsidade offendida.
 Pastores que ja me ouuistes
 Deuos a sorte alegria,
 Pois que a minha companhia
 Não he mais q̃ para as tristezas
 Agoas em que ja me olhei
 Que com os olhos incuruaua
 Quando cantando choraua,
 Hum mal que tanto estimei.
 Sempre corrais com descanço
 A sombra de aruores bellas
 Evejais claras estrellas
 De noite em vosso remanço.
 Fiquai a Deos aruoredos
 Fontes & aruores sombrias
 Que em tempo de santos dias
 Não vistes meus olhos ledos.
 Lagrimas que aqui ficais
 Derramadas com razão
 A Deos q̃ outras nacerão
 No lugar donde brotaes.

PRIMAVERA DE FRANCISCO

RODRIGVEZ LOBO.

Praias do Tejo.

FLORESTA PRIMEIRA.



QUEIXOSO da ventura que o desterra,
cansado de caminhar por terra estranha des-
confiado das esperanças em que sustenta-
ua a vida, buscava o pastor Lerenio lugar a-
onde acaballa, parecendo-lhe que cada hora
se alargava com as saudades do Lis aonde
nacera, & da liberdade q̃ nellas lhe ficara, magoado das des-
confianças de Floricio, que o apartauão do Mondego. Che-
gou a hũa montanha das praias do Tejo em hũa tarde gra-
ciosa quando o Sol dos Orizontes se despedia, deixando as
rosadas nuuēs emuoltas com seus rayos: & em quanto dos
altos montes não cahia a sombra escura assentado em hum
penedo, de cujas entranhas Eccho os saudolos accentos re-
petia, no som do vagaroso Tejo, que passava cantou o
seguinte.

O Tarde saudosa
 Que ides aposentando a noite fria
 Neste nosso Orizonte
 Mandame amor q̃ conte
 Agora em voz chorosa
 Magoas que não fei do claro dia
 Oução minha perfia
 Essas nuuēs escuras,
 Que o Ceo mostrava ha pouco prateadas
 Que não estão seguras
 Por estarem da terra levantadas
 De padecer mudança
 Que mais alta tive eu minha esperança.

Ouvi-me o arvoredo
 Que vestidos de triste verde escuro
 Assombraes este rio
 Em quanto o vento frio.
 Aos passarinhos ledos
 Nos ramos lhe não da seguro
 E se o inverno duro
 Com fronte curua & fera
 Vos despojou d'estado tam contente
 Da doce primavera
 Ouvi agora a voz d'hum triste ausente
 Que em espaço tam breue

Lhe descontou fortuna hum lã q̃ teñe.

E voe agoas cançadas

Desse largo caminho que trazeis

Por serras por area

Descende a pura ves,

E aqui mais socegadas

Pode ser q̃ em meus males descanseis

Em meus olhos vereis

A vossa saudade,

Que se pera tornar aonde nacestes

Desejais liberdade

E rompeis os penedos que temestes

Em mim vereis a pena

De não poder seguir a quẽ a ordena

E vos fermosa ingrata

Em cujo rosto, & olhos escondida

Ficou minha ventura

Por quem Amor procura

No mal em que me mata

Fazer que inda mereça a minha vida

Nesse bosque escondida,

Oui meus versos tristes,

Que descobrem desta alma a saudade,

E pelo que ja vistes.

Primavera

Nos meus olhos vereis que he de verdade
Este meu sentimento
Com tanta pena, & sem merecimento.

De ferro tam comprido
E de hum pera outro mal tanta mudança
Onde a fé se melhora
Se ha de ter alguma hora
Num mal tam bẽ sofrido
Pelo menos enganoso da esperança
Este que assi me cança
Fora doce & suave
Como he aspero, esquiuo, & infornel,
E a pena dura & grave,
Mas parece este bem quasi impossivel,
Esta duvida solta
Ver q̃ a ventura em males não faz volta.

Vou chorando meu dano
(Não perder o socego & vida chara
Porq̃ isto he cousa justa)
Que ainda que tanto custa
Me parecer a humano,
O mal se em vossa vista me matara,
Mas quer a sorte auara
Que o meu tormento seja

Viuer a meu pesar ausente, & firme,

Aonde vos não veja

Nem deixe Amor cruel de perseguirme

Façase o seu mandado

Ausente, firme, so, desesperado.

E Stava o lugar com a saudade da noite, & com os accentos da cantiga de Lereno tam triste que so lhe faltava para o igualar o sentimento, & como so este bem lho parecia, esqueceose da jornada q̃ lhe faltava, & de tudo o mais que não erão seus suspiros, mas como este repouso não podia dar descanso nem sua sorte lho consentia, leuantouse, tomou o currão, & foi por hum valle abaixo bem acompanhado d'arvores que o faziam mais escuro ate chegar a q̃da de hũa ribeira aonde entre muitos alamos, & freixos appareciam cabanas de pastores, dalli sairão os raseiros a lhe ladrar, & em quanto elle com o cajado os desviava sahio hum pastor da porta, & preguntou, (ois esse que tantas horas ha que vos espero? Não deuo ser eu (respõdeo Lereno) quẽ esperais, porque não sou desta ribeira, antes pella nam saber errei o caminho que leuava, peçouos que me encaminheis para a Aldea: se tu não sabes o atalho (tornou o outro) não tens horas para passar daqui, aonde se quiseres galhado to darão de boa vontade, essa vos pague Deos (tornou elle) & a mi por agora he forçado aproucitarme della. O do casal o fez entrar para a cabana aonde logo tirou o currão, & assentado lhe preguntou donde era & para donde hia: Bofe) disse elle) que te não saberei dizer donde sou nem ainda cujo, porem naci perto destas serras de riba Tejo, & vou para aquella famosa Aldea aonde elle se acaba, para viuer ali por soldada entre os guardadores aonde me
nam

Primavera de

As matas se verão de herua cidreira
A fermosa Dione dedicada
O junquillo, a viola, & a roseira
Tem a relua de flores marchetada
E as boninas que a Lua fez mais bellas
Azuis, brâcas vermelhas, & amarellas.

Ali acha no mato o caminhante
A Artemisa em flores graciosas
E o maluaisce alegre que diante
Do Sol abre as boninas cobicozas
A madre Sylua, & o lacinto amante
Que inda sustenta as letras amorosas
Como que se esmerara a natureza
Em fazer tal jardim nhũa aspereza.

Não faltam fontes, & aruues crecidas
Loureiros, freixos, choupos, & aueleiras
Castanheiros em matas muy compridas
Compridas & copadas sereijeiras
Por onde em doce voo entremecidas
As aues se verão de mil maneiras
Que dos ramos continuo estão cantando
E as agoas aêcre as pedras murmurado.

Aqui despois que os Fados ordenarão
Que o nosso Lis correse em turua vea
Despois

D. pois quem sombra escura se trocãã
 As ondas de cristal, na branca areia
 As Ninfas dos seus valles se juntaram
 Seguindo a sua chara semidea.
 A quem em sorte coube esta montanha.
 Que o Mondego rodea, illustra, & banha.

Deu a esta Nimfa o Ceo tam grande parte
 Dos soberanos doës q̃ estima & preza
 Que nas graças q̃ agora ã mim reparte
 Ia parece que vence a natureza
 Cança o estillo, atreuimento & arte
 Que commete louvar sua grandeza
 Assim que em tais louvores imagino
 Igual a obrigacãm, & o desatino.

Aly como Diana a caçadora
 Com outras da montanha que a servião
 Que com o auiso, & graça da senhora
 Tambem de amor, senhoras parecião.
 Na caça exercitãã, cada hora
 As armas cõ q̃ o mesmo Amor véciam
 As feras sujeitando, & os pastores
 Vencidos do valor de seus amores.

Cada qual no juyzo & na figura
 Não tẽ parte q̃ a Amor não satisfaça
 A gra-

Primavera de

A graça faz inueja a fermosura
Que os poderes tomou da mesma graça
Se a algũa foy escassa ja a ventura
Não foi a natureza em nada escassa
Nem a varento Amor que em tal desvio
Lhe deu de toda a serra o senhorio.

Guardana ali Marilia manso gado
Dionisa, & Cimea juntamente
Aulisa faz mais bello o verde prado
Belisa liure leda, & contente
Qualquer das outras segue a seu cuidado
Ama, deseja, alcança, espera, & sente
Que sem Amor sem sua companhia
Não ha belleza, graça, & correfia.

Tinha Cimea a cor que a natureza
Deu a branca (e fsem, pura, & fermosa
Olhos cheos de graça, & delindea
Boca rasgada em alto graciosa
Modesta, graue, firme, & por impreza
Tras a fe cõtra Amor sempre queixosa
E auêdo que o seu foi mal empregado
A qualquer sujeição nega o cuidado.

Bellisa liure, & sem conhecimêto
Dos effeitos d'Amor a quẽ se nega
Com

Com seu honesto, & brando mouimento
A liberdade so a vida entrega
Mas não merece em fim merecimêto
Quem també neste golfo não navega
Tirando a preço as partes naturais
Que ande vir por Amor a valer mais.

Aulisa seu querer gosa em recco
Do que pode cortar nelle a ventura
Que nenhum grande bem tam certo veio
Que fizesse a vontade estar segura
Mas gosa neste bem o neste enleo.
Estranhos bens de sua fermosura
De q' viuer pudera aßas contête
Se o Amor de Narciso se consente

Dionisa em cujos olhos graciosos
Amor faz ao desejo noua inueja
Tam lindos, tam senhores, tam fermosos
Que alma por seus olhos os deseja
Tambê viue em sospiros saudosos
D'algũ bem q' passou, & este qual scia.
Seus olhos o diram com saudade
Se aquelles olhos tais falam verdade.

Marilia que o cabello crespo, & leuro
Mostra qual o Sol claro na aluorada
Vencem

Primavera

Vencendo nos cabellos a cor deouro
E no rosto de uene a cor rosada
Faça de seus cuidados vão thesouro
Se por Amor se pode esconder nada
Neste lugar esconda os seus amores
Que não he mais humilde nos lououres.

Muytas outras pastoras na montanha
Passauam vida ali doce & contêce
Cada qual seus cuidados acompanha
Cada qual segue hum gosto differêce
Iuntas em fim naquella terra estranha
Que escondeo a vécua tanta gêce
Estam as gétis graças que perderam
As ribeiras do Lis aonde naceram

Leuoume a sorte a terra tam ditosa
Porem não era assim quẽ me leuaua
Aonde em companhia tam fermosa
Meu cuidado tambem me acompanhaua
De quanto a luz do Sol, & a vista gosa
Com os olhos, mas não liures, eu gosaua
Porê ventura tal, vista tam bella
Não se alcança se não para perdella.

Alinos frescos matos escondido
Toquei o doce franta aos pastores
Aonde

Aonde tambem cantara o velho Alcido
Abrandura sem fim de seus amores.
Da senhora das outras era ouvido
Cujos olhos de tudo erão senhores
Porem, cantar delles não me atreuo
Sem que lhe roube o mais do que lhe deuo.

Durou como costuma esta alegria
Em quanto o permitio ventura ingrata
Porque ja aquelle tempo parecia
Denida a sem razão com que me trata
Deixei a bella, & illustre companhia
Cuja lembrança a pena me dilata
Representando o gosto na memoria
Mas pede a causa mais comprida historia

COM o fim destas outauas o deu Lereno a musica da sua
samfonha, & os pastores a conuersação da noite, por-
que nam eram tam compridas que soffressem durar muyto
o serão entre pastores que aproucitão a madrugada, & des-
pois de louuarem a sua cantiga cõ muito espanto do velho
q̃ ya em mocidade fora celebrado naquellas aldeas. Repar-
tidos cada hũ a seu repouzo, Risco o escolheo, cõ o acompa-
nheiro q̃ gastou a mayor parte da noite que ficaua em lhe
preguntar nouas do Mondego. Bẽ sabes, amigo Risco, (de-
zia elle) quanto a meu pesar, pello que me faziam os enga-
nos de Floricio, me aparteí d'elle, desprezãdo a minha quie-
tação por desejar a sua, proeuando menos o credito a mi-
nha verdade que o fim a sua desconfiança, & para q̃ aja este

meu mal por bẽ empregado, dizeme como elle se ouue em seus amores? E Altea em suas esperanças? como estam os pastores, & pastoras q̃ guardauão no valle, se respõdem as nouides dos gados, & das terras a esperança de que ficaram vestidas quãdo me parti? Floricio disse o outro (viue sem ti & sem contentamento porq̃ te perdeo por engano, & nam por culpa, Altea por esta causa o aborrece, e sospita por tua cõpanhia, todos os mais te desejam, & eu q̃ entre elles nam tinha menor lugar, & rafaõ, como tu conheces, mal cuida-na acertar a caso esta ventura da que por esta ribeira me trouxe, & dos mais te darey largas nouas, que agora he tempo que repouzes, cõ isto deixarão a pratica, que de todo os descuidana do sono, & Risco deteminou ao outro dia partirse cõ Lereno, porque a verdadeira amisade todos os res-peitos affeiçoa a seu fim, & so a companhia de hum amigo faz esquecer a saudade de hum lugar quieto.

FLORESTA SEGUNDA.



O outro dia em que amanhecco mais fermo-
so o Sol sobre a verdura, que do puro orua-
lho da Aurora estaua borrifada, levantados
os pastores tratou Risco com o do casal, par-
tir aquella manhã para a aldeia, pois alem
do interesse da companhia de Lereno lhe era forçado nam
dilatlar o caminho, & posto que o bom velho sentia muy-
to seu apartamento, como ja o pastor o tinha de longe de-
terminado custoulhe menos a licença q̃ pedia com as razão-
es do amigo que o ajudana, feita a despedida dos do casal,
dados as graças do gasalhado, tomarão os currõis, & o ca-
minho ao longo das prayas do Tejo, & indo a vista delle
por entre altas enzinhas, & soueiros, lhe disse Risco, fi-
quei

quei hontem tam afeiçoado as graças daquelle lugar de q
cantaste, fora o principal que ya tinha ouuido das pastoras
que nelle habitam, que por estremo desejo que vas por diã
te, se cõ isso o caminho te não for pesado. Fica tanto para
dizer (replicou elle) que nem o dia, nem a jornada darà lu-
gar a tudo porem da menor parte te direi algũa do que acõ
teceo hum dia despois que cheguei aquella montanha: no
qual cõ estas lindas pastoras de que ouuiste fazia a senhora
dellas hũa pescaria do Mondego, aonde cõ elle se encõtra o
rio Alua, & para isto em duas barcas toldadas de graciosa
verdura, & floridos ramos, se embarcou em hũa a fermosa
cõpanhia daquelle Semidea, & na outra o seu pastor, com
muytos dos que o seruião, que para taõ saborosa recreação
forão escolhidos: forão deste modo nauegando encostados
a terra a vista dos sombrios bosques, & fermosos valles, che-
os de arvores que com desigual altura, & diferentes ramas
recolhiam os pintados passarinhos que de hũa, & outra par-
te do rio hião cantando, ao som de muytos instrumentos
que nas barcas se tocauão. E porque esta doce melodia cõ
a vista, & mouer dos ramos & o murmuro de alguns ribei-
ros que ali entrauão no Mondego, & os sobressaltos da Na-
lades que habitauão as fontes daquelle ribeira, occupauão
a todos os sentidos, passarão assi ate entrar na aspereza das
altas, & fragosas penedias que assombrão o rio, aonde por
ordem daquelle soberana pastora, começaram as outras a
cantar a espaços, como a cada hũa acontecia a tenção de
seus cuidados, das quais a primeira começou em quanto as
outras descansauão.

*Cuidados desesperados
Não nos tenha mais ninguém
Que he so meu tamanho bem.*

Primavera de

D' spais que sei quanto val Se alguma cuidados tem
 Hum mal de q̃ me temia E nelles desesperou
 Por sua parre estou tal Saiba que a mi so conuem.
 Que não soffro cōpanhia Tornemos quem nos robou
 Nem mudança neste mal. Não nos tenha mas ninguém.
 Os bẽs, & os gostos buscados Que he tã soffrego meu peito
 De quem os tem por seu fim D' ste mal q̃ Amor me deu
 D' lhos ventura dobrados Uencido por meu direito.
 E so fique para mim Queinda me parece meu
 Cuidados desesperados. Qualq̃r mal d'ouero respeito.

Quẽ seus prazeres procura Mas os sinais que os meus tẽ
 Alcãços para perdulos. Sam glorias que nacez delles
 Q̃ eu tenho por mer vectura Sam gostos que não se vem
 Não nos ter, & merecellos. Nem amor tem parte nelles
 Que ter o que ella assegura. Que he so meu tamanho bẽ.

Atras esta cantiga que de todos foi, como merecia celebrada em
 competencia desta tenção della cantou Dinisa.

Tanto estimo meus cuidados

Como quero a causa delles.

Enthesourei no meu peito O gosto o desejo a vida
 Cuidados que amor me deu Durei por nunca offendelos
 Guardoos cō tanto respeito E he razão justa, & deuida
 Que perco tudo o q̃ he meu Que antes eu fique perdida
 Por lhe guardar seu direito. Por elles que com perdellos.
 E por quem me foram dados Quẽ se a vida me ficara
 Tenho por tam grã l: afrota Para me matar sem elles
 Ter outros mal empregados Eu por elles me matara
 Que nem de mim faço conta Porque nisto os estimara
 Tãco estimo meus cuidados. Como quero a causa delles

A esta cantiga, responderão os pastores dalua barca, & ajudado dos
bem tocados instrumentos cantou Franco.

De inueja de meu cuidado.

Me encontra nelle a ventura.

Minha alma que conhecia
De meus males o interesse
O grande preço, & valia
Não quis q' o corpo tiuesse
Glorias que ela merecia
Mas o corpo magoado
Na vingança se desuella
E com o q' tinha alcançado
Anda por se apartar della
De inueja de meu cuidado.

Nas inuejas deste bem
Que nenhũ delles alcança
Contrino se desauem
Esta batalha que tem
Não tem nhũa esperança
Outrem contra elles pelleja
Que em mi victoria procura
Que he cousa certa & segura
Que tambem de pura inueja
Me encontra nelle aventura.

Logo da outra barca cantou Cimea que ao rogo das pastoras se
não pode elcufar.

Que esperança pode ter
Quem de tudo desespera.

De ter ja muito esperado
Canço porque esperar cança
E não tendo meu cuidado
Outro bẽ mais q' este estado
Nada quero da esperança
Destes desconcertos vem
A vida me aborrecer
Porque quẽ nella não quer
Hũa esperança que tem
Que esperança pode ter.

Não possa negar que a tinha
E nella a maior perigo
Mas de sorte vsou comigo
Que não mostrou q' era minha
Se não que era meu castigo.
Se outra agora me viera.
Com receo deste dano,
Com mais vontade a perderá
Porque estima o desengano,
Quem de tudo desespera.

Primavera de

Da outra barca cantou Almeno, que com a graça, & ar de sua gentileza a daua dobrada a cantiga, que todos gabarão por estremo.

Ando perdido entre a gente
Nem morro nem tenho vida.

Depois q' ando trāsformado A alma que buscou lugar
Num cuidado que me obriga Q' amor por seu fim lhe ordena
A viuer sempre enleado Bem se queria empregar
Não posso achar quē me diga Mas ficou presa no ar
Se sou perdido ou ganhado. Aonde anima, & onde pena.
Nem por se se me consente Nem ganhada nem perdida
Qu' saiba parte de mim Posso della saber nada
Quē me tē nega, e não mēte, Nem de mi, se alguém duvida
Que depois que me perdi Quē me da vida emprestada
Ando perdido entre a gēte. Nem morra, nem tenho vida.

Da outra parte cantou Aluísia posto que se valia de escusas para o não fazer por estarem perto do fim do caminho, & antes que elle se acabasse disse o seguinte.

Temo que a sorte desuie
O fim que a fec me promete.

Fora meu cuidado isento Sigo a lei mais rigorosa
Dos males que lhe procura, De hũa se firme, & constante
Amor tam sem fundamēto, Tam firme quam perigosa,
Se com elle, & com ventura Mas o ser melhor amante
Valera merecimento Nunca fez mais venturosa.
Einda que razão condena Tudo se arma contra mim
Quem me diz que desconfie, Em tudo a sorte se mette
Quāto amor por ella ordena E tudo leua a seu fim
Em fuor de minha pena, So por estornarme a mim
Temo que a sorte desuie. O fim que a se me promete.

Nesta

Nesta amorosa perna sobirão o rio que por entre as fer-
ras se apressava, ou com medo dos ameaços de sua al-
tura, ou por cubica de esprayar-se em crespas ondas nos lar-
gos areais que adiante via. E chegando ao Alua estauão ja
os rusticos pescadores com as redes atraueffadar no rio, ar-
mando ciladas, aos peixes innocentes para com a chegada
das pastoras os leuatarem com a pressa as quais saltaram
na praya ram fermosas, que bem era necessario, amigo Ri-
sco, para quem as viffe trazer os olhos mais contêtes, & me-
nos affeioados achorar, que te direi do trajo, & policia de
suas roupas? do ar, de dem, & galātaria de sus toucados, da
graca & mouimento dos passos que dauam pella area, se so-
em a figura, & perfeigam dos rostos auia tanto em que em-
pregar os sentidos, que se podião perder os de todos, em os
olhos de cada hũa. Começou-se em fim a pescaria, mas os
rusticos que a fañiam, assim se descurdaram de tudo por
não tirarem os olhos dellas, que perderam o cuidado dos
peixes & afloxando be as redes os soltauão, & cõ tudo isso
se enlaçarão mais, se as pastoras trouxerão os olhos nas re-
des, que esta era a prizam que elles de sua vontade procu-
rauão, & por esta razão buscauão o fũdo das barcas, & não
aguarda de suas colheitas. Os que vieram presos a praya,
posto que perderão a vida tiuerão a morte bem festejada,
saltando da area nas roupas das Ninfas, que ainda que cõ
tra ella lhe não valiam, era lugar a onde ficava a vida por
vontade. Logo se começaram muytos jogos, & cantigas
que duraram ate q a tarde se acabou, & tornaram pello rio
abaixo com dobrada alegria, ali cantei eu o que entre os
nostros pastores custumaua, & nam o q a tantos merecimen-
tos se deuia fui gabado, mas muyto maior razam tinha pa-
ra o merecer q para o ser, pois a causa era tam degual ao
meu ingenho, & elle tinha rãos lououres em q escolheffe

Primavera de

Com isto, & com a noite se recolherão pello valle acima,
com ramos verdes nas mãos, & fermosas flores enuergo-
nhadas entre os cabellos, porem faz-me tam grande sauda-
de esta lembrança, & tanta mayor a magoa de perder a
ventura que aly tinha que me não atreno ja a hir adian-
te. Por certo (disse o companheiro) (que so com a represen-
tação do que hias dizendo sentia na alma hũa alegria tam
contente, que se auia a vontade nella como enlcada, &
bem folgara eu de ouuir o que tu ali cantaste mas ainda te
rei outro tempo em que te não valha escusa, nesta pratica
chegaram a huas penedos aonde batiam as ondas do Te-
jo, & decendo junto ao rio, para a sombra de muitas ar-
vores altas, que assombravam o lugar da penedia, viram
que arrebentava nella hũa fonte muyto copiosa de agoa
que mansamente, & sem roido tomava o caminho pore-
nte a areia, & em hum seo que nella fazia a sombra de hũa
faia, estava hum pastor, rustico ao parecer no trajo, & na fi-
gura, & com os olhos n'agoa estava immaginando sem se
lhe ouuir cousa que disesse, mas tanto o enleuauam as em
que tinha o pensamento, que não via os pastores, que ja
estauam com elle, os quais tomando o pello cajado sobre
que estava inclinado lhe disseram, tam empregado estas no
que imaginas, que me parece que te fazemos bem, em te
despertar de algum sonho q̃ te deue representar a fantasia.
Em verdade pastores disse o da fonte, bem sonho he o que
eu imagino, pois passou como se o fora, porem se não que-
reis algũa cousa de mim deixaj-me nelle, que ainda nestas
agoas, busco quem noutras se escondeo com minha liber-
dade: Os companheiros ouuindo isto, o quizerão deixar na
sua persia mas Risco lhe tornou, liberdade debaixo da a-
goa, so os peixes a tem, & alcançalla com os olhos nam he
maa pescaria. Enganaste (disse o outro) que tambem com
os

Os olhos me leuão, & se esta minha teima te parece deluário, mayor o sera aconselhar a quem não conheces, vaite embora, & não me tires esta, q̃ não quero nella companhia fazes bem replicou Rifeo que nem a tua he muito para cobigar, ao menos na cura desse mal que logo meu cōpanheiro conheceo. Olhate deuagar nessa fonte que ainda que o rosto não he para Narciso, o que elle fez cobioso de sua figura faras tu por desesperado. As razões que eu tenho para o ser (respondeo elle) me insinirão o que farei, em tanto fôrão andando por diante, & sentados aõde com os penedos se encobriam, ouuirão dali a pouco espaço ao pastor que cantaua este soneto ajudando o roido da fonte com o som do caiado que nas pedras tocava.

Ioportunos queixumes se algum dia
 Cançara de me ouvir esta aspereza
 Se a morte acabara minha tristeza
 Ou tera fim na vida esta porfia:
 Mas se a morte não vence a fantasia
 Desesperado viuo nesta impreza
 Porque nem o mal muda a natureza
 Nem pôde auer nos males alegria.
 Ah quem vira este fim que nunca alcança,
 Quem perdера esta vida que aborrece
 So para a ver na morte arrependida
 Porem isento estou desta esperança,
 Que não pode doer perder a vida
 A quẽ quanto mais viue mais padice.

Cantos

C Antou o pastor cō tanta suavidade, & sentimento: que
 entristeceu aos dous companheiros, & magoados de
 quam mal o tratarão, estauam em tornar atras a remedear
 sua culpa. Mas a este tempo virão duas pastoras que a seus
 accentos acodirão, & achando o desacordado sobre a rel-
 ua, com agoa da fonte o despertarão, & despois de tornar
 em seu acordo, leuantando o pellos braços, lhe disse hũa del-
 las, que bem podia com os olhos dar nouo espirito a quem
 o tiuera para conhecer sua fermosura, he emti tam mal em
 pregado qualquer mal, que aceitara grande parte desse so-
 por te ver sem elle, a troco desta vontade, que por ser mi-
 nha não dara fruto, te rogo que venhas em nossa compa-
 nhia para a Aldea aonde descanças, que nem o tempo nẽ
 o teu cuidado he para este lugar. Ah fermosa pastora, (disse
 elle) quem pudera pagar essa cortesia, com a liberdade que
 me ficou nas mãos de hũa ingrata, mas porque o eu não pa-
 reça a olhos tam fermosos, guai me para onde quizerdes q̃
 perca a vida, & não ma deixeis para mayores tormentos, q̃
 fera crueldade, que nem de vosso parecer se espera, nem em
 mim achara ja sofrimento. E se aqui vos manda a ventura
 para que detenhais o cutello que minha desesperaçam, me
 pos na garganta, não seiais menistra de quem tam mal pa-
 ga seruiços, contra quem desejar a vida para vos fazer mul-
 tos, se poder iustetalla não fora impossuiel. Não faças tam
 poderosa a tua tristeza, (respondeo ella com as forças q̃ lhe
 das tirando a ti as esperanças de viuer sem ella, & a mim de
 me ver paga deste desejo, vem comigo, & com esta pastora,
 & despois ordenaras a teu parecer. Ouue em fim o pastor
 de obedecerlhe & com ellas atraueffou para o monte a foz
 quebrantado. Os dous caminhantes com muyto sentimẽ-
 to do que virão forão pella borda do valle: caminhando, &
 junto da noite se recolherão em hũ lugar para a passar que
 muytas

muitas vezes offerece repouso, quando dia nega odescção:
com a condição com q os males custumaõ dar aliuio ao so
frimento.

FLORESTA TERCEIRA.

Meteome Amor em seu trato
Posme os seus gostos na praça
Quanto quiz me deu de graça
Mas he caro o seu barato.

Amor que quiz q tiuesse Entendeo que não sabia
Os males por seu querer Avalia do interesse,
Deu-me nos bens q escolheffe Que eu delle então pretendia,
Para que quando os perdesse Preguntei-me o que queria
Tiuesse mais que perder. Antes que nada me desse.
Depois q em minha esperãça Eu que não soube o que fiz
Me vio cõtra o tẽpo ingrato Quiz hũ desprezo, & negaçã
Viuer liure de mudançã Quis hums desdens senhoris
Por tam grande confiançã. E por ser graça o que quiz
Meeteome Amor em seu trato Quanto quiz me deu de graça.)

Vieu logo o que conuinha Triste do que entam cuidaua,
Dar melhor conta do seu Que era tudo o que ganhaua
Do que dei da vida minha, O mal com que se enganaua
Deixei perder quanto tinha, E vendo a vontade escrava
Por guardar o que me deu. Conhece o que lhe custou.
O desejo, & o temor. Amor vende como auaro,
A fe, a vontade, a graça. E faz seguro contratto,
Tudo pus nas mãos de Amor, Com cautellas sem reparo
Elle que he mais mercador Vende o barato & o caro
Posme seus gostos na praça. Mas he caro o seu barato.

| Sto hiam cantando os dous companheiros ao outro dia
 antes de amanhecer ao longo das prayas do Tejo, & cada
 hum mostrava na sua voz tanta graça cõ a saudade da ma-
 drugada, que ate as areas surdas, & as arvores sem sentido,
 faziam mouimento com as mudanças da sua cantiga. Ah
 (disse Risco, acabada ella) como entristecem as alegrias a
 hum coração ausente? & como he certo que amor senho-
 rea todos os passatempos da vida, que mayor o pudera eu-
 ter agora, que a tua companhia, ouvirte cantar tam suaue-
 mente, ver como obrigam teus versos as cousas sem senti-
 do, se os meus não andarão prezos ao pensamêto, q̃ me tor-
 na ao Mondego, donde em penhor da alma q̃ deixei so esta
 saudade veo comigo. Tudo (respõdeo o outro) esta na mão
 de Amor não ha vida sem elle, posto que a que da seja traba-
 lhosa, nem ha bem que d'elle não naça, nem mal que cõ ser
 passado a sua cõta não fique leue ao padecer, & poiste quei-
 xas dos teus, & ha tanto que me escondes a causa delles, &
 queres que alcance com a sospeita o que te merecia, por
 confiança: & amifade, queixarme hei de ti. Tenho eu nella
 tanta fee (respondeo Risco) que ainda que este segredo fo-
 ra de mayor perigo to descobrira, mas o não ser arriscado
 em o publicar não tira sello en o sentimento. Saberas ami-
 go Lerenõ, q̃ aquelle dia das festas de Diana quãdo cõtigo
 me achei no valle dos amores, foi o primeiro em q̃ Amor
 tomou vingança de minhas liberdades vêdo a ferosa Sil-
 tia a quem o Ceo fez em tudo tam acabada, que se lhe deu
 o parecer diuino não quis que a voz parecesse humana, nẽ
 o entendimento, sujeito a nosso juizo, & porque comecci a
 prouar o senhorio desta afeição, quando ella da causa to-
 mana may ores forças busquei logo meos para mostrar
 com a lingua o coração, & como ambos temião igualmen-
 te, o seu merecimento, & o seu juizo, vécia sempre o receo
 a ou

aousadia, ate que ella ma deu em hũa tarde em que eu cõra
ua a Belisa queixumes de hũa affeição secreta, & entre al-
guns sospiros em que me queixaua de meu cuidado como
se nam tiuera adiante a causa d'elle, dizia muytas palauras
magoadas de minha pena culpando a quẽ me mataua, nam
querer conhecer em os meus olhos o mal que me fazia, ef-
perando que alem de o sustentar o descobrisse. Ou fosse q̃ o
quiz então a ventura, ou que eu a tinha sem saber della, q̃
disse Siluia, que em extremo desejava conhecer meus pensa-
mentos, & preguntoume lhe disesse a quẽ queria bem, não
crendo as meus olhos, que o mostrauão, & como os tinha
nella, & em hũa coroa de boninas do monte, q̃ a fazia mais
fermosa, enfiado de Amor lhe perguntei, o nome de hũas
boninas brancas que melhor entre as outras parecião. E re-
spondendo ella que erão bẽ me queres lhe disse, se tu Siluia
conheces essa verdade, & entendes a minha affeição, para
que esperas, que cõ testemunhas solpeitas a publique, &
se as que sam mudas confessam diante teus olhos, o que te
quero, não sejas ingrata. A isto me respondeo ella, & nam
tam isenta que me tira(=as esperanças, cõ que comeei a
me declarar em seus amores alcançando por fruito delles
o cõ que pudera viuer satisfeito de minha estrella, mas es-
ta cõ forçada ausencia atalhou a gloria que possuia de mi-
nha affeição, viurei no Tejo cõ as saudades, receos, & des-
confianças de hum ausentes ate que o tempo acabe este de-
slerro. Festejo muito (disse o amigo) ja que em fim auias de
ser sujeito ao senhorio de Amor, teres nella vëtura tam in-
tejada, & pello que importa conseruar estado tam ditoso
faz que Amor te não ache descuidado nas ribeiras do Te-
jo. Não me consentira descance (tornou elle) a saudade da
minha pastora ainda que a sua firmeza me poisa fazer segu-
ro de mudanças. Nestas palauras chegarão a vista de hũa
Aldea

Aldea que esta perto do Tejo, & pouco desviados do caminho virão que sobre hũs penedos a sombra de hũas altas amendoceiras cantauão duas pastoras de rasoado parecer ao som de hũa frauta que hum velho tangia, o qual a tocava com muyta graça, & dous pastores com as mãos nã se enfiados sobre a do penedo as ouuião. Pareceo aos companheiros que era o canto dino de lhe impedir o caminho, & sentados de fronte lhe ouuirão esta cantiga.

Quis bem quando não sabia

E agora que sei querer

Mal quero a quem bem me quer.

Tive singella affeição

Leal, & firme amizade

Depois que a puz na vótade

Nunca vi mais a razão,

Tudo me parece vão

E so firme meu querer

Mal qro o que bẽ me quer.

Quẽ outros cuidados tẽ,

Pode imaginar que seja

Querer mal de pura inueja

A quem sabe querer bem

Não me tenha Amor ninguẽ

Para obrigar meu querer

Que aborreço a quem me q̃r,

Molher vão sobre respeito

Mais q̃ amar aõde se inclina

Quem lhe poem lei desatina

Que a ninguẽ guardão direito

Depois q̃ entrou no meu peito

Depois que soube querer

Mal quero a que bẽ me quer.

Depois que os pastores do penedo ouuirão a cantiga q̃ ellas cantarão melhor do que vsauão com quem as ferna, pedirão ao velho que fosse com a musica da frauta por diante, & elles começarão a cantar não menos consertados.

Coração, olha o que queres,

Que mulheres, sam mulheres.

Tam

Tam tiranna, & desigual Não lhe queiras coração.
 Sustentão sempre a vontade E se não olha o que queres
 q̃ a quẽ lhes quer de verdade Que mulheres sam mulheres.
 Confessão q̃ querem mal Sam tais q̃ he melhor partido
 Se Amor para ellas não val, Para obrigallas, & cellas
 Coração olha o que queres Hir sempre fogindo dellas
 q̃ mulheres, sam mulheres, Que andar por ellas perdido
 Se alguma tem affeição E pois o tens conhecido
 Ha de ser a quem lha nega, Coração q̃ mais lhe queres?
 Porq̃ nenhũa se entrega Que é fim todas são mulheres.
 Fora desta condição,

Os dous companheiros a quem não pareceo mal amusi-
 ca nem a contenda, vêdo a de ambas as partes tam tra-
 uada, chegarão a elles, Por certo lindas pastoras disse Ri-
 seco, que errais em desacreditar o vosso parecer, cõ hũa tam
 injusta sem razão, fazendo cõ ella, que estes pastores caiam
 no mesmo engano. Meu cõpanheiro, & eu estuemos ouuin-
 do a vossa perfia, & não podemos dissimular este queixume
 por vida vossa que nos liureis d'elle; & confesseis que não a-
 prouais agora o que cantastes. Bof; (disse hũa dellas que pa-
 recia de menos idade) que vos deue hir pouco em a nossa
 determinação. & foi erro desuiarnos do vosso caminho pa-
 ra nos meter no de Amor, se sois dos seus vencidos, nenhũa
 delles soube ja mais dar conselho a outro. & assim por to-
 das as razões he o vosso escusado. A minha tenção fermo-
 sa, & desagradescida pastora (disse Risco) não era a conse-
 lharuos em fauor destes pastores, nem abrandaruos, para q̃
 me fizesseis algum era so compaixão do enganoso estado,
 em que sustentais a vida porem arrependome, & digo que
 a passeis a vossa vontade, que nam faltara quem vingue
 della

della a effes pastores se os tratais mal, que nunca al vimos
 se não estas esquivanças quebrarem em Amor, quando não
 ha quem lãce mão delle. Então fallou o velho que ate li os
 ouvia, & pedio aos dous amigos, que se assentassem, o que
 elles fizeram pello ouvir. Nenhũa cousa ha mais certa na
 mocidade (disse o velho) que enganos, assi como tambem
 na velhice he o mayor ganho a experiencia delles. Estas
 pastoras porque a não tem fiadas na gentileza de seu pare-
 cer, & no desasocego de quem as ama, tudo engeitam. Os
 pastores da mesma idade leuados de seu desejo affectoado,
 não sofrem esperanças nem obedecem ao tempo, & qual-
 quer que tarda a seu appetite despêdem em o dar a conhe-
 cer a todo o mundo, ellas por altiuas vem a fazerse ingra-
 tas, elles por desasocegados importunos, assi q̃ de nenhũa
 parte se pode atalhar o dano. A idade quanto mais sobe
 descobre mais, namorado fuy eu nesta ribeira & crão tão
 bem cantado os meus amores, & tal fim ouue nelles qual
 era o saber con que os grangeaua, vim a perder a minha
 Aldea, & a quietação da vida, & por fim de tudo perdi a
 quem queria, & ella buscou outro pastor que em pouco te-
 po lhe encontrôu a vida, que me tinha tirada, vi depois tan-
 to de que aprender, que pudera amar de nouo so por vin-
 gança. Esta pastora que vos respondeo chamase Darcia,
 & melhor lhe esta o nome, que a fermosura, he assiz discre-
 ta, mas nunca foy auisada dos casos de amor: teuelho nel-
 ta ribeira muyto grãde hum pastor a que chamauam Men-
 dino, montanhes no trajo, & no parecer, mas no entendi-
 mento, nenhũ dos da villa lhe fazia ventagem, & não lhe
 faltaua gado com que viuesse como lhe faltou ventura pe-
 ra a obrigar: em pouco tempo pos ella em estado suas
 esperanças, que quasi sem iuyzo se partio deste lugar não
 sabemos para onde, despedindole della em lãa fonte
 onde

aonde inda agora entre as suas lagrimas estam escritas estas palauras.

Ingrata, & tam cruel quanto fermosa

Ficarte embora, & guarde da vettura

Que hũa alma tam cruel tam rigurosa

Da terra, nẽ do Ceo viue segura.

Eu vou morrer, por ti, tu viue & goza

De tua condiçãõ perversa & dura

Atẽ q vença amor tua esquiuança,

E eu ter de meu mal noutro vingança.

Tam contente ficou deste successo, como quẽ tinha por gloria fazer males, acrescentando cada hora mais em sua dureza, & pelo que sei de amor, & quero a ella, que a criei, pesame de ver a sua liberdade tam isenta. Vos pastores estrangeiros não estranheis a aspereza da reposta, conhecendo o vso de sua condiçãõ. Esta (disse Lereno) a ella fara o mayor dano: que a nos ja foi proueitosa, pois della nasceo exprimentarmos a tua cortesia, bem dina da autoridade dessas cãs, & porque pelos sinais daquelle pastor imagino, que o encontramos neste caminho, te peço, que mos des da figura do rosto. O velho lhos disse, & conhecendo, que sem duuida era aquelle, lhe contou o que a Risco acontecera com elle quando se estaua vendo sobre a fonte, de que Duricia nenhum pesar mostrou, antes festejou a sua doudice, porem a outra, que Minarda se chamaua, não pode dissimular o sentimento daquelle noua, mostrando com algũas lagrimas, q tinha parte na desgraca de Mendino, a quem amaua de verdade. Com isto se des-

Primavera

pediam os dous caminantes, mas o velho com os da sua companhia, lhe pediram, que passassem aly a festa, & depois yriam juntos ate o lugar, & pedindolhe as pastoras que cantassem, Lerceno ao som da lyra de Risco-o fez desta maneira.

Romance

DE cima deste penedo
Aonde combatendo as ondas:
Mostram sempre mais segura
A firmeza desta rocha:
Com os olhos tras de hũa barca,
Que o vento leua por força,
Vendo que tem força o vento
Pera atalhar muitas obras:
Me representa a ventura:
Quam pouco contra ella monta:
Firmeza, vontade, & fe,
Desejo, esperança, & forças,
Por hum mar tam sem caminho
Morada tam perigosa,
Pera as mudanças do tempo
Dando sempre a vella toda,
O leme na mão de hum cego,
Que quando vai vento a popa:
Da sempre em baixos darea
Aonde em vias pedras roca,
Que furei pera valer-me?
Pois a terra venturosa:
Aonde aspira meu desejo
He cabo que não se dobra,
Se quero voltar ao porto
Não ha vento pera a volta.

Em fim, que o fim da jornada:
He dar no fundo, ou na costa:
Pensamentos, & esperanças
Lulgay quanto melhor fora
Não vos ter pera perderno
Que sustentarnos agora.
Pois não custa tanto a pena
Com do perder a gloria,
E he mais sustentar cuidados
Do que he conquistar vittorias:
So males sam verdadeiros.
Porque os bẽs todos sam sombras
Representadas na terra:
Que abarcadas não se romão.
Mar empeçudo & reuolto
Naugação perigosa
Porto que nunca se alcança:
Agoa que sempre cosobra:
Estreitos não naugados:
Baixos ilhas, syrtes, rocas,
Sereas que em meus ouvidos:
Sempre aobastes liures portas
A Deos que aqui lanço ferro
E por mais que os ventos corram
Para saber da ventura
Não quero fazer mais pronas.

Tam

Tambem pareceo aos da companhia o que Lereno cantara, que a Duricia lhe pesou de responder tam isenta ao companheiro, & para remedear o agrauo passado, lhes disse a elles. Agora me pareceo melhor que nunca a liberdade em que vivo, porque he acerto poupar a vontade, & o juizo pera o tempo em que se deseja liure, quem auera, que não estime ouir cantar a este grangeiro, sem que outra sujeição de siue este bem? & quem não quererá mal a amor & a ventura de quem elle se queixar? & porque este seu companheiro não deue ter menor merecimento, desejo, q queira de meu erro algũa justa satisfaçam. Nunca (disse Risco) deixei de estimar agrauos de pastoras tam fermosas, que como naci pera a servir, tenho suas offensas por vangloria da razão destes pastores naceo a minha, & se nesta pode auer satisfação eu me dou por contente com vos lembrar-des de quem se esqueceo de si por vossos amores, porque em outros não conheçeis a vossa custa o mal, que he sofrer hum desamor mal merecido: Pode ser (respondeo ella) que o mal proprio me fara ter cõpaixão dos alheos. Atras isto se leuantaram todos pera a Aldea, & os dous pastores passaram a diante, deixando na despedida magoados os da companhia, que nenhũa cousa faz mayor o desejo da outra, que a breuidade do tempo que dura.

FLORESTA QVARTA.



CHEGARAM os dous companheiros a hum porto do Tejo. aõde ja enuolto cõ as agoas do Oceano, cõbate com furiosas ondas as areas, & penedias, q de ambas as partes o vam cercão, assentados na praia cõ templauam a differença de seu nascimento vendo a que todas as cousas o mayor poder fazia mais te-

merosas como aquelle rio, que com as agoas de tantos se
 enriquecera, & não tardou muyto, que viram em hũa pe-
 quena barca hum pescador lauando as redes, que entre osu-
 rioso som das ondas vinha cantando, fezerã olhe elles final-
 da borda da agoa, pedindolhe, que apportasse nella, o que el-
 le fez dahi a pouco espaço, & saudandoo lhe disse Lerenos:
 Assim Céo te de ventura sobre as agoas, & nellas os vëtos;
 & os peixes te fauoreção, se vas pera o fim do Tejo, nos q̃l-
 ras leuar em tua cõpanhia. Isso farey eu de boa vôtade (dis-
 se o pescador) se avos não tendes de yr cõ muita pressa por
 que a minha barca he pequena, a vela rota, & eu so, & ven-
 cido ja do trabalho dos remos, & não poderei chegar tam
 breuemente como as outras, que continuão esta viagem;
 & sobre tudo vou pescando. Esse encargo (tornou elle) he
 de mais gosto, & pelo de tua companhia (que deue ser qual
 a vontade com que a offercees) se podiam aceitar outras
 condições mais pesadas. A estas palautas chegou o pesca-
 dor a borda da areia, & entrando os pastores, os agasalhou
 com o rosto cheio de alegria na sua barca, em que os ja cati-
 uos peixes andavam saltando, & com a vela ao vento, fo-
 ram o rio abaixo, ate o dobrar de hum cabo, aõ de as agoas
 andauam mais empoladas & reuoltas, & temendo os pasto-
 res pello descustume de nauegação, aquelle passo, immagi-
 nando nelle hum grande perigo, preguntaram ao pescador
 a razão porque aly andava o mar tam differente, ao que
 elle respondeo. Neste lugar, que em outro tempo, foy o
 que as Ninfas do Tejo escolhiam pera sua morada, os Fau-
 nos pera seus roubos, & os pescadores pera descanso de
 sua nauegação, quando com as faiscas do ouro das altas
 serras se esmaltaua esta praya, quando so nella os ven-
 tos enfiçauam sua furia, & os passaros cantauam doce-
 mente destes penedos. Moraua nesta ribeira o pescador
 Palemo

Palemo, que do interesse de hũa barca pobre se sustentaua mas como nem este estado he seguro da vëtura, nem amor o respeita. Hũa Nimfa, que Dinopea se chamaua, que do alto sangue de Neptuno descêdia: veio a empregar nelle sua afeição de maneira, que hũa hora lhe não daba descanso seu cuidado, sem q fosse nos seus olhos. Aqui o buscava & seruia, com elle leuantaua as redes, & passaua a festa entre estes penedos, & como tam grande bem não pode durar muyto sem inuejas. Izo filho de Eolo senhor dos ventos, que a namoraua, desenganado ja da vontade da Nimfa, veio a desconfianças tam desesperadas com a gloria do pescador, que ajudado das forças de seu pay com a sua barca o afogou entre as ondas, sem que a fermosa Nimfa lhe podesse valer, a qual vendo a desastrada sorte da Palemo, depois de grandes sentimentos de lagrimas em sua morte, alcançou dos fados, que fosse neste cabo conuertido, aonde Eolo perpetuamente o combatesse, sem vencer em nenhum tempo sua firmeza, & porque entre os pescadores deste rio he a sua historia, muyto sabida, & celebrada, & cantão muitas vezes o triste successo do sem yentura. Palemo pera q sintais menos o caminho, quero ir cantando hūs versos de seus amores: & porque ja este tempo tinham passado o perigo do cabo, & deixauam atras as crespas ondas branqueando inclinados sobre o bordo, & pescador regendo o leme começou a cantar desta maneira.

C Olhando ruyuas conchas d'entre a areia,
 Aonde o Sol mostra estrellas prateadas
 Andaua a bella Nimfa Dinopea,
 E as ondas de seus olhos namoradas,

Primavera de

Pera tocarlhe os pés sobem depressa
Por cima dos penedos encrespadas.
De inueja o brando vento se arrauessa,
E as finas tranças d'ouro derramando
Lhe vay roubando os laços da cabeça.
O Sol, que de mais alto fica olhando
Do caminho que faz tambem s'esquece
E as cõchinhas azuis lhe esta mostrando,
O mar, o Sol, o vento se adormece
Em quanto mone a voz ao doce canto
Que mais q' encantamẽto lhe parece.
Palemo diz pera que tardas tanto,
Se so pera te achar neste penedo
Do cristal destas ondas m'aleuanto.
Pera me ver o Sol se ergueo mais cedo,
E por mouer Fanonio os meus cabellos
Deixou as verdes ramas do arvoredo.
Os Delfins namorados pera vellos
Andam saltanda a praia alegremẽte.
E vão d'inueja os Faunos por prêdellos:
Tu te mostras Palemo differẽte
Tu despresas o amor q' te offereço
De quẽ o mesmo amor fora cõtente.
Como so nos teus olhos nam pareço.
Dina de sugeitar hum coraçam
Indino de outro meu q' te offereço.

Ingrato

Ingrato pescador que chamo em vam
Obrigada das forças da ventura
A hũa cega injusta sujeição.
Olha a desigualdade deste emprego
Tu pobre pescador, vil desprezado.
Tu, senhor de hũa barca, eu deste pego.
Eu filha de Tritam no mar sagrado
Feita Escrava por ty de meu desejo
Tu tyranno senhor de meu cuidado,
Tu queimado do Sol q̃ doura o Tejo,
Dos vécros, das areias offendido,
Que engano he este meu com q̃ te vejo?
O cabelo empecado, negro erguido,
As mãos das redes, & agoas encrespadas
De burel grosso o corpo mal vestido,
Eu inueja das Ninfas mais gabadas
Não sei o q̃ te achei nessa figura,
Que inda dou de vósade estas passadas.
Porem não nasce amor da fermosura
Nace de hum parecer que não s'entêde,
Que foy engano em mim, & em ti vêtura.
Quem te detê Palemo? Quê me offêde.
Vê a deitar as redes nesta praia,
Que ja o sol seus raios nella estêde,
Antes que a sua luz com força caya,
Nesta enseada esta fermoso lanço

Primavera de

Onde a água de quietas não se espraia.
Os peixes chamarei deste remanso
Tiraras logo as redes carregadas
Repousaras a sesta com descanso.
As lapas, que no fundo estam guardadas
Ouviendo a minha voz ficaram logo
Dos moradores seus desemparadas:
Tu desprezas Palemo so meu rogo
Os peixes lhe obedecem, tu mais frio,
E eu nas agoas por ty me abraço em fogo.
Se não vês por amor, por senhoria
Vem a ver esta Nympha que desprezas
Seras senhor dos peixes deste rio:
Por mim zeras Palemo as ondas presas
Por mim sogeitaras o vento esquiuo,
E mais liure seras do que te prezas
Ah deshumana ingrato fugitivo,
Onde estas? que não vês, q̃ não respondes?
Algũa sogeição te tem catiuo
Tras de alguẽ corres, pois de mi te escodes.

Parecia tambem a voz de pescador ainda que ronca com o som das ondas, que quebravam na barca, & o zunido do vento mouendo a vella, & fazia isto tam fermoso a vista dos jardins, fontes, & edificios, que de ambas as partes cercauam o rio, que os dous pastores nam sabiam em qual dos sentidos se empregassem com mais affeição, mas depois, que o pescador acabou a Elegia, & elles de lhe dar os lououres

louvores devidos, chegaram a hũa enseada ja perto da Aldea, para a qual decia hum caminho do monte, que ao longe se mostrava cheo de arvoredos & verdura: em que a arte com as graças da natureza se esmerara, aly pediram ao da barca os companheiros, que os possesse em terra, offerecendolhe alem da satisfação do trabalho hũa boa amisade pera se algum dia em outro lugar se encontrassem. Elle o fez com muyta saudade de sua cõpanhia, & seguindo o seu caminho, tomarão por junto de hũa cerca être hûs alamos enlaçados de verdes parreiras ate chegarem a hũa fonte, que sahia das ventas de hum cauallo de marmore, & diuidindose em dous ribeiros hia regando hum artificioso jardim de varias flores, & eruas cheirosas, aonde estaua hum pastor ao pe de hum freixo, coroadado de folhas de era, & louro, tangendo hũa lyra, com hũa meada de cabellos diãte os olhos, como que nelles tinha a letra, que cantaua, & dizia desta maneira.

L Embrança saudosa
 Charo penhor de minha liberdade,
 Que com tanta razam ficou cativa,
 Lembrainos da dourada nossa idade
 Tam breue & tam disosa:
 Se desejaís, que nesta idade viua,
 Porque se o mal se auia
 Na memoria dos bẽs, que ja passaram
 E vos se salua a pena que sustento,
 Que se nesta dureza,
 Que os males me ordenaram.

Tambê me ha de vencer o sentimento,
 Sê nunca alcançar fim minha tristeza,
 He merce bẽ pequena
 Mostrarme o bẽ pera deixarme a pena.

Mostrai a meu cuidado

Passadas alegrias, que algum tẽpo
 Me deu de amor hũa enganosa estrella,
 Daime a perda dos bẽs por passatẽpo
 Se no q̃ he ja passado
 Não vêce a gloria a magoa de per della,
 Ah Natercia mais bella
 Do q̃ cruel inda q̃ o foste tanto
 Tudo como esquecida despresasse
 Por quẽ de ty se esquece,
 E não te lẽbra quanto
 Neste lugar comigo ja passaste
 Como de hum caso alheio q̃ acontece
 Triste quam pouco dura
 Firmeza de molher. sombra, & ventura.

Não remes, que te acuse

Este bosque, este freixo, q̃ inda agora
 Sustenta as verdes ramas, q̃ entam tene,
 Quem auera falsissima pastora
 No mundo q̃ te escuse

De hũa mudança tam injusta & leue?
Cuidas, que não se deue,
Credito algum? as insensiveis plantas,
Que tu por testemunhas escolheste
La quando me enganavas.
Se nisso te alevantas
Lembrate deue ao menos que me deste
Posse das armas com que me matavas
Digãono estes cabellos,
Que ainda q' te eu perdi não sei perdellos.

Junto deste ribeiro

Reclinada a cabeça no teu braço
Hũa tarde me lembra, que mos deste
Não me era amor então de bês escaço,
Que c'os braços primeiro
Que com ella este colo me prendeste:
Este engano receste,
E se podera ser viuer contente
Delle por teu querer me contentaras:
E fora satisfeito,
Mas a sorte consente,
Que pera meu querer foy sempre auara,
Que ate nelles perdesse este direito
Com quanto manda amor,
Que fique pela diuida o penhor.

Cabellos d'ouro fino

Tecidos pela mão q' vos cortou.

E enriqueceo de b'ns esta alma minha

Esqueceinos de quemca vos deixou

Seguindo hum desatino

Cõ q' noutrem buscou quãto em vos tinha

E se eu por vos sostinha

Tegora neste mal hũa esperança

Que em vossas seguranças me prendeo

Secou sua verdura

Numa leue mudança

Com q' quẽ vos cortou vos esqueceo

Que em fim não pode auer cousa segura,

E fez tal tyrannia

Por não pagarme a fê, q' me dinia.

Cançam vaite a ventura

E dize a occasiam destes cabellos,

Que a quẽ nos corta não lhe da perdellos.

COnhecerão logo os pastores a este, que era Pauanio, amigo de ambos, & celebrado de todos naquellas ribeiras, pelas partes de seu entendimento, gentilleza, & condição, que a pastora Natercia senhorcara dous annos, & no fim (esquecida do que nestes lhe merecia) veyo a trocallo por Melinco, que primeiro a seruira, porque a principal afecção sua era mudança; & antes que os dous pastores chegassem a elle, muytos outros, que pelo valle andauam, se

se ajuntaram naquelle lugar, mas Pauanio vendo os estrangeiros os leuou nos braços, & sentados entre os outros, dádolhe todos as graças de quão bẽ cantara, disse. Posto que eu não queria tantas testemunhas pera meus queixumes, não estranho conuidar-se muytos a elles, & a fauorecellos, pois o que não deuem agraça do meu cantar, merece a verdade da minha cantiga, que toca a tantos, & pois encãtando comecei a fallar em mudanças, bom sera que alguẽ siga esta empresa com melhores palauras, que nas razões a ninguém quis a Natércia, que eu desse a ventagem, & se Lereno me não parecera, que vem cansado, ou sara a rogarlhe que a minha conta tomasse este encargo. Por certo (disse Lereno) que o não fizera eu com boa vontade, ainda que a tenho de te obedecer em tudo, porq̃ mal sabera fallar em mudanças quem em si as não experimentou, nem tem mayor queixume, que não fazer algũa sua vêtura. Espantome (tornou Pauanio) de auer ventura constante, por mudauel ou ui sempre nomear, & dizer, que por isso teue o nome de mulher, saluo se por sustentar hũa sem razão, muda a natureza, como ellas o fazem muytas vezes. Não me parece mal (disse Corinto) pois entramos em fallar de mudanças, buscarlhe o principio, como em todas as cousas de que se trata he castume, & pergunto. Donde nasce a mudança nas molheres? Donde não sey eu (respondeo Pauanio) mas que he a primeira cousa, que nasce com ellas, & pera que ellas nascem, isso si. O meu parecer he (disse Vmbrano) que nasce de o seu querer não ter socego, donde cada hora aprouam, & cõdenão hũa mesma affeição, & cõ hũa cousa nellas he mais certa, que esta variedade: pela qual razão deuia hum homem estimar dellas tanto os fauores como os esquiuaças. Eu danre mão (disse Risco) me dou por suspeito, porq̃ cy de fallar em fauor de hũa muãça, que em o meu se fez

ha

ha pouco tempo, & parece-me que nasce em as pastoras de
 não acharem em nenhum pastor seguro o emprego de sua
 afeição, & variado (pera na escolha melhorarem a sorte)
 tanto as vezes se mudam, que encontram quem merece ser
 nittas. Bofe (disse Pavanio) que soy desgracia não te ouir
 algũa, quicã's te valera esta razão, mas ella me descobrio
 outra, que deue ser a verdadeira: que como a firmeza he
 hũa virtude varonil, & hum bem fundado no entendimen-
 to, não podem molheres sustêllo, como incapazes de per-
 feição, & tanto he assi, que quanto mais merece quem as
 serue tanto menos alcança de sua fe, que como lobas esco-
 lhem sempre o pior, & por esta razão achão as vezes o que
 merecem. Fallas (differão elles) como te insina a paixão, an-
 tes te digo que como ellas me insinarão (tornou elle) porẽ
 pois nesto sou suspeito por hũa parte, & Rifeo por outra,
 mudemos o proposito, não me pesara (disse Lerenio) ver o
 fim a este, mas pergunto a que tempo tem hum homem dis-
 culpa de se mudar em os amores de hũa mulher, & por que
 causas? Eu digo (respondeo Pavanio) que a todo tempo, &
 a causa he saber que o não ham ellas de escolher para se mu-
 darem, mais que como asguar o appetite. Se a firmeza
 como tu diseste (replicou Vmbrano) he virtude de varão
 em nenhum tempo deue hum homem fazer mudança, se
 não quando sentir hũa mulher afeiçãoada a outrem, que en-
 tão por não hir cõtra a lei da natureza que he buscar Amor
 forçado em vontade alhea, podera mudar-se. Ainda assim
 (disse Rifeo) o não desobriga a razão, & so a teta para se
 mudar quando depois de hũa mulher o amar muito tem-
 po o deixa por outrem, a quem ella antestinha deixado, por
 não conquistar de nouo com poucas esperanças o que ou-
 tro tempo possuia sem receo, & trocar o estado com quem
 lhe reueja inueja. Por esta razão (responde Corinto) &
 pella

pella de Parianio, se hum pastor não espera mais q. ser que-
 ri lo, o certo he nunca fazer mudança q. ellas farão tantas
 ate que venhão a seu querer, mas atalheamos estas razões q.
 v. para nos Mirtea, & Florisa, as quais não merecê esta cul-
 pa antes muitos louvores, & sera b. que os c. temos, para q.
 Florisa a liure o sentimento da pouca ventura q. tem suas
 esperanças, a este t. chegarão as pastoras, & porq. Florisa
 trasta os olhos agrauados em final q. chorara, & elles erão
 verdes, & tão fermosos q. se lhe fazia o agrão maior, logo
 entre os pastores se murmurou a causa, & por atalharem o
 tratar nella, tomou Lerenio a sãfonha, & pedindo a ellas ali-
 c. cantou h. groza q. todos ouvirão c. muita at.ção.

Claros olhos que mostrais
 Offensas que a Amor fazeis
 Não he justo que as pagueis
 Por isso vos aggrauais.

Dessa luz fermosa & pura
 Amor vencido cegou.
 E a rasam ficou escura.
 E ate a mesma ventura
 Fogio, quando vos olhou.
 Com inueja, & com temor
 Não parecem aonde estais.
 Com temor porque cegais.
 Com inueja dessa cor
 Claros olhos, que mostrais.

A ventura que não cança
 De nos mostrar quanto possa
 Mostra em quanto vos alc.ça.
 Que se a vossa esperança
 Era bem que fosse a vossa.
 Se d. outra vos agrauastes.
 Bellos olhos não choreis,
 Que as lagrimas que vorteis
 São (se por elle as chorastes)
 Offensas que a amor fazeis.

Vos

Primavera de

Vos mostrais luz poderosa, Quê veruos busca & pretêde
E a vista nossa fraqueza Sem respeitar mais porque
Que he com razão venturosa He final que vos entende
Se quando se perde goza Mais erra, & mais vos effêde
A gloria dessa belleza. Aquelle que vos não vee.

As que deste engano cheas E se podem conhecer
Um prouar quanto podeis, Os meus dos vossos sinais
Sendo tais, não nas culpeis, Bem entendidos estais,
Mas tambem culpas alheas Porque vos não sabem ver
Não he justo que as pagueis. Por isso vos agrauais.

POR estremo gabarão todos a cantiga, & bem quizerão q
se não acabara tam depressa, porem o merecimento de
Mirtea não dana lugar de dilatar-se o que a seus louvores
se deuia. E porque ja os seus olhos que crão da cor do Ceo,
& desta os mais fermosos tinham razão de estar agruade-
disse Vmbrano ao pastor que cantara, que pois a sampo-
nha parecia tambem na sua mão, que nenhum da compa-
nhia se atrevia a tomalla, que lhe pedia pellos liurar a to-
dos dessa afronta, que louuasse os olhos de Florisa, ao que
elle respondeo, ainda que eu tenho por grãde afronta a que
faço a tais olhos, em os louuar, & muyto mayor a vossas
partes, em ter esta confiança, he o interesse tanto mais po-
deroso que me não sei negar, & tornando a tocar o instru-
mento disse o seguinte.

Olhos com que Amor venceo
Corações em justa guerra
Quem vos vee morre na terra)
Por sobir ao vosso Ceo.

Quem auera tam perdido
Estrellas nunca entendidas,

Que queira melhor partido
Que ser dessa luz vencido

E dar

E dar a preço mil vidas
 Quando amor me combateo
 Vos so podereis tirar mas.
 Nem sei quẽ se defendeo
 Sabendo que creis as armas
 Olhos com que Amor venceo.
 Vos sois a força, & castello
 Onde Amor ao mundo offende
 Vos so fazeis conhecello
 Vos sos podereis vencello
 A vos se humilha, & se rende
 Em vos seu poder s'enserra
 E de vossos rayos faz
 As setas com que não erra
 Almas em tyranna paz
 Corações em justa guerra.
 A cor que do Ceo tomais
 Aonde escuro o Sol se pos

Tam fermosa lha mostrais
 Que se aclara, & moue mais
 Quando se ha de ver em vos,
 Se sabis a fazer guerra
 Quando o raio poderoso
 Por mão de Amor se abre & serra
 Vendo hum Ceo que he tam fermoso
 Quem vos ve morre na terra.

Mas que Morte desigual
 Ou que vida tam ditosa
 Ha que apreço d'outro mal
 Possa gozar gloria tal
 Qual em vossos olhos gossa
 S'este bem se concedeo
 A humano merecimento
 Ou al ha que não pretendeo
 Ter na terra esse tormento
 Por sobir ao vosso Ceo?

Não deu o dia lugar a que a musica fosse adiãte cõ os lou-
 uores de Lereno, levantaranse os pastores a recolher o ga-
 do, & elle se apartou de Risco ate o outro dia. E foi cõ Pau-
 nio ate a sua cabana aonde ficou por hospede, tão contẽte
 da cõpanhia de tal amigo, q̃ o ficara de sua vëtura se Amor
 lhe não tiuera em outra parte a liberdade, que sem esta nã
 pode algum bem da vida dar contentamento,

FLORESTA QVINTA.

PAssaua Lereno os dias em a conuersação dos pastores,
 bem recebido ãtre elles, & estimado das ferranas da mō
 tam, amoso de Pauanio, pore m nunca esq̃cido de seus
 cuidados, daua a estes muytas horas de lembrança, gastaua
 as outras enganando o sentimento, por não parecer pesado
 a seus amigos, que hora lhe mostrauão as grandezas nota-

Primavera

ueis daquelle ribeira, hora as pastoras afamadas em fermo-
sura q̃ nella auia, hora hiaõ espreitar as Nymphas q̃ naquel-
las prayas habitauaõ, gastando o tẽpo em musicas, & sabo-
rosos exercicios namorados. Hũa noite em q̃ elle vellaua
seus pensamentos descuidado d'outra cousa q̃ podesse tra-
zer alegria, tam cheo de lagrimas & sospiros q̃ do peito a
boca mil vezes se encontrauam em quanto Pauanio dor-
mia cantaua ao som de sua Lyra este soneto.

Que estado es este meu tam differente?

Aonde a força dos males mais insiste

Que porque fui contente de ser triste

Nem de ser triste pude ser contente.

As lagrimas que choro docemente

Porque este triste bem nellas consiste

A força do silencio lhe resiste

Porque o gosto do mal não se acrecente.

Viuo de hum impossuiel sofrimento,

E guarda o pensamento contra a morte

O coração, & os olhos nesta magoa.

Sustenta a cada hum seu elemento.

Ao pensamento o ar, a terra a sorte

O fogo ao coração, aos olhos agoa.

Como o lugar era so, a noite escura, & passada grande
parte della, a voz quebrada dos sospiros, imaginaua o
Pastor que fazia, leguro de ser ouuido este que mesmo por
outrem que a guardaua aquelle mesmo tempo, pera os fa-
zer a ventura, o escuitaua, que era hũa pastora, a qual pare-
ceo tambem a tristeza do Soneto, & o sentimento do pas-
tor, que por conhecer quem seria se sahio da cabana, & de-

tre hũs loureiros que estauão ao pe de Pauanio; lhe falou desta maneira. Obriga a tanto o roubo de hũa cousa q̃ muito se estima, que me não pareceo de satino este que faço por te pedir essa tristeza que me roubaste, porque Soneto tanta descontente, so he pera meu cuidado, & eu pera sentillo: se me não promettes, que nem a lembrança delle te fique na memoria, acusarte hei de hum fruto tão conhecido. Esse q̃ tu querias fazer, discreta pastora (respondeo elle) consentira eu por vontade se não fora dar hum mal grande a quem nenhum merece, & tirallo a hum descontente, que naceo pera padecer todos por seu gosto, se de outra cousa o achares em minha vida, nenhũa te saberei negar. Chamas mal a tristeza (tornou ella) & he cousa conhecida que te não esta bem a vontade com que me negas este te agradeço, mas o teu bom intento não tira ser obra muy differente, outra affaz leue quer o de ti, que me digas quem, & donde es? Eu (disse elle) sou hum pastor do rio Lis, a que chamão Lerezo, que tu estas bem alhea de conhecer, ha muyto que viuo desterrado do meu natural, & dos campos do Mõdego vim esta Primavera aos do Tejo, por ver as graças, & gentileza dos seus pastores, que sam por todas as partes celebrados, & com razão, pello que ja tenho alcançado dos que vi. So em hum (disse a pastora) podias ver nesta ribeira quanto a fama podia acreditar, & dar a natureza & quantos o Tejo tem sem este nem merecem nome. E porque a pastora dizendo isto deu hum suspiro, que Rereno entendeo lhe disse, nem a natureza pinta as cousas com mais perfeição que o amor, & se fera melhor ouirte que vello, pello que te peço me digas o seu nome, & o que mais delle se pode saber, fora de teu segredo. Esse (tornou ella) so em meus cuidados, o tenho, que em suas perfeições he impossivel, o seu nome he Auliso. As partes ainda com a vista se não sabem

Primavera de

contar, porque estão nelle juntas todas as que o Ceo pellos outros repartio o parecer do rosto tão fermoso, que se acaba nelle a vista, a graça repartida nos olhos, & na boca tam igualmente, que elles fallão, & ella ve, o corpo tão airoso, e proporcionado, cada membro com a figura, que parece q' o formou a natureza para exemplo do q' sabia sobre tudo no juizo, brãdura, & condição a todos excede. E eu a todas as past'oras do Tejo em'quererlhe. Mas quãto tenho de Amor me faltou de ventura, q' nem elle me desfauorece, nã me engeita, se outrem me não possuira a quẽ viuo sujeita por força como ao meu Auliso obrigada por Amor, & pois este tu do faz parecer mais bello a quẽ ama, rogote q' ovejas, & saberas quãto cortei do q' merece, & se a caso chegares diante os seus olhos aõde esta pendurada a minha vida contalhe q' a passo tam triste, q' ainda te vinha pedir para ella o sentimento de teus males, auendo q' todos os q' não soffro por sua causa fico deuendo ao q' merece. E no mais pello q' me vai guarda segredo, q' agora te quero pagar a tua cantiga, & te cando hũa frauta q' trazia, cantou a espasos o seguinte.

<i>Vida q' he contra a vótade</i>	<i>A vida nas mãos de Amor</i>
<i>Bem fora melhor perdida</i>	<i>E o gosto nas mãos de sorte</i>
<i>Ay quẽ trocara esta vida</i>	<i>Viuendo sempre em receos</i>
<i>So por hũa liberdade.</i>	<i>Quando triste os olhos viro</i>
<i>Ay enganado querer</i>	<i>Soltando d'alma o suspiro</i>
<i>Engano bem empregado.</i>	<i>Por entre braços alheos.</i>
<i>Quem dera o q' tem tomado</i>	<i>Outrem goza o doce fruido</i>
<i>Pello que não pode ser.</i>	<i>Eusopadeço o cuidado</i>
<i>Quãto melhor fora a morte</i>	<i>Porem gosto tam forçado</i>
<i>Que este tormento maior</i>	<i>Nunca pode durar muito.</i>

Acabe

Acabe esta vida em fim *Descubrase minha pena*
Deme a morte algũ descanso *Que maior tormento custa*
q̃ bem sei que não na alcanço *Encobrir pena tam justa*
Porque ja fuge de mim. *Que a em q̃ o mundo condena.*
Coração mostra teu mal *Morte he menos perjuizo*
Custeme a vida disello *E melhor satisfacim*
E se este mal pode sello *Se for dizendo o pregam*
Morra que muito me val. *Morre Elisa, por Auliso.*

A Este canto da pastora cuya voz podia efrear a furia das ondas, mouer os montes cõ sua brandura acordou Pauanio, & achãdo menos ao cõpanheiro, se veo para onde elle estava, tam esquecido de sim cõ a suauidade da musica, q̃ lhe saltarão palauras para louuar a pastora a qual conhecẽdo, o ourto q̃ chegara se traspos por entre as aruores, do q̃ ambos ficaram bẽ magoados, & Pauanio pefaroso de ser a causa, a quẽ Lereno não descobrio mais q̃ o modo com q̃ ali viera aquella pastora. E porque ja o dia vinha rõpendo por entre as pardas nuuẽs, & as estrellas se despedião das agoas do Tejo disse Lereno ao amigo q̃ determinaua ir apra ya adiante te acabana de Risco para cõ elle ver algũs pastores q̃ do Mondego conhecia, & q̃ atarde tornaria ao buscar ao pasto conhecido, o q̃ elle consentio com pouca vontade obrigando a q̃ tornasse cedo, & partise despois de tirare o gado, o q̃ anibos fizerão com a vinda do Sol. Porẽ Lereno q̃ leuaua o desejo em saber do pastor Auliso, pello q̃ cõbra de hũ penedo q̃ na praia estava aonde nacia hũ fonte d'entre a areia, viu hũ cõpanhia de pastores dos quais conhecco Vmbrano, & indose a elles o receberão cõ muyta alegria, que ja tinhamo conhecimento d'elle, & fazendo aũtẽ

Primavera

lar forão com o seu passatempo adiãte, & tangendo o vetho Alcido hũa frauta, outro hum salteiro, & descantando Ergasto cõ o arrabil cantauão a tres vozes estas endechas,

E Sperança minha
Nacida a vontade
Como erva danosa
Que entre os trigos nasce.
Crecestes depressa
De pressa secastes
Mas em pouco tempo
Destes nouidades.
Cheguei nos sem tempo
E ateinor muy tarde.
E ao tirar do grão
Grão de mal deixastes
I vos, & deixai-me.
Lagrimas colhi
Que a terra onde caem
Tambem fica ardendo
Como os olhos ardem.
Colhi pensamentos
Colhidos de balde
Que como sam vento
Fazem tempestades.
Colhi presunções
Que inda que leuancem
Hũa alma da terra

Sobre a terra caem
Inos & deixai-me.
Não vos quero não
Que as vossas verdades
Quasi sempre mentem
E nunca se sabem
Este meu Amor
Se creceo com males
Para outros enganos
He ja muito grande
Bastem lhe mil annos
E se não abastassem
Não ha sofrimento
Que para elle baste
Inos & deixai-me.
Se entre os meus desejos
E em mi vos criastes
E a custa da minha
Vos dei liberdade
He quasi impossivel.
Que de vos me aparte
Sem que a minha vida.
Primeiro se acabe.
Qual bibora ingrata

Fostes em meu sangue *Que a quem lhe da vida*
He força que mattee *Inos, & deixaime.*

EM quanto elles cantarão que o fazião com muyto con-
 ferto, chegandose Vmbrano ao estrangeiro a quem ti-
 nha muy inclinada a vontade, que elle com igual affeição
 de longe merecia lhe disse ao ouvido. Parece-me tambem
 tuas cosas que tenho em grande opinião quem sabe bascal-
 las, & ainda que lhe tenha inneja não quero em cobrirte de
 sejos alheos sabe que estando ha poucos dias em hũa com-
 panhia de pastoras as mais fermosas desta ribeira, a quem
 derão Amor, ventura, & natureza todos seus poderes, tra-
 tandose de questõis, motes, & galantarias na moradas,
 empresa dina de teu entendimento, ouue quem nam quiz
 roubar-te este lugar, & suspirou com o teu nome, que todas
 sabiam, da qual lembrança naccio em ellas hum desejo de
 te terem presente, & porque este não podia ter effeito na-
 quella hora, escreuerão essa carta que te eu disse, & prome-
 ti a ver logo a resposta, que te peço que nam dilates muy-
 to. Não deuo eu estimar menos (respõdeo Lereno, tomãdo
 a carta muyto, encuberta) este bem pella valia de quem me
 da o lugar que eu não mereço, como por ser fructo da tua
 affeição, q̃ nelles fez nacer estes enganos, aos quais eu obe-
 decerei como deuo a minha custa. E porq̃ a este tempo se a
 cabaua o câto dos pastores, & muitas pastoras, e pegureiros
 do valle se ajutarão, cessarão cõ a pratica por ver Auliso q̃
 ali veo ter, & em sua vista achou Lereno tudo o q̃ a namora-
 da Elisa lhe dissera, sentados ã roda, pedirão a Lereno q̃ cã-
 talle ao côcôrto dos instrumẽtos q̃ os tres pastores tocauã.
 O q̃ elle fez cõ igual recco, & desejo por contentar cõ a voz
 & cõ a cantiga a quem cõ o parecer de sua gẽtileza a todos
 cõtentaua, & cõ os olhos nelle começou esta groza.

Primavera de

SE sois horas da mesma natureza
Do tempo vão que passa, & não se sente
Como so no meu mal tendes firmeza
E tomais natureza diferente
Como assim não fogis desta tristeza
E desta vida em tudo descontente
Se mais leues fogis, que o leue vento
Horas breues de meu contentamento.

Quanto para sabervos me faltava
Naquelle breue espaço que vos vi
Como do tempo então me descuidava
Cuidei que todo fosse sempre assi,
Quanto fogia o bem, & o mal durava
Parece-me depois que vos perdi.
Porqua amor a meu mal tudo enoaminha,
Nunca me pareceo quando vos tinha.

Ay duros, rigurosos desenganos
A que tempo cortais minha esperança
Saber que em tanta pena, em tantos danos
O mal so dura, o bem nunca descansa.
Horas, que pera o mal durais mil annos
E em meu gosto fazeis logo mudança
Quão mal immaginara esta alma minha,
Que vos visse mudadas tam afinha.

Tudo em vos se trocou, tudo he mudado
A vida, o gosto, & o desejo della,
O rosto, o parecer, o trajo, o gado.
E tambem se mudou a minha estrella.
Mudar-se tudo enfim me era forçado
Que juizo não val força, ou cantella
Pera sustentar sempre hum sofrimento
Em tam compridos annos de tormento.

Ainda

Ainda o pastor queria seguir a cantiga quando ao longo da praya hum pouco atras ouviram hũa grande grita, & rebolico em hum ajuntamento de pastores, & inquietos por saber o que seria, se alcuantarão todos pera aquella parte, & Lereno ficando atras com Auliso, os foi seguindo, & chegando a vista, sonberam q̃ era hũa luta de dous vaqueiros, que sobre o preço de hũa frauta se desafiarão, e os dous pastores pouco cubiçosos da cõtenda, se foram o caminho do valle, deixando a praya, & aly disse Auliso para o estrangeiro, a quem ja conhecia, & estimava muyto: Por certo que bem melhoraram estes pastores a sorte em deixarem de te ouvir, por ver a luta dos vaqueiros, porem a desculpa que lhe val he, que a tua musica enleuava como de Serea, & os gritos daquelles rusticos acordaram como de sono. Elles (respondeo Lereno) perderam pouco em me não ouvir & eu alcancei o que desejava em te acompanhar, & sabe Auliso, que he tam conhecida a ventagem que tens a todos os pastores desta ribeira, & tam grande o senhorio sobre as Ninifas, & pastoras della, que ja em toda a parte pela fama se conhecem as de tua gentileza, mas vence ella a fama com a vista de tal maneira, que sentira muyto a perda de te não ver, se esta antes de verte se conhecera, & pois em pago de hũa cousa que tanto desejava, não posso dar o que deuia, pagarteey com o alheo, ou pera melhordizer cõ o que he teu, & nacido das perfeições com que cativas a todo o mundo. Esta madrugada, que eu poupana das occupações do dia pera dar a pensamentos tristes, immaginando que aquella hora me não negava a ventura, atalhou a meus sonhos uma pastora a quem ella ha tinha dada, em a qual tudo o que parecia era como o cuidado, que aly a trazia, esta conhecendo de mim pelo que me ouvia, que era capaz de confianças de amor, me descobrio o que te tinha, & traz isto

Isto lhe relatou Lerenão tudo o que a pastora lhe dissera: ao que elle suspirando respondeo. Se essa diuida he pera me penhorar de nouo ao que mereces, eu confesso, que ha muyto tempo que te sou deuedor, & desejo seruirte, & entende Lerenão, que nenhũa cousa ha mais certa de todas as que vemos, do que he não auer yentura de que alguém viu te digo, que riue muyto da sorte, & natureza, & mereci a affeição de muytas pastoras, que a negaram aos principais pastores do Tejo, porem com hum so encontro destruyo a mor a minha liberdade, & senhorio que nunca empreguey affeição em que outrem ja não gozasse o fructo, & hũa que o Ceo me deu sem este queixume as estrellas cõ inueja ma roubaram pera gloria sua. E se alcançar fim apensamentos he alcançar hum homem de amor o que deseja, q̃ importa que muytos me procurem, se a que eu amo tem catiuoque rer a hum forçoso senhorio. Não he ram firme o tempo (re spondeo elle) que não de muytas a quem tem obrigada a vontade de quem ama, & porque eu desejo ver, como ja te nho ouido, a quem te serue te peço que me des finais pera conhecella. Hum te mostrarei (tornou elle) que trago neste peito, pois ella te descobrio os que tinha na alma, & tirando hum retrato do seyo, cuja porta serraua hum sutil cadeado de prata, o abrio ajuntando hũas letras, que dezião Elisa, como que este nome era a chave do segredo, que aly guardaua, & era a figura tam fermosa, que se lhe representou a Lerenão na pintura ouir a voz, que naquella madrugada ouira da sua cabana, & depois de louvar com grande merecimento sua fermosura, lhe pediu licença para cátar seus louvores, aos quais atalharão algũs dos pastores, que estauão na lata, & porque era tarde, Lerenão se apartou d'elle cõ promessa de o buscar muytas vezes naquelle logar, & daly se foi

foy aon de Pauanio appacentaua, ao qual em quanto aospe-
gureiros recolhiam o gado, contou o que lhe succedera cõ
Vmbrano, & mostrou a carta das pastoras, q̃ guardauam da
outra parte do Tejo, & aberta continha estas palautas.

*Do desejo que temos de te ouuir, so com obedecer ao nosso rogo te deso-
brigas, se não for tam grande trabalho fizello; com o gosto, que nos daras
com tua presença, não tardes. E porque nem da tua cortesia se espera me-
nos, nem nos desejamos mais, q̃ colher fructo de teu celebrado entendimẽ-
to, delle pedimos a resposta com a destas regras.*

¶ Contentes com padecer.

¶ Mais merece quem se fia.

F.

¶ Viuas memorias, mortas esperanças.

A.

Com isto chegaram a cabana, communicado o gosto de
sta auentura, que assi como os males sam mayores sem cõ-
panhia, sam os bens de mayor valia communicados.

FLORESTA SEXTA,



ASTARAM os dous amigos a mayor
parte da noite com a carta, hora gabando
o termo, & concerto della, hora inquirin-
do attenção das letras, que vinham ao pe-
dos versos, das quais não poderẽ conhe-
cer o nome das que as escreuião, que este

foy o regredo, que tinham, pore m em fe do que Vmbrano
lhe dissera, respondeo Lereno desta maneira.

Obedecer a pastoras tam fermosas, ainda que seja em pe-
rigos conhecidos não pode dar trabalho a quẽ naceo pera
seuilhas

feruillas, o mayor que eu acharei na reposta destas regras;
he: que pera ellas serem boas, basta que vos preguntais, &
pera meus versos parecerem mal, o receo com que chega-
rão diante de olhos tam fermosos; aonde a nenhum entẽ.
dime nto fica liberdade. A tudo isto nego desculpa, & a vos
offereço a vida, & a vontade.

Contente de viuer triste.

Lereno.

Reposta a primeira.

Contente com padecer.

Na vida nem na esperança
Se muda minha ventura,
E acha em mim tal confiança,
Que quando não faz mudança
Sabe que então m'assegura.
Não fia de seu poder
Que ainda espere algum prazer
Nestes males que me vem,
Mas conhece que me tem
Contente com padecer.

Sabe que o gosto do mal
Todos os gostos despreza
Quando hum coração leal
Sabe entender quanto val
O sentimento a tristeza,
Estes bens que outrem não quer
Anda por mos defender
Amor so de pura inueja
So a fim que eu me não veja
Contente com padecer.

Mais merece quem se fia.

Outro sentido.

O temer por natureza
De mulheres em mudanças
He de cautella, & fraqueza
Por em sorte as esperanças,
E em discredito a firmeza.
Quem poem tudo em condição
De ou seria, ou não seria
Tira a fe, preço, & valia
Pois em credito, & razam
Mais merece quem se fia.

Fiei do tempo, & passou,
Fiei da sorte, & faltou-me.
Fiei de Amor, enganou-me.
Fiei de quem me enganou
Com desenganos matou-me.
Roubarão-me em tal porfia
Os sentidos principais
E ao espirito que os reza
Porem de tres ladrões tais
Mais merece quem se fia.

Finas memorias, mortas esperanças.

O tem.

O tempo que ja tive de a legria |
 Quando brotava em flores meu cuidado
 Hũa viua esperança me encobria
 A memoria ja morta no passado.
 Agora neste mal, que eu não temia
 Se tem contra mim mortos levantado
 Depois que Amor trocou nestas mudanças
 Viuas memorias mortos esperanças.

EM quãto os pastores gastauão o tẽpo nesta occupaçaõ
 hia passando a noite dissimulada, & elles sem repouso
 veo a manhã, tirarão o gado, apartou-se Lereno do compa-
 nheiro, & foi a buscar Vmbrano a sua cabana, mas antes de
 chegar a ella o encontrou no valle: deulhe a carta, pediulhe
 por interesse da obediencia, & cuidado q̃ tiuera da reposta,
 q̃ cõfiasse delle os nomes das pastoras, porem o pastor os ca-
 lou por então, dizendo, q̃ o fazia por mandado de seus do-
 nos, mas q̃ muito cedo os saberia em sua presença, que era
 bem differente informação a dos seus olhos, q̃ as palauras
 cõ que lhe podia dizer, q̃ não erã. E porque Vmbrano, em
 servir não queria mostrar descuido, nem desmerecer pella
 tardança, apartãdo-se de Lereno, se foy esperallas junto do
 lugar aonde apparentauão, deulhes a reposta, que ellas fes-
 tejaraõ muito por quanto a desejavaõ. Lereno depois que
 de Vmbrano se apartou, cubiçoso de caminhar sem compa-
 nhia, & entregar seus enuidados ao pensamento, q̃ jalhe estrã-
 nhaua horas de descanso, desviandose dos pastores, & da al-
 dea por hum caminho pouco vsado ao longo da praya foy
 parar aonde hũa ribeira entrava no rio ao pe de dous ala-
 mos brancos, que da arca se aleuantauam tam altos, que
 enco-

Primavera de

encobrião as pontas no seo das nuuēs, & a hum delles estã-
ua atada hũa barca, que ao quebrar das ondas se embalan-
çaua, fazendo hum triste ruydo & saudoso, aqui se assentou
o pastor encostado ao tronco, & começou a praticar consi-
go, cantando desta maneira,

*Mentiroſas eſperanças
Ministros de amor tyranno.
Fiadores de hum engano
Que deu tantas conſianças,
Percãose voſſas lembranças,
Que he bem que ja vos deſpida
Porque he falta conhecida,
Em quem conhece o ſeu erro
Morrer auſente em deſterro
Tendo em voſſas mãos a vida.*

*Lembrança do bem perdido
A vos ſo quero, a vos amo,
Por vos ſuspiro, a vos chamo
Sempre ſou de vos ouuido.
Vamos ao valle eſcondido
Onde Amor tem encantado
O fim daquelle cuidado,
Que eſta triste alma deſeja,
Que Amor ſo de pura inueja
Pera mim deixou fechado.*

*Goſtos alheos, que em fim
Nunca eu vos tinue direito
Se não cabeis em meu peito
Para que chegais a mim,
E ſe imaginais que aſſim
Vencereis meu ſoſfrimento,
Tomais fraco fundamento,
Que he paſſado o mor perigo
Porque a viſta do inimigo
Se apercebe o ſentimento.*

*E vos deſejo que auſente
Quereis viver cõtra aſorte
Dando poderes a morte,
Que cõtra mim ſe ſũſtente
Pois tal vida nam conſente
Eſſe voſſo vão deſpejo
Vede o mal em q me vejo.
Quiçais q fareis mudança
Porque morta a eſperança
Pera que he viuo o deſejo?*

Ainda Lefeno començaua o primeiro pe da cãtiga quan-
do hum peſcador, q em o leito da barca eſtaua dormin-
do, acordou, & leuando a cabeça, foy viſto do paſtor. A
tinha os olhos no rio, porem não ceſſou com a cãtiga nem
elle de o eſcutar com muyta atenção, acabada ella diſſe

da barca. Deos te salue, que bem me pagaſte hum ſeno de que me tirou o teu cantar, & boſe, q̃ era elle tal, que eſtou pera lançar as redes neſte baixo de areia, que ate os peixes ſe ajunraram nella pera te ouir, & porque ſe me aſſemelhou no que cãtaſte, que viuias triſte, dizeme rogote de que mal te queixas? q̃ a quem tantos bens deu a natureza ouue ra de viuer alegre. E mal eſta o contentamento (diſſe o paſtor) que amor baſta para deſtruir o ſenhorio da natureza, & da fortuna. Deos te ſuſtente contra elle iſenta a liberdade, que nem as agoas valem cõtra o ſeu fogo. Certo, que te creio (reſpondeo elle) ainda que em mim, o não experimentaſſe, mas pera mal va, quem tantos faz, que ja elle em couſas minhas fez forte eſtrago. Hũa irmãa tiue tam fermosa, que podera fazer inueja as Nymphas deſte rio guardaua gado no monte, & tinha na vida tal nomeada, & nas aldeas, que não auia pegureiro, q̃ não ſe veſtiſſe loução por amor della as frautas, ſanfônicas, & arrabis do noſſo lugar todas eram na noſſa porta em anoitecendo aly ſe faziam os baylos de ſerão, & as folias de madrugada em ſayndo pera o ſeruiço, a noſſa porta ſempre era enramada de boninas do mato de frutas dos pumares, ramos dos ſoutos, & de mariscos, & conchas deſta praya tudo por feſtejarem a Florela, que era o ſeu nome, & ella tam ſenhora de ſi, que tudo tinha em deſpreſo, ate que Amor ſe vingou della, veyo a tomar amores com hum eſtrangeiro, que aqui viera de bem longe, tratoulhe elle de enganos, & com elles aleuou deſta ribeira aõde ja mas tiueſmos nouas della. Hum irmam, que eu riſta, que chamauão Eilenio, que tambem eſcolheo a vida de paſtor, & tinha cabras, & ouelhas em abundancia & tanta graça, & ventagens entre os guardadores, q̃ todos o buſcauam, & queriam, tanto que iſto aconteceo foy pelas inculcas, & correo muyta da terra eſtranha ſem os achar,

char, & por não viuer nesta descontente, ficou nas ribeiras do Lis aonde appacentaua, & aly lhe aconteceu outro tal com os amores de hũa Lisea, que tinha os seus em outro paflor ausente, & a tal estado chegaram suas esquiuaças, que andaua como tráfido, & a ella a ausencia do outro a quem queria, que desapareceo de âte os olhos de Filenio hũa manhã, que a sombra de hũs vlmeiros a esperaua, & imaginãdo ser conuertida em hum penedo, que lhe ficou diãte, perdeo com isto o sentido, & os parentes da pastora as esperanças de cobralla. En fim que Filenio viue agora nesta ribeira como alienado, esperando saber o q̃ he feito da sua pastora, ou pera melhor dizer do seu juizo: & daquiveras a razão que tenho de querer mal a Amor, pois me tirou os bẽs que tinha pera a vida. Como Lereno ouuio fallar em Lisea, & Filenio, que era o pastor, que lhe leuara a carta aos campos do Mondego a quem elle a trocara, deu hum suspiro desacordado, & logo lhe veyo a lembrança, que Lisea podia estar no valle desconhecido, & por encobrir sua paixam, consolaua a do pescador, que bem triste acabara a historia, & despedindo se d'elle com amorosas palauras, se veyo afastãdo da praya ate se assentar entre hũas paredes cubertas de mato, aonde nacia hũa fonte, que com escuro som em nascendo se escondia debaixo da terra, & ali quasi esmorecido adormeceo por grãde espaço de hum sono muy profundo em o qual se lhe representou, q̃ vira a sua pastora jũto a elle, como desatinado acordou, & vendo o engano com q̃ a fantasia o castigaua, tirando a sanfonha, cantou esta groza.

*Olhas, que abertos não vedes
O bem que serrados visteis
Dizei porque vos abristes?*

Aquelle

Aquelles gostos escaços
Enleos da fantasia,
Que no tempo que dormia
Me fogiram dentre os braços
Porque nam nos merecia
A graça, & a fermesura
Que entre estas toscas paredes
De noite se me affigura
Sam thesouros da ventura
Olhos que abertos não vedes.

Sam as glorias, que Amor tem
A seus bemaenturados,
E sam thesouros guardados,
Que nenhuns olhos os vem
Se não depois de serrados,

De que servia acordar
Pera ver magoas tam tristes
Ja que depois de sonhar
Abertos se ha deerrar
O bem que serrados vistes.

Quem tal sonho não perdera
Ou nelle a vida acabara
Ah quem sonhando viuera,
E se na morte acordara
Do que sonhou se esquecera,
Dizei olhos enganados
Se este tempo que dormistes
Tantos bens vos serão dados,
E se os gozaveis fechados
Dizei porque vos abristes?

Q Vando Vmbrano deixou em mãos das pastoras a re-
posta de Lereno, & tornou ao costumado pasto de seu
rebanho, vierão ellas cantando ao longo do rio, com os ca-
lados de sanguinho, & grinaldas de flores sobre os cabel-
los, & vestidos vaqueiros de diferentes cores, & assim che-
garão a aquelle lugar aonde o estrangeiro adormecera, a
tempo que o virão despertar do sonho, & ouvirão a sua câ-
tiga, a qual acabando elle se aleuanteou com hum suspiro di-
zendo, ah nunca ouvera no mundo deenganos, ao que hũa
das pastoras respondeo que vestia de branco, faltara a me-
lhor cousa que ha nelle, porque não sei eu mayor nial que
viver enganado, quando o pastor viu quem lhe fallava, &
as companheiras ficou enleado, assim de seus trajos & fer-
moura como de imaginar que diria entre sonhos algũa
cousa que o descobrisse, & porque nem elle nem ellas se co-
nheciam despois de as saudar lhetornou, pode ser, fermosa
T pastora,

Primavera de

pastora, que o pouco que sabeis de males, fara q̃ vollo não pareçam exprimentados em outrem, porem eu, que a minha custa, o sey digo, que mal aja o defengano, que sem elle nenhũs males fizera amor. Porque (perguntou hũa, que vestia de verde.) Porque amor (respondeo elle) afeição. & obriga o engano, sustenta, contenta, & satisfaz, o defengano destrue amor, aparta vontades, & muytas vezes mata. Que mal pode sentir quem viue enganado se tem na opinião tudo o que deseja: ditoso o estado de quem viue de enganos, & ditosa a vida, que com elles se sustenta, pois nam sente sem razões, crueldades, ingratições, ciumes, & esquiuações? E julgay se hũa pastora pode viuer descontente, a quẽ amor engana ate com seu proprio parecer? O meu he diferente (disse a primeira) porque nenhũa cousa ha mais segura, que a verdade, & nenhum bem mais perigoso, que o que contra ella se sustenta porque como enfim sempre he conhecida, todos os enganos poem por terra, & a queda de quem nelles viuia se sente mais, do que viuer defengano, como agora acontece com o lonho, que todos os enganos o fã. Nisso vereis (respondeo Lereno) que não tem elles mal nenhum, senão o que lhe faz o defengano, que he acaballos, porem em quanto durão, & esse tyranno os não persegue, dão contentamento, & por isso me queixo do q̃ agora me tirou, que se não acordara em suas mãos, dormindo achara na ventura o que não alcancei quando me desuellaua, & porque neste tempo ouviram hũa voz, q̃ por detras da fonte vinha cantando, suspenderam a pratica por verem cuja era, & ouvirem a cantiga que dizia.

Se de meu mal vos doeis

Meu bem porque mo negais,

Meus olhos não mos quebreis.

Pus de sorte a liberdade
 Pastora em vosso querer,
 Quenada a vontade quer
 Se não for vossa vontade
 O bem que vos não quereis
 Me he dano muy desigual,
 E no mal que me fazeis
 Não ha mor bem que meu mal
 Se de meu mal vps doeis.

Minha alma tendela ja
 Na prisam de vosso rosto
 Meu bem este he vosso gosto
 Minha vida em vos esta
 Meu coração não queirais.

Que viua do que padeço
 Dame a gloria q' roubais,
 E se este bem vos mereço
 Meu bem porq' mo negais.

Confessai-me o que vos quero,
 E na mesma obrigação
 Mostrara claro a razam,
 Que me deueis o q' espero,
 E ainda que injustamente
 Se com gosto me offendeis
 Todo o mal bẽ se consente
 Deitame os olhos somente
 Meus olhos não mos quebreis.

MAis seruiro a cantiga de occupar os ouvidos, que de
 Mos deleitar com a brandura doque cantaua, que logo
 atras ella apparecco, & era hum onelheiro, cuja voz pare-
 cia desengraçado no parecer, & no vestido, com o entrara
 da pelle de hũa cabra manchada cingido com hũa correa
 de porco montes, & por cajado hum bastão de era trocido
 em duas voltas, & a espaços vinha tocando hũa gaita de
 tres canas, & chegando aonde as pastoras estauam, as sau-
 dou muyto confiado, & Lereno disse para ellas. Por certo
 que canta o onelheiro como podia esperar delle quem o
 vira. Se tu (respondeo elle) te atreueres em porfia acom-
 petir comigo, o que sei que não faras, nam quero mais
 seguros juizes que estas pastoras, nem mayor, preço que
 vencerte diante dellas, fazendote confessar, que a minha
~~mais~~ mais fermosa que todas tres, & eu dino de
 servir a mais fermosa, que naceo no Tejo. Essa derradeira
 te confessarei eu sem cantar (respondeo elle.) A primeira

responderam estas pastoras, porque me parece que lhe faço
 a graua conhecido em acreditar contigo sua fermosura. So
 pelo não tornarmos a ouir (disse a do verde) cõfessaremos
 tudo o que quizer, & se for necessario dizer, que he ayrolo,
 & gentil homem a mim mo parece. Não tenho eu isso por
 nouidade (replicou elle) que ja a outra mais louçam o pa-
 reci. & se aquí vira cousa, que me enchesse os olhos, ouuera
 de desafiar a hum bailo vilão a este pegureiro. Não faltam
 figas) tornou ella) mas quem te queira ver dar voltas (que
 não serã pera ver senão com os olhos tapados) em outro
 lugar que tu mereces. Pois sois tão paruoas (disse elle fical
 neste como vos mereceis, que eu vou buscar quem tem ou-
 tro parecer, & com isto tomou o caminho pera o rio, ran-
 gendo a sua gaita, & as pastoras não podiam sustentar o ri-
 so de o ver tam confiado, & contente de si. Não he muyto
 (disse Lereno) pois aquelle viue enganado, que seja alegre.
 Antes (tornou a do branco) quiserá todos os males do de-
 senganado, que o estado daquelle poisso lhe serue para a sua
 opinião (todos replicou Lereno) viuem da sua, & para sim
 & porque eu não sigo esta regra vos não quero cançar em
 porfias porque de mim a verdade he que viuo desengana-
 do, & contente de viuer triste. Esse nome (disse ado brãco)
 ha pouco tempo q̃ eu tinha por alheo, saluo se tu es o pastor
 Lereno de cuya mão o eui assinado. Estimo (tornou elle)
 que me conhecestes pella tristeza, & pois vos não nego q̃
 sou Lereno consenti que saiba tambem o vosso nome. As
 pastoras, q̃ o conhecerão lhe fizerão muyta festa, & lhe mo-
 strarão a carta q̃ Vmbrano lhes dera, & cõ muitas palauras
 em q̃ lhe mostrauão a afeição que tinham a seu nome, & ou-
 tras de muyta cortesia deixaram a fonte, & foram ate as ca-
 banas das pastoras & ao pe de hũa faia que estava junto a
 ellas, lhe pediram que cantasse algũa cousa do desenganou,
 conta

conta dos males que lhe aleuantara, & elle por lhes obedecer, tirando a samponha cantou este soneto.

Desengano do esta meu pensamento
Do que esperar podia da ventura,
A vida ja no mal viue segura
Nem desconhece a pena o sofrimento
Dos bens que desejei sem fundamento
O coraçam remedio não procura
Porque quem para os males tanto atura
Conuerter em natureza o mor tormento.
Ah bemaueiturado desengano
Ah se de hũa esperança me liurara
Em que agora meu mal todo consiste.
Se na força mayor de tanto dano
Esta vida tambem desenganara
Que a morte foge della porque he triste.

Posto que Lereno antes de se apartar quísera obrigallas a que cãtassẽ do engano, era ja tarde, & deixaram seus lououres para outro dia, que para os gostos sempre o tempo falta, & para os males ate a vida crece.

FLORESTA SETIMA.



NA M perdia Lereno a lembrança do que lhe cõtara o pescador, & cada hora imaginaua oq podia ser de Lisea, se tornaria ao valle desconhecido para onde ja sabia o caminho, porẽ tornaua a cuidar, q fica ra serrado, & ella auisada, q por ali nam tornase pondolhe em condiçãõ perder a vida em quãto estes cuidados o cõbatiaõ, negãdolhe de noite repouso, e de dia socego se chegaua o em q sabio Astreo auia de dar suas

repostas aos pastores, & estando Lereno com seu amigo Pa-
 nio a vista do rebanho, que pascia a sombra de huns ala-
 mos desviados da praya lhe perguntou elle quem era o sa-
 bio, & aonde viuia, que desejava por estremo saber a sua
 morada, assi para se aprouellar de seu saber, como para ver
 cousa tam estranha. Enras serras dalem do Tejo (disse o pa-
 stor) entre aquellas confusas penedias, que a sombream o rio
 que com perñosos combates da furia das ondas vai desfa-
 zendo sua dureza no fundo de hum valle escondido no seo
 da terra, fresco de fontes, & ribeiros graciosos, pouoado de
 muytas arvores diferentes nos ramos, & na altura, esta a
 coua do sabio Atreco, em todas as ribeiras de Lusitania co-
 nhecido pello muyto que alcançou das estrellas do moui-
 mento, & ordem dos ceos, da virtude das eruas, da nature-
 za das pedras, da propriedade dos animais, dos segredos
 das aues. E porque por razão de seu continuo estudo, & pel-
 la importunação dos pastores velinhos se comunica a elles
 muy poucas vezes, todos os annos em hum dia ja conhe-
 cido dos pastores, responde aos de que he consultado na
 quella estranha morada, & porque esta muy perto este dese-
 jado tempo veras nesta ribeira muytos pastores de differẽ-
 tes lugares, do Tejo, Douro, Minho, & do Mondego que
 esperão d'elle reposta a suas perguntas. Por certo disse Le-
 reno que me contas cousa estranha, & que para mim nam
 podia ser outra de mayor espanto, nem que mais desejasse
 ouir, porque ja me não tirara nenhũa cousa ver esta estra-
 neza porem como he possivel que hum homem humano
 tenha dos outros tanta differença? & saiba as ~~vezes~~ mais
 dos pastores que elles de si? Porque disse o outro) o saber
 leuanta hum homem não so sobre elles mas sobre as estrel-
 las. Sempre ouui que era grande Tesouro (tornou elle, &
 tambem o velho Menalca na nossa ribeira, não ha mal de
 olha-

olhado,ronha de ouelhas,& doêça do ar mentio aq não de
remedio,nê pastor tam deſconfiado de ſeu mal a q nam ati
ne cõ a cura melhor q os meſtres da villa,& na minha doê
ça,a ouſadas ſe atinou elle a verdade. Neſta pratica eſtauão
os dous pastores,quando virão q do monte decia Auliſo,
Vmbrano,Riſco,e outros pastores,& pastoras,e ao ſom de
muitos & differêtes instrumentos cârauão eſtas endechas.

Pello valle abaixo
Vão hũs olhos negros
Que a quantos encontrão
Todos leuão presos.

Vamos ver pastores	Tudo poem por cerra
Couſa tam eſtranha	Nem ha neſta guerra
Que vem da montanha	Muros nem caſtellos
A matar de Amores	Que a quantos encontram
Vem tam matadores	Todos leuão presos.
Com o poder de Amor	O que eſta ferido
Que não ha pastor	Tem mais a pelleja
Que ſe atreua a vellos	Porque não deſeja
Que a quantos encontram	Ter ouero partido
Todos leuam presos.	E ſe algum perdido
Trazem mor alçada	Foge a falſa fe
Mera jurdição	He porque não ve
Nenhum coração	Tau olhos abertos
Lhe defende entrada	Que a quantos encontram
Que não armada	Todos leuão presos.

A cada volta deſta cantiga bailauam entre todas de ter
ceiro,tangendo, Olinda hum pandeiro. Vmbrano hũa
abreca,& o vaqueiro Amintas hũa frauta,& tamboril, &

Primueira de

com esta festa & alegria chegarão aonde os dous cõpanheiros estauão esperando, ja leuantados, & depois q̃ cada hum deu sua volta no terreiro como melhor sabia, assentados todos sobre a relua da fonte, disse Risco. Ia q̃ auemos de cantar, & nenhũ querera perder o lugar q̃ lhe cabe, pera q̃ a cantiga de hũ não tire preço as outras, o meu voto era, q̃ cada hũ por sorte cantasse em louuor da parte, q̃ mais lhe contra, da pastora a quẽ ama, & pode ser, q̃ façamos entre todos hũa tam bella, q̃ leue daqui algũ afeiçoado, & praza a Deos q̃ me caya a sorte a mi. Não pareceo mal aos pastores a ordem de Risco, & como todos a aprouaram, deitãdo sortes, cahio a Primeira a Pauanto, que cantou o seguinte;

*Pau. O desdem de hũs cabellos desatados
Sobre hum monte de neuẽ, & cor de rosas
Hora negros ao Sol, hora dourados
Hora de outras mil cores mais fermosas
Hora em douradas ondas leuantados
Hora enlaçadas doces, & enganosas
Estes cuja prisam contemplo, & vejo
Tiram a padecer meu vãõ desejo.*

*Umb. Dous rubis engastados sabiamente
N'um trasparente, & puro cristalino
Por onde hum ar respira difference
Mouendo o doce espiritu peregrino,
Que d'entre ricas perlas do Oriente
Esta ferindo as almas de continuo
Estes sam minha vida, & meu thesouro
Com safiras azuis, & tranças d'ouro.*

Ris. Hum riso doce alegre, & repartido
Em olhos, boca, faces, sobranceiras
Que em cobas de Merlim anda escondido
E entre brancos jasmims rosas vermelhas
Daquelles bellos arcos defendido,
Que tu falso cupido nã aparelhas
Este he o bem a que continuo aspiro
A quem a vida dei por quem suspiro.

Aul. Dous olhos negros cuja luz fermosa
Abate a vista, & enleua a fantasia,
Que na noite mais triste, & tenebrosa
Me mostrauam mil vezes claro dia
Onde Amor viue, reyna, manda, & goza,
Onde mora, onde nasce, onde se cria
Criaram meus cuidados, & rem posto
Nelles amor, o fim, a vida, o gosto.

Ler. Hũa composiçã de partes bellas
Hũa graça gentil que nã se entende
O lume de clarissimas estrellas.
Que num ceo de cristal qual Sol se acende,
Hum mouimento estranho nasce nellas
Que as almas por Amor catina, & rãde
Que me venceo o ser, & a liberdade
O juizo, o socego, & a vontade.

Primavera de

DEs pois que os pastores cantarão, não sem injeja dos outros que os ouvião (pois que a todos sobejaua cõfiança) Corino que naquelle tempo chegara a companhia, o fez levantar com muyta pressa, & tomar cajados, & curreis, dizendolhes que os leuaua a ver cousa mais estranha. q̃ nunca apparecera entre pastores, & guiando ao longo da praya derão em hũa penedia, que o mar cauara tanto pello centro da sua aspereza q̃ caminhando por dentto della hũ grande espaço ficauão os pastores perdendo de vista o lugar por onde entrarão, & perto de hũas ruinosas cavernas por cujos riscos, se ouuia o estrondo de hum sorioso rio q̃ por baxo parece que passaua, virão estar sobre hum penedo sulpenso no ar de todas as partes, assentada hũa Nimfa com a zas nos hombros sobre que cahião, e em ondas os dourados cabellos. E aos seus pes dous Faunos coroados de conchas, & mariscos da praia, & tocando dous torcidos buzios de madre perla, aonde a luz do Sol fazia varios lumes, & o ar saudosos accentos cantaua a Nimfa estes versos.

Pastores deste ameno, & verde prado,
Vos Ninfas que habitais nestes penedos,
E vos incolas nus do mar sagrado.
Syluanos, que guardais aos aruoredos
Faunos incultos satyros ligeiros
De que amor tambem fia os seus segredos
Rudos montanos, simples pegureiros
Que entre as mansas onelhas sustentais
Os cuidados de amor por companheiros.
Vinde atraz mim, que eu sou quem vos buscai
Nos enganos da vida, & da ventura
E entre tantos cuidados designais.
Eu sou aquella estranha fermosura
Que Amor fez poderoso sobre a terra
E em quem seu fogo, & setas assegura.

Por mim sustenta em paz, & vence em guerra
 Por mim sujeita os Reys nunca vencidos:
 E quanto o largo mar, & o mundo enferra.
 A mim sam tributarios os sentidos
 Por mim se ama, & venera gentileza
 E a mim so seus louvores sam devidos.
 Por mim conferua a sabia natureza
 Tudo o que affermosea, & em nobrece
 Com valor, & com graça a redondeza.
 Minha graça, & poder não desconhece
 O ar nas aues, & no campo as flores
 E quanto a terra aos olhos offerece.
 Vinde Ninfas tras mim, vinde pastores
 Que ensou a prisam doce, & saborosa
 Labar into sem fim dos amadores.
 En sou a gloria, que de amor se goza
 Que se busca se ama, & se deseja
 Tão incerta, tam leue, & tam fermosa.
 De mim naceo a bellicosa inueja,
 O ciuime sagaz, & diligente
 Tam guerreiro & comino na pelleja.
 Vinde, que minha vsança nam consente,
 Que n'um lugar quieto tempo aguarde,
 E quem não me alcançar ligeiramente
 Saiba, que corro muyto, & volto tarde.

E Spantados daquella estranheza os pastores criados na
 montanha, vendo hũa fermosura tam excelente, & hũa
 voz, que mais merecia cair do Ceo, q̃ sobir das entranhas
 da terra, não se determinauam no que fariam, porque ti-
 nham os animos suspensos pera fallar, os membros frios
 pera moverem o passo, & os olhos empregados no que
 viam, mas em pouco espaço desapareceo aquella fermo-
 sura, & elles ficaram como as escuras entre aquelles pe-
 nedos mais confusos a sahida, que hum labarinto, donde
 antes q̃ sahiissem, appareceo outra luz mais fermosa sobre

hũa columna de marmore tosco levantada sobre o mesmo penedo, que era a imagem do desengano, com hũa letreiro, que tinha o seu nome, & ao pe delle escrito em hũa taboa de metal este soneto, & ao pe em letras breues o nome de quem o escreueo, q̃ pella cõfusam dellas se não entẽdia,

GLoria de Amor tras quẽ seu fundamẽto
Tantas horas corri nesta ribeira
Tendo a aresta em vãõ, como a primeira
Cego o desejo, & firme o sofrimento.
Mais leue es o que ligeiro pensamento,
E muyto mais fermosa, que ligeira.
Mas he somente a pena verdadeira
De tua saudade, & sentimento.
Tua belleza enleua, vence espanta
A vos he de Serea, & tam suauẽ,
Que descuida almas cegas de seus danos.
O rosto he falso, mente a voz encanta
Tu es encanto vãõ cheo de enganos,
Que fez Amor, & sem Fortuna a chaue.

Lerão os companheiros com grande veneração, aquelle testemunho verdadeiro dos successos de Amor a quem seruião enganados com a promessa de sua duuidosa gloria, & saindo ao seu caminho conhecido, cada hũ quasi mudo de espanto, & de tristeza guiou para sua cabana, que nenhũa cousa enleua com mais espanto o entendimento, que achar vãõ o em que toda a vida empregou o cuidado, & as esperanças,

FLORESTA VLTIMA



ESPOIS daquelle dia em q̃o velho Cori-
no mostrou aos pastores do Tejo a imagẽ
do defecano, & a leue mudança dos passa-
tempos de Amor, passaram muytos, em que
cada hum immaginava, em o fruito que co-
lhera de seus cuidados, fazendo differentes propósitos de
os deixar, ou seguir com as cautellas que a fantasia lhe infi-
nava. Chegou aquella desejada noite em que as arvores, as
cruas, & as boninas, os pastores as aues, & animais se aper-
cebiã para celebrar o nascimento, do que antes delle co-
nhecera seu Criador. Corriam as fontes com hum murmu-
ro mais suave, offerecendo o cristalino seo, em que as fer-
mosas Ninfas se banhassem. Brotavam as flores as inuejas
florescia o casto manjerican junto da namorada Beliana,
derramava o encantado feto suas flores sobre a terra, os es-
pinhosos alcachofres do branco cardo, se abriam em roxas
flores para serem colhidos das pastoras namoradas, quei-
mauase pello valle, & pella montanha o gracioso rosmani-
nho ouregam macella, & o sagrado louro florescia as
plantas enchiasse a terra, & os corações de alegria, soando
frautas, salteiros, lyras, samponhas, tamboris, rabecas, pan-
deiros, & buzinas dos pastores, dentre os quais, os que ao
Tyranno Amor tinham sujeita a liberdade, encaminhauão
para a banda da leem do Tejo, a serra aonde o sabio tinha
sua morada Pauanio & Lereno, porque neste segredo não
sofriam outra cõpanhia tomando sos aquelle camino, che-
garão ao sair da Lua, a hum espaçoso valle aonde viram,
muytos pastores, & pastoras, & emcoitados aos pes das ar-
vores em differentes ajuntamentos como que esperauão pa-
ra entrarem na morada do sabio, a qual era hũa cona abcr-

ta entre as serras que fazia para o centro da terra hũa esca-
da de muytos degraos de marmore, que leuauão ahum lar-
go campo cheo de diferentes flores, eruas, & boninas de
marauilhosa virtude, a hũa parte do qual entre hum con-
fuso aruoredo, se escondião hũas casas altas esrahaamen-
te obradas, aonde o fabio viaua, & do alto dellas cahia hũa
copiosa & cristalina fonte que ao pe formaua hum rio, que
logo se repartia en dous caminhos rodeando o campo mu-
rado da parte de dêtro de aruores muito juntas tam iguais
que parece que sobre preceito foram crescendo, & faziam
em iguais espaços de hũa & outra parte quatro portas que
guardauão otros tantos syluanos, com aljauas arcos, & pas-
sadores, & no friso de cada hũa dellas estava escrito o no-
me de hũa Nimfa que guardaua o bosque de dentro. Com
uem a saber nas duas da mão direita estava Pauribia, & Ly-
ris, & da outra parte Amathia, & Dione. Todos os q̃ esta-
uão no valle em rompendo a manhã decerão com grande
reboligo, querendo cada hum ser o primeiro na entrada, &
na pergunta. Dentro se ouuia hum geral contentamento, q̃
ate os brutos penedos parecia que se alegrauão, os instru-
mentos de musica soauão fazendo Ecco por todo o valle, os
passaros suauemente suspendião os ouvidos, os gados saião
bailando ao prado com capellas entre os cornos de cheiro-
sas flores, os touros de verdes ramos andauão coroados câ-
peando por entre os aruoredos, todos os pastores & pasto-
ras que entrauão remetião a coroar-se qual do ditoso Oria-
uão, qual do puro Iasmim, & qual de diferentes eruas en-
tretecidas com cheirosas boninas. Em o meo desta alegria
ao som de musicas frautas, & canoras bofinas, se abriu hũa
porta que guardauão dous Seluagēs cubertos de folhas de
era cõ pesadas maças aos hombros, & em meo delles hũa
Nimfa, a quem todos os que ali vierão forão offerecer suas
pre-

preguntas cõ muyto aluoroço, & recolhidas cõ o nome do
 q̃ preguntaua, se tornou a ferrar a porta, então começaram
 as musicas, jogos, & festas dos coroados pastores, & pasto-
 ras do Tejo, tudo se ouuião frautas, rabecas, & samponhas
 a toda a parte se vião ajuntamētos, & desafios de lutas, bay-
 los, & folgares. Para a banda donde Pauanio, & Lereno es-
 tauão, ouue hũa cõperēcia de quatro vaqueiros q̃ ballaraõ
 hum sapateado cõ tanta graça que a muitos fizeraõ inueja
 & tras elles hum de mais idade, & vestido mais louçaõ que
 os quatro, que lhes tangia hũa frauta, & tamboril, dando
 a hum que junto a elle estaua sahio ao terreiro, & dādo nel-
 le voltas muy estranhas, & sapatetas noar cõ muyta destre-
 za, ajuntou grande multidão de pastores para aquella par-
 te da outra se acharão Risco, & Vmbrano, aonde o velho
 Corino rodeado, de pastoras, & guardadores ao som da sua
 celebrada samponha, & ajudado do seu pegureiro Agrarjo
 cuja vos fazia decer as nuuēs, & emmudecer os ventos, cā-
 tava estas endechas.

Venturoso dia

Que do Ceo nos veu

De mil graças cheo

Cheo de alegria.

A Aurora rosada

Nace en ti mais bella

E o sol vem tras ella.

Fazendoa donrada.

O Ceo nunca auaro

De estrellas se area

A Lua alumea

Sobre o Tejo claro.

Aues, & animaes

Sem conhecimento

De contentamento

Mostram mil sinais

Os passaros ledos

Vestidos de cores

Cançam seus louvores

Pellos aruoredos.

Qualquer fera perde

Sua fera vsança

E anda fera & manca

Pello prado verde,

Primuera de

Os lobos guerreiros
Nenhum ha que offenda
Que andam sem contenda
Por entre os cordeiros.

Tudo he mais fermoso
Por rudo que seja
E tudo festeja
Teu nome ditoso.

As plantas, os montes
O campo as boninas
Agoas cristalinas
Christalinas fontes.

O valle pouoam
Mil pastoras bellas
Fazendo capellas
Com que se coroão.

E das semideas
Bellas desta praya
Não ha qual não saya
Em ledas choreas.

Os pastores cantam
Os satyros saltão
As flores esmaltam
As ervas encantam.

Tudo te conhece
Tudo te festeja
Tudo se deseja
Tudo te obedeça.

De ti leuantado
Teus lououres conte
O deserto monte
E o florido prado.

Gastado grande espaço da manhã em jogos, festas, & alegrias, derão os seluages final aos pastores, & juntos começou a Nimfa a nomear em alta voz os que preguntauão remetendo cada hum: como lhe coubera em sorte as quatro Ninfas que guardauão os segredos de Amor. que crão os bosques que de ambas as partes ficauão escondidos, O primeiro que cahio a sorte foi o pastor Menandro, o qual despois de larga peregrinação sem achar nouas de teia se tornou as prayas do Tejo, este foy remetido a Nimfa Euribia, que lhe mostrou em o tronco de hũa faia a resposta da sua pergunta que era esta.

Pregunta de Menandro.

*Se ei de ver ainda Montea
De seus enganos vencida?
Se he ja morta, ou se tem vida
Em outra vontade alhea.*

Resposta.

*Montea ausente e em vida
E o amor noutro lugar,
Mas ainda te ha de buscar
Quando seja auorrecida.*

A segunda sorte cahio a Mircea hũa das tres pastoras, q se acharão ao sonho de Lereno ao pe da fonte foi mandada a mesma Nimfa, & entalhada em hum buxo q cubria hũa fõte achou a sua pergunta que dizia

Resposta.

*Se ha de vencer a razão
Hum enleo e tam contino?
E se Amor com desatino
He mais que ter afeição?*

*Vence a razão ao receo.
Não o ciume a afeição.
Que Amor fora da razão
Não serue mais, que de enleo.*

A terceira sorte cahio ao pastor Filenio, a quẽ Lisea mandara ao Mondego cõ a carta pera Lereno, foi mādado a mesma Nimfa, & a entrada do bosque vio na arca de hũa fonte escrita a sua pergunta, q era

Resposta.

*Lisea se posso vella?
Se aonde esta tem liberdade?
Se ei de mudar a vontade,
Se ey de cobralla? ou per della?*

*Vive na mesma prisão,
Vella as, mas com seu cuidado;
Mudara cedo o estado,
E tu mais cedo a afeição.*

No quarto lugar o teue a do pastor Mendino, a quẽ os dois cõpanheiros Lereno, & Risco encontrarão, olhãdose na fonte, o qual do desterro daquella montanha vey o habitar as que da banda dalem cercão o Tejo, no mesmo bosque de Euribia aonde foi mandado achou no tronco de hũ loureiro a resposta do que preguntava.

*Se Duricia em algum dia
Fara por amor mudança*

*E entam se tera lembrança
Do muito que lhe queria?*

V

Re:

San Francisco

Primavera

Resposta.

La vine de ti tembrada

Que ja sabe quanto custa

La tem de Amor paga justa,

Amar, & não ser amada.

Otras esta sahio resposta a hũa pergunta da pastora Daliana foy remetida ao valle da Nimfa Liris, a qual lhe mostrou a sua pergunta na pedra de hũa fonte, & dizia.

Resposta.

Que remedio, ou que cautella.

Ter mudavel a esperança,

Pera vencer a mudança.

E antes de chegar a vencella.

Responderam no mesmo valle a hũa pergunta de Elisa, a qual ella achou escrita no tronco de hũa copada aueleira, & dizia.

Resposta.

Que meyo pera encobrir

Não nodizer a ninguém,

Hum mal, que aos olhos me vem

E deixalo presumir

No mesmo lugar cahio a sorte a pastora Olinda, & achou a sua pergunta em hũa Larangeira carregada de suas cheirosas flores, que dizia.

Resposta.

Quem nega a se prometida,

Saberse que não na tem,

Que castigo lhe conuem,

E que nelle era perdida.

A mesma Nimfa foy remetida hũa pergunta de Lereno em nome alheo, cuja resposta estaua em o tronco de hum a lamo desta maneira,

Resposta.

Que remedio a quem pretende

Aprender a sofrer muito

Bens, de que entrem goza o fruto?

E sofrer mais do que prende

Atras desta sorte cahio a de Pauanio, o qual das sem razões, que Natercia vfara com sua afeição, aprendeo a rectar mudanças, porem como nenhum temor he tam poderoso

deroso, que o não vença hum parecer diuino nos olhos de Angelia, o seus cuidados occupar fazendo entrega da vontade, que em fim era alhea pella primeira afeição, foy mandado ao valle da Nimfa Amathia aonde daua as repostas a encantada Eccho, que dentre muytos penedos, & aruores sombrias se ouuia tam natural como apropriã voz em que cada hum reperia de nouo a pergunta, & a sua era.

Resposta.

*Se me ha de vingar amor
De hũa alhea sem razão,
Se na segunda afeição
Terei successo melhor*

*Tu mesmo deste a sentença,
E foste algoz da vingança
Na outra auera mudança
Com o fim da primeira offensa.*

No mesmo lugar cahio a sorte de Risco cuja pergunta era.

Resposta.

*Se hũa se firme, & segura
Tem paga de seu cuidado,
E se hum bem tam desejado
Pode caber na ventura,*

*Entre vontades iguais
Paga amor tua afeição,
Mas bês que nega a razão
Nê a ventura os tem tais.*

A mesma Nimfa foy remetida hũa pergunta, que Lereno fez em nome de Floricio, & no custumado oraculo de Eccho lhe responderam.

Resposta.

*Se em Alhea se consente
Com o tempo algũa mudança
E se ha de ter esperança
Floricio contra hum ausente*

*Ama Alhea de verdade
Mas se Floricio he constante
Tudo pode hum firme amante
Combatendo hũa vontade.*

Atras esta resposta sahio no mesmo lugar hũa a Seluagio que dizia.

Resposta.

*Como se pode vencer
Hũa pastora obstinada,*

*Com lhe negar que he amada,
Que em o sabendo he molher.*

Primavera de

No valle da Nimfa Dione responderam logo a hũa pergunta de Floricia, aonde de encima de hum loureiro fallava hũa aue do sol na maneira em que Ecco respondia, & a pergunta era esta.

Resposta.

Hũa vontade enganada:

Saber fingirse e negarse.

Que meo ha para vingarse?

Logo se vera vingada.

No mesmo lugar hũa pergunta do pastor Vmbrano foy respondida desta maneira,

Resposta.

Que cousa ahera que vença

Nenhum remedio consente

O ciuime de hum ausente?

Por que he morte, & não doença

Logo tras esta teue resposta hũa pergunta do vaqueiro, Amintas que dizia.

Resposta.

Hũa pastora offendida,

Matar a quem a offender,

Que extremo pode fazer?

Ou assim tirarse a vida.

Neste lugar sahio a resposta a hũa pergunta de Lereno, que elle fazia tam desconfiado no que preguntaua como pouco seguro de imaginar q' razões encantadas a deuinhauiam successos alheos dizia.

Resposta.

Que fim espera o desferro

Tera fim numa mudança

Em que me tras meu cuidado?

Muda o trajo a disculpa

E se esta desenganado,

Ficaras livre de culpa,

Ou perdoado o meu erro.

E o teu nome na lembrança.

Ainda os pastores que esperauão a sua sorte occupanão todo o valle quando Lereno & Pauanio o deixaram, tomando o caminho pera sua cabana, aonde chegaram ao tempo, que o Sol daua fim ao dia. Passou Lereno a noite imaginando, hora offerecendo razões a sua ventura, & pedindo-lhas

Ihas pera os males que padecia, hora queixandose delles, & della, com o sentimento de agrauado, & porque o Sabio remetia a mudança de seu estado as do tempo, determinou elle fazella no trajo, & no lugar, & deixara a vida de pastor pela de peregrino: communicou a Pauanio, & Risco este segredo, pediolhe, que o guardassem por algũs dias, despidio se delles com muytas lagrimas, & sentimento, deixandolhe iguais saudades de sua cõpanhia, partiose dentre elles hũa madrugada pello caminho da montanha, & a pouco espaço ao pe de hũa fonte, q̃ sahia de debaixo de hũ penedo viram hum pastor, que estaua como desmayado, & olhandose na agoa cantana o seguinte.

*Em tal estado estou posto
Que estranho a propria figura
Mas esta he minha ventura
Se este não he o meu rosto.*

*Se os males mais sem medida
Se conformão de tal sorte,
E tem força tam valida,
Que vão suspendendo a vida
Contra os poderes da morte?
Se contra hum desventurado
Pode dar a vida desgosto?
E tello viuo enterrado,
Se ha no mundo hum tal estado
Em tal estado estou posto.*

*Estou como alma que pena
No corpo que sustentou
Como minha sorte ordena
Represento hũa piquena
Sombrado que em mim passou.
La não viuo nem desejo
Nada o coração procura*

*Eu de mim proprio me pejo
Para verme, & tal me vejo
Que estranho a propria figura.*

*Achome no que padeço
Porem se encontro comigo
Como outro me desconheço
E a mim proprio me aborreço.
Como se fora enemigo.
Torno a verme com receo
Pello que se me affigura
E conheço neste enleio
Que bem posso ser alheio
Mas esta he minha ventura*

*Trocuose a vida o cuidado
Tudo pera perseguirme
Cõra mim vejo trocado.*

A ven-

Primavera de

*Aventura triste, o fado,
Porque he triste he sempre firme.
E se alcança o seu poder
Que eu viua em tanto mal posto*

*Esses dias que viuer
Como me hão de conhecer,
Se este não he o meu rosto.*

Saudou Lereno ao pastor, & virando elle o rosto, se conheceram, porque este era Filenio, em o qual ainda duraua o engano passado da carta de Lisca, & lançandolhe os braços dizia. Ah Floricio amigo quam pouco me valerão teus desejos, & minha diligencia, & tras isto lhe contou como perdera a Lisca de ante os olhos, & a resposta que leuaua do Sabio, & que a mayor tristeza, que tinha era ter a vida, & o gosto tam acabado em mãos dos males, que tiuera, que receaua perdella antes de chegar ao Lis, & ver a Lisca, & q̃ so temia faltarlhe pera esta ventura. Lereno o consolaua cō muytas palauras, & fazendoo levantar o acompanhou hum grande espaço de caminho, em o qual lhe fallou desta maneira. Filenio amigo, ainda que tudo o que vsei cōtigo era o que conuinha a este nome, não quero, que cō o meu viuas enganado. Eu sou Lereno natural dos valles do Lis pera quem era a carta de Lisca, que no Mondego me entregaste, a que te tornei era resposta della cō o seu proprio sobredito, traí-me a ventura tam perseguido, que ja me descuido de Amor, & não busco mais em terras estranhas que a sepultura, tu a quem a sorte da de tam perto as esperanças vai a colher cō tempo o fructo dellas, & toma forças pera vencer tua fraqueza cō o aluoroço do bem, que te espera na tua Lisca a quem seras testemunha do que vires, pera q̃ ella o seja diante quem agora a possui. Dizelhe que mudo a terra, & trajo, & o costume, pois não he pera pastor quem nasceo pera viuer triste, que me vou peregrino por terras estra-

estranhas, até que algũa ache tam piadosa, que em seu centro me recolha, ou mude a natureza a minha sorte, e pera que da minha sanfonha ouças o derradeiro suspiro a vista destas praias do Tejo descãemos sobre este penedo: Filenio enleado, & quasi tremendo ouuia o pastor, que cõ lagrimas ajudaua o sentimento das palauras, & conhecendo em todos os finais ser aquelle o de que tanto tempo se temera & dando fe a tudo o que lhe dizia, porque ja de Lisboa soubera, que em outra parte tinha poderosa afeicãm, de nouo cõ amor & espanto o abraçana, & suspendendo a pratica pelo ouir, cantou Lereno este soneto:

R Ematemos ja contas esperança
 Lenai tudo o que tendes da ventura
 Porque sois companhia mal segura,
 E alcança m ais de vos quẽ nada alcança.
 Tenho por mais segura confiança
 Nos males, & na fe da sepulchra
 Não quero mais de meu que esta escriptura,
 Que depois fique a muytos por lembrança.
 Outres a quem engana hum falso objecto
 En thesour em rubins, perlas diamantes,
 Esmeraldas, jacintes, prata, & ouro,
 Que pois isto a mudança he mais sojeito,
 E eu so dos males sei, que sam constantes
 Quero fazer de males meu thesourro.

Bem quísera Filenio persuadir ao triste, & desterrado Lereno, que se tornasse a sua ribeira ao socego do seu gado & passasse a vida aonde o Ceo lha dera com tanta alegria, porem vendoo determinado atalhou as palauras, & sem poder apartarse delle abraçados chorauam, como se de muy-

Primuera de

tos annos de estreita amizade se conhecerão, & tras isto tomando Lereno na mão a sua mimosa sanfonha lhe dizia.

Humilde samfonha, que entre os pastores creis tão celebrada, ouvida das lindas serranas, & as vezes inuejada dos vaqueiros, aqui vos sacrificio a memoria de meus delenganos, que pois hum grande desgosto vos tirou a graça, & a mim o descanso, não vos serue companhia tam triste, nem tam suaue instrumento conuem a pastor tam desesperado: leuame a ventura a terras estranhas, aonde nem minhas ouelhas de sua branda lã me veram vestido, nem ouuiram pastores estrangeiros os namorados versos, que tocãdouos cantaua, & pera que algum rustico pegureiro não vos offenda, acabay sobre este penedo, que he paga bem desigual do amor com que vos possuy, porê val mais perecer, que aconpanharme.

Acabando isto com muytas lagrimas, a fez em pedaços sobre o penedo, que ficaram derramados na verdura, & tomando differente habito, & caminho, se apartou de Filenio, que cõ suspiros & magoas o querria deter: o que a ambos succedeo com o seguimento de suas historias, se veram ao diante no pastor Peregrino.

F I M.

Soli Deo honor & gloria.

Impresso em Lisboa por Antonio Alvarez.

Anno do Senhor 1619.

RES-
2469P

